



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

IVOLANDA MAGALI RODRIGUES DA SILVA

“Com Vivência’s”, caminhos estratégicos em uma pedagogia de formação e auto-formação multireferencial no curso de Técnico em Agropecuária.

SEROPÉDICA-RJ, 2024



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**“COMVIVÊNCIA’S”, CAMINHOS ESTRATÉGICOS EM UMA
PEDAGOGIA DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO
MULTIREFERENCIAL NO CURSO DE TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA.**

IVOLANDA MAGALI RODRIGUES DA SILVA

Sob orientação do Professor
Mauro Guimarães

Tese submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de **Doutora em
Educação**, no Curso de Pós-Graduação
em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas
Populares, Área de Concentração em
Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares.

Seropédica, RJ
Agosto 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586? Silva , Ivolanda Magali Rodrigues da , 1980-
"ComVivência's", Caminhos estratégicos em uma
pedagogia de formação e auto-formação multireferencial
no curso de técnico em agropecuária / Ivolanda Magali
Rodrigues da Silva . - Seropédica, 2024.
197 f.: il.

Orientador: Mauro Guimarães . Tese (Doutorado) .
- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares, 2024.

1. Escola técnica agropecuária. 2. Baixada
fluminense. 3. Narrativas. 4. Educação ambiental. 5.
Agroecologia. I. Guimarães , Mauro , 1963-, orient.
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”.



TERMO Nº 803 / 2024 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.052789/2024-92

Seropédica-RJ, 26 de setembro de 2024.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES**

IVOLANDA MAGALI RODRIGUES DA SILVA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 30/08/2024

Membros da banca:

MAURO GUIMARAES. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

FABIANA DE CARVALHO DIAS ARAUJO. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa ao Programa).

ANA MARIA DANTAS SOARES. Dra. (Examinadora Externa à Instituição).

MARCO ANTONIO LEANDRO BARZANO. Dr. (Examinador Externo à Instituição).

MARTHA TRISTÃO. Dra. UFES (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 27/09/2024 17:57)
ANA MARIA DANTAS SOARES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matricula: 386253

(Assinado digitalmente em 26/09/2024 19:56)
FABIANA DE CARVALHO DIAS ARAUJO
COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO
CoordCGCA (12.28.01.00.00.00.14)
Matricula: 2257800

(Assinado digitalmente em 27/09/2024 14:41)
MAURO GUIMARAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matricula: 1542313

(Assinado digitalmente em 12/02/2025 19:24)
MARTHA TRISTÃO FERREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 675.215.687-53

(Assinado digitalmente em 26/09/2024 16:43)
MARCO ANTONIO LENDRO BARZANO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 909.409.897-00

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **803**, ano: **2024**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **26/09/2024** e o
código de verificação: **97ace1a904**

DEDICATÓRIA

Dedico desde já aos colegas de profissão, no qual estão inseridos todos os integrantes de minha família.

Agora entendo que o fim de um estudo não existe, ele se refaz, remonta e reconecta, e isso é pesquisa em formação, já coloco aqui minha imensa satisfação em encontrar profissionais dispostos a reagir diante das adversidades infinitas do ambiente educacional, meus colegas de trabalho, muito agradecida por tantos momentos formativos.

Dedico aos componentes desta banca que de pronto se fizeram presentes e excelentes contribuintes desta caminhada. Me entregaram um olhar contributivo e essencial ao pleito de validação deste trabalho. Sem as valiosas falas minha trajetória não teria tanta riqueza.

Dedico este trabalho ao conjunto de saberes que venho construindo e observando serem construídos pelos sinceros participantes, os chamo assim na intenção de nos alocar em uma perspectiva de pares ali envolvidos e intencionalmente estruturantes de uma busca por qualidade na construção do conhecimento com base em um caminhar de troca genuína.

Dedico ainda a prática de integração respeitosa com os saberes, as culturas, as regiões ali representadas e a cada indivíduo.

O ato de dedicar este trabalho aos acontecimentos que definiram a trajetória deste constructo, é uma tarefa a ser cumprida, pois conceitos estão se formando, se transformando e se reformando, como: as conversas; as narrativas; as aventuras; as ações coletivas, os debates calorosos e as análises de informações, foram ações geradoras e fortalecedoras desta integração.

Aos estudantes do Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorf que demonstram uma permissão diferenciada de integração dos saberes adquiridos com os já existentes e valorizados.

Aos profissionais da unidade de ensino que foi desenvolvida esta pesquisa por estarem sempre dispostos a dialogar sobre os perfis de egressos que buscamos.

Por fim a todos aqueles que de maneira fortalecedora me apoiaram na caminhada desta formação e nos desafios encontrados.

MUITO OBRIGADA!!!

AGRADECIMENTO

“Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Eu nada sei”

(Fagner e Renato Teixeira)

RESUMO

SILVA, Ivólana Magali Rodrigues da. **“Comvivência’s”, Caminhos estratégicos em uma pedagogia de formação e auto-formação multireferencial no curso de técnico em agropecuária**. 2024. 197p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

A ComVivência Pedagógica é uma proposta metodológica que possibilita vivências pedagógicas com imersão em espaços formativos. Esta pesquisa teve como objetivo relatar as complexidades identificadas durante o uso da ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica formativa. O estudo foi realizado em uma unidade de ensino da rede pública do estado do Rio de Janeiro, situada na região da Baixada Fluminense, o Centro Integrado Agroecológico Barão de Langsdorf. Os participantes deste estudo, foram voluntários, que integram as turmas de formação técnica em agropecuária e se constituíram em coautores, pois se colocaram, ao longo de todo o processo, como praticantes ativos desta construção. A estratégia metodológica utilizada para desenvolver a pesquisa foi a observação participante dos processos de estruturação do ambiente formativo. Os esquemas referentes a implementação dos princípios formativos podem ser vistos durante a leitura do trabalho, o que possibilita a sua reprodução em outras experiências formativas. A identificação do uso coletivo dos processos socioambientais na construção dos conceitos, compõe os resultados, o que potencializou a multireferencialidade. Como se tratou de um estudo sobre o uso de uma estratégia metodológica, o foco dos resultados permeia a pluralidade de saberes identificada e o agregar destas ações com a trajetória de formação. Em diversos momentos de práticas e de releituras de práticas o estudo apresentou ComVivências significativas baseadas nos princípios formativos que compõem a estratégia metodológica estudada. Para apresentar os resultados e seus potenciais diálogos com os autores, que serviram de base teórica, foi transcrito no corpo do texto trechos de um arquivo de áudio do modelo PodCast. A escolha por divulgar as narrativas por meio edição e publicação de PodCast é resultado de uma decisão coletiva dos praticantes. A transcrição integral deste arquivo de mídia compõe os anexos do texto aqui apresentado. Os resultados alcançados demonstram riquezas formativas identificadas nas narrativas dos estudantes. A construção participativa do ambiente formativo, seguindo as orientações da ComVivência Pedagógica, destaca outro resultado em potencial, o surgimento de comportamentos efetivos na direção da formação de formadores. Um aspecto peculiar da macrotendência da educação ambiental crítica, com a qual nos identificamos, que pode conduzir uma verdadeira e profunda mudança comportamental do ator social em formação. A partir dos resultados pode-se considerar este estudo como um importante exemplo da aplicação de metodologias inovadoras na formação do profissional técnico em agropecuária. Esta pesquisa apresenta resultados que enriquecem condições de aplicabilidade em processos formativos semelhantes ao proposto.

Palavras-chave: Escola Técnica Agropecuária; Baixada Fluminense; Narrativas; Educação Ambiental e Agroecologia.

ABSTRACT

SILVA, Ivólana Magali Rodrigues da. **“Comvivência’s”, Strategic paths in a multi-referential training and self-training pedagogy in the technical course of agriculture.** 2024. 197p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

ComVivência Pedagógica is a methodological proposal that enables pedagogical experiences with immersion in training spaces. This research aimed to report the complexities identified during the use of ComVivência Pedagógica as a training methodological strategy. The study was carried out in a public education unit in the state of Rio de Janeiro, located in the Baixada Fluminense region, the Centro Integrado Agroecológico Barão de Langsdorf. The participants in this study were volunteers, who are part of technical training classes in agriculture and constituted co-authors, as they placed themselves, throughout the entire process, as active practitioners of this construction. The methodological strategy used to develop the research was participant observation of the structuring processes of the training environment. The schemes relating to the implementation of the training principles can be seen while reading the work, which makes it possible to reproduce them in other training experiences. The identification of the collective use of socio-environmental processes in the construction of concepts composes the results, which enhanced multi-referentiality. As this was a study on the use of a methodological strategy, the focus of the results permeates the plurality of knowledge identified and the combination of these actions with the training trajectory. In several moments of practices and reinterpretations of practices, the study presented significant ComExperiences based on the formative principles that make up the methodological strategy studied. To present the results and potential dialogues with the authors, which served as a theoretical basis, excerpts from an audio file from the PodCast model were transcribed in the body of the text. The choice to disseminate the narratives through editing and publication of PodCast is the result of a collective decision by practitioners. The full transcription of this media file forms the attachments to the text presented here. The results achieved demonstrate the formative riches identified in the students' narratives. The participatory construction of the training environment, following the guidelines of ComVivência Pedagógica, highlights another potential result, the emergence of effective behaviors towards the training of trainers. A peculiar aspect of the macro-trend of critical environmental education, with which we identify, which can lead to a true and profound behavioral change in the social actor in formation. Based on these results, this study can be considered an important example of the application of innovative methodologies in the training of technical professionals in agriculture. This research presents results that enrich conditions of applicability in training processes similar to the one proposed.

Keywords: Agricultural Technical School; Baixada Fluminense; Narratives; Environmental Education and Agroecology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fachada do pavilhão 1 do CEIA-BL.....	30
Figura 2	Prospecto do I Seminário de Agroecologia.....	31
Figura 3	Logotipos que já representaram a escola.....	37
Figura 4	Logotipo atual da escola.....	37
Figura 5	Organograma atual do CEIA-BL.....	40
Figura 6	Pintura de Vila Estrela, feita pelo pintor Rugendas em 1824 - Porto Estrela.....	41
Figura 7	Prospecto do II Seminário de Agroecologia.....	42
Figura 8	Eventos do ensino médio – 1996 e 1998.....	63
Figura 9	Acontecimentos legais na educação 2000 – 2010.....	64
Figura 10	Acontecimentos legais na educação período de 2014 até 2024.....	65
Figura 11	Ações do período mais recente em virtude das dificuldades de implementação do Novo Ensino Médio.....	67
Figura 12	Como era e como fica a estrutura com a nova proposta apresentada em 2024.....	68
Figura 13	Quadro de disciplinas do primeiro ano do ensino médio técnico em agropecuária.....	69
Figura 14	Quadro de disciplinas do segundo ano do ensino médio técnico em agropecuária.....	69
Figura 15	Quadro de disciplinas do terceiro ano do ensino médio técnico em agropecuária.....	69
Figura 16	Uma formação cíclica.....	77
Figura 17	Esquema formativo I - Ensino médio integrado a formação profissional.....	95
Figura 18	Esquema formativo II – Ensino médio integrado a formação profissional.....	96
Figura 19	Dados dos tipos de temas abordados nos programas de PodCasts no Brasil.....	98
Figura 20	Esquema do ambiente formativo, espaço geográfico.....	127
Figura 21	Esquema do ambiente formativo, formação de educadores ambientais.....	128
Figura 22	Esquema do ambiente formativo, componentes pedagógicos.....	129

Figura 23	Esquema do ambiente formativo, princípios formativos.....	130
Figura 24	Esquema do ambiente formativo, integrando os princípios formativos.....	131
Figura 25	Esquema do ambiente formativo, integrando a alteridade renovadora.....	136
Figura 26	Esquema do ambiente formativo, a alteridade renovadora como resultado da ComVivência Pedagógica.....	140
Figura 27	Chamada pública de divulgação da roda de conversa em comemoração ao dia do meio ambiente.....	143
Figura 28	Divulgação do evento de posse do Conselho Municipal de Meio Ambiente, Recursos Naturais e Saneamento Básico-Magé/RJ.....	144
Figura 29	Evento em que os discentes compuseram a mesa de troca de saberes.....	145
Figura 30	Momento dialógico que antecedeu o intercâmbio de saberes.....	145
Figura 31	Evento em que os discentes compuseram a mesa de troca de saberes.....	146
Figura 32	Esquema completo do ambiente formativo.....	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Acontecimentos relevantes na história da constituição do CEIA-BL.....	38
Quadro 2	Caminhos para acessar a plataforma de áudio dos depoimentos dos praticantes da pesquisa: Episódio 1.....	108
Quadro 3	Caminhos para acessar a plataforma de áudio dos depoimentos dos praticantes da pesquisa: Episódio 2.....	116

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS, SIMBOLOS

ABPOD	Associação Brasileira de PodCasteres
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEAGRIM	Colégio Estadual Agrícola de Magé
CEIA	Centro de Ensino Integrado Agroecológico
CEIA-BL	Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff
CEPERJ	Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro
CIEP	Centro de Ensino Integrado de Educação Pública
CMDR	Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural
CNE	Conselho Nacional de Educação
COAGRI-MEC	Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário
CONSAGRO	Conselho Agropecuário do Município de Magé
EMATER-RJ	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro
EMI	Ensino Médio Integrado
FAETERJ	Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro
FAO	Organização da Nações Unidas para Alimentação e Saúde
GEPEADS	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAPA	Ministério da Agricultura e Pecuária
MBA	Master Business Administration
NTDA	Núcleo de Treinamento Demonstrativo Agropecuário
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNE	Plano Nacional da Educação
PRONAF	Programa Nacional de Incentivo a Agricultura Familiar
PVNC	Pré-Vestibular Comunitário para Negros e Carentes

SARS-CoV-2	Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2
SEEDUC-RJ	Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro
SOCLA	Sociedade Científica Latino-Americana de Agroecologia
TACE	Termo de Assentimento- Consentimento Esclarecido
TLCE	Termo de Livre Consentimento Esclarecido
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1 O TEMPO E O CAMINHAR FORMATIVO COMO FATOR GERADOR DA PESQUISA.....	19
1.1 Uma postura conectiva.....	19
1.2 Trajetória até a pesquisa	20
1.3 A escola como elo conectivo estratégico de formação: lócus da pesquisa.....	29
1.4 A conexão estratégica com o lugar, uma postura de pertencimento.....	41
2 A IDENTIFICAÇÃO DE COMPLEXIDADES FORMATIVAS POR MEIO DE NARRATIVAS.....	45
2.1 A construção prática dos sentidos integrando o caminhar formativo. (Uma Intencionalidade Transformadora).....	46
2.2 O aprimoramento de uma “Indignação Ética”.....	73
2.3 Construção de novas relações que desestabilizem criativamente o ambiente formativo (desestabilização criativa).....	82
3 CONEXÕES ESTABELECIDAS.....	92
3.1 Conexões estabelecidas: uma postura problematizadora a partir da construção de novas relações e inquietudes, nasce a Reflexão crítica.....	92
3.2 Alteridade Renovadora: Perceber-se não como padrão, mas como “um outro renovando práticas”.....	101
3.3 O que ocorre quando não nos percebemos mais como padrão, e sim como investigador de renovação de práticas.....	107
3.4 Sobre o processo de relação com o ambiente educativo/formativo e suas molduras.....	118
4 CONSONÂNCIAS CONCLUSIVAS: CAMINHOS PARA UMA ALTERIDADE RENOVADORA.....	124
4.1 A agroecologia como viés formador em potencial, um estruturante das práticas ligadas aos princípios da “ComVivência Pedagógica”.....	125
4.2 Apresentando as consonâncias dos diversos tempos formativos.....	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149

APÊNDICES.....	154
Apêndice A – Termo de Anuência para Pesquisa Acadêmico Científica.....	154
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	156
Apêndice C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	158
Apêndice D – Termo de Autorização do Uso de Imagem e Voz (TAUIV).....	160
Apêndice E – Roteiro: Episódio 1.....	161
Apêndice F – Roteiro: Episódio 2.....	165
Apêndice G – Arquivo de áudio transcrito: Episódio 1.....	172
Apêndice H – Arquivo de áudio transcrito: Episódio 2.....	186

APRESENTAÇÃO

[...] a liberdade só existe *em* ação, o que, por definição, é ação-com-outros. Não podemos ser livres se estamos sós e isolados; só podemos ser livres quando agimos. Isso também significa que só podemos ser livres num espaço mundano, um espaço de pluralidades e diferença. (Biesta 2020 p. 125)

Este estudo ocorre em uma escola pública, da educação básica, da rede de ensino do estado do Rio de Janeiro que forma Técnicos em Agropecuária. O diferencial que chama atenção para essa unidade de ensino é a sua vertente formativa. O viés agroecológico que a instituição de ensino apresenta como perspectiva formativa para os estudantes a torna diferenciada dentre as escolas que compõem a rede. Para dar início a apresentação do trabalho de pesquisa, os parágrafos seguintes trazem uma compilação de fatores integrados ao caminhar formativo que gerou essa pesquisa.

Ao iniciar os estudos para a construção da pesquisa busquei identificar o conceito de formação. Encontrei que “formação” é um substantivo feminino que segundo dicionário virtual¹ consultado constitui ato, modo ou efeito de formar ou constituir algo (criação) e ainda nesta consulta podemos avançar a leitura e identificar um gradiente de descrições sobre a palavra formação.

Neste avanço de leitura encontramos ainda que é a maneira pela qual a pessoa é criada ou educada sendo moldado ali seu caráter e personalidade, através de conhecimentos e habilidades apresentados, apurados e/ou desenvolvidos. Essa identificação do conceito da palavra “formação” instigou novos passos da pesquisa, e busquei alinhar um diálogo com o conceito de educação.

Logo temos um encontro dialógico dos dois conceitos: o de formação, citado em parágrafos anteriores e o conceito de “educar” que podemos encontrar no mesmo dicionário virtual. Neste dispositivo o termo educar, é conceituado como o ato de socializar hábitos, estimular, desenvolver e orientar as aptidões que perpetuem em relações básicas de vida.

Os dois conceitos e o encontro de suas definições contribuem para garantir a construção da tese deste estudo que traça uma trajetória de experimentações formativas em ambientes diversificados. A apresentação textual, aqui iniciada, tem como objetivo acompanhar a aplicação de uma estratégia teórica-metodológica, inserida para compor o ambiente educativo em tela, a escola, trazendo uma afirmativa de que formar e educar pessoas pode ser uma ação

¹ [formação dicionário - Pesquisa Google](#) Pesquisa flutuante sendo digitado apenas a palavra “formação” seguida da palavra dicionário.

que se realiza por meio de trocas coletivas de saberes outros integrados a formação profissionalizante.

Na construção da tese foi possível identificar a possibilidade de estabelecer uma ação coletiva instrumentalizada de movimentos de reconhecimento da existência de uma pluralidade de saberes. O que motivou fortemente buscar formas de entender como uma estratégia metodológica pode comprometer positivamente o ambiente formativo e os atores ali envolvidos. É preciso destacar aqui que os praticantes desta pesquisa se encontram em permanente diálogo com a agroecologia e a educação ambiental, pois compõem um grupo de frequentadores diários de uma escola que recebe o nome de “Centro de Ensino Integrado Agroecológico”, logo, as relações socioambientais são inevitáveis.

Em destaque coloco aqui que a instituição de ensino onde encontramos o lócus da pesquisa tem um perfil de ambiente formador potencializado por práticas mais conservadoras, onde as escolhas de currículo não são autônomas e as ações governamentais interventivas desabam sobre o cotidiano escolar apenas com a orientação de cumprimento.

E são as características de ambiente com autonomia “discreta” que teceram fundamentos distintos e promissores para a escolha do objeto de estudo. Em observação das transformações em curso na realidade das instituições de ensino médio e o cenário de implementação de reformas na estrutura de formação dos estudantes que decidi investir energia em buscar caminhos de aprimorar a existência das diferentes dimensões formativas que já compõem as relações ali existentes.

Estas relações que diversas vezes se agregam com a as questões ambientais podem ser potencializadas em um fazer pedagógico criativo.

O caminhar desta pesquisa busca uma postura problematizadora dialógica e envolvente que permita uma abertura ao diverso, formando e educando os praticantes deste estudo. Formar para educar e educar para formar não esgota as possibilidades de complexidades que podem existir em uma trajetória multireferenciada. Mas aqui vamos observar os processos formativos envolvidos em uma prática pedagógica (práxis) atrelada a vivência coletiva da construção de conceitos.

Tendo como base o diálogo de saberes e passando pela “pedagogia da escuta”² vivenciamos integrar a racionalidade e objetividade científica com a revalorização de saberes

² Compreender e atender às necessidades dos alunos é essencial para um processo educativo eficaz, e é exatamente isso que a pedagogia da escuta propõe.

A pedagogia da escuta vai além de apenas ouvir os alunos. Ela envolve a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, onde os estudantes se sintam confortáveis para expressar suas opiniões, dúvidas e ideias. <https://metodomontessoriano.com/o-que-e-a-pedagogia-da-escuta/>

“outros” na construção de conceitos e práticas integrativas eficientes que permeiam o avanço desta pesquisa.

O trabalho, aqui apresentado, faz parte de uma trajetória de implementação de ambientes formativos em uma escola de Ensino Médio Integrado - EMI³ da rede estadual do estado do Rio de Janeiro. A unidade de ensino fica localizada na cidade de Magé na Estrada da Conceição, nº 4601 no distrito agrícola de Conceição de Suruí, dentro de uma APA⁴.

Uma escola que também possui uma trajetória povoada de desafios sociais, políticos e “formacionais” que poderemos observar mais adiante ao falarmos do lócus do desenvolvimento da pesquisa. A pesquisa não é uma tarefa simples, mas é complexa, e é sobre configurar as informações e conceitos em primeiro lugar, para que depois as ações possam fazer sentido, que vamos trazer um pouco da complexidade das relações geradas durante o estudo no ambiente formativo.

Temos a intencionalidade de intervir de forma integradora, na construção de um ambiente formativo propício para a construção da autonomia crítica dos futuros profissionais que estão em formação nesta escola. A pesquisa ocorre na formação profissionalizante de técnicos em agropecuária, estes profissionais serão gestores e orientadores de ambientes de produção de alimentos. E é neste ambiente de práticas profissionais que almejamos integrar as práticas cotidianas com a imbricação da agroecologia e a educação ambiental como campos dialógicos transformadores.

Para dar corpo a esta pesquisa buscamos um método de análise qualitativa e participativa que dialogasse com a proposta de introduzir a ComVivência Pedagógica como estratégia de formação destes estudantes. Um diálogo estruturado e consubstanciado para o direcionamento da pesquisa.

Assim para chegar a colocar em prática esta pesquisa temos uma trajetória de mudanças e implementações que imbricam com a atuação dos docentes da unidade e a formação dos profissionais técnicos em agropecuária que ali estudam. São mudanças que surgem em instâncias superiores à unidade de ensino e precisam ser colocadas em prática pelos integrantes da comunidade escolar. Uma dessas mudanças que podemos citar, é a inserção da unidade de

³ Esta proposta de ensino médio integrado a educação profissional foi estabelecida por meio do decreto 5.154/2004 com eixos norteadores que compõem uma formação para o trabalho e o exercício da cidadania. Neste modelo propõe-se oportunizar o desenho de uma oferta diversificada de formação no ensino médio que integre a escola ao desenvolvimento local considerando a população atendida e suas particularidades. (SILVA 2020)

⁴ A Área de Proteção Ambiental Suruí (APA Suruí), localizada no município de Magé, foi criada pelo Decreto nº 2300/2007. Possui aproximadamente 14.146,00 ha, tendo por objetivo a proteção de remanescentes florestais, nascentes e margens dos rios Suruí, Iriri, Inhomirim, Roncador ou Santo Aleixo e seus afluentes.

ensino no programa Ensino Médio Inovador⁵. Esta ação indica a terminalidade das formações em formato subsequente e concomitante, nesta instituição, e anuncia discretamente a implementação do Novo Ensino Médio. Esta implementação será melhor descrita em seção posterior a esta que é introdutória e não busca esgotar todas as propriedades conceituais do trabalho de pesquisa.

No decorrer da descrição da execução desta pesquisa teremos momentos para discorrer sobre esta complexa relação da escola enquanto ambiente formativo, suas complexidades e a busca pela autonomia de sintetizar seu ambiente formativo.

E é nesta perspectiva de construção do ambiente formativo que se descobrem processos reflexivos críticos, complexos e em uma postura mais consubstanciada nas pluralidades das vivências coletivas.

Esse ambiente formativo que conheceremos melhor no decorrer da leitura, apresenta um lócus de pesquisa que, com o desenvolvimento da pesquisa, recebe uma estratégia teórico-metodológica para experimentar em seu cotidiano escolar durante os três anos de formação de uma turma do ensino médio técnico em agropecuária.

Estamos diante de um ensino médio que vem sofrendo com intervenções, mudanças e criação de novas estruturas. Ações tensionadas nas esferas governamentais e sociais, onde diferentes grupos arvoram uma formação na perspectiva diferenciada e não hegemônica e outros ainda buscam justificativas em um caminho formativo mais conservador e de práticas endurecidas.

É uma tensão que, inevitavelmente, invade o ambiente escolar e quando falamos de uma formação técnica que tende ao perigo de se diluir em uma direção formativa que atende a hegemonia de saberes, sinto-me motivada a buscar caminhos para estabelecer um espaço de experiências vivenciais significativas.

E como já citado no início deste texto, o ato formar e educar pela busca de construir uma visão crítica da realidade através da soma da qualidade de cada praticante deste trabalho combinado, pode induzir este ambiente ao movimento coletivo de vivências horizontais participativas e multireferenciadas.

Nos textos seguintes vamos apresentar um caminho de conexões, reflexões e integrações em que se pautou esse processo formativo observado pela pesquisa.

⁵ O setor do Ministério da Educação responsável pela organização geral do ensino médio, estabelece que uma nova organização curricular pode fomentar as bases para um novo modelo de ensino nesta etapa da educação básica. SILVA (2020).

A escrita que aqui coloco busca visualizar experiências significativas que possam superar a constância de um cotidiano repetitivo, muitas vezes inconsciente e não transformador. Para a Seção 1 usamos como fio condutor introdutório o princípio formativo da *Postura Conectiva*, discorrendo sobre os caminhos que induziram o constructo da pesquisa e o tecer formativo dos praticantes.

Na seção seguinte busco apresentar diálogos com autores de referência para o caminhar desta pesquisa. Uma busca por movimentos sensíveis de *Intencionalidade Transformadora* perspectivas críticas e constantemente formadoras. Um desafio intencional, transformador e por vezes originado de uma postura de conexões, mergulhados em uma riqueza dinamizada por sinergias formativas que deram base teórica para a condução deste trabalho de formação e autoformação.

A terceira seção fala da desestabilização provocada pelas conexões estabelecidas ao acompanhar a construção desta pesquisa. Rompendo com a segurança do conhecido, confortável, e disponibilizando posturas renovadas, criativas, conectivas, críticas e transformadoras. O surgimento de molduras no processo formativo/educativo, uma *Reflexão Crítica* apresentando o surgimento da alteridade renovadora.

Por fim apresentamos na quarta seção um momento da pesquisa que busca motivar uma a leitura dos dados com um olhar de inquietude, que tende a transcender a vivência experimental e se pautar na fuga das relações reducionistas e exploratórias, saltando para uma conexão autônoma que inclina para a transformação positiva da realidade. Traçando o relato da agroecologia como viés formador em potencial e apresenta as consonâncias dos diversos tempos formativos para uma *Alteridade Renovadora*.

1 O TEMPO E O CAMINHAR FORMATIVO COMO FATOR GERADOR DA PESQUISA.

É a seção que constrói um texto sobre o encontro da trajetória da pesquisa atrelada a minha caminhada formativa como pesquisadora, e a dialética dos acontecimentos com a estruturação de uma postura de conexões com a “ecologia exterior” como ressalta Leonardo Boff. O autor sempre se envolve em publicações que embarcam em uma amplitude de seu pensamento aberto, livre, dialogante e plural, o que possibilita integrar uma postura conectiva com os assuntos trabalhados nas descobertas do uso da estratégia metodológica implementada.

É também aqui na seção 1 que podemos perceber como nasce a proposta de pesquisa, fruto de uma busca para que se concretizem na unidade de ensino, modelos formativos permanentes, horizontais e orgânicos. Sempre com vistas a formar multiplicadores. Vamos buscar colocar adiante indicações de acontecimentos que fomentaram posicionamentos mais estruturados resultante de um caminhar formativo diverso.

Seguimos para a leitura da seção sobre o caminhar formativo como fator gerador da pesquisa por meio da adoção de uma “postura conectiva”.

1.1 Uma Postura Conectiva

Assim como existe uma ecologia exterior (ecossistemas em equilíbrio ou desequilíbrio), existe também uma ecologia interior. O universo não está somente fora de nós com sua autonomia, está também dentro de nós. (Boff, 2000).

Coloco como ponto de partida da seção a citação de Leonardo Boff (2000) para remeter os leitores a possibilidade de junção e disjunção, um diálogo de pertencimento e dominações. Estamos sempre em busca de algo que constantemente é definido pelas relações de poder que existem nos modos de vida já estabelecidos.

Construir uma postura, não hegemônica, em uma sociedade de ações determinantes não é uma tarefa simples, considerar que formar-se é uma constância que permanece viva enquanto nos relacionamos, também não é fácil. E para dar corpo prático, teórico e dinâmico para esta pesquisa foi preciso se conectar mutuamente com as diversas dimensões que percorreram os ambientes criados, recriados e desconstruídos na caminhada formativa.

Quando se fala de postura podemos mais uma vez visitar um ⁶dicionário virtual válido, como o que já contribuiu conosco na construção de outros conceitos no percorrer do trabalho. Este dispositivo de definição e conceitos descreve que postura é a posição ou atitude de alguém, adotada em determinado momento em relação a algum assunto. O que é curioso é que mais uma vez se avançarmos nesse caminho de descrição de conceitos que o dicionário apresenta, existe a postura em relação ao delinear do corpo humano, que eles chamam de “sentido físico” e para descrever essa definição de postura afirma-se que a mesma diz respeito a posição das articulações e a correlação dela entre as extremidades (os membros) e o tronco.

Essa base conceitual de postura me chamou atenção para ligação do termo postura com atitude, posicionamento, articulação, membros, extremidades e tronco. E quando se alinha, de forma integrada durante a construção da seção: “o tempo, o caminhar formativo” e sua conexão com as posturas identificadas, apresentamos a intencionalidade de fortalecer a existência dos princípios formativos durante o tecer desta pesquisa.

O caminho aqui apresentado é de uma escola de ensino médio integrado técnico em agropecuária da rede estadual de educação do Estado do Rio de Janeiro, onde em 2009 assumo a vaga de professora das disciplinas técnicas do curso profissionalizante em tela e me encontro como responsável por formar profissionais da área de produção de alimentos.

Hoje não temos muitas unidades de ensino nesta área técnica de formação no estado do Rio de Janeiro e a escola em que se desenvolve o estudo, especificamente, fica na região da Baixada Fluminense, em um município que faz divisão de território com a região serrana do mesmo estado. É o ambiente em que nasce a motivação para esta proposição de pesquisa formação.

1.2 Trajetória até a pesquisa

Para chegar a exercer a função de professora das disciplinas da área técnica na unidade de ensino lócus da pesquisa, precisei ser aprovada em um concurso público para o provimento de cargo efetivo estatutário para professor Docente I – regente das disciplinas da grade curricular técnica da formação de técnico em agropecuária. O concurso ocorre no final do ano de 2008 e as convocações se iniciam no ano seguinte, ano que ingresso como parte da equipe responsável por esta formação.

⁶ [postura dicionário - Pesquisa Google](#) Pesquisa flutuante sendo digitado apenas a palavra “postura” seguida da palavra dicionário.

O requisito formativo para participar do concurso foi a formação em Licenciatura em Ciências Agrícolas, curso que realizei na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no período de 2003 até 2007. E é quando conheço o GEPEADS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade, ambiente que me oportunizou contato com diversos mecanismos formativos estruturantes de uma jornada permanente de aprendizado.

Como sou fruto de uma trajetória de busca por conectividades que pudessem trazer uma nova perspectiva de estrutura social, vou falar um pouco da minha trajetória e como ela se conecta com a estrutura da pesquisa.

Pertenço a uma época em que ingressar em uma instituição pública de ensino fazia parte de uma maratona de buscas. Primeiro vem a busca pela emissão dos documentos necessários para a efetivação da matrícula, isso ainda na primeira infância⁷, época que os estabelecimentos legais para emissão de documentos eram poucos e localizados em regiões mais centrais dos municípios.

Minha família estabeleceu moradia no município de Belford Roxo quando este ainda fazia parte do município de Nova Iguaçu como distrito, ambos posicionados na região chamada Baixada Fluminense. O bairro que minha família consolida moradia fica em torno de vinte quilômetros distante da região central da cidade de Nova Iguaçu, que era onde ocorriam as emissões de documentos. Mas o transporte público não existia para o referido trajeto e a oportunidade de ir até a região central estava restrita a caronas.

Até que veio a instalação dos chamados ‘Brizolões’, hoje nomeados de Centro de Ensino Integrado de Educação Pública – CIEP⁸, no município de Belford Roxo-RJ. Como se tratava de um projeto completo, minha família conseguiu efetuar minha matrícula e pegar o encaminhamento para a emissão de todos os documentos, de toda a família inclusive.

Hoje o município de Belford Roxo possui trinta e três anos de emancipação, e o bairro a que me refiro como moradia de minha família continua repleto de dificuldades de infraestrutura básica. O ambiente familiar que eu convivia construía em nós a perspectiva de que a educação era um caminho promissor para a transformação da realidade social.

Essa era uma época em que a educação era de custo alto, acesso difícil e formava para o trabalho. Os CIEPs ofertavam apenas o Ensino Fundamental de Nível I, e quando findei a etapa I fui transferida para uma escola estadual que ofertava o Ensino Fundamental Nível II.

⁷ A primeira infância é o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>

⁸ A implantação dos CIEP, nas décadas de 1980 e 1990, trouxe para a agenda política a discussão sobre a universalização da educação básica, dos investimentos na escola pública e da valorização dos profissionais do ensino. Em notas descritivas sobre os CIEPs aparecerão no decorrer da pesquisa.

Um estabelecimento de ensino rodeado de ações ligadas ao tráfico de entorpecentes, onde as professoras orientaram minha família a me transferir para um estabelecimento mais estruturado, com a justificativa que minhas notas, nas avaliações, estavam acima da média da turma.

Assim para garantir que teria fomento para dar continuidade aos estudos, a família buscava atender as orientações de referência que ali chegavam. A transferência foi efetuada para um estabelecimento de ensino que ofertasse a educação básica até a terminalidade. Períodos marcados pela imposição da escolha por uma profissão, sendo assim, o ensino médio técnico em contabilidade foi uma escolha feita por mim para garantir atender as exigências do mercado de trabalho. Cursado em uma escola tradicional do Município de Nova Iguaçu-RJ, a Escola Municipal Monteiro Lobato que ofertava formação de professores (curso normal); técnico em contabilidade e formação geral (atual ensino regular).

A escolha por esta formação técnica ocorre pelo motivo da mesma ser ofertada no período noturno e assim ficava o período diurno para as atividades laborais. Os estudos ocorriam no município vizinho, mas o retorno para a moradia se torna uma jornada de lutas intensas, o bairro cresce com a dinâmica de exclusão a direitos e assistências essenciais a dignidade e a vida. Falo de uma “favela” chamada de Gogó da Ema, local onde ainda hoje, mora a minha família, e essa região até os dias atuais sofre com o domínio do tráfico de entorpecentes e recrutamento de jovens às atividades que são exercidas por pessoas que se encontram à margem das dinâmicas sociais efetivas.

Então quantas conexões foram feitas nesta trajetória que me puseram em ambientes de disputas e desfavorecimentos. Mesmo passando por uma formação de ensino fundamental muito bem assistida e fundamentada pelo programa formativo dos “Brizolões”, o ensino médio já era fruto de um paradigma compartimentado e estruturado pelo modelo reducionista dominante.

E o que o “Princípio Formativo das Posturas Conectivas” apresenta é uma perspectiva agregadora de sentidos, sejam eles constituídos por esferas diferentes daquelas já estabelecidas ou atreladas aos princípios já constituídos, um movimento de pertencimento, de conexões diversas e multireferenciadas. No trecho a seguir Granier 2020 coloca em sua escrita sobre a postura conectiva uma provocação de um movimento de inversões.

O que o Princípio Posturas Conectivas propõe em suas provocações é que um movimento inverso à estas perspectivas seja acionado, de maneira que possa desencadear nos educadores em formação uma regeneração da natural conectividade que os liga ao todo. No sentido literal, uma regeneração essencial. GRANIER, 2020

Este termo educadores em formação me chama atenção por conta da minha escolha, logo após a formação no ensino médio e atrelado ao cotidiano de trabalho no comércio, opto

por ingressar em um núcleo de Pré-Vestibular Comunitário para Negros e Carentes (PVNC) que funcionava aos finais de semana e não caracterizava desligamento do curso o número excessivo de faltas.

Foi a minha ação de regeneração natural, pois a terminalidade do ensino médio técnico era considerada, pela sociedade que dita as certezas, a finalização dos estudos. E como fruto de uma estrutura familiar resultante de uma construção histórica de um país que desconsidera o processo de exclusão exercido por medidas políticas que silenciam e descartam os direitos das camadas populares, reconsiderarei as certezas ali impostas e segui com os estudos.

Os núcleos formativos deste movimento PVNC também traziam uma concepção alicerçada em conexões e conceitos de pertencimentos. Momentos formativos que desafiavam os alunos de um movimento social a forjar novas ideologias, novos sentidos e momentos de diálogos de saberes em uma organização social. Uma intencionalidade formativa pluralizada em uma lógica de saberes organizados. Um perfil de postura que me leva aos escritos de Leff,

Como se vê, os problemas teóricos propostos pela questão ambiental referem-se à construção, especificação e articulação de conceitos e não à elaboração de termos unívocos, que, apesar do propósito de fazê-los funcionar dentro de perspectivas alternativas de desenvolvimento, resultam ineficazes pelo desconhecimento dos processos materiais e simbólicos que determinam uma situação concreta e motivam as ações que conduzem a sua transformação. Leff 2014

Aspectos qualitativos de uma necessidade básica de vida eram discutidos durante os momentos de trocas de saberes nesse movimento social. A oportunidade de visualizar os problemas que por hora pareciam apenas teóricos, eram bem práticos e afetavam diretamente em nosso desenvolvimento.

Trago esse posicionamento de Enrique Leff por entender que este período de formação entre a terminalidade da educação básica e a escolha da formação superior contribuiu muito para o processo de assimilação de conceitos e práticas. Os conceitos em outrora constituídos em minha formação já ressuscitavam destituindo-se de uma aprendizagem de repetição apenas, para um fomentar mais interpretativo, inclusive amadurecendo uma visão política.

Nascem os posicionamentos mais estruturados e a decisão por cursar uma formação que integrasse o processo de ensino-aprendizagem com as questões ambientais, eu já estava em um movimento de reconexão. As formas de identificação das relações estabelecidas tomam formas e identidades, fugindo da generalização da transferência fria de conteúdos, como de fato ocorrera na educação básica.

Como eu já estava caminhando como fruto de um desacoplamento, como afirma Guimarães,

Influenciados por estas perspectivas, os seres humanos ao mesmo tempo que foram se modernizando, foram se “desacoplando” do meio inato e de sua essência de Ser Natural e gradativamente se percebendo diferentes e fora da natureza. Este processo foi reforçando “o sentimento de não pertencimento, contrapondo-se à visão de complementariedade”. (GUIMARÃES, 2004, p.47).

Percebo que já era influenciada e formada em “Armadilhas Paradigmáticas” conceito estruturado por Guimarães no livro *A Formação de Educadores Ambientais 2004*, onde me via com a compreensão de mundo moldada na hegemonia, fruto de uma formação de “caminho único”, e nesse mesmo livro o autor chama esse comportamento de “reprodução inconsciente”.

Assim decido por me candidatar a uma vaga no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, após pesquisar sobre o perfil do egresso do curso e suas possibilidades de posicionamento no mercado de trabalho.

Durante a formação em Licenciatura em Ciências Agrícolas, surge a oportunidade de ser bolsista da Pró-Reitoria de Extensão – PROEXT, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ – em que, devido a um convênio firmado entre a prefeitura de Itaguaí-RJ com a UFRRJ, com o projeto Solos, Alimentos, Saúde e Vida em comunidades de baixa renda do município de Itaguaí-RJ, coordenado pela professora Edna Riemke da UFRRJ, foi possível perceber, enquanto estagiária ativa do projeto, o quanto a população anseia por melhor formação e por informações sobre a promoção da saúde.

Para alcançar a promoção da saúde, este projeto de extensão incentivava a produção de alimentos livres de insumos químicos, como cerne do projeto, bem como a distribuição de receitas e orientação de preparo dos mesmos. Estas orientações eram feitas por meio de palestras e minicursos, com temas voltados para a necessidade cotidiana daquela comunidade, como por exemplo: ‘Alimentos que são remédios’ - onde apresentávamos possibilidades de uso de diversos alimentos indicados pelo Ministério da Saúde como facilitador da promoção da saúde, outro tema trabalhado era o ‘Como preparar uma multimistura nutritiva’ que indicava o uso de alimentos referenciados cientificamente como fonte de determinadas vitaminas e sais minerais para integrar um composto nutricional que seria integrado a cultura alimentar daquele grupo, estas e outras formações eram ofertadas sem custo e com material disponibilizado pelo projeto.

Estas práticas tão próximas da comunidade me estimularam, após o término da Licenciatura, a prestar concurso para professora da rede estadual, no Ensino Médio Técnico em Agropecuária.

Ao me deparar com a responsabilidades de formar profissionais de nível técnico, em um segmento extremamente importante para as relações ambientais, busquei após entender quais

disciplinas ficaram em minha responsabilidade, formações que pudessem potencializar minha atuação como docente.

Mergulhei em um processo de formação e autoformação que se desenha por estruturas apresentadas durante a trilha formativa que se vincula ao perfil do aprendente (contínuo), aquele que busca um caminhar de formação integradora e permanente, onde se percebem as necessidades formativas no decorrer do processo.

O técnico em agropecuária é o produtor de alimentos e matéria prima diversas, sua expertise está na redução de custos e garantia da produção. A primeira disciplina que me deixaram como responsável foi a de “Processamento de Produtos Agropecuários” onde basicamente dialogava de maneira formativa sobre as possibilidades de aumentar o tempo de prateleira dos alimentos. Um processamento que precisava ser o mais natural possível e agregador de valores comerciais.

Com o objetivo de potencializar o diálogo em sala de aula consolidei os conhecimentos ofertados na Pós-Graduação - Especialização *Latu Sensu* em Administração de Serviços de Alimentação, uma formação integradora de saberes e potencializadora de perfis responsáveis pela saúde e bem-estar da população.

No ano seguinte ao meu ingresso nesta instituição de ensino como professora regente das disciplinas de formação técnica, a escola recebe do, na época, ainda Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a documentação de uso para fins de recuperação das áreas degradadas onde a escola se encontra instalada e já em funcionamento. Observando nesta ação do hoje Ministério do Desenvolvimento Agrário, e na perspectiva de busca por mecanismos formativos que fossem capazes de integrar a prática docente, me aventurei a frequentar outros ambientes formadores.

Desta vez com o intuito de investir energia em desenvolver um projeto de Recuperação de Áreas Degradadas em uma tendência prática fomentei uma trilha formativa também *Lato Sensu* em Gestão de Saúde e Meio Ambiente. Uma formação riquíssima que me deu base para estruturar o caminhar de novas posturas e de uma característica que mais a frente percebi que era de receptividade para a construção de novos sentidos.

Um processo rico em experiências potencializadoras vividas e conectadas de forma individual e coletiva, multireferenciada e sensível ao diálogo de interdependência, como caracteriza Granier em sua tese de doutorado falando dos princípios formativos e sua interação com o ambiente formativo na “ComVivência” pedagógica.

Neste escopo, a construção de sentidos na constituição do ambiente educativo de “ComVivência” é também uma proposta de educação com e para o sentir.

O sentir enquanto dimensão sensorial humana primária, inerente à interrelação do sujeito consigo e com o Todo e elo que atravessa todos os sentidos, permitindo-nos uma conexão indelével com Terra, através de cheiros, sons, sabores, formas, encantamento. GRANIER 2020

Esse elo de sentidos me conduziu a elaborar e colocar em prática diversos projetos na unidade de ensino e formar pessoas responsáveis por seus atos de fato. A Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), na época, sustentava como forma de acesso aos cargos de Direção Escolar, Coordenação Pedagógica e Agente de Gestão Escolar, um processo seletivo interno⁹, e como eu já havia desenvolvido diversos projetos bem sucedidos na unidade de ensino, a comunidade escolar incentivou-me a concorrer a esta vaga, que na época estava disponível.

Participei das quatro etapas do processo seletivo e fui aprovada para exercer o cargo. Assim, com o objetivo de promover uma intimidade com o exercício da função de gestão e hoje entendendo que eu buscava uma postura conectiva com a função em exercício, me matriculei em um programa de formação no modelo – ¹⁰MBA- que é a sigla para o verbete em inglês Master Business Administration, uma Pós-Graduação específica para formar profissionais que tenham uma visão orgânica dos desafios envolvidos na condução da equipe. A formação tem como título “MBA em Gestão Empreendedora em Educação”.

Uma formação que possibilitou um trabalho de final de curso que consolidava a criação de um plano executável de estruturação efetiva de um ambiente formativo. Outra ação clara de conexão estabelecida no ambiente de atuação profissional. Foi elaborado um plano de estudo aplicado prático de recuperação do ambiente de aulas prática chamado, “Casa de Vegetação”.

Esta proposta foi aceita pelo setor financeiro da SEEDUC-RJ e colocado em prática no ambiente escolhido pela comunidade escolar. Percebi então que as formações eram ambientes de trocas e diálogos extremamente construtivos do ser, e senti a necessidade de enriquecer os

⁹ O SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, no uso das atribuições que lhes são conferidas pela legislação em vigor, tendo em vista o Decreto nº 44.716, de 07 de abril de 2014, que conferiu nova redação ao Decreto nº 44.281, de 01 de julho de 2013, considerando o processo E-03/001/501/2014, torna pública, por intermédio da Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (CEPERJ), a realização de Processo de Seleção Interna, com vistas ao provimento das funções gratificadas de Diretor de Unidade Escolar e Diretor Adjunto de Unidade Escolar, com lotação no âmbito da SEEDUC, em conformidade com as condições estabelecidas neste Edital, seus anexos, e eventuais retificações.

https://projetos.ceperj.rj.gov.br/concursos/2014/seeducpsi/page_seeducpsi.asp

¹⁰ Master Business Administration o conhecido MBA – é um curso de Pós-Graduação que tem como objetivo principal formar um profissional Completo que seja capaz de conduzir equipes, gerenciar processos e tomar as melhores decisões para o alcance das metas estabelecidas no plano estratégico. Durante a formação o profissional é estimulado a adquirir uma visão orgânica dos desafios e dos riscos que estão envolvidos no negócio e agir conforme as necessidades do momento de uma forma empática e responsável.

<https://www.anamba.com.br/site/anamba/>

conhecimentos buscando uma outra graduação que devia agregar confiança nas ações do cotidiano de gestão escolar.

Foi quando busquei a graduação em pedagogia em paralelo a pós graduação em MBA, tendo finalizado recentemente a graduação em Gestão Ambiental pelo Instituto Superior de Tecnologia atualmente chamado Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ) – Paracambi, um município da Região Sul do estado do Rio de Janeiro.

Mesmo entendendo que o fato de me encontrar posicionada como gestora possibilitava uma dimensão diferenciada de decisões, o distanciamento da sala de aula atrelado aos serviços burocráticos de gestão administrativa de processos e projetos, muitas vezes não aceitos pelas esferas superiores me impedia de saber/sentir realmente se os estudantes estavam em diálogo com o perfil formativo constituído.

Não seria uma decisão fácil, mas só de pensar que poderia estar novamente próximo das percepções demonstradas pelos estudantes, eu entendia que seria uma potente conexão.

Assim após dois anos do exercício da função de gestora educacional, coloco a disposição o cargo para ser ocupado por outro docente interessado e retorno para o ambiente da sala de aula, agora com as formações integradas e pulsantes.

Fico então responsável pelas disciplinas de Agricultura Regional e Zootecnia Regional, e como são temas que já algum tempo eu não tinha contato próximo, entendi ser prudente buscar aprimorar os conhecimentos existentes e ressignificar outros. Para isso retornei para a graduação, e agora em Biologia buscando afinar os conhecimentos dos animais e das plantas para levar para o diálogo do ambiente formativo.

Na formação em biologia, como Trabalho de Conclusão de Curso, proponho a inclusão de disciplinas voltadas para o meio ambiente na grade curricular da formação do técnico em agropecuária do Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff (CEIA-BL). O processo tramita e as disciplinas são integradas, são elas: Gestão Ambiental e Práticas Agroecológicas.

Dando continuidade a proposta de trazer para o ambiente formativo a formação de um profissional mais integrado/preocupado com ambiente, lembrando que, a formação a que nos referimos aqui é a de técnico em agropecuária, um potente gestor/orientador do uso dos recursos naturais para produção de alimentos matéria prima, busco sintetizar uma outra formação.

Já neste período formativo da minha caminhada como aprendente, pensava em uma análise prática de ecodesenvolvimento como vemos nos escritos de Enrique Leff que chama atenção os valores limitados que estruturados pela sociedade e os infinitos valores reais dos recursos e dos fluxos de matéria e energia, como podemos observar:

Uma empresa agrícola capitalista produz valor de troca no próprio processo em que transforma os valores de uso naturais em valores de uso para o consumo, na integração do intercâmbio de matéria do processo produtivo com o intercâmbio ou metabolismo ecológico. Seja nesta forma direta ou por sua articulação com formação sociais rurais, todo modo de produção determina os processos de intercâmbio material com a natureza. (LEFF 2014)

Pensando nesta articulação social rural e na determinação, pelo capital, dos processos produtivos, minha inquietação me levou a buscar a elaboração de novos caminhos/projetos. E nesta elaboração de projetos, nesse caso para aprimorar as práticas formativas neste ambiente, em uma perspectiva de potencializar as nuances apresentadas pela escola/formação, me encontrei com possibilidades de investir energia em construir uma proposta/projeto que dinamizasse a unidade de ensino como referência formativa para a comunidade escolar.

A comunidade escolar em questão, que inclusive engloba os pequenos produtores do entorno, poderia ser inserida em um esquema formativo integrador. Apresentei esta proposta formativa no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, a nível de Mestrado Acadêmico e ela foi aceita para desenvolvimento e aplicação na unidade de ensino.

No desenvolvimento do trabalho de dissertação de mestrado, no Programa de Pesquisa em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc, a escola como lócus da pesquisa e como lócus de formação da profissão de técnico em agropecuária se mostra o ambiente de troca de saberes como base do cotidiano formativo.

Estes saberes diversos apareceram na trajetória desta pesquisa e coaduna com o ambiente formativo ofertado nos encontros do grupo de pesquisa GEPEADS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental e Diversidade e Sustentabilidade – onde retomei a participação mais ativa durante o mestrado. Os momentos de diálogos formativos são enriquecedores.

E foi assim com esse intuito de buscar formas/caminhos de se concretizar um lugar de formação crítica, reflexiva e de base coletiva que na leitura dos resultados da dissertação aliando aos diálogos com os autores, encontramos a conexão deste ambiente, e toda a sua composição, com a educação ambiental.

E sendo este ambiente um Centro de Ensino Integrado Agroecológico, buscamos como degrau integrativo a agroecologia como plano, a educação ambiental como formação e a ComVivência Pedagógica como estratégia. A ComVivência Pedagógica é uma proposta teórica metodológica que integra a formação de educadores ambientais e apresenta princípios formativos que potencializam caminhos para transformações de realidades vividas.

A proposta metodológica se estrutura em princípios formativos identificados e na construção coletiva do ambiente formativo em questão. É uma estratégia cunhada por Mauro

Guimarães, que aborda a possibilidade de grandes transformações da realidade vivida pela sistematização de práxis que passam pela pesquisa, pelo ensino e pela extensão em educação ambiental.

E entender que o ambiente formativo aqui estudado é um espaço de vivências possibilitou o tecer da pesquisa. O convívio diário dos praticantes da formação do técnico em agropecuária representa uma conexão estratégica formativa.

A seguir apresentamos a escola e sua conexão com o traçado formativo que percorre a pesquisa.

1.3 A escola como elo conectivo estratégico de formação: lócus da pesquisa

Em uma costura dialógica podemos aqui delinear, sem esgotar todas as informações, o que constituiu a caminhada do estabelecimento da instituição de ensino, onde e como ela se encontra nos dias atuais.

Buscando fontes para abordar de forma mais representativa a caminhada de lutas e resistência da escola, encontro um livro lançado no ano de 2021, escrito por ¹¹Luiz Carlos Gomes Carneiro, que ocupou durante vários períodos letivos a vaga de diretor da escola.

É uma escola fruto de uma proposta de formar um NTDA – Núcleo de Treinamento Demonstrativo Agropecuário, uma proposição elaborada em conjunto, pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro (EMATER-RJ), por meio do escritório local de Magé e a secretaria de Educação e Cultura do mesmo município.

Essa proposta chega no ano de 1979, passa por diversos embates políticos até que recebe a autorização de ser instalada em um CIEP¹² da região, um Centro Integrado de Educação Pública que depois recebeu a numeração de 260, onde dividiu-se o ambiente formativo com o Colégio Agrícola recém-criado.

¹¹ Luiz Carlos Gomes Carneiro é Licenciado em Ciências Agrícolas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro concluiu sua formação acadêmica em 1972, a quarta turma do curso. E logo no ano seguinte 1973 firma moradia no município de Magé e se dedica a atuar fortemente em ações de representatividade e apoio aos produtores locais, sua valorização e reconhecimento formativo (Carneiro 2021).

¹² Colocarei aqui um trecho sobre esse lindo projeto que foi idealizado no Brasil na década de 80 para experimentar a escolarização em tempo integral com uma tarefa social diferenciada,

A tarefa dos educadores envolvidos na construção dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) será a de transformar esse instrumento que tem sido utilizado como mecanismo de reprodução das classes sociais, na medida em que a escola avalia somente o que o aluno não sabe (os padrões da cultura de classe dominante que ainda não adquiriu) e não o que o aluno sabe (o que conseguiu acrescentar ao saber e às práticas que já dominava).
<https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000300004>

A criação do CEAGRIM – Colégio Estadual Agrícola de Magé, fruto da mobilização do Conselho Agropecuário de Magé, é uma resposta à diversas reivindicações dos munícipes por uma escola de formação técnica no município¹³.

Para alcançar respostas e movimentar reivindicações o Conselho Municipal de Agropecuária uniu forças com os profissionais da agricultura, pecuária e empresários rurais da região, e era presidido à época pelo Professor, licenciado em Ciências Agrícolas, Luiz Carlos Gomes Carneiro. Que podemos considerar um líder e responsável por diversos avanços institucionais desta unidade de ensino e um entusiasta da agroecologia.

E então chegamos a um termo conceitual prático extremamente importante para as conexões estabelecidas e apresentadas no desenvolver do trabalho aqui apresentado, a Agroecologia¹⁴, um fenômeno prático e aplicável nas relações de respeito ao ambiente que vivemos e nos relacionamos, conduz um fio que irá contribuir no tecer de informações e formações no decorrer de todo o trabalho.

Para iniciarmos a identificação do ambiente de referência de aplicação da pesquisa, o CEIA-BL – Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff – que é o local onde se desenvolve a experimentação da ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica de formação multireferencial de Técnicos em Agropecuária, trazemos a Figura a seguir, que mostra a fachada do pavilhão 1, onde se situam as salas da parte administrativa da escola.



Figura 1 – Fachada do pavilhão 1 do CEIA-BL

Fonte: A autora

¹³ Estas informações sobre o histórico da escola podem ser encontradas no livro – Memorial: História da Realização de um Ideal – Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto – ISBN: 978-65-00-15605-8.

¹⁴ É um modelo agrícola comprometido com a produção de alimentos, que integra princípios ecológicos com o objetivo de alcançar sustentabilidade social e econômica, em harmonia com o meio ambiente. Ela promove uma abordagem socialmente justa, ética, inclusiva e economicamente viável, priorizando especialmente a produção familiar e camponesa, bem como suas formas organizacionais.

A imagem acima é de onde atualmente funciona a escola, que como já comentamos, logo de início ela foi instalada em um CIEP de número 260, e recebeu o nome de Colégio Estadual Agrícola de Magé, em 1979. No ano seguinte a escola, por decreto recebe o nome de Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto. Uma escola que funciona para ofertar duas modalidades de ensino, o ensino integrado com a formação técnica em agropecuária e o ensino regular, onde não integra a formação técnica.

Os estudantes do ensino técnico ficam na escola em período integral e o ensino regular funciona em meio período (apenas um turno). Abaixo colocamos a imagem do prospecto de chamada para o evento de agroecologia que ocorreu na escola.



Figura 2 – Prospecto do I Seminário de Agroecologia

Fonte: Carneiro, 2021.

É na escola Lócus da pesquisa que ocorre o Primeiro Seminário de Agroecologia e Integração Ambiental, o evento que é um marco preparatório, ocorre nos dias 18, 19 e 20 de junho de 1991, ano que antecede a ECO 92¹⁵.

Diante do fadado jogo político que abraçou a existência/criação da escola, três anos após o evento marcante sobre consciência ambiental ocorrido nas dependências da Instituição de ensino, o ambiente formativo (Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto) é retirado das estruturas do CIEP, uma estrutura compartilhada, para ser instalado na Colônia Penal Agrícola, subsidiada pela Secretaria Estadual de Justiça.

Existe o ponto positivo desta empreitada, “a escola não para de funcionar”, porém a instalação na colônia penal desagrega diversas funções sociais já instituídas, como o perímetro

¹⁵ Eco-92 – Foi a segunda Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, evento que incorporou o Meio Ambiente ao jogo democrático. Em um texto de Washington Novaes, um jornalista e documentarista, que afirma que boa parte dos cientistas entende que, talvez, o principal mérito dessa convenção assinada no Rio de Janeiro tenha sido o de "conscientizar o mundo" para a importância da questão ambiental. NOVAES, 1992.

de alcance dos estudantes, ficou mais longe do ambiente residencial e dos espaços agricultáveis da região.

Funciona neste ambiente por quase dois anos e é novamente transferida, agora para o Centro de Exposições Agrícolas da prefeitura Municipal de Magé. No ano de 1996 este estabelecimento de ensino é novamente transferido para as dependências do CIEP 260, por ordem do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural – CMDR.

Em 1998 é criada uma Comissão Estadual constituída de representantes de várias Secretarias Estaduais, como de Educação, de Ciências e Tecnologias, da Baixada Fluminense, do Colégio Agrícola e da Comunidade Organizada, o Conselho Agropecuário do Município de Magé (CONSAGRO), com a finalidade de organizar a instalação do Colégio Agrícola para a fazenda Conceição de Suruí e de se implantar o Projeto CEIA – Centro de Ensino Integrado Agroecológico, na mesma Fazenda.

Diálogos são estabelecidos em reuniões e assembleias da comissão, até que o PRONAF (Programa Nacional de Incentivo a Agricultura Familiar) envia recursos financeiros através da Prefeitura Municipal de Magé, para concluir duas salas de aula e o refeitório na obra paralisada na Fazenda Conceição de Suruí, do antigo Projeto de Escola Profissional de Agricultura Antecipada que integrava a Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário (COAGRI-MEC).¹⁶

Chamo a atenção aqui para integração de corresponsabilidade das ações, pois no texto de Novaes 1992, ele fala do reconhecimento do direito social a informação como caminho para atingir uma consciência social. Analisando os escritos do autor e integrando as percepções expostas considerando a caminhada de lutas desta Unidade de Ensino - U.E., já podemos visualizar que ele falava de uma “Consciência SócioAmbiental”, no trecho a seguir destacado da publicação do ano do evento, ECO-92, coloco as duas tarefas que se tornam excessivamente atuais e fortes.

E aí duas tarefas se colocam para os cientistas: 1ª) lutar, ao lado da sociedade e dos profissionais da área, pelo reconhecimento do direito social à informação (que deveria ser escrito na Constituição, para permitir a regulamentação por leis; hoje a sociedade brasileira não tem direitos em matéria de informação); 2ª) lutar para que a comunidade científica perca seu pavor ao risco de superficialidade, generalização, simplificação e seja capaz de comunicar-se com a sociedade para informá-la sobre as questões vitais. Se não for assim, a vitória maior da Conferência do Rio de Janeiro — o avanço na informação e

¹⁶A criação da COAGRI – Coordenação do Ensino Agropecuário, se deu em meio a um cenário de mudança na estrutura da produção agrícola brasileira, e, por isso, tal criação representa um reflexo dessas transformações mais amplas de um projeto de “desenvolvimentismo”. BRASIL 1974

na consciência social — correrá o risco de perder-se. Teremos de esperar pelas catástrofes para nos mover. NOVAES 1992

Um trecho que me apresenta uma questão vital, que o potencial de agir se fortalece com o avançar de informações potencializados pela ação formativa. A potencialidade da caminhada de lutas para implementação definitiva deste ambiente formativo, a escola, consolida a trajetória de “Posturas Conectivas” já existentes.

Ao dar continuidade as leituras de ações de implementação do ambiente de ensino, e nesse caso especificamente, uma escola profissionalizante, vemos as questões vitais citadas por Novaes, “avanços na informação e na consciência social”, que eu chamaria de avanços “formativos”.

Por isso a seção **“A escola como elo conectivo estratégico de formação: lócus da pesquisa”** está posicionada aqui para nos dar uma visão de “Postura Conectiva”, um dos princípios da “ComVivência Pedagógica” imbricado na elaboração dos planos de ação de implementação de sua estrutura.

Um ano depois da criação da CONSAGRO, no ano de 1999, um movimento de articulação organizado pelos representantes desta comissão chegou até o Ministério da Agricultura Familiar da época, e alcançou como resposta a decisão do INCRA a destinação das terras da Fazenda Conceição de Suruí para o Governo do Estado do Rio de Janeiro para a implementação do “Projeto CEIA”

O que se pode perceber é que enquanto se falava apenas da transferência de uma escola estadual de formação técnica, as respostas eram bem superficiais e de aguardo, quando as propostas se estabelecem para a implementação de um projeto mais formativo rico em complexidade e dinâmicas formacionais, os avanços se estabelecem.

No ano seguinte a destinação das terras para o Governo do estado do Rio de Janeiro o Colégio Agrícola inicia suas atividades já com a proposição de implementação do projeto CEIA – Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff, uma proposta formativa inovadora, estruturada para atender estudantes desde de o Ensino Fundamental até a formação técnica profissionalizante.

Esse projeto tinha como premissa estruturar um ambiente formativo que apontasse para uma direção contrária ao ideário do contexto que se instalou nos anos 90, mas que já era uma proposta estruturada em décadas anteriores. Em estudos sobre as escolas técnicas agrícolas, Soares destaca os diversos entraves instituídos socialmente para alcançar esse ideário.

O contexto dos anos 90 é marcado pelo acirramento do desemprego estrutural e pela precarização/flexibilização cada vez maior do trabalho, configurando o que já se anunciava nos anos 80, ou seja, a destruição dos direitos sociais dos

trabalhadores e a utilização da educação como um mecanismo de difusão e de “formatação” desse novo ideário do capital. SOARES 2003

A proposta do projeto se coloca como uma alternativa não apenas para aqueles que estavam em processo de formação, mas também objetiva se a atender aqueles que já tenham passado pela terminalidade do processo formativo institucionalizado. Com oportunidade de formação técnica concomitante ao ensino médio ou subsequente a ele, onde o estudante poderia retornar para fazer um curso profissionalizante mesmo tendo terminado os estudos a muito tempo.

Esta possibilidade de escolha do modelo formativo e a existência de uma escola pública estadual que desde do Ensino Fundamental aborda temas agroecológicos, é uma lógica contrária a execução do projeto formativo hegemônico que incansavelmente vem sendo implementado em nossa sociedade.

O projeto original de implementação do Centro de Ensino Integrado Agroecológico foi criado através de Decreto número 29.009 em 14 de agosto do ano de 2001 e publicado em Diário Oficial D.O. no dia 15 de agosto do ano de 2001 e só assim são iniciadas as obras de instalação.

Soares 2003 coloca que o plano de “formatação” difundido é para articular a continuidade do processo hegemônico e o projeto defendido pelo CEIA, oferta aos interessados oportunidades de se formar como protagonista de suas qualificações, sejam elas culturais, sociais, individuais, coletivas ou outras, mas que estivesse em uma lógica diferente do processo de individuação.

Destaco no pequeno texto a seguir a lógica formativa individualizada potencializada pelo governo e distante da proposta dinamizada pelo projeto CEIA.

Essa lógica remete para a intensificação do processo de individuação, colocando os sujeitos numa posição de procura constante pela sua própria realização, em detrimento da realização do grupo, que desaparece diante dos imperativos do mercado de trabalho. SOARES 2003

Mesmo que não atendesse as necessidades imediatas do mercado de trabalho, a formação pretendida para quem passava pelo Centro de Ensino Integrado Agroecológico atendia uma reestruturação do ensino técnico da época, uma dinâmica que seguia a linha formativa de alcançar dimensões além das profissionais.

O novo rural aparecia como mero atendente das exigências do capital como afirma Soares,

Analizando essas afirmativas, a estruturação do ensino técnico agrícola e tendo em vista o painel traçado sobre as novas configurações do rural pode-se concluir que tanto o mundo agrário, quanto os processos formativos dos

profissionais de nível técnico que nele deverão atuar, encontram-se subsumidos pelo grande capital. É a partir dele, e para ele, então, que são delineados perfis de competência e formatados programas educacionais. Competências têm, a partir desse entendimento, um sentido mais estrito que o de qualificação. SOARES 2003

Então podemos dizer que o CEIA esteve subsumido do ano de 2001 até o ano de 2012, pois mesmo com o decreto de criação, ele continua funcionando com o nome de Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto. Fruto deste painel traçado para exclusivos benefícios ao capital.

Uma tentativa de estabelecer autonomias de funcionalidades para o projeto ainda subsumido, foi estabelecer um Convênio de Cooperação Técnica – Universidade Federal Fluminense (UFF) / SEEDUC-RJ Convênio SEEDUC 13/2010. Este ato ocorre em 2010 com a assinatura presencial, na escola, da secretária de educação na época e representante da reitoria da Universidade Federal Fluminense, um evento grandioso, mas com resultados discretos e avanços imperceptíveis no que diz respeito ao perfil autônomo formativo que escola busca.

O primeiro ato de libertação do projeto CEIA acontece em 6 de dezembro de 2012, quando se extingue o Colégio Estadual Agrícola de Magé, ele tinha sido instituído em 08 de abril de 1988 e em 08 de dezembro de 1989 recebe o nome de Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto.

O passo seguinte para institucionalizar a existência do projeto CEIA foi a revogação da Lei 1158/89 pela Lei 6036/2011 que possibilita a extinção definitiva das duas instituições de ensino e promove a absorção de todo o corpo docente e discente de ambas instituições, bem como os bens patrimoniais e assim, se constitui o Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff.

Considerando os escritos de Noeli Granier, esta perspectiva problematizadora que percorre a implementação da escola/projeto CEIA se insere com relevância nos caminhos de uma postura conectiva desde o momento em que busca oportunizar processos educativos que direcionam a desconstrução dos modelos dominantes implementados e propõe

Um movimento de construção de relações baseadas em modos mais conectivos e empaticamente acolhedores da diversidade, entre indivíduos, culturas e a própria Terra. Tais pressupostos são considerados relevantes para a atuação de educadores ambientais que se querem transformados e transformadores da realidade, sendo, portanto, pedagógicos nesta proposta formativa. GRANIER 2020

O elo conectivo que identificamos no caminhar formativo se integra com o lócus da pesquisa e sua resistência diante de tantos diálogos de entraves, que culminaram na implementação de uma escola que leva o verbete “agroecológico” no nome. As buscas por

estabelecer conexões ultrapassam o ato de receber apenas o nome, se calça na prática de buscar a agroecologia como modo de vida, como ambiente formativo de trocas de saberes múltiplos.

Seguindo esta linha de pensamento, a conexão empática ganha sentidos ainda mais profundos, pois remete-nos para além de nós mesmos enquanto espécie, pela possibilidade de estabelecer uma conectividade multidimensional e multireferencial. GRANIER 2022

Essa multireferencialidade está inerente ao perfil formativo que este ambiente propõe, uma formação que envolve saberes múltiplos, desafiadores, de rupturas e objetiva se cumprir com a formação experiencial. Isso porque estamos diante de um perfil formativo responsável, onde profissionais da área de ciências agrárias e afins serão responsáveis por gerir ambientes produtivos, orientar agricultores e com o uso estratégico da “ComVivência Pedagógica” esperamos formar formadores.

Esses formadores por meio de uma postura conectiva, estariam potencializados a incentivar o uso responsável dos recursos naturais em uma direcionalidade para a consciência de coletividade como potencial provocador de uma intencionalidade transformadora.

Desta forma, a vivência do Princípio Posturas Conectivas, ao provocar o desencadear da experiência de pertencimento, se insere num movimento que busca evidenciar a unicidade, emergindo assim como um potente vetor para o “ajuste de foco” e rompimento com a visão disjuntiva, que vem consolidando o afastamento entre seres humanos e Natureza. GRANIER 2022

Agora estabelecida na fazenda Conceição de Suruí, a unidade de ensino com mais autonomia de funcionamento tem em quadro de oferta de vagas:

- Ensino Médio Regular;
- Ensino Médio Técnico em Agropecuária na modalidade subsequente;
- Ensino Médio Técnico em Agropecuária na modalidade concomitante.

Com essa configuração de ofertas de vagas a escola no final de 2014 toma conhecimento da publicação da Resolução SEEDUC-RJ nº 5.149 de 03 de novembro de 2014 (RIO DE JANEIRO, 2014), e Resolução nº 5.150 (RIO DE JANEIRO, 2014) de 03 de novembro de 2014, que resolve implementar o EMI – Ensino Médio Integrado que substituiria gradualmente às modalidades existentes e indicando a terminalidade das turmas já iniciadas e não permitindo mais o ingresso de novas matrículas nas modalidades concomitantes e subsequentes.

A escola na busca por estabelecer um diálogo social representativo sempre construiu um logotipo para cada conquista política alcançada. A seguir colocamos a imagem dos três modelos, desde 1988.

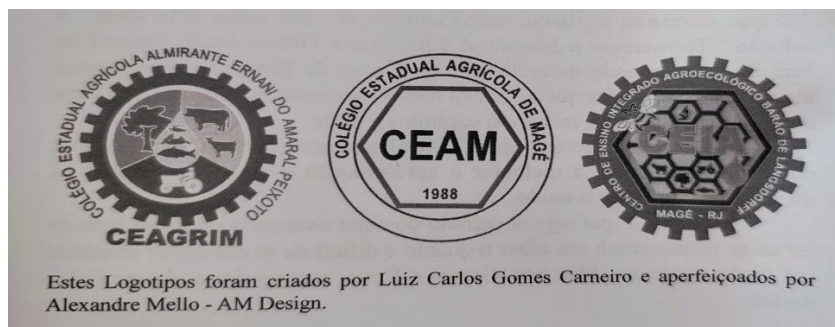


Figura 3 – Logotipos que já representaram a escola

Fonte: Carneiro, 2021.

São imagens que representaram a escola e hoje o logotipo da escola busca destacar as premissas da agroecologia e as ações desenvolvidas pela escola.



Figura 4 – Logotipo atual da escola

Fonte: PPP (CEIA-BL, 2022).

É necessário destacar que a comunidade escolar não participou desta decisão de finalizar a oferta de vagas para as formações subsequentes e concomitante, lembrando que o formato modular (subsequente ao ensino médio) era muito procurado pela população do entorno da escola, pois se valia como oportunidade de formação para pequenos produtores e aqueles que se viam como sucessores de sua família e precisava aprimorar seus conhecimentos para dar continuidade no cuidado com a terra produtiva.

Com a resolução em vigor entra em ação a modalidade formativa chamada EMI, Ensino Médio Integrado a Formação Técnica, sem uma perspectiva de preparo dos integrantes da comunidade escolar para a inserção desta nova modalidade formativa, muitas dinâmicas relacionadas ao ensino integral/integrado foram perdidas ou não percebidas. Vamos abordar um pouco mais sobre essa modalidade em subitem mais a frente no texto.

Para finalizar essa etapa de consolidação do ambiente formativo em pesquisa, vamos apresentar um quadro destacando de forma sistematizada os acontecimentos marcantes do caminhar de institucionalização desta unidade de ensino.

Não estão esgotados neste quadro todos os acontecimentos, porém vamos colocar a relevância da luta para institucionalizar esse lugar¹⁷ como ambiente formativo autônomo e renovado.

Quadro 1 – Acontecimentos relevantes na história da constituição do CEIA-BL

Ano	Acontecimentos relevantes
1979	Núcleo de Treinamento Demonstrativo Agropecuário (Projeto gerador de reserva da área – Fazenda Conceição de Suruí - para formação de profissionais da atividade agrícola de Magé)
1986	Escola Polivalente de Profissionalização Antecipada em Agricultura (Construção de instalações na Fazenda Conceição de Suruí)
1988	Fundação do Colégio Estadual Agrícola de Magé – CEAGRIM (Decreto 11.150) no CIEP 260 , Magé/RJ
1989	Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto Lei 1558 de 08 de novembro de 1989
1991	Seminário de Agroecologia - Magé/RJ (Debate do Projeto CEIA)
1995	Seminário de Agroecologia - Magé/RJ (Debate do Projeto CEIA)
1997	Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural de Magé Elaboração do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural de Magé (1997-2000)
97/2000	Constituição do Projeto do Centro de Ensino Integrado Agroecológico (CEIA)
2001	Fundação do Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff Decreto 29.009 – SEEDUC/RJ
2010	Assinatura Convênio de Cooperação Técnica – UFF / SEEDUC Convênio SEEDUC 13/2010
2012	Absorção integral do Colégio Estadual Agrícola Almirante Ernani do Amaral Peixoto – CEAGRIM pelo CEIA-BL
2014	Alteração para o Ensino Médio Técnico Integrado (Resoluções 5149 e 5150 – SEEDUC/RJ)
2015	Acolhe para estágio de formação e vivência a primeira turma de formandos do curso de Graduação da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Fonte: A autora

No ano de 2015 a escola tem a honra de receber em seu ambiente formativo/lugar a primeira turma de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para aplicar em campo suas experiências formativas.

Agora que já conhecemos um pouco da trajetória desta Unidade de Ensino até ela se instalar neste ambiente formativo, vamos caracterizar esse espaço.

¹⁷ O espaço geográfico é o lócus da vida por excelência, que se materializa enquanto um híbrido que conjuga objetos e ações. Sendo esse sistema, as leituras pelo viés da dualidade não conseguem dar conta da complexidade desse objeto. Ensino em Foco, Salvador, v. 2, n. 5, p.46-60, set. 2019. <https://publicacoes.ifba.edu.br/ensinoemfoco/article/view/595/427>

Uma fazenda com 107 hectares de área onde os espaços se dividem em uma área destinada a preservação permanente – Reserva Legal – outras separadas para atividades formativas com plantio, e uma estrutura física, organizada em pavilhões (CEIA-BL, 2022).

Com uma área que respeita as diretrizes de reserva legal orientadas pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), promovendo uma integração de diferentes recursos de ordem natural, material e humanos, a escola se diferencia das demais da mesma rede de ensino, vamos colocar a seguir uma caracterização dos ambientes que compõem este espaço formativo.

Os espaços de práticas de produção do conhecimento na unidade são diversos que vão além das tradicionais salas de aula e laboratórios até espaços de produção agropecuária, como descrito a seguir:

- laboratórios de processamento de produtos agropecuários;
- criadouros para diferentes tipos de animais (incluindo lagos de aquicultura);
- casa de vegetação – para produção e reprodução de mudas;
- pequenos hortos;
- planteis;
- oficinas para desenvolvimento de instalações rurais.

É necessário destacar que estas estruturas nem sempre recebem ações de conservação, mas que em sua maioria atendem minimamente as diretrizes do Ensino Médio Integrado, regidas pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Os textos dos dispositivos legais que regem a formação orientam uma maior integração entre os saberes curriculares tradicionais e as competências técnicas específicas da área de formação do curso técnico.

Para fazer funcionar o ambiente formativo, se torna extremamente necessário uma estrutura organizacional de recursos humanos. Apresentaremos uma organização administrativa que, apesar de uma necessidade de hierarquização no que tange aos critérios de comunicação e responsabilidades específicas é pautada por uma composição democrática.

CENTRO DE ENSINO INTEGRADO AGROECOLÓGICO BARÃO DE LANGSDORFF

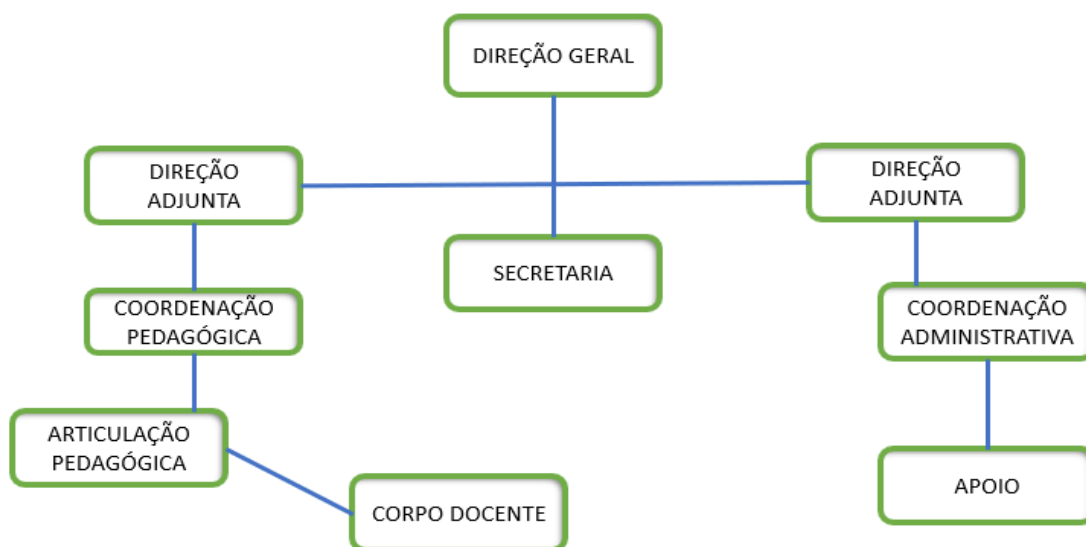


Figura 5– Organograma do CEIA-BL

Fonte: PPP (CEIA-BL, 2022)

Este é o ambiente formativo já estruturado com base em documentos legais que regularizam a educação do estado do Rio de Janeiro. É a estrutura da escola onde os alunos passam no mínimo 8 horas por dia de segunda a sexta feira tendo garantido os direitos a alimentação e ambiente para higiene pessoal.

A escola está localizada em um município marcado por sua importância como rota comercial desde a época colonial. Esse marco ocorre pelo fato do município de Magé contar com o “Porto Estrela”¹⁸, sendo um local de referência para embarque de grandes riquezas para o exterior.

¹⁸ A Vila de Estrela destaca-se pelo papel que desempenhou como principal porto de escoamento da produção aurífera mineira no século XVIII e do café do Vale do Paraíba. Lá iniciava-se a parte terrestre da Variante do Caminho Novo, aberta em 1725 e calçada em 1806, um dos mais importantes caminhos no complexo das estradas reais que ligavam diversas localidades do país, sobretudo Minas Gerais e Bahia, ao litoral do Rio de Janeiro. As ruínas da Capela de N. S. da Estrela, do Porto Estrela e da Casa das Três Portas são, hoje, os únicos vestígios materiais remanescentes da antiga Vila.

<https://www.ipatrimonio.org/mage-vila-de-estrela/#!/map=38329&loc=-22.68143351735263,-43.21637592079547,17>

1.4 A conexão estratégica com o lugar, uma postura de pertencimento



Figura 6: Pintura de Vila Estrela, feita pelo pintor Rugendas em 1824 - Porto Estrela

Fonte: iPatrimonio.org

Magé tem em sua trajetória marcas de tradições agrárias pelo fato de possuir em suas dependências geográficas as grandes fazendas que abasteceram a nobreza do Império. Na “vila”, chamada Magé também foi instalada a primeira colônia agrícola alemã no Brasil, formada na Fazenda da Mandioca, através do Barão de Langsdorff.

Vamos colocar aqui mais um pouco sobre a cidade de Magé, onde está instalada a escola, objeto de pesquisa, mas não é a intenção esgotar as informações sobre esse importante município, mas sim ampliar um pouco mais o cabedal informativo que contempla o lócus da pesquisa.

Temos no município uma vasta atuação histórica das relações comerciais, podemos citar que o primeiro grande engenho de açúcar da região, à época, foi instalado nesse lugar, bem como a primeira estrada de ferro do Brasil, a primeira fábrica de pólvora, o primeiro porto de exportações e outros ambientes produtivos. Entretanto muitas das ações importantíssimas para estruturar Magé vem sendo esquecidas ou apagadas. Outra ação que a escola pode contribuir com propriedade, incluir em seu currículo a história do município e sua aptidão agropecuária.

Voltando a falar do caminho percorrido para a instalação da escola na fazenda de Conceição de Suruí, vamos lembrar do que ocorreu no ano de 1991. O primeiro Seminário de Agroecologia e Integração Ambiental, promovido pelo Conselho Agropecuário de Magé, no mesmo ano que se formou a primeira turma de Técnicos em Agropecuária, estudantes desta escola.

O seminário contou com a participação de 500 pessoas, um experimento para chamar a atenção das autoridades sobre a necessidade de fortalecer a discussão ambiental de maneira

formalizada. No ano de 1995, três anos após a ECO-92, os integrantes da comunidade escolar promovem o segundo Seminário de Agroecologia com o tema: ‘Agroecologia: a Agricultura do Futuro’.

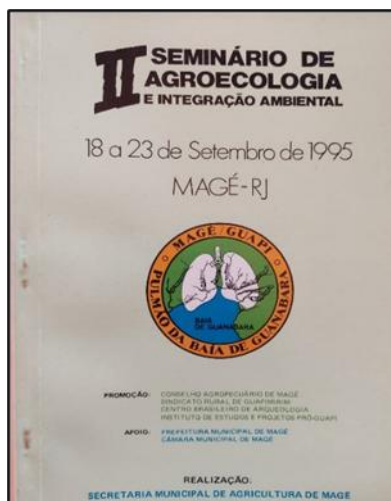


Figura 7 – Prospecto do II Seminário de Agroecologia
Fonte: Carneiro, 2021

Com os contatos ocorridos durante a ECO-92, neste segundo evento foi possível contar com a presença de diversos atores sociais estrangeiros dentre eles estava uma missão de pesquisadores da Alemanha e da União Soviética que faziam um estudo sobre Langsdorff que ficou sendo conhecido como “pai da ecologia” no Brasil.

Este cientista ficou conhecido assim por meio da narração de seus feitos em benefício do desenvolvimento da agricultura na região de Magé, com o pensamento de que estas práticas se estendessem por todo o Brasil.

O estudioso Georg Henrich von Langsdorff¹⁹, que havia sido nomeado cônsul geral no Rio de Janeiro pelo czar Alexandre I, liderava o grupo de pesquisadores que estavam em missão científica pelo interior do Brasil. Os feitos do cientista ocorriam em um período em que o Brasil buscava sua independência e também era necessário que o país provesse seu sustento.

Um trabalho desbravador, de identificar os potenciais naturais do interior do Brasil foi planejado por Langsdorff e aprovado em 27 de junho de 1821 e tinha como objetivo descobrir algum produto que pudesse ser utilizado para exportação, intencionalmente para estreitar as relações comerciais entre o Brasil e a Rússia.

¹⁹ <https://journals.openedition.org/cultura/5511> - O alemão Georg Heinrich von Langsdorff (1774- 1852) formou-se em Medicina e frequentava sociedades científicas europeias. Em 1802, integrou uma expedição de volta ao mundo, sob comando de Adam Johann von Krusenstern (1770-1846). Naturalizado russo, Langsdorff foi nomeado pelo czar Alexandre I, em 1813, cônsul-geral no Rio de Janeiro. Lá, ele começou a idealizar uma viagem científica pelo interior do Brasil. Com a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve em dezembro de 1815, na corte já não se falava sobre o regresso da Família Real à Europa, de modo que Langsdorff resolveu estabelecer-se no Rio de Janeiro, comprando a Fazenda da Mandioca em 1816, hoje no município de Magé – RJ.

Langsdorff nasceu na Alemanha e se naturalizou russo, cursou ciências naturais e medicina, doutorando-se aos 23 anos de idade e faleceu aos 78 anos. Apaixonado pelo Brasil, fez desta a sua segunda pátria. Suas terras produtivas eram no município de Magé, e em sua residência ocorreu a visita do então Príncipe regente D. Pedro e sua esposa Carolina Leopoldina, em 1822.

Com todo o amor patriota que sentia pelo país que desbravava, fez o possível para modernizar o Brasil. Na sua fazenda ele introduziu a policultura, que ainda era rara no país e foi ali na fazenda de mandioca que se usou pela primeira vez no Brasil um arado, implemento agrícola que facilita a preparação do solo para o plantio.

Entende-se que é uma riqueza de história, mas que podemos falar melhor sobre ela em outro trabalho mais detalhado. O que pretendemos neste trecho é identificar o porquê da escola onde ocorre a pesquisa ter recebido o nome do desbravador. Apresentar o quanto é significativa a existência da escola nesta região.

Em visita ao site da prefeitura de Magé²⁰ (MAGÉ, 2023), consta na aba *História* que o município tem origem no povoado de *Majepemirim*, fundado em 1565 por colonos portugueses e possuía um dos principais portos da região, onde muitos navios negreiros aportavam.

Na época a chamada freguesia de Magé recebe o alvará de criação, 1696, por meio de ato a mesma é elevada à categoria de vila, com mesma denominação, 09 de junho de 1789, sendo o território constituído com terras desmembradas do município de Santana de Macacu e da cidade do Rio de Janeiro, incluindo algumas ilhas do arquipélago de Paquetá.

Por meio da Lei Estadual 1772, de 21 de dezembro de 1990, o distrito de Guapimirim foi desmembrado do município de Magé (MAGÉ, 2023) deixando o município com apenas cinco distritos. E apenas em 2002, com a Lei 1532/2002 foi criado o Distrito Agrícola de Rio D'Ouro e Magé passa a ter novamente 6 (seis) distritos (MILÊNIO VIP, 2023):

- Magé (1º distrito);
- Santo Aleixo (2º distrito);
- Rio D'Ouro (3º distrito);
- Suruí (4º distrito);
- Guia de Pacobaíba (5º distrito) e
- Inhomirim (6º distrito), composição que consta até os dias atuais.

Observe-se que o município de Magé faz parte da Região Metropolitana²¹ do estado do Rio de Janeiro e, conforme o documento de Estudos Socioeconômico dos Municípios do Estado

²⁰ <https://mage.rj.gov.br/historia/> - Por volta do ano 1000, os índios tapuias que habitavam a região foram expulsos para o interior do continente devido à chegada de povos tupis procedentes da Amazônia. Quando os primeiros colonizadores portugueses chegaram à região, no século XVI, a mesma era ocupada pela tribo tupi dos tupinambás, também conhecidos como tamoios.

²¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/mage/panorama>

do Rio de Janeiro 2016²², publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Magé figura em segundo lugar na evolução de valor adicionado no setor produtivo de agropecuária nessa região, ficando atrás apenas de São Gonçalo-RJ.

Bom conhecer o ambiente onde se insere a escola para caminhar com o desenvolvimento desta pesquisa e as ligações conectivas existentes, possibilitando uma leitura consubstanciada das narrativas que certamente aparecerão. Gastão Pineau (2006) em seu texto sobre As Histórias de vida em formação, fala do quanto é decisivo um ambiente formativo “cocriativo” que estabeleça ligações que desviem das respostas predeterminadas.

E é na intenção de conhecermos as vertentes e os entraves desta escola que caminhamos por estas informações que permitem fazermos diferentes leituras que possibilitam diferentes ações e diferentes olhares. E como afirma Pineau 2006 “Essas ligações essenciais, imprecisas e fluidas constituem a característica específica dos problemas ligados a crises paradigmáticas, multiformes e em múltiplos níveis”.

E é justamente aqui que nasce a proposta de pesquisa, uma busca para que se concretizem modelos formativos permanentes e orgânicos que formem formadores e intensifique o viés da formação dos Técnicos em Agropecuária.

A proposta é construir um trabalho prático de fundamentação teórica e ações praxiológicas que buscam fortalecer a formação em curso, por meio da capitalização de experiências inovadoras tendentes a transformações qualitativas e não apenas aderente a novos dispositivos formadores com base na lógica da oferta.

E assim para desenvolver este estudo foram estruturados objetivos que permitissem melhor direcionar todo o trabalho. Volto a destacar que fortalecer o ambiente escolar como potencializador de ações estratégicas integradoras na formação de profissionais comprometidos, ainda é uma tarefa por fazer.

Destacamos também que com a perspectiva contributiva que esta escola oferece como Centro de Ensino Integrado Agroecológico em consonância com a formação de Técnico em Agropecuária, esperamos avançar na complexidade potente da ComVivência Pedagógica.

A seguir apresentamos os objetivos deste estudo e as possibilidades de alcance destas tarefas por fazer.

²² Foi utilizado o Estudo referente ao ano de 2022 pois, em consulta aos demais Estudos relativos ao município de Magé existentes na base de dados do IBGE percebemos que 2023 aponta projeções.

2 A IDENTIFICAÇÃO DE COMPLEXIDADES FORMATIVAS POR MEIO DE NARRATIVAS.

A seção 2 apresenta como ocorre a construção prática dos sentidos integrando o caminhar formativo em uma intencionalidade transformadora. Transformação conduzida pela trajetória formativa dos praticantes da pesquisa. Ainda é possível identificar no decorrer da seção, as complexidades formativas que são identificadas nas narrativas. Por aqui também apresentamos o caminhar de novas relações que foram construídas com o aprimoramento ético e anunciamos a criação de um ambiente formativo cocriado por meio das conexões estabelecidas.

O objetivo de “Observar, identificar e relatar” a complexidade que o potencial estratégico metodológico da “ComVivência Pedagógica” exerce, e nesse caso, durante a formação contextualizada dos técnicos em agropecuária do Centro de Ensino Integrado Agroecológico, se consolida no momento em que identificamos o perfil voluntariado dos praticantes.

E para alcançar a riqueza de informações narradas, este trabalho se mantém na identificação de maneira ampla da consonância dos diversos espaços tempos de aprendizagem e formação.

E ainda no caminhar dos rumos para apresentar os objetivos, esta pesquisa trilha ocorrências de movimentos qualitativos experienciais coletivos intensos da Agroecologia no caminhar formativo.

A relação da Agroecologia com a ComVivência Pedagógica²³ se apresenta na observação de como se constrói o ambiente formativo e as relações ali identificando como a estratégia em estudo integra a formação e a auto-formação.

A estratégia em estudo se coloca aqui como alicerce da pesquisa onde os princípios formativos que à integram caminham em cada momento significativo desta observação participante. A ComVivência Pedagógica se apresenta como uma estratégia metodológica envolvida em princípios formativos que se organizam durante sua identificação e

²³ "a ComVivência Pedagógica é uma proposta metodológica cunhada por Mauro Guimarães e Noeli Granier, que possibilita vivências pedagógicas a educadores ambientais em formação, com experiências de imersão em espaços formativos, o que pode permitir novas maneiras de se posicionar acerca das relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza. Algumas dissertações e teses já abordaram a temática e vários artigos foram publicados discutindo os impactos dessa metodologia. O livro Educação ambiental e a “ComVivência Pedagógica”: emergências e transformações no século XXI, organizado por Mauro Guimarães, (Editora Papirus, 2022), explicita os princípios formativos que compõem a proposta metodológica"

aplicabilidade. Os princípios não possuem uma ordem de acontecimentos ou identificação, mas se colocam como fundamentais para que a ComVivência ocorra.

Os princípios são:

Postura Conectiva – Momento em que o praticante se permite envolver com o ambiente formativo.

Intencionalidade Transformadora – Encontro fundamental com a intensão de mudança comportamental que transforme atitudes e/ou o meio em questão.

Indignação Ética – O encontro com o eu mais ambiental pode estar intimamente envolvido com o sentimento de insatisfação com crise ambiental em que nos colocamos.

Desestabilização Criativa – Muitas vezes um momento de busca por desenvolver ações diferentes das que já existem em prática, pensamento inquieto em busca de protagonizar uma participação positiva.

Reflexão Crítica – Momento recorrente de criticidade avaliativa das ações já existente e as vindouras.

Os princípios são interligados, integrados e fortalecidos por ações de construção do ambiente formativo. Como já afirmado, são elementos que trafegam nos momentos de vivência estrategicamente estruturados por meio de componentes pedagógicos que correspondem a proposta aqui estudada.

Para desvelar a pesquisa usei como fio condutor cada um destes princípios formativos como base de análise, e tecer um diálogo com cada momento de desenvolvimento da pesquisa possibilitou identificar a tese do trabalho.

E assim começamos a construção dos rumos de abordagens e ambientações.

2.1 A construção prática dos sentidos integrando o caminhar formativo. (Uma Intencionalidade Transformadora)

A resposta não está predeterminada. Ela se constrói e desconstrói cotidiana e perpetuamente nas fronteiras dos indivíduos e das instituições, nas relações de trocas que se estabelecem. Nesses lugares e momentos estratégicos, tomando mais parte para uns do que para outros, os movimentos socioeducativos representam uma força importante. PINEAU 2006

Fortalecer o ambiente escolar como potencializador de ações estratégicas que integre “ComVivências” e a caminhada formativa é uma ação importante. E no caso de uma formação de profissionais integrados a uma relação estruturada e referenciada no diálogo de saberes representa um salto na fuga das armadilhas paradigmáticas.

Para começarmos a desenhar as contribuições, por meio de narrativas, que autores entregam ao estudo, vamos falar um pouco da crise planetária que nos acomete já algum tempo.

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. (BOFF, 2003)

O trecho citado compõe a Carta da Terra, documento assumido pela UNESCO em 2003 após profundos debates envolvendo todos os continentes, 46 países e mais de cem mil pessoas. Um documento que desempenha valor equivalente à Declaração de Direitos Humanos e compõe a parte inicial da seção aqui exposta por se tratar de uma resposta orientadora às ameaças que pesam sobre o planeta Terra. Nos escritos da Carta temos identificados diversos paradigmas de responsabilidades coletivas que podem ser observados nos princípios em que ela está fundamentada, como segue:

1. Respeitar e cuidar da comunidade de vida;

Este princípio aborda a forma como que todos os seres são interligados e que cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos.

2. Integridade ecológica;

Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra por meio da gestão e uso de recursos renováveis, como água, solo, produtos florestais e vida marinha, de forma a não exceder as taxas de regeneração e a proteger a sanidade dos ecossistemas.

3. Justiça social e econômica, e

Munir cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar segurança social e coletiva a todos aqueles que não são capazes de se manter por conta própria.

Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir o seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis.

4. Democracia, não violência e paz.

Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e aptidões necessárias para um modo de vida sustentável.

Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável.

E atentando para o fato de a pesquisa ter se realizado em um ambiente de formação agroecológica de profissionais que serão gestores de produção de alimentos entendemos que:

Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. (BOFF, 2003)

Por conta da diversidade de culturas e pluralidade de saberes é que entendemos poder tornar mais forte as ações de formação de formadores, e no caso em tela, por meio das práticas de ComVivências significativas que entrelaçam a formação do profissional, a responsabilidade ambiental e a potência investigativa deste espaço integrador (a escola).

Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações. (BOFF, 2003)

É no processo de somar e integrar forças que este trabalho se intensifica em sua aplicabilidade. Ao falar sobre a formação de jovens profissionais responsáveis por potencializar a produção de alimentos sem agredir intensamente os recursos naturais em potencial, estamos buscamos no decorrer da pesquisa e no estabelecimento da unidade de ensino como ambiente formacional integrador, fortalecer uma perspectiva de formação profissional responsável ambientalmente, justa socialmente e aberta e acessível para todos.

Para alcançar parte de uma formação responsável, temos que buscar mudanças na mente e no coração para dar um novo sentido as ações de interdependência na construção de um modo de vida sustentável em diversos níveis. Na pesquisa buscamos ainda valorizar os diversos saberes ali representados, uma riqueza de diversidade cultural herdada que em conjunto com a construção coletiva de conceitos potencializará as ações dos profissionais em permanente formação.

A formação multireferencial aparece atrelada a muitas correntes e contracorrentes e é o que dá força para uma narrativa mais potente. As múltiplas formas de expressar a sua experiência de vida apresenta a complexidade biodiversa da formação profissional.

O estudo que aqui é apresentado, fala de caminhos estratégicos de uma pedagogia de formação e auto formação multireferenciada, que fomenta rumos para posicionar a escola como ambiente integrativo de disseminação de saberes (referência formacional).

Leonardo Boff em seu texto sobre “propostas enganosas e verdadeiras para uma crise planetária” (2024) apresenta que,

... há propostas promissoras, no pressuposto de que tenhamos tempo para isso. Apontaremos apenas algumas. A que mais futuro projeta é aquela economia que trabalha o território (bioregionalismo). Define o território não pela divisão convencional em municípios, mas pela configuração que a própria natureza

oferece: tipo de fauna e flora, de bacias hídricas, lagos, montanhas e vales e tipo de população. BOFF 2022

A utilização racional dos recursos naturais passa pelas questões econômicas, culturais, sociais e educacionais, bem como a valorização dos saberes e a integração das potencialidades. O verbete “produção local, consumo local²⁴” tem um valor democrático e representativo de uma economia sustentável e o caminho para a diminuição da pobreza.

A outra proposta promissora que o autor apresenta é a economia circular que rompe com o modelo de produção extrativista de esgotamento dos recursos naturais, mas se encontra ainda com alcance limitado por não conceber junto de suas ações de ecologia social e itinerários para a superação das desigualdades sociais. O autor finaliza sua colocação sobre as propostas, sinalizando que,

Por fim, qualquer modelo que pretenda dar conta da crise planetária, deverá resgatar aquilo que um dia tivemos e perdemos e é guardado pelos povos originários: nossa profunda pertença e comunhão com a Mãe Terra e com todas as suas criaturas. BOFF 2022

Boff ainda afirma que muitas das estratégias apresentadas a população por grandes instituições, geram esforços para salvar o sistema financeiro e não a nós enquanto seres coexistentes,

... as estratégias que aplicam os poderosos (entende-se por governos e empresas), existem para tentar salvar o sistema financeiro e não para salvar a civilização e garantir sua coexistência com o Planeta Terra. Sendo assim, o número de famintos continua a crescer no mundo (hoje são mais de 1 bilhão de pessoas), e esta característica não inclusiva do sistema hegemônico vigente é que gera a injustiça mundial e traz insustentabilidade. BOFF 2014

A característica não inclusiva do sistema hegemônico nos carrega para uma premissa de não considerar o ser humano de acordo com suas múltiplas dimensões, sejam elas objetivas, subjetivas, sendo sobre si mesmo, sobre a vida ou até mesmo em relação ao mundo.

Assim, por exemplo, se tentarmos pensar o fato de que somos seres simultaneamente físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade reside no fato de se tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificador ou separa estes diferentes aspectos ou os unifica através de uma redução mutiladora. (MORIN, 1994, p.138).

Na busca por uma travessia da construção prática dos sentidos nesse caminhar formativo, verificamos que Edgar Morin apresenta uma perspectiva intencional múltipla e pertinente. O pensamento do autor esclarece que se deve articular os saberes disciplinares para

²⁴ Mecanismos e políticas públicas para o desenvolvimento da produção o mais perto possível do consumidor, investindo, por exemplo, na agricultura familiar urbana e periurbana. Disponível em: <https://medium.com/manivanet/produ%C3%A7%C3%A3o-local-consumo-local-1347b76e8336>

efetivar a compreensão, respeitando as diversas dimensões apresentadas e, praticando assim a premissa do pensamento complexo que exclua possibilidades dinamizadoras de mutilar potencialidades dos praticantes da formação.

Ora, o problema da complexidade não é o de estar completo, mas sim do incompleto do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta ter em linha de conta aquilo de que se desembaraçam, excluindo, os tipos mutiladores de pensamento a que chamo simplificadores e, portanto, ela luta não contra o incompleto, mas sim contra a mutilação.

A teoria da complexidade posiciona a efetividade da aprendizagem como a compreensão respeitosa do todo. Logo,

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Morin (2003, p. 38)

Até a leitura deste significado fica complexa, mas buscamos entender que para trabalhar uma formação transformadora intencional e articulada, precisamos buscar a teoria da complexidade como elemento basilar de evidência de uma articulação cognitiva da construção de conhecimentos multidimensionais.

Os fenômenos agregadores destas potências estão no princípio de incompletude e de incertezas, inter-relacionada com uma educação baseada na condição humana. Uma condição de relações da espécie humana com indivíduo e com a sociedade, onde pudéssemos analisar inclusive a urgência do ensino da identidade do ser com este espaço, o cenário desafiador em que nos encontramos.

Em entrevista publicada pela revista “Prosa, Verso e Arte” Edgar Morin (2016), filósofo francês, responde perguntas sobre – O verdadeiro papel da educação – em uma das interlocuções ele coloca que para Tratar em sala de aula temas muito profundos sem tornar o encontro enjoativo, precisamos atentar para o perfil curioso do estudante, evitar segmentar o tema, não permitir que os saberes ditos estruturados possam assassinar a curiosidade. E afirma que a educação deve ser um despertar para a filosofia, para a literatura, para a música, para as artes. É isso que preenche a vida. Esse é o verdadeiro papel.

Outra colocação que o autor apresenta é a valorização da pluralidade, da investigação autônoma e da integração dos saberes apresentados aos estudantes, como segue,

As disciplinas como estão estruturadas só servem para isolar os objetos do seu meio e isolar partes de um todo. Eliminam a desordem e as contradições existentes, para dar uma falsa sensação de arrumação. A educação deveria

romper com isso mostrando as correlações entre os saberes, a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem. Caso contrário, será sempre ineficiente e insuficiente para os cidadãos do futuro. MORIN 2022

É essa aparente ineficiência que este trabalho vem buscar caminhos interventivos, que não mais fragmente a realidade e nem simplifique o complexo, mas que apresente um cotidiano de multiplicidade e diversidade.

Ele também coloca os “porquês” de ser importante ensinar valores,

Um dos principais objetivos da educação é ensinar valores. E esses são incorporados pela criança desde muito cedo. É preciso mostrar a ela como compreender a si mesma para que possa compreender os outros e a humanidade em geral. Os jovens têm de conhecer as particularidades do ser humano e o papel dele na era planetária que vivemos. Por isso a educação ainda não está fazendo sua parte. MORIN 2022

Esses jovens são identificados nesta pesquisa como praticantes deste estudo e responsáveis pelos resultados alcançados. É necessário estimular o questionamento, a investigação e a diversidade de possíveis caminhos, inclusive sobre a reforma do ensino.

O autor é propositivo nesta colocação, mas sua fala convence que para alcançar uma “virada de chave” é necessário investir energia nas gerações que estão em formação. E considerar a educação como tarefa essencial para mover um estado compreensivo no praticante desta fase, é necessário investir em uma reforma das mentalidades.

No decorrer deste trabalho ainda será possível reconhecer a complexidade humana em mapear e integrar de forma organizada os potenciais dispersos em diferentes disciplinas que compõem a formação colocando em evidência a integração de elos conceituais indissolúveis. O autor se posiciona sobre essa evidência formativa quando fala dos saberes necessários para educação do futuro. Ele diz que,

A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede freqüentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto. Morin 2000

Para tanto consideramos que caminhar para um desenvolver formativo contextualizado e integralizador, onde a construção de conceitos se apoia em estratégias metodológicas que permitam a construção de relações complexas entre as partes e um todo em diferentes tempos formativos.

Esse trabalho tem incutido em seus objetivos instituir um projeto formativo mais avançado e sólido, como um contrato de centralidade plural. Colocando na sociedade pessoas objetivadas a investir energia em buscar soluções para os problemas ambientais e humanos em escala global.

Os conhecimentos específicos devem ser valorizados, mas a complexidade de integrar e aplicar de forma contextualizada e multireferenciada nas soluções de obstáculos evidenciam o exercício do conhecimento pertinente na solução dos problemas sociais. Edgar Morin nos apresenta um conceito,

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. “*Complexus*” significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Morin 2000

Esse enfrentamento pode situar-se também na integração do tecer estratégico de metodologias que construam cenários formativos orgânicos de ComVivências Pedagógicas integrados a complexidade da ecologia das informações ali tratadas. Logo,

A ecologia da ação é, em suma, levar em consideração a complexidade que ela supõe, ou seja, o aleatório, acaso, iniciativa, decisão, inesperado, imprevisto, consciência de derivas e transformações. Morin 2000

Essa consciência muitas vezes já estruturada pela “cegueira paradigmática”, conceito trabalho por Edgar Morin, que, revisitando o mesmo dicionário “online” já referenciado na escrita deste trabalho, podemos transcrever a definição – cegueira é a incapacidade total ou parcial de enxergar e, Paradigma – exemplo ou padrão pré-estabelecido a ser seguido. Quando Morin estabelece um conceito para o termo, ele apresenta que:

O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente. MORIN 2000

Assim, retomando o conceito de cegueira, temos a prática cega, sem questionamentos, de ações fortalecidas pelas repetições outrora inconscientes por alguns, porém passíveis de análises efetuadas por um pensamento consciente que pode provocar práticas inovadoras de ações já pré-estabelecidas, mas agora sob a hedge da análise do praticante. O conceito de paradigma apresentado pelo autor nesta etapa de escrita sobre não se render a repetições de práticas aparece como possível indutor de questionamentos, lê-se,

Este paradigma determina dupla visão do mundo — de fato, o desdobramento do mesmo mundo: de um lado, o mundo de objetos submetidos a observações, experimentações, manipulações; de outro lado, o mundo de sujeitos que se questionam sobre problemas de existência, de comunicação, de consciência, de destino. MORIN 2000

Logo a cegueira aliada a esta determinação impossibilita que praticantes possam se posicionar como agentes de transformação das realidades existentes, as ações já apenas se

repetem. Em outro momento dos escritos deste autor ele propõe que a formação do “ser” está impregnada de conceitos e prática já pré-determinados de intervenções fundamentais, ele coloca que,

Portanto, o paradigma efetua a seleção e a determinação da conceptualização e das operações lógicas. Designa as categorias fundamentais da inteligibilidade e opera o controle de seu emprego. Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles. MORIN 2000

Essa determinação cultural não é, ou não precisa ser a única, sua instrumentalização decorre de um resultado gerado por outro praticante, logo o ser humano em sua pluralidade pode reconhecer outros elementos formativos em práticas já estabelecidas. Relativizar conceitos e fortalecer a reorientação de estratégias cognitivas pode fortalecer uma elucidação de conceitos e práticas já determinadas.

Assim, um paradigma pode ao mesmo tempo elucidar e cegar, revelar e ocultar. É no seu seio que se esconde o problema-chave do jogo da verdade e do erro. MORIN 2000

Percebemos que essa construção prática de sentidos atrelada ao caminhar formativo em curso possibilita uma intencionalidade formadora, e esse é um dos princípios formativos existentes na “ComVivência” Pedagógica”. Granier 2020 em seus escritos sobre os princípios formativos da ComVivência Pedagógica, reforça que,

... o Princípio Intencionalidade Transformadora intervém numa dimensão subjetiva que ecoa naturalmente no universo objetivo do educador ambiental em formação, através da emergência de sua potencialidade, individual e coletiva, para intervir na problemática socioambiental com ações educativas significativas sobre esta conjuntura. GRANIER 2020.

Uma citação onde é possível visualizar alguns conceitos que começam a emergir neste caminhar formativo em estudo, educador ambiental é um deles. Para Guimarães 2004, o educador ambiental, deve estar apto a conectar saberes de diferentes áreas, para uma atuação eficiente frente a uma realidade complexa, e como esse educador se forma e se transforma? Ainda explorando os escritos de Guimarães, percebe-se que existe um sentido em investir energia em formar ciclicamente, de forma permanente e contínua os praticantes do ambiente formativo em ação.

Evidenciando o significado dos sentidos de estarmos aprendendo enquanto trocamos saberes e praticamos a pedagogia da escuta. Estar sensível ao que se contabiliza e qualifica no ambiente dinâmico de formação potencializa que se realize ali a formação de educadores ambientais diversos, críticos e fortalecidos a se posicionarem como modificadores dos caminhos da “cegueira paradigmática”.

Neste sentido, a formação deve sensibilizar o educador ambiental para a busca de uma formação eclética, que lhe permita transitar entre os diferentes campos de conhecimento, para poder atuar como “um interlocutor na articulação dos diferentes saberes”. GUIMARÃES 2004

Como classificamos anteriormente que educadores ambientais são todos aqueles que interagem de forma participativa integrada ao ambiente formativo, nesse lugar onde ocorrem os processos formativos, ocorrem ações que possibilitam a transformação dos praticantes que voluntariamente se permitem perceber fazer parte de um processo de transformação provocador.

Os processos formativos provocam assim uma transformação interna voluntária, durante o próprio processo de pensar a transformação da realidade, impulsionando o sujeito a romper com as armadilhas que se impõem e limitam sua criatividade para a superação. GRANIER 2020

O trabalho analisa a construção coletiva e consciente de um ambiente formativo, onde as ações e tomada de decisões se estabelecem por meio de propostas de desenvolvimento de projetos produtivos – formação de técnicos(as) em agropecuária com viés agroecológico - onde as ações estratégicas se pautam em examinar certezas e incertezas, solidificando conceitos para a vida.

Um ambiente formativo que ainda se compromete a analisar e avaliar ações que possam nos permitir enxergar as armadilhas paradigmáticas que nos acompanham. E assim voltamos ao potencial estratégico de um perfil formativo mais integrado ao ambiente modificado pelos praticantes ali inseridos.

O cenário pode e deve ser modificado de acordo com as informações recolhidas, os acasos, contratempos ou boas oportunidades encontradas ao longo do caminho. Podemos, no âmago de nossas estratégias, utilizar curtas seqüências programadas, mas, para tudo que se efetua em ambiente instável e incerto, impõe-se a estratégia. Morin 2000

E mais uma vez nos encontramos com a estratégia metodológica estudada aqui nesse caminhar formativo. Observando a necessidade enraizar em nossas práticas formas de estabelecer processos de ensino/aprendizagem que permitam o pensamento complexo como motor de integração de saberes, vamos precisar buscar caminhos para romper com as práticas geradas por paradigmas endurecidos. Esse princípio da Intencionalidade transformadora, trata diretamente com o profissional, educador ambiental e seu cotidiano. Fortalece que suas práticas são indivisíveis, e que seus processos formativos quando coletivos, podem transformar conceitos e desconstruir as possíveis armadilhas paradigmáticas.

Mais um conceito que emerge neste caminhar formativo, as cegueiras paradigmáticas que nos coloca em armadilhas paradigmáticas que muitas vezes nos impede de intervir na

construção de uma realidade mais justa. Logo precisamos construir caminhos para que se coloque em sociedade pessoas em formação contínua e dispostas a romper com determinados paradigmas. Estarmos atentos as práticas de dominação instituídas pelos modelos formativos alicerçados em propostas que impedem a percepção das estruturas que alimentam a replicação das ações sustentadas pelas “armadilhas” é parte da contribuição que fornecemos durante o processo formativo. Logo trazemos aqui o conceito de que,

A “Armadilha Paradigmática”, refere-se à consolidação da “compreensão de mundo moldada pela racionalidade hegemônica”, devido à incapacidade de vermos e agirmos ‘diferente do “caminho único” prescrito por esta racionalidade’, cuja reprodução inconsciente provoca a efetivação da hegemonia. GUIMARÃES 2004

Essa consolidação pré-moldada fortalece e apresenta fundamentos para diversas práticas intitulada de formativas, mas é necessário romper com essa perspectiva e,

Como romper com essa armadilha, certamente, é algo fundamental de ser enfrentado na formação do educador ambiental, para que este possa, como sujeito de seu fazer pedagógico, incorporar práticas diferenciadas e criativas no movimento individual e coletivo de transformação e construção de uma nova realidade socioambiental. GUIMARÃES 2004

É preciso entender que não temos uma receita, mas a intencionalidade transformadora é a forma de colocar em prática operacional a práxis pedagógica imersa em possibilidades de caminhos permissivos de atendermos caminhos outros para a transformação socioambiental. A releitura do que já está legitimado por meio do exercício dominador exploratório, nos conduziu a uma problemática ambiental gravíssima que podemos romper.

A ruptura dessa armadilha se dará na práxis pedagógica de reflexão crítica e ação participativa de educando e educadores, que una de forma indissociável teoria e prática, reflexão e ação, razão e emoção, indivíduo e coletivo, escola e comunidade, local e global, em ambientes educativos resultantes de projetos pedagógicos que vivenciem o saber fazer criticamente consciente de intervenção na realidade, por práticas refletidas, problematizadoras e diferenciadoras, que se fazem politicamente influentes no exercício da cidadania. GUIMARÃES 2013

Além de buscar a formação de educadores ambientais durante todo processo formativo, faz parte da busca, que a formação seja de atores sociais críticos e reflexivos, Guimarães 2011 afirma que a proposta de formar se baseando na criticidade é oportunizar a emancipação consciente da armadilha paradigmática, ou seja, a criticidade nesta formação potencializa a construção de outros referenciais de práticas educativas, o autor ainda afirma que passar por essa estratégia metodológica de maneira consubstanciada possibilita alcançar esta ruptura com os padrões conservadores.

Neste viés, favorecem a percepção das estruturas que sustentam a “armadilha paradigmática”, evidenciando a relevância de se proporcionar em processos formativos destes educadores, o diálogo com diferentes visões de mundo, para a construção de uma racionalidade diferenciada da visão hegemônica. GRANIER 2020

A educação ambiental crítica se pauta em uma relação da sociedade com a natureza de forma inclusiva, imprimindo orientações de liberdade de ações pautadas em uma autonomia crítica do educador ambiental.

Justifica-se assim o princípio participativo intrínseco na proposta de realização da Educação Ambiental (EA) crítica, pela qual optamos, em que a participação potencializa a contextualização sócio-histórico e cultural do processo educativo em que o meio de vida se faz presente. GUIMARÃES 2010

E quando falamos anteriormente de desvendar, nos referindo a cegueira paradigmática apresentada por Morin, colocamos que esta ação de possibilitar enxergar as armadilhas contribuiria para uma formação mais complexa. E assim, novamente aparece a intencionalidade transformadora um princípio formativo da ComVivência Pedagógica que dialoga intimamente com o método da complexidade, apresentado por Morin orienta. O princípio e o método apostam em uma compreensão complexa de visão integrada da problemática ambiental.

Entretanto, em uma perspectiva crítica de EA (Educação Ambiental), o/a educador/a necessita ser um desvelador/a-desconstrutor/a de paradigmas para estar apto a intervir no processo de transformação da realidade, participando na construção da transição paradigmática para uma nova visão de mundo. GUIMARÃES 2010

Um desvelador/a de paradigmas, o educador, só consegue caminhar com o processo se existir a proposta de reforma do pensamento, ou seja, se tiver como objetivo a fuga dessa “armadilha paradigmática” apresentando como entendimento uma visão crítica dos problemas ambientais. Esta pesquisa que tem como praticantes os estudantes do curso profissionalizante de Técnico em Agropecuária em uma escola intitulada – Centro de Ensino Integrado “Agroecológico” Barão de Langsdorff – é real a necessidade de ser compreendido o contexto do sofrimento planetário para que ocorra o despertar de uma consciência ecológica. O curso de técnicos(as) em agropecuária forma gestores de ambientes produtivos de alimentos e matéria prima em geral, ou seja, são esses agentes sociais que vão deliberar na prática as ações de exploração dos recursos naturais, falaremos um pouco mais sobre isso no decorrer do trabalho.

Na caracterização do lócus da pesquisa apresentamos o posicionamento geopolítico da Unidade de Ensino, localizada em uma fazenda com 110 hectares de área que pertencia ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, em uma comunidade enraizada em conceitos

considerados não acadêmicos e que agora com essa pesquisa passam a ser ouvidos e valorizados. Podemos afirmar que esta pesquisa contribuiu para

Superar a rejeição a construção de conhecimento não acadêmico (pesquisa), passa pela aceitação da validade de outros conhecimentos, mesmo que não cientificamente validados. Isso faz parte da transição paradigmática proposta por uma educação ambiental crítica. GUIMARÃES 2010

A formação de educadores ambientais atrelado a uma formação técnica voltada para o viés agroecológico posiciona esta escola em uma tríade formativa, a agropecuária, a questão ambiental e a agroecologia. Assim visualizamos um potencial formativo de atores que podem buscar uma fortemente uma sociedade sustentável. Que pontue as justiça sociais, ambientais e todas as premissas que acompanham a agroecologia.

Encontramos aqui o processo formativo intencionado, como nomeamos esse ambiente da tese, buscar caminhos para o despertar de educadores transformadores multireferenciados nas relações possíveis com o meio ambiente e seu caráter multidimensional.

Entendemos que a formação para a educação ambiental ocupa lugar estratégico como um espaço/tempo fundante de uma formação de educadores comprometida com a educação escolar, em suas diferentes e complexas dimensões e modalidades que as transpassam. GUIMARÃES 2004

O entendimento do lócus de pesquisa como lugar estratégico de formação complexa é etapa importante do estudo que acontece na pesquisa aqui descrita, favorece o alcance pluralizado, orgânico e dinâmico. Praticantes com essência própria em uma escola com enfoque agroecológico onde conceitos e princípios deste viés podem ser trabalhados aliados a todas as áreas do conhecimento exploradas em uma unidade de ensino regular, podendo ainda atrelar a outras áreas correlatas.

São características que entrelaçam o potencial da estratégia metodológica com a complexidade do ambiente formativo, indicando uma inovação da aplicação da “ComVivência” Pedagógica, que ainda não estava em práxis em uma escola de formação técnica. E ainda possibilita uma arte integrativa de lançar mão de comunicar os diversos princípios como os da ecologia, da agronomia, da sociologia, da economia solidária dentre de diversas outras. Falaremos um pouco sobre o encontro de princípios, mas novamente sem esgotar a discussão que merece um trabalho específico sobre.

Entendendo que estamos falando de uma formação contextualizada, ocorrendo em um Centro de Ensino Integrado Agroecológico e que está descrito nos objetivos deste trabalho que Observar, Identificar e Relatar o potencial estratégico e sua complexidade, apresentamos a agroecologia e suas dimensões como parte fundamental deste caminhar formativo.

É necessário entender a agricultura em sua complexidade, que vai mais além de aspectos meramente econômicos para incluir dimensões socioambientais e culturais importantes, sem as quais dificilmente se poderá almejar, de fato, a construção do desenvolvimento rural sustentável em seu sentido mais amplo. Assim, o difusionismo tecnicista precisa ser superado em favor da Extensão Rural Agroecológica, conceito orientador da nova prática extensionista... CAPORAL e COSTABEBER 2004

As ciências agrícolas como base de formação destes profissionais têm sua importância também no ponto de vista de princípios agroecológicos que são premissas interventivas que buscam um desenvolvimento local e sustentável, indo de encontro ao modelo hegemônico. Porém, como tivemos na agroecologia, muitas contribuições dos modelos agronômicos produtivos convencionais, é necessário mudar essa ênfase e atentar para as interações complexas que existem entre pessoas como atores de transformação e o agroecossistema em sua totalidade.

A agroecologia como viés formativo dos técnicos em agropecuária se destaca como uma contribuição efetiva e atuante na construção de estilos produtivos preocupados com construção de modos outros de produção. Muitos produtores e agricultores tinham as práticas agroecológicas como ações de retrocesso, um equívoco prático pois, as práticas agroecológicas e/ou a transição agroecológica representam e indicam caminhos para buscar sustentabilidade do processo produtivo agrícola.

E como já apresentamos a complexidade como parceira desta caminhada, afirmamos então que as dimensões que acompanham a agroecologia fazem parte da formação complexa destes técnicos em agropecuária com viés agroecológico.

Destaco aqui a formação dos técnicos em agropecuária como oportunidade de inserir o estudo de dimensões econômica, social, política e ambiental, que são as que mais circundam as ações agroecológicas da produtividade agrícola sustentável. Caporal e Costabeber em estudo realizado em 2004 sobre Agroecologia e Extensão Rural, apresentam contribuições ricas e prudentes para desenvolver a produção no meio rural.

Trata-se de uma orientação cujas pretensões e contribuições vão mais além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção agropecuária, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tantas variáveis econômicas, sociais e ecológicas, como variáveis culturais, políticas e éticas. CAPORAL e COSTABEBER 2004

As dimensões da agroecologia quando aplicada com objetivo interventivo, se colocam como ação multidisciplinar, pois busca agir em diversas esferas da atividade humana lançando vários conceitos integrados a novos conhecimentos aliados ao progresso científico, mas, adaptado às circunstâncias ali existentes.

Mas uma vez, destaco que o contexto de desenvolvimento desta pesquisa se apresenta como campo fecundo de construção coletiva de conceitos e ações investigativas. O que nos leva a integrar nesta caminhada o conceito apresentado por Caporal e Costabeber:

A Agroecologia, como síntese e aplicação do pensamento alternativo, vem recolhendo as contribuições de diferentes fontes teóricas e transformando-se num novo paradigma científico, capaz de dar as respostas para as novas e decisivas perguntas que haverão de ser formuladas a partir deste final de século. CAPORAL E COSTABEBER 2004

Uma citação de duas décadas passadas que lida nos dias de hoje permanece com impacto de importância semelhante, pois a “síntese e aplicação do pensamento alternativo” é uma abertura de caminhos outros para agregar as ações – praxeologias – como aliadas da formação aqui estudada. Uma formação multireferenciada, integrada ao ensino médio regular, estruturado recentemente e com agravos e conflitos de aceitação, que serão ainda colocados aqui neste trabalho de forma sucinta, pois é um tema que merece uma discussão mais ampla.

Os autores, CAPORAL E COSTABEBER 2004, continuam: Assim, conceituar a Agroecologia pressupõe, inicialmente, vincular seus interesses e suas pretensões no campo da agricultura e da sociedade, Caporal e Costabeber 2004 usam o termo “interesses” como ponto de partida da abordagem agroecológica como ciência e prática de produção. Eles colocam que agricultura e sociedade estão atrelados em um campo formativo essencial para o fortalecimento das práticas de preservação do planeta.

Outro autor que caminha muito próximo desta mesma narrativa da agroecologia como ciência prática e formativa é Altieri, onde afirma que,

Agroecologia como a ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maiores níveis de sustentabilidade no curto, médio e longo prazos. ALTIERI, 1995.

É uma colocação da agroecologia não só como ciência (aquela que está distante), mas também como base formativa com potencial de uso inclusive na educação, hoje dita como formal, principalmente por conta dos processos ali integrados. Apresento aqui essa potente ferramenta, que neste estudo perpassa como fio condutor do caminhar formativo do técnico em agropecuária que usa a ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica.

Também podemos dizer que a Agroecologia se aproxima ao estudo da agricultura numa perspectiva ecológica, embora sua estrutura teórica não se limite a abordar os aspectos meramente ecológicos ou agrônômicos da produção, uma vez que sua preocupação fundamental está orientada a compreender os processos produtivos de uma maneira mais ampla. CAPORAL E COSTABEBER 2004

A citação anterior apresenta uma característica que potencializa a aplicação deste estudo como fator gerador de uma formação mais complexa. Uma abordagem que não se – limita – pois aborda os processos produtivos em amplitude complexa e orientada. Uma orientação que respeita o ecossistema em funcionamento como traz Ana Primavesi, uma pesquisadora e entusiasta das práticas agroecológicas.

Fala-se de Agroecologia, uma agricultura que respeita e utiliza da melhor maneira possível o ecossistema existente, isto é, o tropical. “Eco” vem da palavra grega *oikos* que significa lugar, o que quer dizer que temos de trabalhar com os sistemas e ciclos existentes no lugar onde trabalhamos e não transferir tecnologia de sistemas diferentes. PRIMAVESI 2001

Um trecho perturbador para o caminhar deste estudo, mas uma perturbação positiva e propositiva, por agregar conceitos práticos a formação do cidadão consciente de suas responsabilidades integradas. A primeira preocupação desta pesquisa está atrelada a observar a complexidade do desenvolvimento deste ambiente formativo “instaurado”.

A palavra “instaurado” – segundo dicionário já citado neste estudo, significa começar alguma coisa que não existia anteriormente, também é o contrário de encerrar, a atenção que quero chamar é para a complexidade de fazer cada dia de estudo integral nesta escola um ambiente formativo estratégico de convívio integrado, formador, complexo, orgânico e coletivizado.

Isso exige uma visão do conjunto da natureza de lugar, com todas as suas dependências, relações e interligações e não usar receitas prontas fornecidas por um país tecnicamente mais desenvolvido, mas com ecossistemas completamente diferentes. PRIMAVESI 2001

Essa visão de conjunto, aplicando ao estudo aqui apresentado, refere-se ao respeito da natureza do lugar onde a escola está inserida e ainda as características dos atores sociais ali envolvidos. Buscar aproveitar o potencial natural ali existente, do ambiente e das pessoas, as experiências pessoais e familiares, as interligações que podem surgir na construção desta teia formativa.

Quando Ana Primavesi, que é considerada a precursora da agroecologia no Brasil, fala de receitas prontas, entendo que se aplica também a modelos formativos endurecidos, não orgânicos e que não possibilitam considerar a complexidade como fator integrador das construções de conceitos.

Acredito que o diferencial deste estudo está na diversidade de possibilidades formativas que surgem a partir da mobilização dos praticantes e suas riquezas de ideias. Durante o período formativo que o aluno passa antes de chegar neste “lugar”, a escola de formação profissionalizante, o estudante, muitas vezes, não tem a oportunidade de envolver aspectos

culturais, sociais e emocionais no cotidiano escolar em questão, que agora, em algumas aulas lhes é permitido.

A aplicação da estratégia metodológica aqui estudada, permite que este espaço físico seja dotado de características distintas de outros lugares, muitas vezes, já frequentados por eles com o mesmo objetivo, mas que agora, é possível que a escola por meio do desenvolvimento do estudo aqui já descrito, possa incentivar que o que foi apresentado como “O que eu faço?” seja substituído por “Por que ocorre?”.

Uma proposta de descobertas, onde a ascensão do “Por que ocorre?” para o “Vou descobrir por que ocorre!” muda a situação e posiciona o praticante, pois nesse caso a autoconfiança da construção dos conceitos retira o estudante da posição do escrivão e reprodutor de ideias para o que observa, pensa e experimenta.

Os estudantes do Ensino Médio, período formativo em que ocorre esta pesquisa, são sujeitos de diferentes juventudes, mas que estão em processo de construção de identidades. No caso da Escola de formação profissionalizante, foco do estudo, ainda é necessário integrar o desenvolvimento da identidade profissional. Onde alertamos para a implementação das discussões ambientais.

Autores que desenvolveram pesquisas sobre a juventude e suas relações com o Ensino Médio, colocam que, “Investigar e analisar as relações de identidade e demarcação de território, possivelmente presente nos audiovisuais dos alunos, apresenta a representação de um panorama pouco explorado”, Oliveira 2016.

Em seu livro *Juventude e Ensino Médio: sentidos e significados da experiência escolar*, Rosângela Oliveira e Mônica Silva organizam textos de diversos perfis de pesquisas desenvolvidas em escolas de Ensino Médio com os alunos e suas demandas formativas. Logo na apresentação elas colocam que:

Em síntese, para os propósitos da pesquisa, partimos de uma compreensão que permite ver que juventude, no singular, expressa uma condição geracional ou populacional; e que no plural, juventudes, poderíamos reconhecer os sujeitos em face da sua heterogeneidade: de classe, gênero, cor, raça, etnia, credo, enfim, da diversidade de condições em que os jovens produzem suas identidades e, a partir delas, se relacionam com o “mundo da escola”. SILVA e OLIVEIRA 2016.

A pluralidade do universo escolar como ambiente formativo é de uma fertilidade expressiva. O Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff protagoniza um ambiente de relações estabelecidas pelos jovens em formação, aonde cada integrante chega com seus contornos próprios de diversos contextos históricos, sociais e culturais onde segundo o caderno II do pacto de fortalecimento do Ensino Médio no ano de 2013,

As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares, etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição das diferentes modalidades de se vivenciar a juventude. BRASIL 2013

Os alunos começam a construir ali no ambiente escolar um espaço privilegiado de demarcação de identidade juvenil. Seja pelo motivo de que estão longe dos olhares dos pais ou pela busca de representações. São ações ou práticas instituídas por eles e que condizem com a colocação destes como “jovens”. Mesmo estando distantes, muitas vezes, dos olhares daqueles não considerados jovens, eles ainda os identificam como referência.

Aqui neste trabalho queremos aproveitar esta etapa formativa para inserir nesta formação cultural/profissionalizante, as práticas de preservação do meio ambiente como um todo. Para tanto, a utilização da “ComVivência Pedagógica” como estratégia metodológica da abordagem formativa dos Técnicos em Agropecuária, apresenta um potencial inovador. A formação com viés agroecológico integrado a formação de eternos aprendentes da educação ambiental oferta um caminhar digno das possibilidades de constituições simbólicas das condições expressivas de determinados estilos da juventude.

Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural em que se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. BRASIL 2013

O autor sinaliza que os jovens em ambientes de relações humanas apresentam comunicação própria, mediada por práticas culturais de pertencimento, temos a identidade,

É importante dizer que compreende-se o conceito de identidade como representações e convenções que estabelecem relações de “pertença”, estabelecendo códigos culturais e de linguagem, “empoderando” o sujeito no espaço/tempo, nesse sentido, marcadas na diversidade juvenil. Juventude é uma categoria estabelecida. BRASIL, 2013

Neste caderno do pacto nacional pelo fortalecimento do ensino médio temos um debate sobre a questão da identidade e relação de pertença, e quando falamos de meio ambiente e formação profissional, pensamos em uma tarefa complexa como já colocamos aqui neste trabalho. Logo as reformas no Ensino Médio que observamos neste momento se concentra em enxugamento de disciplinas e uma customização formativa.

Diante disso, entendemos não serem possíveis saídas simples, receitas, roteiros predeterminados, que novamente engessem as escolas de Ensino Médio em fazeres dissociados da compreensão da amplitude da tarefa formativa nesse momento da vida dos jovens e, principalmente, dissociados dos sujeitos jovens que muito têm a dizer de si, dos seus sonhos, dos seus projetos, dos seus saberes. BRASIL, 2013

Falando de reforma, precisamos apresentar aqui o caminhar do trabalho com algumas ações realizadas em âmbitos governamentais. Consideradas importantes, essas ações se colocam como determinações para a formação humana integral, direcionadas pelas recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Apresentaremos esse caminhar de ações sobre a reforma do Ensino Médio por meio de diagramas para facilitar a leitura dos acontecimentos, mas sem transcrever todas as possibilidades de discussões sobre essa perspectiva que requer uma atenção mais precisa.

As ações governamentais estratégicas que impactaram diretamente na construção/releitura/reestruturação do ensino médio ainda não estão em processo de implementações e avaliações.

O perfil da educação básica no Brasil apresenta eventos diversos de cunho estruturante, porém existe a divulgação de que as decisões passam por “*audiências públicas, webinários, oficinas de trabalho, seminários, pesquisas nacionais com estudantes, professores, gestores escolares, além de ciclo de reuniões com entidades educacionais*”, segundo o Ministério da Educação e Cultura – MEC²⁵.

A seguir colocamos um esquema evolutivo de acontecimentos mais marcantes da estruturação da educação básica.

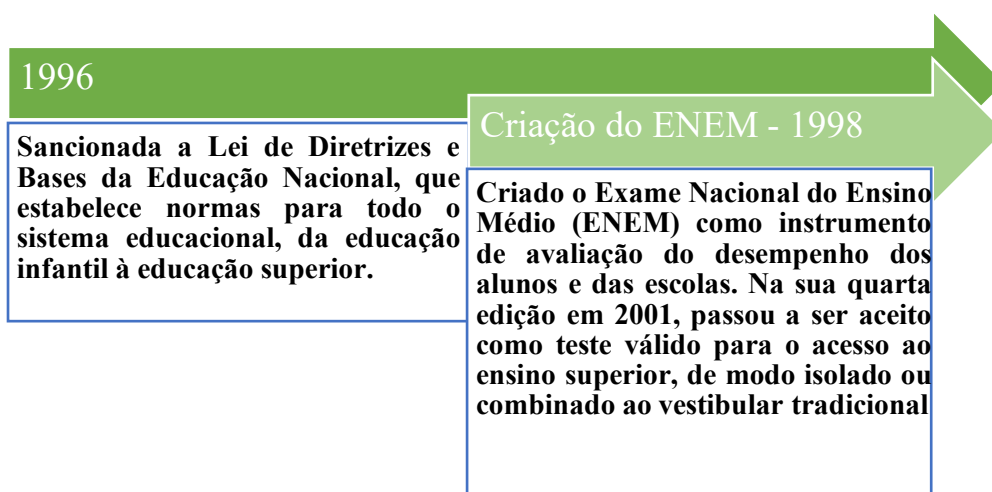


Figura 8 – Eventos do ensino médio – 1996 e 1998
Fonte: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 2024

²⁵ <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/sancionada-lei-que-reestrutura-o-ensino-medio>

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira foi sancionada em 1996, dois anos antes da criação do Exame Nacional do Ensino Médio, o que queremos apresentar aqui é que esta etapa de ensino da educação básica no Brasil ainda está em turbulenta construção.

Uma permanente busca por solucionar problemas que são identificados no exercício do fazer pedagógico/formativo, mas que na maioria das vezes são frutos de uma prática de implementação de pontos fundamentais propostos pelo governo.

A seguir apresentamos uma lista ilustrada dos acontecimentos da década de 2010 até 2020, uma faixa de dez anos, já que anteriormente também fizemos o mesmo recorte, dez anos (1990 - 2000).

Escolhemos esse perfil de dividir em décadas para caracterizar ações desenvolvidas no período de 10 em 10 anos de ações governamentais voltadas para esta finalidade, o funcionamento pleno do período de terminalidade da educação básica.

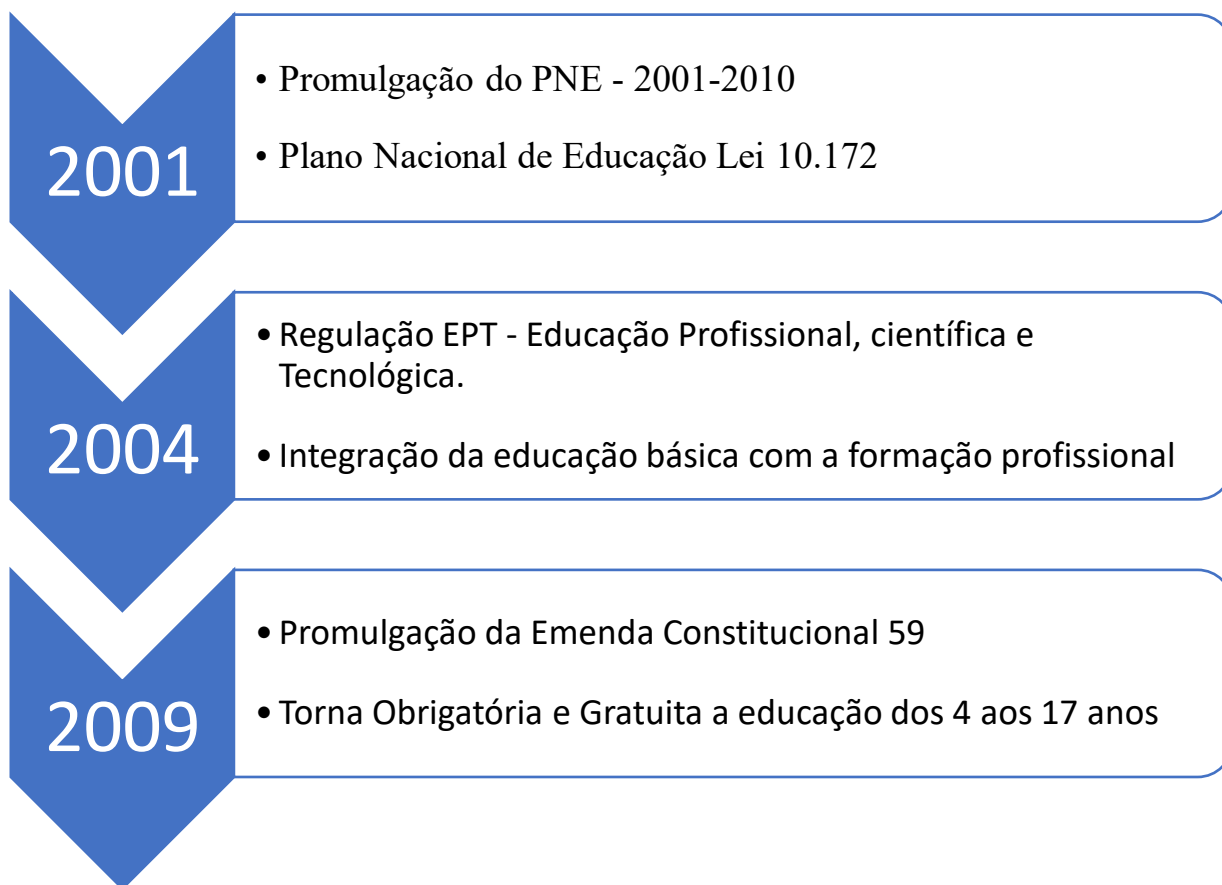


Figura 9 – Acontecimentos legais na educação 2000 - 2010

Fonte: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 2024

O Plano Nacional da Educação – PNE pode ser identificado como uma ação estratégica integrada em prol de melhorar a educação nacional. Possui metas que se desenvolvidas prometem alcançarmos os objetivos propostos.

No ano de 2004 fica regulamentada a parte da LDB que se refere a educação profissional, científica e tecnológica. Neste documento já se lê sobre a integração da Educação Básica com a formação profissionalizante. A proposta é que os estudantes já possam finalizar o período legal de formação básica com um certificado de formação profissional.

No ano de 2009 a promulgação da Emenda Constitucional 59 – incrementa as ações de universalização do ensino, ampliando a obrigatoriedade de que a União, os Estados e o Distrito Federal assegurem a oferta gratuita da educação básica para todos que necessitam, inclusive em idade distorcida da regulamentada.

E para cumprir a determinação de que se amplie a faixa de idade escolar de 6 aos 14 anos para de 4 aos 17 anos essa emenda constitucional estabelece o prazo de 7 anos.

O esquema seguinte compreende elementos legais de ações que instituem definições sobre a educação básica. Em 2014 temos a promulgação do Plano Nacional de Educação agora para o recorte de 2014 a 2024. É necessário destacar que o plano anterior elencava o período de 2001 até 2010. Seria uma lacuna?

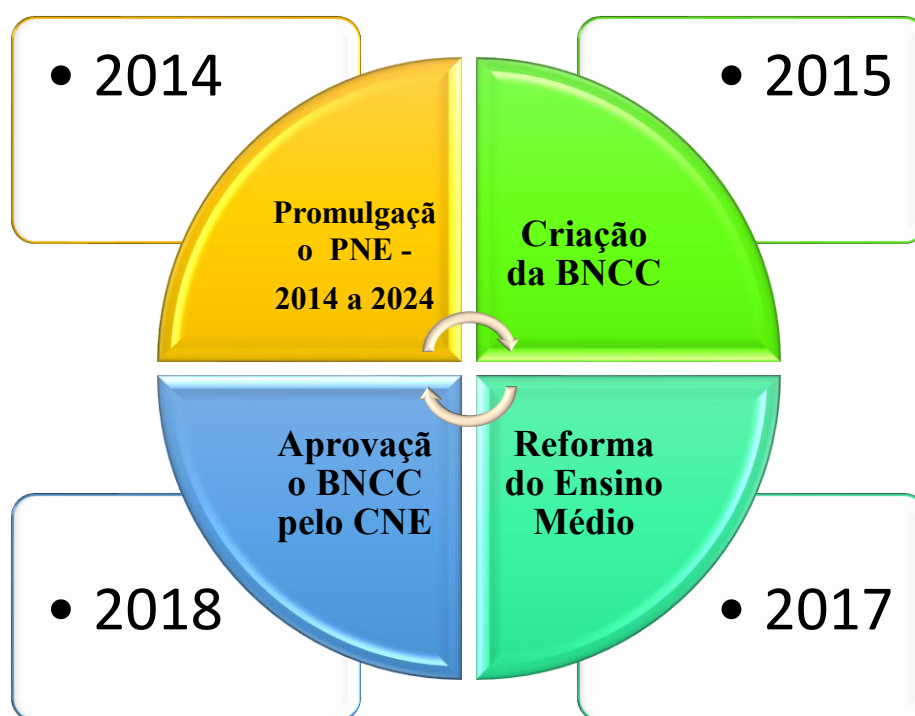


Figura 10 – Acontecimentos legais na educação período de 2014 até 2024

Fonte: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 2024

Em 2015 institui-se a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define o conjunto de aprendizagens essenciais no percurso da Educação básica. É o documento que apresenta quais as competências e habilidades são essenciais a todos os estudantes e que precisam estar desenvolvidas.

Em 2017 temos a aprovação da Lei que estabelece a reforma do ensino médio com novas diretrizes que buscam flexibilizar o currículo permitindo que os estudantes escolham seus itinerários formativos, além de garantir a aprendizagem da formação geral básica.

Já em 2018 o CNE – Conselho Nacional de Educação aprova a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio. Como a BNCC tem caráter normativo, essa etapa não precisa passar pelo Congresso para votação, precisa apenas aguardar a homologação do ministro da pasta. Algumas características desta aprovação são:

- Terão como carga horária obrigatória nos três anos do ensino médio, Língua Portuguesa e Matemática;
- Prazo até 2022 para adaptar os currículos;
- [...] que o trabalho com estes estudantes deixa de ser por disciplinas e passa a ser por resolução de problemas. *"Em vez de estudar especificamente uma disciplina de física ou química, eu posso tratar de um problema de matemática e meio ambiente, aplicar os conhecimentos conjugados. A organização [curricular] deixa de ser estanque e passa a ser mais focada no cotidiano", afirmou Deschamps*²⁶. Presidente da comissão da BNCC no CNE na época.

Neste intervalo tivemos a ocorrência de um evento mundial chamado “Pandemia”²⁷ que é um termo usado em referência a um aumento de casos de uma doença em uma ampla área geográfica. após uma declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, várias medidas restritivas precisaram ser tomadas e todo o sistema educacional/formativo foi afetado, eu ainda diria paralisado.

Estamos falando de uma doença é causada por um novo tipo de coronavírus, o SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2), o qual desencadeia sintomas graves, como: febre, tosse e dificuldade respiratória. Uma doença que podia levar à morte, especialmente o chamado grupo de risco - idosos e pessoas com problemas de saúde, como problemas cardíacos e diabetes. Um dado importante deste evento é que *“Até o dia 23 de março de 2020, foram confirmados, no mundo, 332.930 casos de COVID-19 e 14.510 mortes.”* SANTOS 2024

No esquema seguinte as ações mais recentes são representadas em modelo de mistura/filtragem de informações/ações que se mesclam para formar um todo. Na intenção de enfatizar que o resultado final desta ação está em construção.

²⁶ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/12/04/base-nacional-curricular-comum-e-aprovada-pelo-conselho-nacional-de-educacao.ghtml>

²⁷ <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/pandemia.htm>

Representa etapas de uma jornada significativa de ações nos direcionamentos da educação básica e principalmente na etapa do Ensino Médio que estabelece uma proposta formativa para o cidadão em curso para exercício pleno em sociedade.

Neste esquema temos 2022 como o ano da implementação do Novo Ensino Médio de forma obrigatória para todas as redes de ensino, organizando a trajetória dos estudantes com a formação geral básica e os itinerários formativos.

Parecendo que não foi uma tarefa muito simples de fazer, no ano de 2023 tivemos uma ação de solicitação da população representada para rever algumas diretrizes como a carga horária e as disciplinas que deixaram de ser obrigatórias

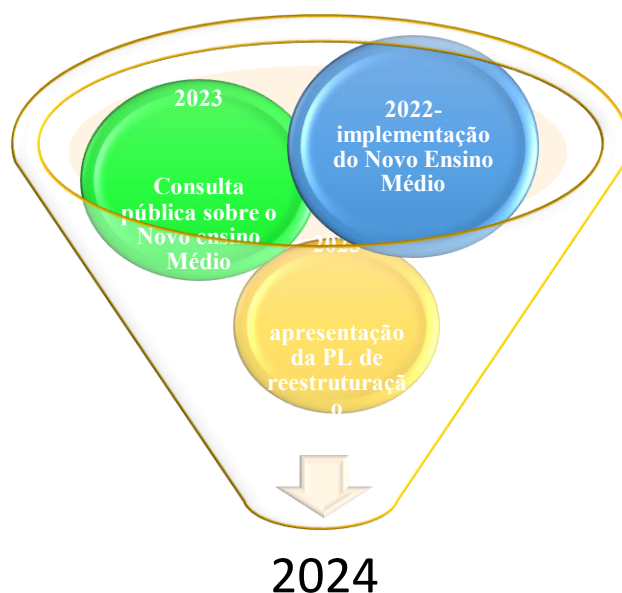


Figura 11 – Ações do período mais recente em virtude das dificuldades de implementação do Novo Ensino Médio

Fonte: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 2024

Em decorrência de uma consulta pública realizada pelo Ministério da Educação, nasce um Projeto de Lei para alterar a Política Nacional de Ensino Médio. O texto buscou solucionar questões apresentadas pelos membros das comunidades escolares como entraves desta implementação. O Governo afirma que acolheu propostas de melhorias e focou em pontos considerados fundamentais com a carga horária.

Segundo o ministro essa proposta revisada avança em três questões que ele considera fundamental:

- A retomada da carga horária da formação geral básica;
- Fomentar a matrícula de ensino técnico no ensino médio e

- Regular os itinerários formativos. Que ele garanta que “*todas as escolas ofereçam, no mínimo, alguns itinerários para a formação dos alunos, eliminando a pulverização excessiva que existia anteriormente*”.

Assim apresento mais um esquema de como fica a organização formativa desta etapa ao implementar essa proposta reorganizada.

Segue esquema,

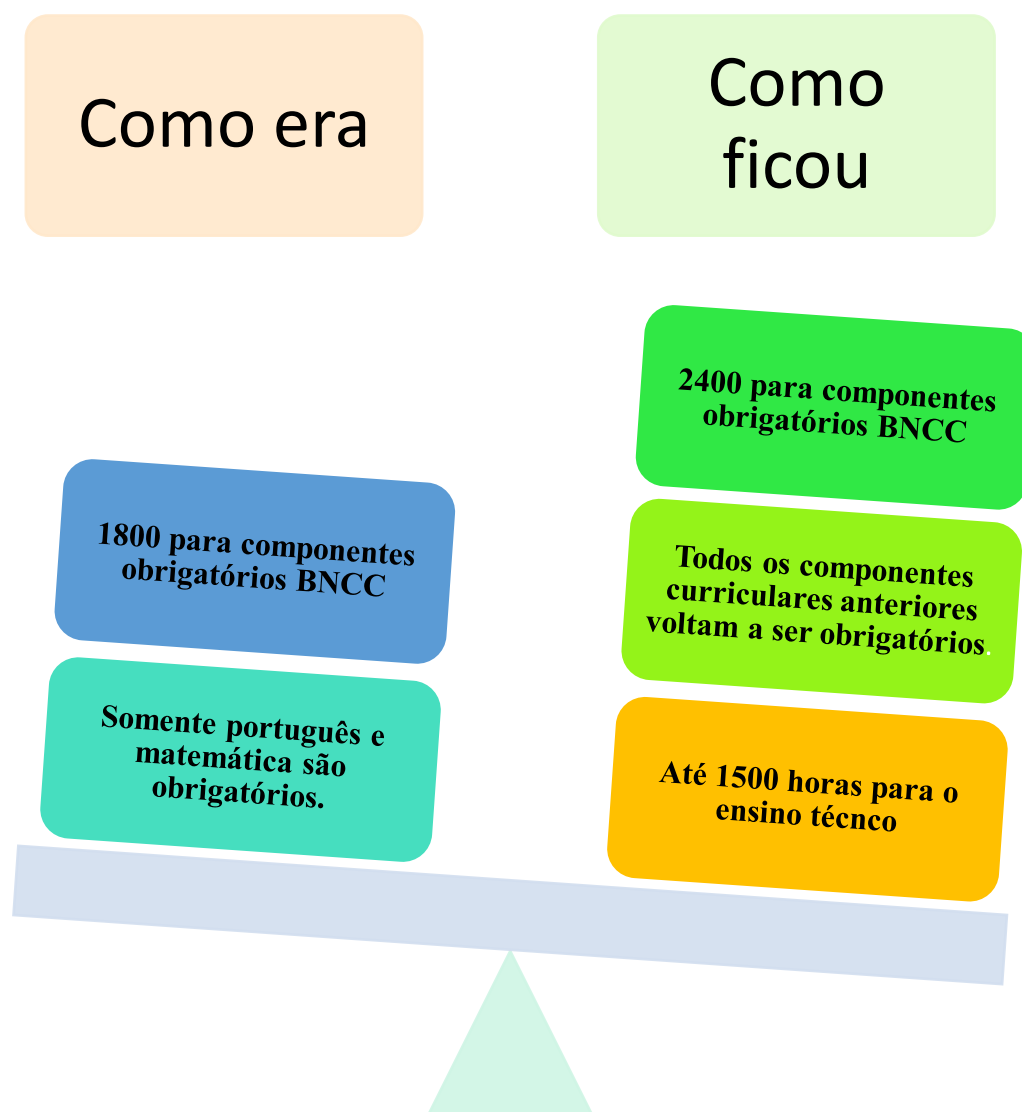


Figura 12 – Como era e como fica a estrutura com anova proposta apresentada em 2024

Fonte: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 2024

Como fica visível neste esquema a diferença fundante é o retorno das disciplinas de base formativa que tinham sido retiradas da obrigatoriedade e a releitura da carga horária obrigatória de formação. Para alinharmos esses elementos normativos apresentados com realidade do quadro de disciplinas da formação do técnico em agropecuária em tela neste estudo, temos a

seguir uma tabela com as disciplinas que integram a grade de formação dos estudantes que participaram da pesquisa.

HISTÓRIA			ZOOTECNIA	GESTÃO E LEGISLAÇÃO AMBIENTAL
HISTÓRIA		PROJETO DE VIDA	MATEMÁTICA	GESTÃO E LEGISLAÇÃO AMBIENTAL
FILOSOFIA	ZOOTECNIA	PROJETO DE VIDA	PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS	GESTÃO E LEGISLAÇÃO AMBIENTAL
FILOSOFIA	ELETIVA 2	LÍNGUA INGLESA	PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS	PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS
EDUCAÇÃO FÍSICA	MATEMÁTICA	LÍNGUA INGLESA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	BIOLOGIA
EDUCAÇÃO FÍSICA	MATEMÁTICA	ELETIVA 1	MATEMÁTICA	BIOLOGIA
FÍSICA	QUÍMICA	GEOGRAFIA	AGRICULTURA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS
FÍSICA	QUÍMICA	GEOGRAFIA	AGRICULTURA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS
ELETIVA 3	LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	ZOOTECNIA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA
ELETIVA 3	LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	AGRICULTURA		LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA

Figura 13 – Quadro de disciplinas do primeiro ano do ensino médio técnico em agropecuária

Fonte: Quadro de Horários – SEEDUC-RJ Online, 2024

PROJETO DE VIDA	ZOOTECNIA		PLANEJAMENTO E PROJETO	BIOLOGIA
PROJETO DE VIDA	ZOOTECNIA		PLANEJAMENTO E PROJETO	BIOLOGIA
HISTÓRIA	AGRICULTURA	ELETIVA 3	MATEMÁTICA	FÍSICA
HISTÓRIA	AGRICULTURA	ELETIVA 3	TOPOGRAFIA E GEORREFERENCIAMENTO	FÍSICA
MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS	ZOOTECNIA	ARTE	PLANEJAMENTO E PROJETO
MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA	AGRICULTURA		ARTE	ELETIVA 1
TOPOGRAFIA E GEORREFERENCIAMENTO	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	EMPREENDEDORISMO E ADMINISTRAÇÃO RURAL	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
TOPOGRAFIA E GEORREFERENCIAMENTO	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	EMPREENDEDORISMO E ADMINISTRAÇÃO RURAL	CONSTRUÇÕES RURAIS E DESENHO TÉCNICO
GEOGRAFIA	QUÍMICA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	EMPREENDEDORISMO E ADMINISTRAÇÃO RURAL	CONSTRUÇÕES RURAIS E DESENHO TÉCNICO
GEOGRAFIA	QUÍMICA	ELETIVA 2	CONSTRUÇÕES RURAIS E DESENHO TÉCNICO	

Figura 14 – Quadro de disciplinas do segundo ano do ensino médio técnico em agropecuária

Fonte: Quadro de Horários – SEEDUC-RJ Online, 2024

AGRICULTURA	SOCIOLOGIA	ELETIVA 3	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM
AGRICULTURA	SOCIOLOGIA	ELETIVA 3	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM
AGRICULTURA	ELETIVA 2	ZOOTECNIA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM
	PROJETO DE VIDA	ZOOTECNIA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	PLANEJAMENTO E PROJETO
		LÍNGUA INGLESA	MANEJO DE RESÍDUOS	PLANEJAMENTO E PROJETO
ELETIVA 1	ZOOTECNIA	LÍNGUA INGLESA	MANEJO DE RESÍDUOS	TURISMO RURAL
EDUCAÇÃO FÍSICA	PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	TURISMO RURAL
EDUCAÇÃO FÍSICA	PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	PROCESSAMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA	LÍNGUA PORTUGUESA/LITERATURA
MATEMÁTICA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS	PROJETO DE VIDA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS	MATEMÁTICA
MATEMÁTICA	LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS		LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM

Figura 15 – Quadro de disciplinas do terceiro ano do ensino médio técnico em agropecuária

Fonte: Quadro de Horários – SEEDUC-RJ Online, 2024

Se formos aguardar uma estabilização nas ações governamentais para impregnar de sanidade o ambiente formativo, estaremos em vias de lançar mão de oportunidades formativas diversas e ainda podemos ver escoar talentos dos mais espetaculares.

Por isso buscamos analisar a trajetória legislativa da educação básica, entendendo que o governo quer respostas imediatas sobre uma visão constitutiva que depende muito das características reais dos espaços escolares, das condições de trabalho e da disposição para mudanças. Sabemos o quanto estas chamadas “reformas” na educação básica são mal fadadas, pois o sucesso do caminhar formativo depende do diálogo formativo em ação onde todos interagem, onde o coletivo está disposto.

São ações que para alcançar resultados iniciais dependem de todo grupo escolar envolvido como afirma Jaqueline Moll e Sandra Garcia,

As respostas exigem, também, disposição para mudanças – não meras “reformas”, tão conhecidas e mal fadadas – que implicam diálogo entre professores, gestores, funcionários, estudantes, pais e a reinvenção das escolas como efetivas comunidades de convivência onde cada um e todos podem dizer a sua palavra e, dizendo-as, possam construir novos conhecimentos, habilidades, experiências que permitam uma inclusão emancipatória nesta sociedade, que cabe a todos transformar. MOLL E GARCIA

Quando a escritora fala da reinvenção das escolas como efetivas comunidades de convivência, ela nos recoloca no caminhar deste estudo. Atualmente assistimos movimentos muitos centrados nos docentes e discentes da educação básica. A comunidade escolar e os atores sociais do entorno, e nesse caso mais especificamente, que a escola fica geograficamente integrada no ambiente produtivo agrícola, ficam como ouvintes ou assistentes passivos das ações de mudanças no ambiente escolar.

Encontrar o termo convivência na citação sobre construção de novos conhecimentos, habilidades e experiências move nossas forças para a pesquisa aqui apresentada. Onde foi possível acompanhar a complexidade de permitir que todos os praticantes das ações de construção de conceitos possam decidir o que irá compor o ambiente formativo.

A frase final desta citação, sobre “caber a todos transformar” integra significativamente esse trecho do trabalho que teve como nome característico – a construção prática dos sentidos integrando o caminhar formativo: Uma intencionalidade Formadora – o que mais uma vez fortalece e valida a aplicação desta pesquisa como método.

Foram desenvolvidas neste estudo ações que fortaleceram a mitigação do pensamento padronizado de formatos de transferência de conteúdos engessados, porém fortalecidos nos cotidianos escolares. A elaboração do ambiente formativo busca respeitar as escolhas dos praticantes e as mudanças necessárias no decorrer do desenvolvimento dos estudos. Na busca

de se furtar de seguir os padrões julgados necessários pelos arranjos sociais hegemônicos, como nos apresenta Arroyo 2014, entendemos que devíamos inclusive identificar qual tipo de perfil de aprendizagem os praticantes se identificavam.

Nos padrões tão desiguais de poder, de trabalho, de renda e de conhecimento, o destino de todos os jovens será o mesmo? Nem a diversidade de gênero, raça, etnia e espaço dos adolescentes, jovens e adultos e dos próprios docentes é a mesma de décadas recentes. ARROYO 2014

A afirmação de Arroyo nos lembra da dificuldade que é praticar todos os dias nas escolas ações de formação coletiva sem agredir metodologias já instaladas, mas atendendo as necessidades heterogêneas e plurais de cada integrante do processo. O parecer do CNE apresenta em seu texto orientações sobre tempos e espaços caracterizados como plurais e heterogêneos, para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem. Como segue:

... a organização do Ensino Médio deve oferecer tempos e espaços próprios para estudos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais diversificados, a fim de melhor responder a heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas especificidades etárias, sociais e culturais, bem como sua fase de desenvolvimento (Art. 14, XI). BRASIL 2011

E assim mais uma vez voltamos a identificar que a pedagogia da escuta favorece a construção do ambiente formativo e potencializa a criação deste ambiente acolhedor e inclusivo, proporcionando conforto aos estudantes para expressarem suas opiniões e ideias. Sabemos que para isso é necessário garantir, como diz Inês Teixeira em seus escritos, - A palavra -

... como a palavra tem estado presente em nossas relações com a garotada? Ou, que silêncios as escondem? Quais dinâmicas dificultam ou reprimem a palavra deles, de nossos jovens estudantes? Ainda que a palavra não possa faltar ao docente, ela também não pode faltar ao discente, pois somos, ambos, educadores e educandos, sujeitos de cultura. TEIXEIRA 2014

Encontrar o ambiente onde a “palavra”, todas, possam realmente ser consideradas nas relações estabelecidas, ali se formará a prática docente, nesse caso entre adultos e profissionais em formação. Porém profissionais que ainda estão no período da adolescência, com uma cultura própria, bem diferente de outras etapas da educação básica. Mas sim em uma convivência onde se permitido for, os praticantes podem colocar como parte do ambiente formativo suas culturas já estabelecidas, suas ideias e necessidades, ou seja, suas demandas. E assim podemos identificar uma relação, passo importantíssimo para as relações do processo de ensino e aprendizagem. Sabemos que a etapa da educação que se encaixa o ensino médio é a um ambiente de terminalidade da educação básica, porém aqui no ambiente desta pesquisa, também é o passo inicial para a formação de um profissional reflexivo.

O engajamento participativo pode aumentar seu estímulo para novas aprendizagens, melhorar a escrita e provocar o desenvolvimento da capacidade de argumentação para a defesa de pontos de vista. Nesse sentido, a participação pode ser entendida como um processo educativo que potencializa os processos de aprendizagem no interior da escola. E, da mesma forma, pode contribuir para a constituição de amplos processos formativos. BRASIL, 2013

Amplos processos formativos fazem parte da trajetória da formação profissional, que neste caso está integrada em uma zona de socialização secundária como caracterizou Peter Berger e Thomas Luckmann e citado por Paula Corti em uma coletânea de artigos no livro “Juventude e Ensino Médio.

A socialização secundária é posterior à primária e permite introduzir um indivíduo já socializado em novos setores da vida social. Numa sociedade diferenciada e especializada como a nossa, há necessidade de preparar os indivíduos para essas diferentes tarefas por meio da socialização secundária. Por isso, a socialização secundária tem uma função diferenciadora. CORTI, 2014

É por uma função diferenciadora que estamos lutando nesta pesquisa, investir energia em avançar em uma educação emancipadora, de impacto em diversas áreas da formação humana, e destituir o conceito de formação desqualificada, por estar atrelada ao ensino médio regular, como ouvimos algumas vezes.

Após dialogar com estes conceitos e estas perspectivas formativas narradas por estes prestigiados autores, nos vemos diante de uma responsabilidade complexa, compartilhar espaços tempos formativos com jovens em tempo de terminalidade da educação básica e inicialização no mundo profissional. Guimarães fala sobre esse ambiente educativo e suas dimensões,

O ambiente educativo é emocional, impregna-se pela vivência de seres integrais que somos (racionais e emocionais). É necessário vivenciarmos nossa relação com o meio de forma integral, complementando as dimensões racional e emocional do ser, e integrando-se às relações dinâmicas interdependentes que constituem a natureza. GUIMARÃES, 2004

Viver essa relação integral com o meio compreende sair da zona de conforto e talvez, quase sempre caminhar para a uma relação de responsabilidade com o outro, com o meio e consigo mesmo. Será um exercício de liberdade responsável para a elaboração do ambiente formativo, Noeli Granier em seus estudos sobre os princípios da ComViVência Pedagógica analisa que estar desacomodado e vivendo como parte ativa do ambiente formativo, os praticantes se tornam viventes de elementos mobilizadores de transformações do que os incomoda. E segundo Granier, este movimento interno, é provocado pela indignação e é beneficiado pela práxis coletiva e solidária entre os praticantes em formação.

A combinação da palavra Indignação com Ética propõe que este Princípio provoque no sujeito em formação a vivência do “sentir” que algo está errado (indignar-se), tendo a perspectiva ética na base deste sentimento. Consideramos que o vivenciar do sentimento de injustiça socioambiental sob um prisma da ética, é um forte elemento mobilizador, que fortalece o desenvolvimento do sujeito ético ativo e contribui para o exercício do Ser Mais Ambiental. GRANIER 2020

O princípio da indignação ética aparece aqui neste estudo como ferramenta fortalecedora de ações de mudanças nas metodologias apresentadas até então aos praticantes. Apresentando – perspectivas que levam naturalmente ao rompimento com a individualização hegemônica e a desestabilização das certezas impostas pelo determinismo da modernidade e sua proposição de um “caminho único” –, como afirma Granier 2020.

A autora apresenta a indignação ética como meio de abrir-se para a diversidade do possibilismo da construção do novo, oportunizando outras condições e alternativas de relações no mundo. NOELI, 2020

E na educação básica, é preciso inserir e/ou aprimorar essa indignação integrada com aética de ações urgentes sobre os problemas ambientais, e nesse caso,

No contexto da Educação Ambiental, é muito comum o pensamento de um presente contraído e de um futuro alargado, no sentido de que as consequências da degradação ambiental ainda estivessem longe de causar grandes problemas na realidade cotidiana; como se os problemas ambientais não pudessem nos afetar de imediato, portanto, pudessem ser postergados. Porém, o que a realidade dos últimos tempos vem nos mostrando é que tais problemas têm se tornado cada vez mais presentes e constantes, o que demanda atitudes urgentes. RONCONI e TRISTÃO, 2016

O aprimoramento da indignação ética que iremos apresentar traz uma conversa com autores que podem nos alicerçar de forma conceitual e analítica sobre as ações que podemos estruturar para avançar nos caminhos complexos de uma formação integrada.

Buscaremos apresentar uma perspectiva de utilização dos princípios da agroecologia como elementos integradores e aliados dos princípios formativos da ComVivência Pedagógica na relevância do espaço formativo e suas narrativas, como ferramentas da construção de novos sentidos e novas relações.

2.2 O aprimoramento de uma “Indignação Ética”

O caminho de identificação das complexidades formativas diante do uso desta estratégia metodológica, apresentou riquezas de informações e conceitos. Analisar as narrativas possibilitou uma pluralidade de reações e identificações.

Trazendo destaque para o perfil voluntariado dos estudantes praticantes desta pesquisa, se percebe que como integrantes de uma formação contextualizada estes se envolvem em uma perspectiva socioeducativa. Martha Tristão Ferreira em seus estudos sobre narrativas apresenta esta dimensão.

Dentro de uma perspectiva socioeducativa, o trabalho com comunidades e escolas e a dinâmica das ações de Educação Ambiental em um determinado tempo/espço envolve questões que se tornam, cada vez mais, complexas e conflituosas não só do ponto de vista ambiental, mas também das dimensões da vida em sociedade, de modo geral. Tristão 2009

Na apresentação das narrativas dos autores que dialogam conosco na estruturação das análises da pesquisa em curso, encontramos rumos para múltiplas identificações, como a dinâmica das ações de educação ambiental, as intencionalidades das relações formativas, além dos movimentos de consonância dos espaços tempos formativos.

Durante a aplicação do estudo e observação participante compreendemos que a agroecologia como viés formativo não pode ser vista apenas como um conjunto de práticas amigas do meio ambiente. Mas como uma ciência praxiológica que quando integrada a outras premissas intencionadas em fortalecer dimensões da vida em sociedade, direciona com potência o processo formativo.

É necessário destituir das práticas formativas a visão do pensamento contraído por um presente imediato e único, onde as consequências das ações de agra não serão mais vistas em vida. A agroecologia como fio condutor de um processo formativo envolve a utilização de forma aplicada e experimentada de diversos conceitos. Entre eles podemos citar os que são de fundo ecológico, sociológico, econômico, jornalístico e diversas outras áreas do conhecimento que dinamizam o ambiente formativo.

O lócus da pesquisa se encontra em um ambiente socioeducativo, pois ao considerar o que diz Ferreira 2009, o tempo/espço que envolve esta escola apresenta suas complexidades onde podemos observar a interação dos movimentos experienciais coletivos e intensos da agroecologia no caminhar formativo dos técnicos em agropecuária em educadores ambientais.

E pensando sobre as condições do sistema educacional que envolve esse ambiente, podemos dizer que,

Complexificando um pouco mais, seria pensar na própria relação da sociedade com essa lógica do sistema educacional. Provocar o pensamento para além da ideia de causa e efeito ou das teorias reprodutivistas, a fim de se obter uma relação dialógica, em que ambas – causa e efeito – estejam coengendradas, modificando-se mutuamente. RONCONI E TRISTÃO 2016

E para ir para além da ideia de causa e efeito, reforçamos a importância de garantir a relação dialógica por meio das narrativas que cruzam perfis e trajetórias. Na busca de entrelaçar os processos que integram a formação dos sujeitos sociais por meio das experiências problematizadas e complexificadas, este estudo aborda identificar caminhos que provoquem processos formativos outros.

O estudo apresentado por Ferreira 2009, fala de formação em espaços/tempos formativos, apresentando destaque para os contextos praticados e constituídos, e nesse processo, como buscamos no caminhar dos objetivos específicos deste trabalho, temos uma relação dialógica. Onde o processo de reconhecimento de um ambiente formativo construído pelos praticantes e as relações ali estabelecidas por meio da estratégia metodológica utilizada apresenta uma intencionalidade de formação de consciência sobre as ações ali instituídas.

Neste ambiente de relações ocorrem os sentidos atribuídos ao lugar e as ações, mesmo que com intencionalidades subjetivas, esses sujeitos coletivos se colocam como que em uma “trama”, termo utilizado por Ferreira, como segue:

A trama meio ambiente-sociedade-educação ambiental relaciona-se diretamente com o cotidiano e a historicidade das comunidades-sociedades e ecossistemas em geral, uma vez que envolve o processo de “ser sendo” sujeito no coletivo, na relação com o mundo, com o meio ambiente e na sua compreensão e participação nos modos sustentáveis de vida. Tristão 2009

E são com os atuais modos de vida que buscamos aprimorar a indignação ética, em uma arena dialógica formativa que recebe diferentes posturas com ideologias distintas. O ambiente formativo se consolida como espaço social e político ao ponto que interagem ali ações e dinâmicas em amplitudes diversas do criar, fazer e construir percursos.

Existem sim conflitos, mas o lidar com eles difunde pensamentos e promove posturas, o sentimento de indignação já começa na quebra do preconceito pela escolha por trabalhar com terra, ou com “as mãos na terra”. A formação do técnico em agropecuária ainda é vista pela sociedade e pela juventude, como menos valiosa do que outras consideradas clássicas. Mas se observarmos, este curso profissionalizante, dinamizado logo na fase de transição da adolescência para a juventude se torna uma oportunidade de tirarmos aqueles jovens que ainda estão alheios ao que se passa na sociedade, e ainda menos sobre as questões ambientais.

Respeitar a vocação agrícola da região é também respeitar o meio ambiente como afirma Ferreira 2009, “A vocação agrícola de algumas regiões justifica e naturaliza a inserção da Educação Ambiental nas escolas, como uma demanda mesmo da realidade sociocultural e ambiental local”. Estamos indicando caminhos para formação de um ser mais ambiental, como afirma Granier 2020,

A perspectiva do “Ser Mais Ambiental” não se limita ao comportamentalismo pelo qual o sujeito de adequa aquilo que é colocado como “sustentável ao desenvolvimento” ou “ecologicamente correto” pelo sistema dominante. Ainda que tais comportamentos façam parte de um ideário ecológico, o Ser Mais Ambiental vai além disso. Ele se constrói pela práxis. GRANIER 2020

E é essa construção pela prática que nos colocamos novamente para além da observação da complexidade existente, nos encontramos identificando maneiras amplas de consolidar diversos espaços tempos formativos.

Sacar esses jovens o quanto antes das “armadilhas paradigmáticas” de diversas concepções hegemônicas que acompanham a educação básica, contribui para que se preencha as lacunas deixadas pelo período de formação inicial que pontualmente tenha abordado as questões ambientais. Segundo Martha Tristão Ferreira, ainda temos que mudar o imaginário predominante na sociedade, aquele que dissocia tudo do natural,

No imaginário da sociedade em geral ainda predomina uma racionalidade cognitivo-instrumental e tradicional da educação, uma tendência que reduz a educação a transmissão de informação e de conhecimento, de uma realidade socioambiental fragmentada e binária que dissocia a cultura da natureza, a sociedade da natureza. Isso interfere diretamente nas práticas da Educação Ambiental que luta na contra-hegemonia dessa concepção. Tristão 2009

Estamos falando de uma mudança em cascata, porém cíclica, estudante; estudante em formação; ser mais ambiental; profissional em sociedade; profissional em função, sociedade em transformação, sujeitos praticantes; estudantes.

A imagem seguinte foi elaborada para fortalecer o pensamento de mudança em cascata ao qual nos referimos, visando ainda salientar que as direções não precisam ser únicas e podem provocar reflexões formativas a todo momento.

Uma ação orgânica de aprendizados contínuos e fortalecedores, onde os estudantes que se colocarem disponíveis para integrar como praticante do ambiente formativo que é fruto de uma construção coletiva, podem se transformar em um ser mais ambiental, preocupado com as questões socioambientais e suas vertentes. No caso do estudo em tela temos a formação de profissionais que podem atuar como gestores do uso responsável dos recursos naturais, profissional em sociedade. A inserção destes profissionais em uma sociedade que caminha em direções diferentes das que buscam a preservação ambiental pode potencializar transformações significativas nesta sociedade, onde estão, estarão ou estariam os sujeitos praticantes que podem se interessar e buscar a construção de conceitos se transformando em sujeitos praticantes.



Figura 16 – Uma formação cíclica

Fonte: A autora, 2024

Essa formação cíclica potencializada pelos princípios formativos integrados, da agroecologia com os da ComVivência Pedagógica nos aproxima de uma compreensão de significados de diversos de um ambiente formativo tecido por praticantes e fortalecido por mecanismos para a construção de uma indignação ética.

Esses jovens em potencial são engajados em ascender um lugar na sociedade, e por que não direcionar essa energia para o desenvolvimento de uma marca identitária de formação preocupada com as questões ambientais. É uma ação que colabora para aproximar e intensificar os processos, incluindo as aprendizagens e posturas importantes na concepção das posturas conectivas.

Tal processo de elaboração é fertilizado pelas experiências vivenciais que potencializam os aportes das abordagens educativas propostas, onde o sujeito vivencia, individual e coletivamente, a construção de novos sentidos do existir, através de posturas conectivas de reciprocidade e dialogicidade, que funcionam como vetores para a percepção da multidimensionalidade e interdependência existente no Todo. GRANIER 2020

Essas experiências vivenciadas destacam oportunamente o quanto os princípios aqui trabalhados e potencializados pela construção do ambiente educativo, constitui de forma cíclica a inserção dos aspectos sociais e ambientais na trajetória formacional dos praticantes. Retirar os jovens da conformidade formativa institucionalizada pela educação básica e lançar mão de integrar em sua proposta formativa métodos e técnicas mais ligados a identificação de procedimentos alternativos para as práticas na agricultura e sensíveis ambientalmente, muda o rumo dominante e hegemônico consolidado.

Assim, esses espaços e lugares acabam se constituindo como referenciais e ainda que os jovens venham a recriar suas regras de convivência – especialmente aquelas aprendidas na família – os seus repertórios e percursos de engajamento militante são reflexos dessa interação com as diversas instituições sociais, que vão desde a família, alonga-se pela escola e prolonga-se por meio de coletivos sociais e culturais, a exemplo dos próprios grupos juvenis. CRISTO E BARZANO 2019

Um dos princípios da agroecologia está diretamente ligado a justiça social, promover um ambiente formativo socialmente justo, também faz parte das premissas de implementação desta estratégia metodológica. Caporal e Costabeber em seus estudos sempre colocam a ótica trazida por eles sobre a premissas da agroecologia. Que não estamos diante de modelos produtivos, como também não estamos diante de modelos formativos, é preciso ficar bem definido. E para pontuar como esses autores colocam as premissas da agroecologia, apresentamos a seguir um trecho dos escritos de 2004 sobre agroecologia e extensão rural.

Nessa ótica, e isto provavelmente constitua a principal virtude da Agroecologia –enquanto campo de estudos de caráter multidisciplinar–, suas pretensões e contribuições vão muito além dos aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção, incorporando dimensões mais abrangentes e complexas que incluem tantas variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da produção agrícola. Estas são condições importantes quando se têm em conta as possibilidades de transição da agricultura convencional para estilos de produção com base ecológica e, portanto, com maiores graus de sustentabilidade nos médio e longo prazos. CAPORAL e COSTABEBER 2004

E porque que buscamos um livro de extensão rural que fale da agroecologia? Por entender que estar lançando em uma formação técnica que colocará em função na sociedade profissionais formados para prestar assistência técnica em ambientes produtivos das mais diversas interações com o meio ambiente.

Nesta percepção de que o ambiente formativo se destaca por incentivar a formação por meio da troca dialógica de saberes, entendemos que na diversidade de perfis dos praticantes e em esferas individual e coletiva exerce papel fundamental no estímulo de potencializar estes egressos, quando se tornarem profissionais, integrar espaços de formação identitária e enriquecê-las de significados.

Que significados seriam esses? Analisando toda uma perspectiva já colocada aqui nesta pesquisa, a formação por meio de aparatos coletivos de implicação ao estímulo de engajamento de estruturação de identidades, potencializa arquear as interfaces interdisciplinares da agroecologia e, também da ComVivência Pedagógica.

Na diversidade em que ocorre o perfil dos sujeitos praticantes da Educação Ambiental, caracterizam-se, em geral, por interfaces envolvendo as áreas educacionais, de gestão ambiental, cultural e de ação social, mas refletem, de

certa maneira, sua própria história, diferentes e renovados saberes e também narrativas peculiares desse “serestar”, para além do que pudéssemos classificá-la tão-somente como “profissão”. FERREIRA 2009

Esse trecho da professora Martha me encanta, pois fala de história e renovação de saberes por meio de narrativas. Logo, diante de uma proposta de unir e não somente, integrar fortemente os saberes e as práticas estabelecidas por aprendizagens que vão além deste projeto de pesquisa, é uma atividade de implementação de ambientes formativos integradores que fortaleçam ações interventivas complexas e orgânicas.

As narrativas estão colocando a pesquisa aqui estruturada como avanço na estrutura formativa de profissionais que serão responsáveis por gerir ambientes produtivos que interagem diretamente com os recursos naturais renováveis ou não e outrora serão os formadores de atores sociais diversos.

Olhamos como funciona a perspectiva de análise das narrativas, quando cada um se coloca a narrar, nesse caso, especificamente sobre a proposta de caminhada formativa integrada com premissas tão significativas, de forma voluntária e socializada, visualizamos, neste estudo, uma dissolução dos limites que trariam entraves para uma formação ampla, plural e não apenas sistêmica.

É nas narrativas dos jovens – sujeitos da pesquisa – que se percebe a relevância de colocar as questões ambientais como elementos centrais nas agendas políticas educacionais, dos movimentos sociais, governamentais e sindicalistas. CRISTO E BARZANO 2019

Uma citação que envolve de forma relevante e abrangente, Cristo e Barzano, em período bem recente, os autores colocam que podemos visualizar que o impulso possível de ocorrer na esfera socioeducativa, mudanças extremamente potentes para subsidiar elementos fortalecedores para integrar debates em questões ambientais.

O caminhar pelos “Princípios”²⁸ da ComVivência Pedagógica possibilita uma relação integradora em uma dinâmica não sistêmica, mas que permite que praticantes possam viver, integrar e sentir as ações formativas deste ambiente. Esses princípios provocam vivências experimentais formativas voluntariadas intensificando debates sobre a problemática ambiental em uma ótica dissociada do que é apresentado como padrão.

A indignação, para a nossa perspectiva aqui traçada, é o passo para buscar uma mudança e para não nascer desta indignação ações insensíveis, mas sim uma reflexão crítica sobre as possibilidades existentes, ou até mesmo uma intencionalidade transformadora do que já está

²⁸ Os cinco Princípios Formativos - reflexão crítica, postura conectiva, desestabilização criativa, indignação ética, intencionalidade transformadora – são dinamizadores deste ambiente de “ComVivência Pedagógica”, conferindo potencialidade à proposta. Granier 2020

posto como verdade. Com o uso/aplicação do recurso das narrativas que permitem momentos de escuta reflexiva retroalimentada por narrativas de realidades de pontos de vista distintos, temos a vivência da práxis resultante da experiência formativa em loco.

Assim, a importância dada ao ambiente educativo na abordagem teórico-metodológica da “ComVivência Pedagógica”, deve-se ao pressuposto de que é nele que a proposta se expressa e se potencializa. Sendo que a sua construção coletiva, pela vivência da práxis resultante da experiência imersiva neste ambiente, se expressa como um de seus diferenciais mais relevantes para processos formativos de educadores ambientais transformadores, e em contínuo movimento de transformação. GRANIER 2020

A experiência imersiva em ambientes formativos se dá, diante do estudo aqui apresentado, por meio da permanência dos estudantes por dez horas seguidas durante cinco dias da semana, na maioria das vezes, pois em oportunidades formativas, pode ocorrer de ficarem até seis dias por semana. Utilizando a agroecologia como viés formador do profissional – técnico em agropecuária – resulta em introduzir neste ambiente a proposta fundamental da agroecologia.

Como a agroecologia, muitas vezes aparece como apenas uma dinâmica de abordagem agrícola/agropecuária, fica subentendido ou não entendido, o real benefício de toda ciência praticada. Para falarmos um pouco de quanto e como esses fundamentos da agroecologia podem enriquecer o ambiente formativo e produtivo por meio da adoção de práticas sustentáveis colocaremos aqui os dez princípios fundamentais estabelecidos pela FAO.²⁹

- **Diversidade** – em todos os âmbitos deste termo, seja na produção diversa e/ou no ambiente diverso.
- **Co Criação e compartilhamento de conhecimentos** – proporcionar o acesso livre ao conhecimento da agroecologia e suas premissas.
- **Sinergias** – cooperação das partes envolvidas em prol de um alcance maior
- **Eficiência** – prezar por manter ou agregar práticas que promovam a eficiência produtiva e das relações ali estabelecidas.
- **Reciclagem** – buscar a produção de lixo zero
- **Resiliência** – enfrentar e superar adversidades, se adaptar e reinventar
- **Valores humanos e sociais** – buscar atender de acordo com cultura local, os direitos trabalhistas e as diretrizes sociais já estabelecidas aos domínios e práticas estabelecidos
- **Cultura e tradições alimentares** – entender os perfis culturais de onde as práticas ecológicas estão sendo implementadas e respeitá-los.
- **Governança responsável** – fazer uso de procedimentos administrativos que não apresentem ações danosas para o sistema agroalimentar estruturado.
- **Economia circular e solidária** – buscar implementar e desenvolver ações que fomentem a economia circula e local. FAO, 2024.

²⁹ Organização da Nações Unidas para Alimentação e Saúde, que busca transformar os sistemas agroalimentares e preparar o planeta para o futuro frente aos desafios, assim tem marco estratégico de 2022-2031

Os princípios fundamentais da agroecologia estruturados pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Saúde potencializa ainda mais as propostas de integração agregada a este estudo enquanto potência formativa integrada e orgânica.

Esses espaços formativos e suas potencialidades digitadas na construção dos conceitos em espaços formativos instituídos coletivamente apresentam uma diversidade de aparatos específicos deste “lugar” como impressões de culturas, de formas de compartilhar e construir conceitos, interação didática e difusão da experiência em coletivo em espaços onde podem nascer os futuros ambientalistas.

Observemos o que Cristo e Barzano apresentam sobre jovens que transitam e ao transitar se forjam,

Os espaços pelos quais os jovens ambientalistas transitam e atuam – família, escola, universidade, trabalho, grupos, coletivos, organizações e movimentos – para além de forjar suas identidades, acabam assumindo a condição de lugares de socialização e de formação política. CRISTO E BARZANO 2019

Na observação de como se constrói o ambiente formativo e as relações ali estabelecidas observamos, diante da complexidade, o tecer de uma formação em rede, da égide de uma implicação formativa permanente com o ambiente estabelecido e potencializado.

É dentro dessa complexidade – desse tecido junto – que se torna importante reconhecer que a formação está embrenhada em uma rede de aprendizagens coletivas e de agenciamentos em que fomos/somos/estamos sendo constituídos sempre enredados/implicados com o meio ambiente. Nessa rede de aprendizagens tecida no cotidiano escolar, encontramos e percebemos um processo de formação continuada sendo exercido, que precisa ser reconhecido e potencializado. RONCONI e TRISTÃO 2016

É necessário lembrar que estamos diante de um lócus de pesquisa que pode apresentar como premissa de sua estrutura formacional a agroecologia, a educação ambiental e agora com os resultados desta pesquisa a ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica.

Estas descobertas ficarão mais visíveis a frente deste trabalho, mas podemos desde já colocar que essa premissa de estrutura formacional onde aparece primeiro a “agroecologia” isso porque estamos inseridos em um Centro de Ensino Integrado Agroecológico – CEIA; a segunda, que foi a Educação Ambiental que entendemos estar atrelada a qualquer espaço formativo e agora com o desenvolvimento da pesquisa aqui demonstrada em curso, a ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica.

Como foi que chegamos nestas descobertas? Como foram as escolhas? Como nasceram os rumos estabelecidos? E os atores envolvidos? Nas páginas seguintes buscaremos discorrer sobre as tendências insurgidas, as trajetórias declaradas e as mudanças ocorridas na estrutura do ambiente formativo.

2.3 Construção de novas relações que desestabilizem criativamente o ambiente formativo (desestabilização criativa)

Um processo que, ao impactar objetiva e subjetivamente a dimensão criativa do sujeito, irá interferir na orientação de suas escolhas e na percepção de suas possibilidades individuais e coletivas de contribuir para a transformação da realidade. GRANIER 2020

Ao considerar que a pesquisa se desenvolve em um ambiente formativo dinamizado por praticantes em sua maioria, jovens vivenciando conexões e experiências promotoras de uma cultura de ações de preservação ambiental, estamos concordando habitar um uma imersão em “processos³⁰ educativos”.

Novamente buscando analisar o significado das palavras e suas aplicações, fomos verificar em dicionário virtual os significados das palavras que integram esse termo. Para a palavra processo encontramos que se trata de uma palavra que tem origem no Latim – *procedere* – que significa método, maneira de agir ou conjunto de medidas tomadas para atingir um objetivo. Uma interessante matriz de significados.

Colocamos aqui neste trabalho um caminhar formativo que impulse ações de transformação de paradigmas em diversos contextos fundados em padrões normativos alicerçados em injustiças ambientais.

Continuando a leitura sobre significados de palavras e ainda falando da palavra “processo”, quando alinhamos o seu significado a etimologia, ficamos diante de uma palavra diretamente ligada a – Percurso – no sentido de – avançar – ou – caminhar para a frente. Uma concepção potencialmente próxima de um entrelace insolúvel. Mas vamos então para a próxima palavra que compõe esse termo. A palavra “educativo” já apresenta uma definição bem direta e sintetizada, no mesmo dicionário virtual diz que seu significado está ligado ao desenvolvimento da educação e significa – aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de uma pessoa.

Assim o termo “Processos Educativos” apresenta como significado: Conjunto de medidas tomadas para aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais.

Essa imersão em um ambiente que apresenta um conjunto de medidas para aperfeiçoar as relações e conectividades a serem estabelecidas induzem uma formação complexa baseada em pesquisa-ação-formação com foco na formação do profissional reflexivo que em sua prática pode se reapropriar de legitimidades outras.

³⁰ <https://www.significados.com.br/processo/>

Logo fazendo parte também deste ambiente educativo e de sua composição coletiva, caminhamos rumos a construção de metodologias que pudessem dar base para esse caminhar da pesquisa. Para um estudo onde todos os praticantes integram a construção do saber, a pesquisa participante se integra levemente aos perfis ali encontrados. Mas não apenas no sentido de impulsionar a perspectiva de desestabilização crítica, as escolhas por uma ou outra metodologia de análise está diretamente ligada ao tipo de informação que escolhemos para veicular sobre esse trabalho.

Os caminhos estratégicos estabelecidos coletivamente integram uma ação co-criativa dos praticantes ali envolvidos. Para apurar resultados de ambientes de pesquisas extremamente fecundos foi necessário combinar metodologias que agregam forças autorais.

Combinando “boas intenções” em uma prática pedagógica que procura potencializar a autoria e dar voz aos estudantes para que se expressem e mobilizem competências linguísticas, ao mesmo tempo em que centraliza na sua emissão todo o processo. Apesar de “bem intencionado”, o professor não consegue fazer interatividade, ou seja, cocriar com seus alunos sua aula e as autorias dos e com seus estudantes. SANTOS 2019

Santos 2019 fala de criatividade na prática pedagógica aliada a criação coletiva, em seus estudos a autora sempre apresenta a potência de todos se tornarem parte do grupo em formação integrando as diferentes formações possíveis como afirma Nóvoa,

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação). Nóvoa, 2004

Essa pesquisa se destaca por integrar em seus aparatos investigativos ações que potencializadas em refletir resultados em contextos diversos, sejam eles: urbanos, periurbanos, rurais e outros. Uma luta contra padrões pois o exercício da desestabilização criativa aqui vai nos conduzir ao delinear de nossas estratégias metodológicas.

Alinhavar metodologias que por um perfil dialógico estabilize a coleta de informações, a condução contextualizada da análise de resultados fortalecendo o delinear das discussões repensadas coletivamente, não foi uma tarefa fácil, mas não ficou por fazer.

A pesquisa aqui apresentada busca observar o uso estratégico de uma metodologia ainda não aplicada no ambiente onde se desenvolve o estudo. E para conseguir identificar e relatar toda a complexidade envolvida durante o uso/aplicação da metodologia e seus princípios buscamos uma forma de validar a identificação da consonância dos espaços tempos formativos.

Entendendo que estar atuante como integrante do grupo que experimenta o uso desta estratégia entendemos que a pesquisa participante apresenta um potencial sinérgico – um trabalho conjunto – cooperação entre diferentes partes ou elementos para alcançar um objetivo comum de forma mais eficiente e eficaz – considerando o que apresenta Guimarães 2004 “que é a partir do potencial sinérgico deste “movimento coletivo conjunto”, que mudanças importantes poderão acontecer, tal perspectiva desponta como potencialmente motivadora da Intencionalidade Transformadora, tanto do educador como dos educandos”.

Logo, para testificar as ações que estão sendo desenvolvidas durante este ato produtivo, buscaremos expor nesta seção os instrumentos emancipatórios que entendemos refletir os atos formadores identificados.

Carlos Rodrigues Brandão, na formulação sobre a Pesquisa Participante apresenta que,

A pesquisa participante deve ser considerada um “repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos, destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência de ações que aspiram gerar transformações”. (BRANDÃO, 2008)

Ao depararmos com esta colocação identificamos que pontos comportamentais relevantes já estão intrínsecos no cotidiano desta formação. Os estudantes desenvolviam suas práticas com base nas especificidades com que eles se deparavam naquele ambiente ou em seus lares. E isso também contempla a atenção que deve ser direcionada ao contexto em que os processos e seus sujeitos sociais encontram-se envolvidos e praticantes.

Esse contexto, o Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff (CEIA-BL) é uma unidade de ensino que funciona no período integral com oferta de formação de Técnicos e Técnicas em Agropecuária com viés formativo agroecológico.

A metodologia da busca pelo envolvimento de toda a comunidade escolar e a interação entre investigadores e situações investigadas aumenta a potencialidade da experiência formativa. E esta caminhada ainda nos apresenta que, para que todos sejam participantes é notória a necessidade de conviverem em ambientes de ações colaborativas e formadoras.

Conforme Santos 2019 “Consideramos importantes as atividades na/com a formação que possibilitem o diálogo entre a teoria e a prática, a interatividade e a colaboração, a negociação e a partilha. E aplicamos a pesquisa participante como direcionamento e trago para dentro dela a ComVivência Pedagógica como uma estratégia de formação destes estudantes com o papel de formação como processo metodológico de transformação.

Uma escola que forma profissionais agroecológicos busca caminhos diferenciados, esta contraposição à dinâmica hegemônica nos remete a identificar a convivência como um caminho

fecundo de formações integradas e fortalecidas. Essas condições muitas vezes subjetivas de formação estabelecem um movimento de sinergia em ações colaborativas formadoras.

Assim identificamos que estávamos em sintonia com a ComVivência Pedagógica, que é uma proposta teórica e uma estratégia metodológica adotada em um processo formativo, em um ambiente educativo pautado na vivência coletiva das experiências formativas. Como afirma Guimarães:

A ComVivência Pedagógica como proposta metodológica apresenta a experiência como aprendizado vivencial de forma coletiva, pela experiencição entre os participantes, na interação com o contexto proposto por essa intencionalidade educativa de formação. (GUIMARÃES et al., 2021)

Por meio de vivências e investigações propositivas durante a formação dos participantes desta pesquisa, busca se sintetizar a aplicabilidade deste método estratégico formativo. A ComVivência Pedagógica consolida a ideia de que apresentar um ambiente educativo que permita diversas dimensões de realidades e as possibilidades e limites das ações, no caso em tela, de formação de profissionais agroecológicos, torna potente a formação de formadores.

É extremamente necessário apresentar aqui novamente que a ComVivência Pedagógica está sendo aplicada em ambiente ainda não explorado por pesquisas desenvolvidas até então. Ela está sendo aplicada em um ambiente constituído por jovens em formação profissional, que enquanto profissionais egressos atuantes, estarão diretamente lidando com questões ambientais.

Por isso a dinâmica da especificidade de termos uma “tese” – uma proposição discutida e defendida com base em uma “suposição” já verificada e que aqui no caminhar do estudo será explicada. E uma ação de extrema riqueza foi a verificação da existência de um ambiente formativo.

A constituição do ambiente formativo passa pela oferta de condições materiais e subjetivas necessárias e no caso desta unidade de ensino temos a serviço desta formação profissional 110 hectares de área para livre produção agroecológica, sendo 80% de perfis de recuperação de área degradada e agricultura regenerativa. Falamos de um ambiente formativo envolvente em diversidade, como afirma Mauro Guimarães sobre a contribuição do espaço na formação de formadores.

Assim, o espaço educativo tem especial destaque na organização das experiências de “ComVivência Pedagógica”. Ele precisa contribuir para o desvelamento e a percepção das implicações dos padrões hegemônicos na problemática socioambiental, desencadeando um movimento de desconstrução de sentidos em direção a construção de outros referenciais, para o estabelecimento de relações mais equilibradas entre seres humanos e destes com a natureza, num esforço de romper com o “agir no automático” da “armadilha paradigmática”. GUIMARÃES et al., 2021

E nesta construção de outros referenciais é que caminhamos nesta proposta metodológica para uma flexão curricular-formacional. Ainda entendemos como outros referenciais, nesse processo de pesquisa, a construção de novas relações que desestabilizem criativamente. E aqui encontramos um diálogo muito desestabilizador e fortemente criativo, a “Pesquisa-Formação Participante e a ComVivência Pedagógica. Uma integração que foge dos modos logísticos dos atos de ensino pré-estabelecidos, que diz que viver a pesquisa com o outro de maneira participativa proporciona organicamente uma potente formação. Diferente do comum.

É muito comum falarmos da formação como logística, conjunto de dispositivos tecnológicos e de disponibilidade de mediadores para se aprender ou mesmo como a realização dos atos de ensino e performances de aprendizagens, imaginando-se que “ensinando o estudante aprende”, (...) (MACEDO, 2020)

O professor Roberto Sidnei Macedo em sua pesquisa sobre ato de currículo, fala da logística fabril da formação, uma lógica produtivista, estabelecida em um processo sistêmico quase sempre sem experiência relacional.

E é o estabelecido que buscamos desestabilizar durante a trajetória aqui descrita, mas uma vez reforçar que o não reduzido, o plural e o complexo integram os caminhos estratégicos metodológicos descobertos.

O autor ainda fala dos perfis avaliativos que ainda não alcançam a difusão contemporânea da informação em um mundo cada vez mais plural, onde sistematizam-se diversos espaços-tempos de aprendizagem.

[...] em geral, a partir de verificações performáticas de aprendizagem, ou seja, de padrões de avaliação reduzidos a acertos e erros manifestados em exames, muitas vezes confundidos com a avaliação da aprendizagem, que em si, ainda é um meio caminho para uma avaliação da formação como processo complexo da experiência aprendente de alguém que se forma. (MACEDO, 2020)

Estas atividades performáticas citadas pelo autor dificilmente permitem que se estabeleça uma relação integradora com o ambiente de formação e os praticantes da atividade formativa. Ficamos atrelados a um ambiente sistematizado de longe por autores legislativos não praticantes do ambiente educativo em questão.

E como o ambiente de formação onde se relacionam os praticantes desta pesquisa é “multireferenciado”, buscamos, no decorrer dos atos da pesquisa, trazer um movimento qualitativo experiencial e coletivo. Movimento esse que busca posicionar a unidade de ensino como um espaço “multireferenciado” de formação de formadores.

Outrossim, como uma instituição aprendente, a pesquisa aprende com experiências que não se situam no seu contexto de produção. Neste

movimento, as pesquisas qualitativas miram com interesse e disponibilidade para experimentar a aventura pensada da multirreferencialidade e da intercrítica, refinando a cada experiência socio-epistemológica conquistada o rigor outro que deseja afirmar em praticando uma política de conhecimento relacional. (MACEDO et al, 2009)

A formação de formadores se identifica bastante com o estudo aqui delineado, pois os técnicos e técnicas em agropecuária tem em sua prática de atuação a gestão de produção de alimentos e matéria prima. Um diferencial forte em se tratando de atores sociais oriundos de famílias de agricultores que muitas vezes ainda não tinham como proposta permanecer no campo.

Estamos falando de um evento que ocorre na zona rural que é a migração dos jovens para as metrópoles em busca de formação e emprego. Esta pesquisa também procurou mitigar esse evento e potencializar o pertencimento dos praticantes a este meio de convívio.

E, para tanto, requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência, que seja uma questão de ações globais e de responsabilidades universais. Esse pertencimento precisa estar ligado a contemplação de um imaginário de visão real de mundo com um modo de vida sustentável aos níveis local, nacional, regional e global.

Macedo, em sua busca por trazer de forma ativa, para a pesquisa, todos os praticantes da mesma, destituindo o papel de sujeitos da pesquisa sem perder o rigor qualitativo e a potencialidade de um ambiente formativo, orienta que todos os envolvidos constituem a construção permanente de conceitos.

Neste sentido, percebemos que a imbricação da ComVivência Pedagógica com o rigor da pesquisa estruturada, diante da multireferencialidade de saberes, proporciona caminhos ricos em processos formativos. Macedo et al. (2009), traz uma importante reflexão sobre os perfis avaliativos seguidos a partir de orientações de agências avaliativas “externas”, numa lógica produtivista e que não reconhece o rigor científico das pesquisas qualitativas:

Pertencimento e afirmação estão incluídos aí como valores que produzem no momento as trilhas do novo rigor. A ideia de que o rigor não pertence aos âmbitos das pesquisas qualitativas, somado a determinadas atitudes de programas de pós-graduação em acelerar as conclusões de suas dissertações e teses para fazer estatísticas avaliativas mais expressivas que agradem as expectativas quantitativistas das agências avaliativas, nos leva a um obscurantismo extremamente preocupante produzido pela ética produtivista da “formação”. (MACEDO et al, 2009)

Desviar das expectativas quantitativistas de coleta de dados e de uma caminhada avaliativa obscura é parte essencial da pesquisa desenvolvida. Para tanto estivemos atentos a todo momento sobre as escolhas metodológicas a ser utilizada para reunir dados.

Como já colocamos aqui, não estamos em busca apenas de informações/resultados, entendemos que abordar um modelo mais pluralizado de geração de informações, poderá atender de forma mais próxima os leitores em potencial, inclusive os praticantes da pesquisa.

Neste processo de busca por métodos que facilitem entendermos o caminhar do estudo, buscamos envolver no processo constitutivo, todos os interessados e praticantes da proposta formativa de forma efetiva, inclusive na escolha do dispositivo de coleta de informações.

Para alcançar opções possíveis de dispositivos de coleta de informações que atendam a proposta de observação participante atrelada a ComVivência Pedagógica, reunirmos os alunos que mostraram interesses, e/ou se entendiam envolvidos na construção do ambiente educativo para dialogar em busca de uma definição. E após ricos encontros, os praticantes tendenciavam por optar por alguma ação/dispositivo que não exigisse um tempo exacerbado de manejos de coleta e organização das informações e nem aparatos muito específicos para responder ou para revisar.

A escolha foi pela utilização de “artefatos midiáticos³¹” que permitam um domínio de uso por meio de simples manuseio e que nos leve a observar as impressões dos praticantes sobre a metodologia aplicada e ainda entender o público ali descrito.

Assim foi escolhido, pelo grupo de praticantes, produzir materiais de áudio. E com esta informação buscamos estabelecer um movimento de entender o que seria esse dispositivo escolhido. Nos reunimos em outros momentos de aula para pesquisar e entender como explicaríamos o que seriam esses “Artefatos Midiáticos”.

Entendendo que todo caminhar de experimentação do uso da “ComVivência Pedagógica” como estratégia metodológica na formação do profissional reflexivo, corresponde a oportunidade formacional, então vimos que selecionar conceitos e definições que fossem de fácil acesso e entendimento de perfis de leitores parecidos com os estudantes em tela alcançaria de forma mais expressiva os objetivos propostos. Então sempre que encontrávamos ambientes virtuais de informação sobre o uso ou definição de algum verbete ou palavra, destacamos aqui no texto.

³¹ A palavra artefato vem do latim “*artifectum*”, derivada do verbo “*artificiare*” que significa “fazer com arte” ou “feito por arte”, considerando assim, qualquer produto humano. Geralmente, trata-se de algo criado e usado para solucionar um problema, independentemente do seu tamanho. Pode se tratar de um software, hardware, algo físico ou até mesmo algo digital. <https://significadodepalavra.com.br/artefato>
O termo “midiático” deriva do substantivo “mídia”, que se refere aos meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio, os jornais e revistas.

Com o avanço da tecnologia e o surgimento da internet, o conceito de mídia se expandiu para além dos meios tradicionais. Atualmente, as redes sociais, os blogs, os podcasts e os canais do YouTube também são considerados mídias, uma vez que permitem a disseminação de informações e a interação entre os usuários. <https://www.soescola.com/glossario/midiatico-o-que-e-significado>

Definido o perfil de dispositivo de coleta de informações, partimos para a solicitação de autorização do uso da imagem e voz e orientar os integrantes do grupo de aprendentes que a participação é voluntariada e a gravação será feita no perfil indireto, (câmera não direcionada para o praticante).

Contribuir para um diálogo formativo reflexivo e plural é a força de uma postura problematizadora, entrelaçada nas relações desestabilizadas. A criação de um ambiente formativo integrado apresenta compreensões conectivas – desestabilização Criativa. Noeli Granier 2020, em seus estudos sobre os princípios da “ComVivência Pedagógica” apresenta sinônimos da palavra desestabilizar, *“Entre os sinônimos de desestabilizar que se encaixam nesta perspectiva destacam-se abalar, desarrumar, perturbar, afetar, ou ainda “tirar da zona de conforto”, que ajudam a melhor compreender a proposta imbuída no Princípio Desestabilização Criativa.*

Os sinônimos mencionados pela escritora oferecem traços de ações que estão sempre bem presentes entre os jovens que muitas vezes são considerados abalados ou que estão abalando os ambientes que frequentam, são mestres em desarrumar modelos apresentados como padrões, perturbam as dinâmicas ofertadas e, com frequência, buscam se livrar das “zonas de conforto”.

Assim quando entendemos que buscar caminhos outros para atingir estratégias de demonstrar como estávamos respondendo ao uso/aplicação da “ComVivência Pedagógica” como aparato de caminhos formativos/criativos/reflexivos era essencial ser simples e de fácil acesso, então reafirmamos a escolha por gravar diálogos demonstrativos de avanços.

Estes momentos de gravação de áudios são enriquecidos por questões elaboradas na forma invertida, onde os respondentes escolhem sobre qual assunto desenvolver naquele momento e constroem a pergunta em seguida.

Esta estratégia dinamizada pelos participantes possibilitou compreensões emergentes da existência da multireferencialidade na prática da ComVivência pedagógica.

Vale informar ainda que em pesquisa, as compreensões conectivas, relacionais, intersubjetivas, intercricas, hoje envidadas por uma inteligência geral, por uma cognição mais envolvente e politicamente implicada/engajada, são pautas centrais de um conhecimento que emerge empoderando-se pelo discurso e pelas compreensões provocadas pela entrada em cena da diferença, da intersubjetividade e da multirreferencialidade. Temos, portanto, em termos contemporâneos, o outro do conhecimento contrapondo e propondo um rigor outro. (MACEDO et al, 2009)

O rigor outro nesta pesquisa se mostrou em diversos momentos, principalmente quando ouvíamos os relatos e encantos dos praticantes, percebemos uma riqueza de significados

culturais, técnicos e críticos. Em uma perspectiva pós formal buscamos fortalecer a formação em curso deste profissional, baseada em métodos e princípios formativos estruturados em produções humanas configuradas intenções interativas.

O ambiente oportuno encontrado para reunir os praticantes deste estudo passou a ser os momentos de aulas em que eu, Ivólana Magali, a pesquisadora que neste caminhar formativo se integra ao grupo de praticantes, era a docente responsável. Como no percurso de utilização desta estratégia metodológica todos, todos os alunos aderiram a proposta, no primeiro momento tivemos muitos participantes respondendo/construindo/fortalecendo a demonstração de resultados.

No segundo momento já conseguimos identificar uma metodologia que parece ser mais próxima do que queríamos apresentar como modelo de comunicação dos resultados.

Isso significa que pelo menos duas vezes por semana ocorriam os encontros, pois eram a quantidade de aulas com esse grupo. Mas a construção do ambiente formativo não se restringia a apenas esses encontros. A cada encontro formativo era pensado em como tornar cada dia imersivo uma ComVivência Pedagógica estruturada, orgânica e integradora.

Com o material das gravações em mãos onde foram relatadas as impressões dos participantes deste tecer constitutivo e formativo, investigamos qual melhor alternativa de compor uma estrutura de veiculação destas informações para os interessados.

Não podemos negar que conteúdos são gerados a partir do momento em que os interlocutores produzem sentidos e significados via interfaces síncronas e assíncronas. Nesse sentido, podemos nos apropriar dessas interfaces produzindo conhecimentos num processo de autoria e cocriação. SANTOS, 2019

O aparecimento da prática da cocriação nos coloca em uma esfera mais revolucionária de contribuição, no que se diz respeito a uma pesquisa “cientifizada” “dura” e potencialmente fortalecida por ações múltiplas de histórias de vida em formação que agora integram uma pesquisa que busca formar um profissional interventivo. Entendo que a participação destes atores na elaboração dos parâmetros demonstrativos desta pesquisa permite a difusão mais complexa deste desenvolvimento metodológico podendo permitir que, *“Esses atores que se tornam autores contribuem muito para o desenvolvimento quantitativo e qualitativo da corrente”*. PINEAU 2006

No decorrer da pesquisa foi observada a fecundidade das informações e formações praticadas pelos integrantes que se colocaram como participantes ativos da ComVivência Pedagógica. Assim, buscamos dispositivos que pudessem refletir o mais próximo possível as relações estabelecidas por meio da aplicação desta proposta metodológica.

As formações apresentadas foram tão significativas que não entendemos ser possível sistematizar e dialogar com os resultados de maneira não orgânica. Buscamos enfatizar os praticantes em seu protagonismo já praticado.

Para analisar as relações estabelecidas nesta proposta formacional, onde a auto formação multireferenciada se potencializa de forma integrada à formação profissional, usamos, como já citado, dispositivos de análise por meio de áudios produzidos pelos participantes.

Todos os praticantes dos atos formativos decorrentes da Vivência desta proposta metodológica se colocam disponíveis para expor neste dispositivo suas perspectivas formativas. E qual seria esse dispositivo?

3 CONEXÕES ESTABELECIDAS.

3.1 Uma postura problematizadora a partir da construção de novas relações e inquietudes: Nasce a Reflexão Crítica

Diante de uma dimensão educativa integradora na formação técnico-profissionalizante com práticas metodológicas reinterpretadas, observamos como destaque desta pesquisa os estudantes deste curso que se colocaram voluntariamente como integrantes das ações múltiplas deste estudo após serem apresentados ao conceito do método.

Estes estudantes são do terceiro ano do ensino médio do modelo técnico integrado³², onde o ato educativo estruturado em uma metodologia de formação reflexiva se torna atraente para uma referência integrativa de disseminação de saberes.

Mesmo sabendo que estamos falando de uma formação de cunho profissional, é necessário destacar que a escolha por desenvolver esta pesquisa no ambiente de exercício de terminalidade das exigências de cumprimento da educação básica no Brasil não é um acaso.

Existe a compreensão de que a formação humanista, conforme Gramsci 1982 nos apresenta, distante do ensino “memorizador”, mas objetivado em desenvolvimento da compreensão das relações sociais em conexões estabelecidas e nesse caso potencializado por uma inquietude atrelada ao trabalho, também como princípio formativo. E isso não nos acomete apenas enquanto membros de Unidades de Ensino, mas também como atores integrantes de uma mesma sociedade em evolução, ou caminhando para involução, onde receberemos como integrantes deste os profissionais formados nesta etapa de ensino que é obrigatória.

Nas anotações de Gramsci podemos nos ater a uma leitura de valores fundamentais, atrelados a formação mais voltada para as relações do ser, e nesse caso da pesquisa um “ser mais ambiental”, autônomo,

[...] a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do "humanismo", a auto-disciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, organização das trocas, etc.) (GRAMSCI, 1982, p.65)

³² Na perspectiva de conferir especificidades a estas dimensões constitutivas da prática social que devem organizar o ensino médio de forma integrada – trabalho, ciência e cultura – entende-se a necessidade de o ensino médio ter uma base unitária sobre a qual podem se assentar possibilidades diversas de formações específicas: no trabalho, como formação profissional; na ciência, como iniciação científica; na cultura, como ampliação da formação cultural. (BRASIL, 2009 p. 18)

É válido ressaltar que a proposta colocada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, o modelo técnico integrado, demonstra dificuldades de implementação e entendimento. Podemos perceber que isso se deve a uma perspectiva formativa, muitas vezes, ausente no cotidiano escolar. O que requer ainda uma pauta de discussões e avaliações em pares para um posicionamento mais adequado.

O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida deve começar nesta última fase da escola, e não deve ser mais um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora. (GRAMSCI, 1982, p.65)

O que seria essa postura problematizadora? entendemos que a resposta será tecida no decorrer da escrita aqui proposta, mas já que estamos falando de respostas, vamos ao percurso da escolha do dispositivo. A escolha está muito ligada aos acontecimentos globais que envolveram o período formativo destes participantes.

Eles estavam em diversos dilemas formativos integrados ao ciclo formativo, o mais relevante que podemos destacar é o período pandêmico, que ocorre durante a implementação de uma nova proposta para esta etapa de ensino.

Vejamos o que diz a apresentação de um artigo de Edilson Flávio pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) sobre as hipóteses examinadas em sua pesquisa,

a pandemia não se deparou com uma política de currículo em si, isolada em seu contexto, mas com uma complexa construção normativo-administrativa e social para o campo que vem sendo objeto de embates há mais de duas décadas; (FERNANDES 2023)

O pesquisador se propõe a relatar que existe uma dinâmica interventiva de acontecimentos externos que interagem fortemente com a implementação das práticas do período formativo do Ensino Médio. A implementação da proposta do Novo Ensino Médio e sua modalidade integrada a formação profissional, apresenta uma proposta reducionista das ofertas formativas.

Sabemos que para responder a todas as questões que envolvem a implementação do Novo Ensino Médio requer um aprofundamento de estudos e pesquisas políticas e de currículo o que não temos o objetivo de fazer aqui. Seguiremos aqui dialogando sobre a “Postura problematizadora colocada pelos alunos após entenderem que podiam fazer escolhas sobre a publicação das informações coletadas.

Os sujeitos envolvidos na decisão aplicaram esforço em pesquisar quais seriam as possibilidades de divulgação, sendo sempre alertados que estávamos em busca de evidências e

bases informativas que permitam a uma compreensão mais pluralizada de quem tiver acesso aos dados.

Essa ação que se instalou no coletivo de praticantes possibilitou a identificação desta postura problematizadora que os induziu a uma “Reflexão Crítica”, como podemos perceber nos escritos de Noeli Granier 2020 sobre os princípios da “ComVivência Pedagógica”.

Com efeito, a dedicação mental requerida no ato de refletir muitas vezes pede um momento de pausa na agitação à que estamos imersos, ao desencadear um processo analítico sobre uma temática, provocando ramificações reflexivas em diferentes direções e variáveis correlatas, capazes de desvelar aspectos muitas vezes imperceptíveis aos olhares desatentos. GRANIER 2020

Lembrando que ainda estamos apresentando aqui os itens da pesquisa do Inep – efetuada sobre o ensino médio e atrelando suas dinâmicas apresentadas com as ações dos alunos durante o momento formativo utilizando a metodologia proposta. O ato de refletir sobre as escolhas ali apresentadas ainda nos carregaram para outras percepções. Aqueles eram os estudantes praticantes do período pandêmico. Isso também diz sobre uma outra parte da apresentação do estudo, na citação seguinte temos uma colocação muito importante sobre esta etapa da educação básica, o período de suspensão das atividades, como segue,

o contexto de suspensão de aulas presenciais, entre março de 2020 e agosto de 2021, em um cenário de introdução à implementação do novo ensino médio com base na BNCC-EM, representou mais desafios às políticas de mitigação contra a falta de acesso a conteúdo escolar do que um obstáculo, propriamente dito, à consecução das políticas curriculares hegemonicamente almejadas; e FERNANDES 2023

As políticas hegemonicamente almejadas ainda estavam em período de implementação quando as aulas presenciais foram suspensas. O que realçou ainda mais,

as desigualdades de acesso ao conteúdo curricular do ensino médio, realçadas pela pandemia, corroboram problemas estruturais que também poderão afetar o acesso aos conteúdos da Formação Geral Básica. FERNANDES 2023

O Guia de Implementação do Novo Ensino Médio lançado pelo Ministério da Educação e Cultura no ano de 2019 traça um esquema de implementação da modalidade,

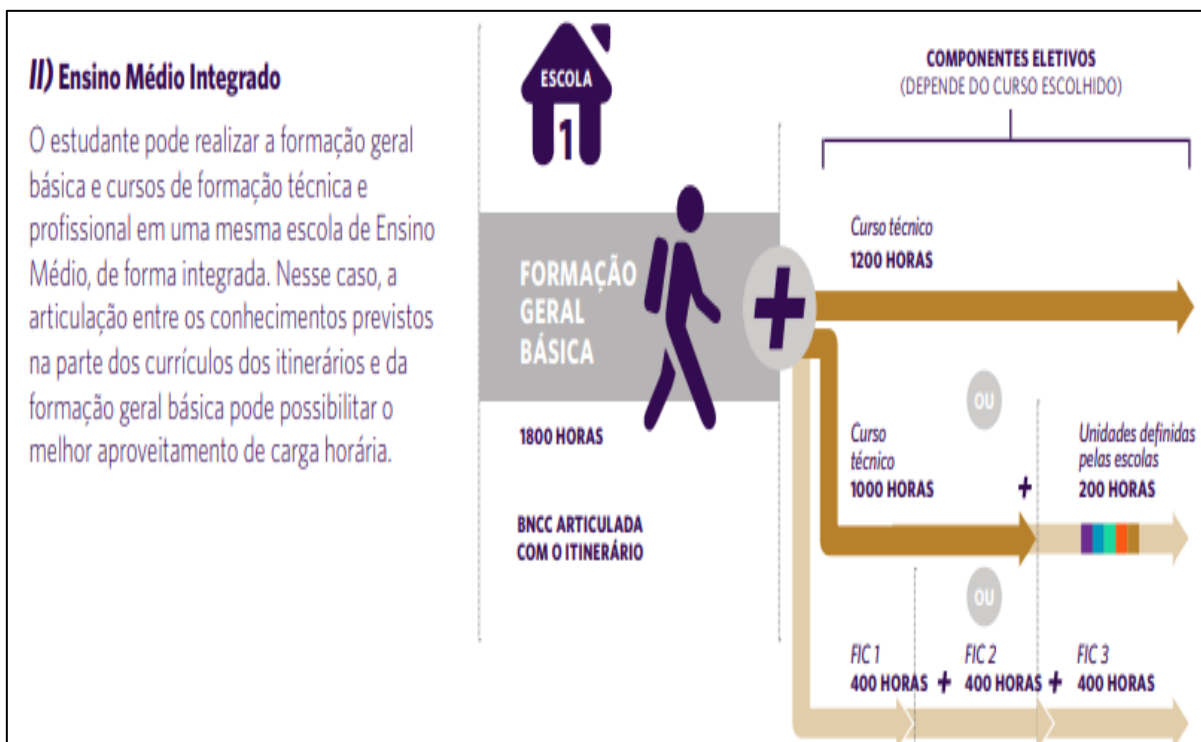


Figura 17 – Esquema formativo I - Ensino médio integrado a formação profissional

Fonte: Brasil. MEC (2019).

A escola em que se aplica a pesquisa está alocada no primeiro perfil que aparece no esquema, que são 1800 horas da formação vinculada a disciplinas da Base Nacional Comum Curricular somado a 1200 horas de curso das disciplinas da área de formação técnica. O mesmo guia de implementação chama a atenção para a construção de currículos interdisciplinares conforme figura abaixo retirada do documento de orientação.

É importante evitar, na construção dos currículos, a fragmentação das unidades curriculares que tratam da BNCC. A organização proposta possibilita a construção de currículos interdisciplinares que mobilizam as habilidades de todos os atuais componentes curriculares, bem como os temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. BRASIL 2019

Essa solicitação orientada que trata o documento guia de implementação ainda apresenta uma figura esquemática de como funciona o perfil formativo do modelo de Ensino Médio.

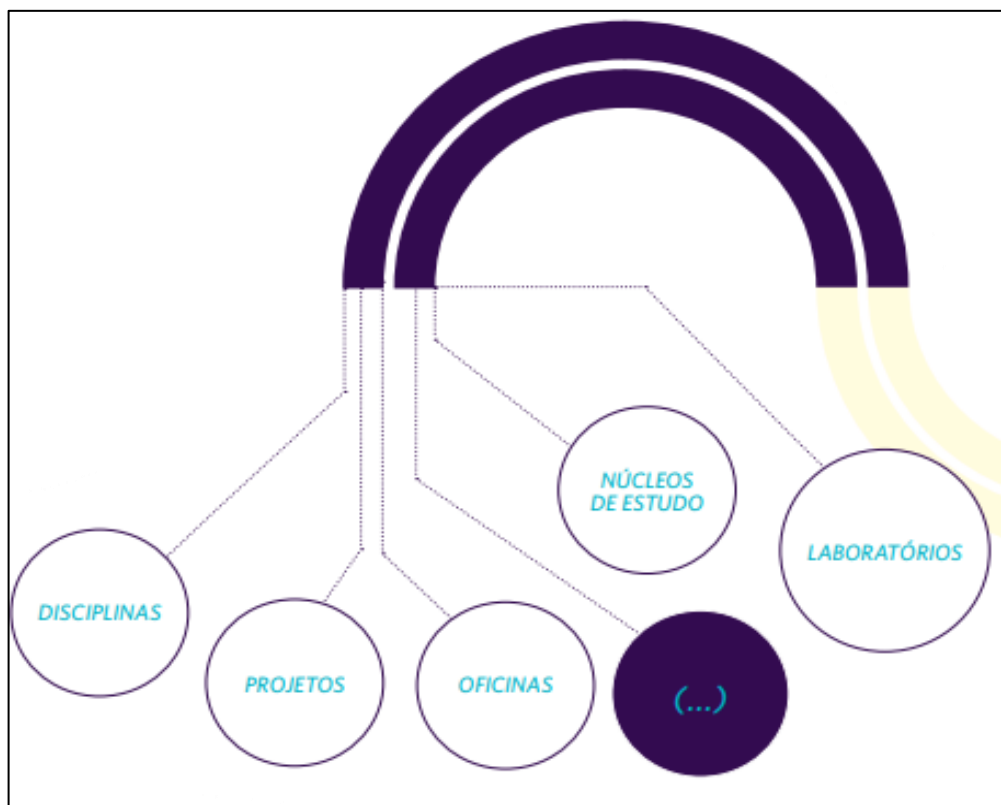


Figura 18 – Esquema formativo II– ensino médio integrado a formação profissional
Fonte: Brasil. MEC (2019).

A estrutura da escola que comporta essa pesquisa conta com ambientes formativos que atendem o desenvolvimento de diferentes formas de lecionar projetos, oficinas, laboratórios e núcleo de estudos. A parte pintada de azul que corresponde a unidades curriculares diversas, que podem ser utilizadas para aprendizagens que atendam de forma contextualizada os anseios e demandas da sociedade local. E é aí que nos encontramos com nossa Inquietude reflexiva.

Os estudantes participantes desta trajetória formativa encontraram durante suas pesquisas sobre a decisão do que escolher como dispositivo de análise e divulgação dos dados já existentes, uma oportunidade para o aperfeiçoamento consistente da adaptabilidade do período pandêmico. Entenderam que uma forma segura de acesso a informação/formação que eles tinham na época do isolamento eram os PodCasts³³.

Assim alcançamos mais um passo do protagonismo, como referência o Guia de Implementação do Ensino Médio.

Conhecer as demandas dos jovens: o primeiro passo para o protagonismo juvenil o incentivo e o desenvolvimento do protagonismo juvenil é um dos objetivos centrais do Novo Ensino Médio. Sugerimos que o primeiro passo

³³ O podcast é um material entregue na forma de áudio, muito semelhante a um rádio. A diferença é que fica disponível para que o consumidor escute quando quiser, não é um programa ao vivo. Além disso, o conteúdo é criado sob demanda. https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf

para a (re)elaboração da estrutura curricular seja a escuta dos jovens, por meio de canais de comunicação diversos e que garantam a escuta equânime, estimulando a participação de todos, inclusive daqueles com maiores dificuldades, limitações, ou desconfianças, independentemente de características de gênero, raça, renda, idade, entre outras. (BRASIL 2019)

Conhecemos a demanda dos jovens envolvidos e praticando a escuta colaborativa apoiamos a decisão de usar como meio de veicular os dados esse modelo de áudio marketing. O que nos apresenta uma oportunidade de comunicação que possa ter diversos objetivos como levar informação de maneira direta e entretida.

Essa ação nos permitiu oportunizar democraticamente interesses e necessidades dos estudantes como podemos ver no que descreve as premissas dos itinerários formativos do Ensino Médio. Um currículo mais flexível que *“busque responder à diversidade de aptidões, preferencias e objetivos dos jovens, a implementação dessa política também precisa estar atenta aos diversos contextos educacionais existentes”* Brasil 2019. Esse mesmo documento de orientação indica alguns pontos importantes a serem considerados na trilha formativa destes estudantes. Tais orientações apresentam inclusive que sejam atendidas demandas de cunho social, que é como identificamos essa escolha inquieta. Colocamos aqui a orientação de número 2 e a de número 4,

2. Dar autonomia às escolas para propor, com a participação estudantes, parte do que será ofertado nos itinerários. É importante que a construção dos itinerários formativos seja democrática e atenda aos interesses e necessidades dos estudantes e às demandas do meio social. Para que isso aconteça, sugere-se que as redes permitam que as próprias escolas definam algumas unidades curriculares com o apoio de estudantes e professores e a partir de diretrizes gerais expressas na BNCC e no currículo estadual. (BRASIL 2019)

4. Definir o perfil de saída dos estudantes ao desenvolver as competências dos itinerários. Os itinerários não devem ser compostos por unidades desarticuladas, mas sim conduzir o estudante a um aprofundamento em uma ou mais áreas do conhecimento ou em um campo da formação técnica e profissional, considerando o prosseguimento efetivo dos estudos e/ou a preparação para o trabalho. Desta forma, as competências centrais do itinerário devem estar alinhadas com o perfil de saída que se espera do estudante. (BRASIL 2019)

Ao aceitar utilizar esse formato de PodCasts para dar continuidade ao tratamento dos dados da pesquisa nos colocamos a entender que tipo veículo seria esse.

Em material publicado pela Associação Brasileira de PodCasteres (ABPOD) lançado no ano de 2022³⁴ podemos encontrar informações sobre esse dispositivo e sua aceitação. O artigo

³⁴ Os resultados da PodPesquisa Produtor 2020/2021 são gratuitos, públicos e estão disponíveis no site <https://abpod.org/> inclusive com uma planilha completa com todas as informações, menos as informações pessoais dos respondentes, em linha com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

disponibiliza informações importantes sobre perfis de quem produz, qual tipo de tema, quais ouvintes e muito mais. Para essa apresentação da pesquisa em tela escolhemos colocar algumas informações sobre esse perfil de comunicação. Existe um núcleo de pesquisa em PodCasts que publica os resultados da pesquisa com frequência.

E segundo informações publicadas por essa instituição o início da pandemia apresentou uma queda brusca na audiência, mas nos dias de hoje e aplicado “*ao número de ouvintes em 2019 de 17,3 milhões, estamos falando de um total de ouvintes entre 20 milhões e 34,6 milhões no Brasil atualmente*” ABPOD 2022

Esse tipo de dispositivo escolhido pelos estudantes funciona como um tipo de rádio, a diferença é que, pode não ser ao vivo e o usuário pode ouvir de acordo com a demanda. Os temas abordados podem ser extremamente variados e em nosso caso faremos uma série de episódios sobre “ComVivências”. Uma perspectiva de apresentação das impressões dos praticantes.

Na figura abaixo apresentamos o perfil de produção de conteúdos produzidos no Brasil e podemos observar que a maioria apresenta temas sobre comunicação e ensino e educação.

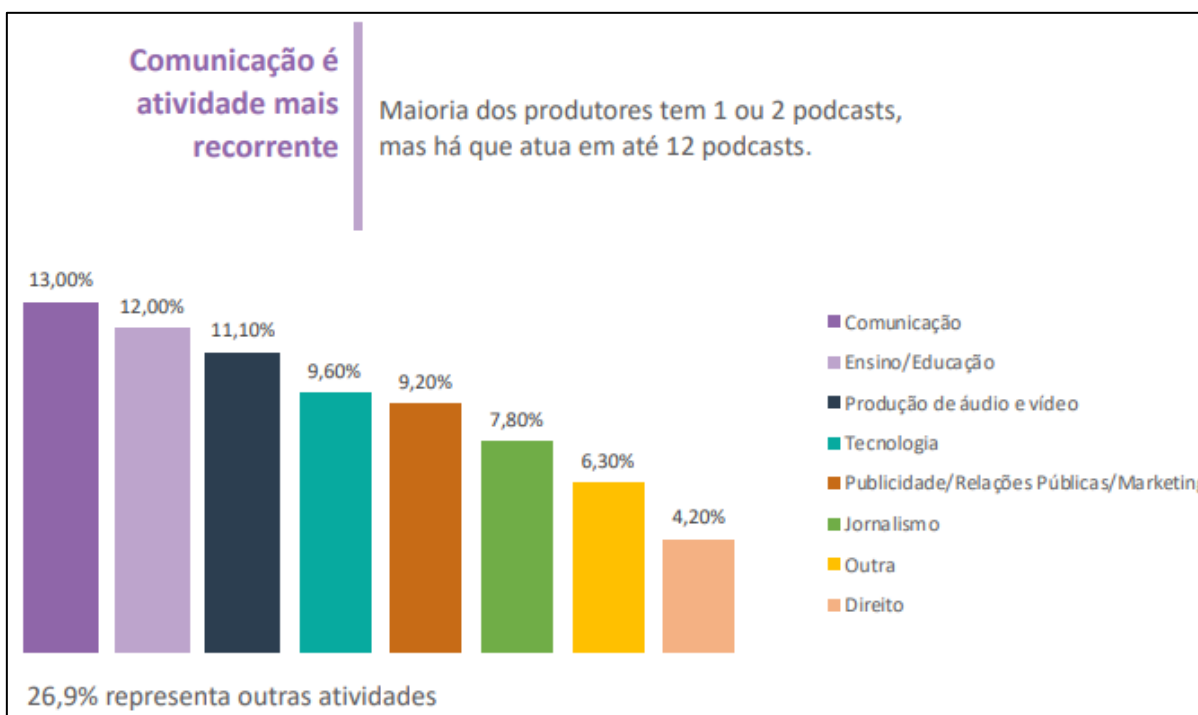


Figura 19 – Dados dos tipos de temas abordados nos programas de PodCasts no Brasil

Fonte: <https://abpod.org/>

Permitir que esses jovens sejam os protagonistas destas escolhas nos apresenta um movimento de segurança que traz um bom desempenho e suporte para superar as condições adversas do meio, pois ter sua decisão aceita e colocada em prática categoriza a importância de sua métrica avaliativa.

A escolha de todas as etapas coletivas desta pesquisa está sendo por meio de um caminhar integrador e participativo, onde experimentar este método como estratégia formativa vem se estruturando em um equilíbrio de momentos dialógicos e práticos. Nestes períodos de dialogicidade estão se estruturando modelos de apresentação das impressões dos praticantes da pesquisa. Uma inquietude que aparece a partir de novas relações que propuseram reflexões.

No caso de ambientes educativos instigadores deste exercício, tal processo pode acontecer na dimensão individual e/ou coletiva, em momentos de interatividade reflexiva entre sujeitos e contexto, conforme preconiza a abordagem formativa da “ComVivência Pedagógica”. Neste sentido, tanto as dinâmicas que emergem desta interação como as condições do contexto em si, podem agir como disparadores de reflexões, sendo que tais experiências vão se complexificando na medida em que o fluxo retroalimentativo entre os cinco Princípios Formativos se estabelece. (GRANIER 2020)

Na busca de promover esta pesquisa para um instrumento crítico de rompimento do silêncio, os integrantes já mostraram como sugestão de coleta de dados a produção de documentos de áudios que seriam disponibilizados em dispositivos de mídias que poderiam ser acessados em perfis de PodCasts.

Que são formas de publicações em ficheiros que podem aparecer em áudio e/ou vídeos e são de livre acesso em plataformas gratuitas. Com estrutura semelhante aos programas de rádio, como já dito aqui, o que ocorre é que esta estrutura acelera a entrega de conteúdo.

As motivações que levaram a esta escolha permeiam entre a flexibilidade de acesso e o perfil transferível do conteúdo, o que possibilita a adaptação de rotinas diversas do ouvinte que pode se tornar um possível integrante do grupo infinito de permanentes aprendentes formadores.

Nos estudos sobre os princípios da “ComVivência Pedagógica” Granier 2020 ressalta as ações que podem ser identificadas nesse período de inquietude. *“É interessante ressaltar que a reflexão, além de ser identificada como a “ação ou efeito de refletir”, pressupõe um “desviar da direção original” para um “pensamento ou análise detalhada sobre um assunto, sobre si próprio ou sobre algum problema ou sentimento”.* Uma associação formativa, pois os estudantes que em consonância como seu período formativo integra a formação cidadã desviada do perfil formativo hegemônica já direcionado e problematiza por meio de uma ótica própria provocada avaliativa, estamos transformando o profissional em formação em eterno aprendente e formador de formadores.

Chamamos aqui de ato (trans)formador e no caso da formação de “técnicos em agropecuária, estamos (trans)formando formadores, pois técnicos em agropecuária formados

são os profissionais que orientarão os produtores de alimentos e matéria prima, não apenas em sua produção, mas também, o uso correto dos recursos naturais. Logo,

Ao associá-la à sentidos como opinião, julgamento, análise avaliativa e/ou negativa de alguma coisa, relacionados ao substantivo “crítica”, temos nas provocações do Princípio Reflexão Crítica aportes de efeito questionador e problematizador, que ao gerar um certo sentimento de inquietude, podem provocar no educador ambiental em formação um “desvio de direção” do pensamento inculcado pela ótica das ideologias dominantes, para um movimento de descoberta de outras possibilidades nas formas de ser, estar e ver o mundo. (GRANIER 2020)

O modelo de desenvolvimento que nos acompanha é um modelo centrado no capital, seja ele econômico, formador, cultural, de relações e outros, porém sempre com posturas dominantes que exploram, distancia o pertencer que é um ato de refletir sobre o ambiente que nos cerca. Este trabalho de identificar e relatar a complexidade do potencial estratégico metodológico da “ComVivência Pedagógica” tecido em sua complexidade atrelada a formação profissionalizante de técnicos em agropecuária de uma escola que recebe em seu nome a agroecologia como enfoque do caminhar formativo, nos coloca em contato com a riqueza das informações narradas sobre esse espaço tempo formativo consonado.

Essa agroecologia integrada a formação de profissionais que serão os responsáveis pela orientação do uso e manutenção de recursos naturais aparece integrada na construção do ambiente formativo e nas relações que ali foram estabelecidas.

A agroecologia é um campo de conhecimento, tem em sua perspectiva, bases científicas que contribui para trilhar movimentos qualitativos experienciais coletivos, que também foram identificados no caminhar deste estudo.

Esta pesquisa nos leva a intensificar a transição do modelo formativo convencional para um modelo estratégico de base pluralizada, trazendo a preocupação com o ambiente formativo e suas relações até nos apresentar dimensões os resultados das dimensões desenvolvidas relatadas, a construção do PodCast.

O aprimoramento dos campos de conhecimentos apresentados neste processo formativo maximiza as relações de equidade, ecológicas, econômicas e diversas outras que integram as implicâncias de uma convivência formativa em busca de se solidificar de maneira orgânica uma meta comum.

A sustentabilidade de um sistema econômico é ligada a três características imersivas, que nesta pesquisa foram visíveis enquanto dinâmicas formativas, a extensão do horizonte temporal que se apresenta ampliada enquanto perspectiva de formação de profissionais

orientadores do uso de recursos naturais, isso vai além do tempo formativo na escola, se perpetua enquanto prática de vida.

Outra característica está em buscar entender a possibilidade de valorizar os recursos naturais adequando sua perspectiva de existência atrelada com as condições ambientais e uma característica que aparece aqui de forma observada, que é a preocupação com equidade de poder desfrutar de um ambiente sadio agora e sempre, para nós e para as gerações que vierem.

A preocupação da proposta de pesquisa emerge enquanto perspectiva de movimentos formativos complexos inerentes de um exercício autônomo de renovação de lentes. Como se fosse desligar de um caminho simplista, consolidado e imposto por modelos pré-definidos, e quando laçamos mão de uma Reflexão Crítica que favorece uma Conexão pluralizada de aprendizagens horizontalizadas.

Revisitando os escritos de Granier 2020 podemos identificar o enfoque do princípio da reflexão crítica como fortalecedor de resistências de posições de inércia.

Neste enfoque, uma das propostas centrais do Princípio Reflexão Crítica é de que, através de uma análise problematizadora da realidade sob pontos de vista diferenciados da lógica dominante, não aceitando a realidade como dada e pronta, o sujeito vivencie a experiência de “trocar suas lentes”, para a visualização e percepção dos fatores implicados na problemática socioambiental a partir de um olhar mais apurado sobre esta conjuntura, que possibilite uma visão complexa sobre ela. (GRANIER 2020)

Estamos caminhando para apresentar o que foram essas riquezas de narrativas identificadas nas relações instituídas no ambiente formativo. A postura problematizadora que ocorre após construção de novas relações recebe destaque para nas Conexões estabelecidas no ambiente formativo e é esse ambiente que nos coloca em percepção de renovação de práticas assim passamos para uma fase de resultados dessa inquietude.

3.2 Alteridade Renovadora: Perceber-se não como padrão, mas como “um outro renovando práticas”

A pertinência destes destaques deve-se a observação de que os padrões conservadores (não transformadores) e reducionistas que configuram a visão de mundo moderna, estão entre os principais limites para o enfrentamento dos desafios que a problemática socioambiental, culminada na crise climática, impõe à humanidade. (GRANIER 2020)

Tivemos a participação de 15 alunos de uma turma composta por 22 estudantes regularmente matriculados, todos possuem documentos de autorização do uso de imagem e som inerentes a matrícula efetivada na escola. Mas para ratificar as ações exercidas pela

pesquisadora buscamos identificar e cadastrar o processo investigativo desta pesquisa no Comitê de Ética responsável. A proposta pleiteou estabelecer vínculo com esse colegiado multidisciplinar e independente, que possui uma relevância pública com objetivo principal de garantir os apreços de integridade e dignidade dos participantes da pesquisa.

Um colegiado que fortalece a premissa de relevância pública da pesquisa e exerce um caráter consultivo, deliberativo e educativo. E é sobre esse último termo que buscamos integrar o registro do estudo desenvolvido e aqui apresentado. Estudo esse que não se furta do caráter de conhecimento científico dentro dos padrões éticos.

A escola por sua vez autorizou a aplicação desta pesquisa por meio de documento previamente estruturado e assinado. Todos os documentos foram enviados para apreciação do referido comitê por meio da abertura de protocolo e segundo a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016) e após conferência e atendimento de pendências, foram considerados com exigências plenamente atendida pela pesquisadora.

O protocolo de pesquisa apresentado possuía todos os elementos necessários à apreciação ética.

E com o objetivo de fortalecer o ambiente escolar como potencializador de ações estratégicas que integre ComVivências e a caminhada formativa de profissionais integrados a uma relação estruturada e referenciada na interação de saberes o projeto foi considerado aprovado com o CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética de Número - 76520423.0.0000.0311.

Nos documentos anexados no final deste trabalho podemos visualizar os anexos referentes a abertura deste protocolo, sendo: Anexo I – Termo de anuência; Anexo II – TLCE (Termo de Livre Consentimento Esclarecido); Anexo III – TACE (Termo de Assentimento-Consentimento Esclarecido) documento assinado por responsável quando o participante for menor de idade; Anexo IV – Termo de Autorização do Uso de Imagem e Voz e Anexo V – Folha de Rosto.

Ressalto que apresento esses anexos documentais para entendermos toda a trajetória estrutural desta pesquisa e a importância de contar com a avaliação de uma equipe multidisciplinar externa ao campo de pesquisa para validar não só a estrutura ética dos procedimentos, mas também e relevância da pesquisa.

A próxima etapa é a audição cautelosa dos arquivos de mídia pelo coletivo de participantes, mas antes vamos descrever como foram criados os roteiros destes dispositivos.

Durante os encontros formativos, os “indivíduos criadores” participantes deste estudo apresentam diversas dimensões expressivas. Estas dimensões muitas vezes intuitivas, formam

sentidos que superam a dicotomia sujeito e objeto e fortalece a realização do indivíduo por meio da superação de alcançar a construção dos conceitos envolvidos. O que significa a trajetória da pesquisa tomando forma de modo orgânico e com ações coletivizadas, onde as decisões apesar de orientadas, são proferidas com ações que buscam a pedagogia da escuta como linear formativo.

Desse modo, esta pesquisa se fortalece como qualitativa em cada momento que se postula um saber integrado a complexidade do exercício da prática. O que estas interligações apresentam sobre a base compreensível do caminhar qualitativo da pesquisa é a presença viva de percepções para construção de conceitos em uma esfera formativa rica em potências culturais.

Estamos nesse momento da escrita analisando cada etapa desenvolvida, integrando a proposta aos conceitos trabalhados e fortalecendo o perfil condutor objetivado e a pluralidade das ações que dignificam esse trabalho e favorece um modo outro de pesquisa e divulgação de resultados.

Para estabelecer uma análise franca das observações efetuadas, os perfis formativos identificados serão de forma dialógica aqui relatados.

No trecho a seguir que Roberto Sidnei Macedo fala da esfera do pensamento em uma tríade formacional, onde o espaço-tempo das relações se destacam na compreensão do caráter qualitativo, é visível que,

O conhecimento humano, assim, se constitui em base a processos de totalização que se dão na esfera do pensamento formado-formante-formativo, pela reunião de tudo e pela distinção e definição de todas as suas partes. Sempre, entretanto, por aproximações e por relações localizadas espaço-temporalmente. (MACEDO et al, 2009)

Na observação exercida nesta orientação da pesquisa participante, os processos descritivos apresentados pelos praticantes do ato formativo demonstram uma funcionalidade interpretativa de percepções e intencionalidades formadoras. A bricolagem na forma articuladora da geração de novos conceitos, caracteriza o ambiente formador em um lugar alinhado a ideias promotoras de práticas coletivas e conscientes em uma formação rica de intencionalidades.

Logo identificamos como ambiente de processos efetivos de favorecimento do conhecimento humano, quando durante os encontros os alunos se colocavam em diálogos sobre o que seria o roteiro da construção dos áudios. Existia abertura para que eles se dirigissem inclusive, ao ambiente conhecido como “espaço do professor” composto por quadro para escrita

expositiva e mesa e cadeiras diferenciadas. Este espaço era de condução de conversas e disparador de ideias para criação de fatores que estabelecessem o ambiente formativo.

Lembrando que esses encontros formativos ocorriam durante as práticas das disciplinas de Planejamento e Projetos e Práticas Agroecológicas, onde todos os alunos que estavam matriculados nas disciplinas participaram das atividades até o final da proposta e apenas não se colocaram para gravar o primeiro episódio do PodCast, mas se colocaram para participar das seguintes edições.

As reuniões eram de diálogos para identificação de qual tipo de informação deveria aparecer nesta gravação. Foram destacados diversos assuntos em uma pluralidade de contextos que esses praticantes identificaram, elencaram várias perguntas, destacaram infinitos assuntos, até serem chamados a atenção para o conhecimento de que estavam participando de uma ação inédita em pesquisa, pois esta estratégia metodológica ainda não tinha sido aplicada como ferramenta de condução formativa para integrar um curso profissionalizante.

Com essa informação os praticantes se colocaram a reorganizar a dinâmica dos encontros para identificar quais seriam as informações importantes para os ouvintes. Nessa recondução de caminhada buscamos então ofertar mais elementos informativos. Assim os alunos escolheram que seria interessante elaborar um episódio que tivesse informações sobre a eles enquanto suas individualidades.

O coletivo decidiu que seria então um episódio de expressão das impressões iniciais do contato com a metodologia. Mas ainda se depararam com uma ausência, entenderam que as pessoas que estivessem ouvindo deveriam saber eram aqueles alunos e porque entenderam essa metodologia como parte integrante de seu caminhar formativo.

Iniciamos uma busca por uma pergunta que sintetizasse as informações que os praticantes gostariam de colocar no episódio. Como havia muitos estudantes dispostos a participar, entendemos que tinha que ser uma colocação bem curta para que o episódio ficasse o menos cansativo possível. É importante destacar que muitos alunos queriam falar, mas ao mesmo tempo não se sentiam à vontade, então fizemos a primeira edição da rodada de perguntas para dar início a exposição desta experiência.

Após várias propostas chegaram à conclusão de utilizar como pergunta disparadora a seguinte:

- qual a sua impressão inicial com a formação de técnico em agropecuária e os impactos gerados por esta metodologia?

Durante um dos encontros formativos, ou seja, em uma das aulas de responsabilidade da pesquisadora, os estudantes se organizaram em uma roda de conversa e gravaram suas

respostas, o que ocorreu de forma bem espontânea, tendo como protocolo principal, a liberdade de falar sobre sua trajetória e o encontro com o caminhar formativo em curso.

Com as gravações efetuadas, de maneira bem simples e acessível, por meio de dispositivo de áudio de aplicativo de conversas por mensagens instantâneas, os praticantes revisitam as falas ouvindo cada participante fazendo um momento heteroavaliativo.

Observar essa perspectiva de revisitar os áudios de forma coletiva a avaliativa demonstra uma colocação que encontramos em escritos de Gert Biesta, 2020 no Título “Para Além da Aprendizagem” – Educação democrática para um futuro humano.

No capítulo de nome – “Quão difícil deve ser a educação” o autor reporta que os espaços de novos inícios devem ser um espaço de liberdades e que estas liberdades só se caracterizam se colocada em ação com os outros, o autor ainda afirma que esses encontros não devem eliminar a pluralidade, vejamos o trecho.

A liberdade só existe *em* ação, o que, por definição, é ação-com-outros. Não podemos ser livres se estamos sós e isolados; só podemos ser livres quando agimos. Isso também significa que só podemos ser livres num espaço mundano, um espaço de pluralidade e diferença. Não podemos ser livres num espaço que é homogêneo e despluralizado. (BIESTA 2020)

Em “Temporalidades na Formação”, de Gaston Pineau 2003, ele fala sobre o tempo educativo, uma relação essencial na estratégia formativa do ser. Quando o autor coloca que o “Tempo educativo e o tempo não educativo é desobedecido em uma visão utópica que produz todo o tempo formador” ela apresenta uma revolução temporal.

Revolução essa que também é percebida na liberdade encontrada ao observar os estudantes em proza de entender e avaliar os seus e os outros “dados” da pesquisa ali expostos. Esta avaliação antecedeu a entrega dos áudios brutos, que iriam agora para a etapa da edição, que foi efetuada por integrantes do grupo de aprendentes interessados no tema.

Em audição do dispositivo do primeiro episódio³⁵ foi possível perceber as construções de conexões relatadas pelos praticantes que buscam em sua fala demonstrar como se concretizou esta imersão em ambiente formativo estruturado com base na ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica de formação com base na perspectiva multireferencial.

Uma outra passagem de Gaston Pineau 2003 ainda coloca que com o tempo educativo não nivelado, ou seja, “*criar usos do tempo, sempre educativo – vinte e quatro horas em vinte e quatro – e em toda a parte, sem espaço para alienação ... substitui o tempo destruidor por*

³⁵ Roteiro do primeiro episódio disponível como anexo VI.

um tempo criador permanente”. O tempo não é um dado, mas um Constructo e isso permite que cheguemos a nos libertar do cronocentrismo unidimensional.

Isso foi mostrado por estes praticantes, que integraram suas expertises já carregadas de outros momentos de aprendizados em sua trajetória de vida que apresenta múltiplas referências.

No trecho que segue podemos perceber a formação por meio da multireferencialidade citada por Macedo 2009 ao escrever sobre a perspectiva de uma pesquisa qualitativa em um “rigor outro”, onde esse conhecimento já existente possa render lições de aprendizagens coletivas, destacando aqui que esta pesquisa ocorre em uma unidade de ensino fortalecida por ações que referenciam a temática ambiental por meio das bases da agroecologia.

Portanto, não interessa negar a condição prévia de todo conhecimento humano, pois o que está em causa é o como tornar este conhecimento prévio a matéria-prima para a combustão e para o cozimento dos conceitos, formadores de uma pesquisa qualitativa qualificada. (MACEDO et al, 2009)

Esse é o desafio, validar o conhecimento já estruturado como ato colaborativo da formação do técnico em agropecuária com bases agroecológicas e nesse primeiro ato formativo de integrar avaliações por pares em uma dinâmica de escolhas.

Isso aponta e delineia a perspectiva de construção de comunidades epistemológicas ordenadas em torno de três eixos comuns: o indivíduo, a sociedade e a espécie. (MACEDO et al, 2009)

“A autonomização é uma formação permanente que requer a apropriação e a criação, entre outros, de códigos temporais” essa frase de Pineau 2003 nos coloca em uma revisitação de como se organizam os perfis formativos das escolas que conhecemos e/ou frequentamos.

Assim, é em nós mesmos que haveremos de buscar primeiro a natureza do conhecimento humano, e isso segundo nossos próprios limites corporais e mentais, perceptuais e conceituais, sempre necessariamente determinados e agenciados em algum momento da história da espécie humana, por meio de indivíduos criadores e/ou indivíduos destruidores. (MACEDO et al, 2009)

A integração observada no exercício desta metodologia rica em relações apresentou a existência de fomentos locais que integram o ambiente formacional em uma perspectiva estruturada de relações de ComVivências.

Assim a escola como ambiente formativo se posiciona como espaço de permanente referência da formação de formadores. Este espaço integrador e formativo ali gerado, ou descoberto se encontra com a metodologia apresentada pela ComVivência Pedagógica e nos permite retomar a perspectiva da dimensão do ato educativo como proposta de formação reflexiva, efetiva.

Sistematizar o lugar de formação com suas inquietudes transcende a perspectiva formal da aprendizagem e especificamente neste estudo estamos muito próximos de formar pessoas que podem checar os limites da natureza que nos cerca.

A etapa seguinte a esta é a de apresentar o produto gerado nesta fase da pesquisa.

3.3 O que ocorre quando não nos percebemos mais como padrão, e sim como investigador de renovação de práticas

Esse modelo de pesquisa se apresenta como observação, identificação e relato de uma estratégia metodológica, o que nos coloca como tecedor de rede de acontecimentos formativos contextualizados. As narrativas nos conduzirão nesta identificação da consonância do espaço tempo formativo. A agroecologia aparece como uma parceira de condução formativa, o que nos alerta para uma dimensão de concordâncias de múltiplas temporalidades, uma ação de responsabilidade intransferível, pois a construção do ambiente formativo se entrelaça com a subjetividade que pode culminar em ações de alteridade.

Vamos apresentar dois formatos de acesso aos dados gerados e apresentados, pelos meios mais usados pelos alunos, o acesso as plataformas digitais, disponibilizadas em códigos QR e Links e a transcrição na íntegra como anexo, bem como algumas frases de interesse analítico deste trabalho, que estarão no decorrer desta etapa do trabalho.

O formato em código QR está aqui logo abaixo em um quadro, onde também se encontra o link para acesso. Esse é o material resultante de uma edição simples, orgânica e preocupada em manter a originalidade dos praticantes desta itinerância em pesquisa formativa integradora.

Temos: o Link para acesso, que exige apenas um clique em cima do desenho em azul para acesso ao conteúdo.

Apresentamos ainda dois códigos QR que possibilitam o acesso por meio do uso da câmera de um aparelho celular.

Quadro 2 – Caminhos para acessar a plataforma de áudio dos depoimentos dos praticantes da pesquisa: Episódio 1

Link para acesso ao PodCast	Código QR para Acessar a plataforma	Código QR para Acessar a plataforma (com logo própria)
 https://soundcloud.com/podcastcomvivencias/tracks		

Fonte: A autora

Nesse primeiro episódio podemos observar uma dinâmica bem relativa a trajetória de cada um participante. Percebemos que as conexões estabelecidas nesta dinâmica formativa que aporta subsídios para a consolidação de uma proposta metodológica, podem ser ouvidas e analisadas neste dispositivo de áudio acima apresentado.

No primeiro momento das apresentações os estudantes se encontram em revisitar sua trajetória de vida e ainda trazem fatores ancestrais³⁶ como justificativas de caminhada.

Ao se apresentar e falar da aplicabilidade deste processo formativo e da formação de formadores em contextos diferenciados, os participantes da elaboração do dispositivo de áudio, falam de suas vivências efetuadas em investigações anteriores e as atuais.

Participante 1 – falando sobre a formação em técnico em agropecuária:

É uma escolha própria, até porque também meus avós, que eles têm um passado no interior do estado do Espírito Santo, dentro da roça. Então eu tomei isso como um incentivo também. Mas chegando aqui, o ponto de vista foi totalmente diferente, porque você está trabalhando com produção de alimentos, uma coisa que é realmente muito séria profissionalmente. Eu não sei se eu vou seguir realmente a carreira, mas eu vejo isso como ensinamento e um aprendizado em agricultura.

Essa temporalidade em formação na amplitude de uma revolução temporal como apresenta Gaston Pineau 2003 entrelaça *“A forte crise de desregulação temporal atual, podendo até chegar a uma “esquizocronia”³⁷ parcial ou total, desenvolve como contraponto a emergência de uma nova cultura sociopolítica dos tempos e de um movimento de formação*

³⁶ O conceito de ancestralidade tem vários significados, e todos eles passam por um só: a influência da nossa família sobre quem nós somos. E essa família não é só a de pai, mãe e irmãos. É também sobre as gerações que a gente não conheceu, os bisavós dos nossos tataravós, séculos de histórias cuja herança ainda está viva. <https://blog.meudna.com/o-que-e-ancestralidade/>

³⁷ Neologismo – de corte de tempo – imposto simultaneamente à exploração, mesmo sumária, da parte emersa do iceberg constituídas pelas referências cronológicas da vida comum: datas, hora, idade. Gaston Pineau 2003

permanente à procura de historicização”. A apreciação das falas nos leva a identificar as potencialidades formadoras que atravessarão o tempo formativo vigente, tanto integram as evidências ancestrais quanto garantem uma formação para a posteridade, uma travessia.

Em outro trecho deste mesmo praticante observamos a “*Postura Conectiva*” fortalecida, pois suas percepções o fizeram mudar de perfil comportamental.

Agronegócio e a agroecologia que não é para serem misturado né, porque são totalmente diferentes. Mas eu vejo isso no meu desenvolvimento como pessoa, o meu perfil como aluno e profissional. Eu cheguei no CEIA foi totalmente uma coisa muito.... Como posso dizer extrovertida, ou seja, O meu professor de agricultura, ou qualquer que fosse, falasse para fazer tal coisa eu ia lá e fazia assim sem questionar, o porquê de fazer e tudo mais. Mas ao longo do tempo eu fui me questionando o porquê de estar fazendo aquilo sendo que o ensinamento tem que vir de você mesmo, você tem que se questionar porque você está fazendo naquilo, qual o objetivo.

A constatação de que estamos mesmo vivenciando uma formação técnica utilizando a “ComVivência Pedagógica” como estratégia metodológica e suas complexidades fica evidente. (Granier 2020) que depositou energia em estruturar os princípios formativos desta estratégia, nos apresenta um trecho que considera comportamentos e atitudes que nos permite visualizar a existência em destaque dos princípios.

A importância dada ao ambiente educativo nas experiências formativas de “ComVivência Pedagógica” deve-se ao pressuposto de que é a imersão neste ambiente, dinamizado pelos cinco Princípios Formativos, que a pedagogicidade da vivência se expressa e se potencializa. (GRANIER 2020)

Participante 1 – falando sobre o estímulo a formação em técnico em agropecuária:

E isso foi criando um estímulo para aprender mais e mais. E também tem a interação com os meus colegas de classe, que não é tão fácil, mas se torna um certo convívio, porque você vai pegando mania, você vai pegando ensinamentos por parte de alguns de questionamentos, de resposta, de perguntas e isso vai, vai sendo muito importante. Como um desenvolvimento como profissional e como aluno também, até porque o conhecimento não tem que vir só de um profissional, tem que vir de você mesmo, até porque se você está numa área onde você tem que trabalhar com alimentos, tem que trabalhar com alguns produtos, que engloba essas coisas é assim, não tem que vir só do Profissional, mas tem que vir de si mesmo.

Uma mudança de olhar muito potente, inclusive apresentando a iminência de um ensino não fragmentado, agregador, bem diferente das amostras reais que temos visto no ambiente formativo em geral, principalmente os formais.

Neste escopo, a construção de sentidos na constituição do ambiente educativo de “ComVivência” é também uma proposta de educação com e para o sentir. O sentir enquanto dimensão sensorial humana primária, inerente à interrelação do sujeito consigo e com o Todo e elo que atravessa todos os sentidos,

permitindo-nos uma conexão indelével com Terra, através de cheiros, sons, sabores, formas, encantamento. (GRANIER 2020)

Interessante destacar que a busca por romper com a “armadilha paradigmática” também se mostra nesta fala, e esta ação é uma das questões centrais dos estudos de “ComVivência Pedagógica”. Colocamos aqui ainda a agroecologia que é uma *“ciência emergente que estuda os agroecossistemas, integrando os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compressão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”* como apontam diversos autores, nesse caso, Altieri 2004 nos ajuda ainda mais a fortalecer a agroecologia como ciência dialógica. Mas uma vez este autor coloca que: *“Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável é, sem dúvida, um poderoso instrumento de visualização e viabilização da agroecologia como área de conhecimento e como prática produtiva”*.

E esta pesquisa vai se desenhando de maneira potente tecendo um poderoso evento dialógico da ComVivência Pedagógica com a Agroecologia na formação de profissionais educadores ambientais.

Como afirma Guimarães 2021, *provocar nos processos formativos a postura conectiva em que o dialógico enseja um ambiente educativo onde as emoções (como o amor) possam ser vivenciadas*. E não estamos falando de romantismo, como caracterizam pejorativamente muitos atores sociais, mas de força de sentimento, de afeto efetivo e profundo com a construção coletiva de conceitos.

Estes estudantes participaram de diferentes oportunidades e contextos baseados em intencionalidades centralizadas na relação dialógica considerando processos formativos de acordo com a proposta da ComVivência Pedagógica.

O ambiente educativo que buscamos constituir nesta proposta é de um espaço tempo dinamizado por relações provocativas, incentivadas por princípios formativos para potencializar experiências significativas sincronicamente vivenciais, do indivíduo, de um com outro (indivíduo/sociedade), de um com o mundo (natureza). (GUIMARÃES et al., 2020)

É nesse ambiente constituído pelos participantes da pesquisa que constatamos a urgência na transformação dos processos educativos. Buscar um rompimento das características conservadoras do perfil educacional é caminhar para livrar-se da armadilha confortável que nos encontramos.

Participante 2 – Apresentando suas impressões.

Venho para cá por incentivo da minha mãe, foi mais uma obrigação, por que Eu cheguei aqui com o ponto de vista completamente diferente, achei que não iria aprender nada, não iria absorver nada. Seria somente um “pião” que era só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Mas chegando aqui, a realidade foi outra eu

aprendi, tirei dúvidas, descobri coisas que eu não sabia, entrei em projetos, realizei projetos e acabou que eu aprendi bastante sobre a área da agricultura, que eu até então achava que não era algo tão importante. Achei que era algo mais irrelevante e aprendi bastante com essa área. Não sei se vou seguir nessa área profissionalmente, mas ela está servindo como aprendizado e pode ser que futuramente eu siga nessa área, eu estou aprendendo também, evoluindo também como pessoa também. É aqui na escola eu descobri que a gente pode escrever e seguir nosso caminho sozinho.

Nesta formação em curso, podemos perceber que os estudantes se encontram com princípios como a reflexão crítica, principalmente quando chegam nesta escola sem ter sido uma escolha autônoma, e ao se deparar com as possibilidades formativas reflete criticamente e consegue se permitir uma leitura mais complexa, como vemos nos escritos de Granier 2020.

É neste sentido que a Reflexão Crítica, ao possibilitar ao sujeito uma leitura mais complexa da realidade, contribui para clarificar sua “mirada” sobre ela, e com isso, uma maior consciência sobre sua dinâmica e a percepção das possibilidades de intervenção sobre ela. Da mesma forma, essa direcionalidade beneficia a construção de sentidos desencadeada pelo sujeito no exercício de Posturas Conectivas, manifestando-se em conexões conscientes de pertencimento. (GRANIER 2020)

Uma possibilidade de formação em sentido existencial, caminhando para uma reforma do pensamento, fuga do “as coisas sempre foram assim” como coloca Guimarães em seus escritos sobre as emergências e transformações do século XXI.

Participante 3 – um diálogo já existente, formando formadores

Eu vim aqui para esse colégio porque eu já tinha é, digamos que uma conexão, né? Com essa área, só que eu não sabia muito bem em que em específico, né? O que que eu queria, então eu vim para cá para saber em qual ramo eu iria trabalhar, em qual ramo eu iria me especializar eu entrei aqui na escola, eu entrei com um pouco de medo, né, porque eu não sabia se era isso mesmo que eu queria. Mas conforme o curso foi passando, eu fui me encaixando aqui na escola que se tornou praticamente uma segunda casa pra mim, porque tanto que a gente passa a maioria do tempo aqui, né? Com os nossos colegas a gente se tornou uma família e briga bastante, mas a gente se gosta bastante também. E o curso para mim está sendo bom, está clareando muito bem a minha mente, não é só porque eu consegui encontrar esse ano com a área que eu quero mesmo me especializar. E o meu foco é conseguir trabalhar na área e ser uma profissional dentro da área da agricultura, e com a agroecologia do nosso curso eu consegui aprender bastante sobre as relações, né? Os professores aqui eles ensinam bastante pra gente, o curso, a maneira da gente aprender, é diferente do ensino fundamental, porque você tem que seguir o seu próprio caminho, né? Você tem seus próprios projetos, suas vontades.

Demonstração de uma formação permanente que aparece na perspectiva de se descobrir formador também de formadores futuros, a heteroformação que Pineau aponta ao “*Entender esse movimento perpétuo, este devir incessante em formação, que obriga desse modo a revisitar nossas categorias e até mesmo princípios de compreensão*”. PINEAU 2003. Neste caso as falas se encontram com uma outra proposição de Pineau – *A análise destas transações, ponto de*

clivagem/encontro destes polos e movimentos, transformou-se no ponto de partida da busca que assim pode identificar suas dominâncias.

Participante 3 – a identificação das dominâncias.

De início foi difícil, porque a gente não está muito..., está meio que distante, né? Do que você quer? Então você acaba fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Mas quando você acha o seu foco, eu acho que aí sim você consegue absorver tudo que esse curso pode te proporcionar. Quando eu cheguei aqui na escola, eu tinha um perfil, como eu posso dizer? Eu era muito orgulhosa. Ainda sou, né? Eu era muito difícil de aprender coisas assim, se não fosse o professor passando, com outras pessoas eu tinha muita dificuldade quando eu cheguei aqui, uma pessoa que ajudou muito a mim e meus colegas, foi a Vitória, a gente entrou com um projeto de tempero, de planta medicinal, então ela passou bastante conhecimento para a gente e ali começou, né? A nossa interação com os outros alunos e os professores. Ano passado com a outra turma, com os meus colegas, eu consegui passar bastante coisa também e eles passando para mim, através dos projetos, das aulas, tivemos muitas interações nas práticas e hoje em dia eu vejo o fruto. O fruto disso é com o primeiro ano, né, que chegou agora, como nós somos o terceiro ano, às vezes eu penso que eu não sei nada, que eu não consegui absorver bastante coisa durante esses anos que eu estou estudando. Mas quando vai fazer uma prática com o primeiro ano e consegue passar o que você aprendeu e realmente eles aprendem ahhh.... isso é muito gratificante.

Esta narrativa nos atravessa nos conceitos de referencialidade plural que falamos bastante nesse trabalho, um referencial dialógico ressignificando a proposta arraigada com uma proposta multidimensional. Aqui a fala apresenta uma caminhada formativa de transformações, onde as relações integradas aos princípios da ComVivência Pedagógica construíram novos sentidos do existir, novas visões de mundo com pluralidade de possibilidades de viver e nesse caso narrado, o subjetivo e objetivo se alinham...

Seguindo esta linha reflexiva, a construção do ambiente educativo pode ser um exercício de auto-conhecimento, inspiração e motivação para os educadores que se veem inseridos num processo de afinar sua intencionalidade de transformar a realidade, no desejo de contribuir para a estruturação de um mundo socioambientalmente mais justo. (GRANIER 2020)

Vemos o rompimento com a individualização e certezas impostas por caminhos apresentados como únicos, e intencionalmente transformados, vivendo oportunidades outras de relações do mundo, como podemos identificar em outros participantes

Participante 4 – as mudanças de pensamentos e as construções.

No começo eu vim para cá para fugir da formação de professores, porque eu queria uma formação técnica, mas não naquela área. Acabou que eu cheguei aqui, eu fui gostando, porque pegando o gosto pela coisa e acabou se tornando um hobby. Não sei se eu pretendo seguir na área ainda é uma incógnita para mim é o que acabou tornando... Algo que me traz paz... A questão de adaptação aqui foi um processo um pouco lento, porque eu vim com raciocínio ... enfim, algo construído do ensino tradicional, a questão de professor, aluno, sala de aula, quadro, enfim.

A reconstrução da relação professor-aluno tornando desconfortável o praticante, apresentando como interessante “*adquirir condições de abrir um espaço interno para os sentimentos de solidariedade e responsabilidade para com “o outro” e, se tornar integrador de formas diversas de construir conceitos outros sobre o processo formativos, como afirma Granier 2020 em seus estudos e constructos.*

Apreciamos a narrativo sobre a diferença entre as etapas de ensino já vividas e endurecidas em sua performance de construção formativa e o impacto do ambiente educativo.

Participante 4 – a diversidade confluyente de caminhos de construção de autonomias formativas.

E quando chegou para cá e com a dinâmica totalmente diferente, foi bem difícil. No começo eu não consigo entender e eu sentia que eu estava perdendo muito depois, com o tempo, eu fui reconhecendo o quanto isso podia me ajudar, tanto no desenvolvimento pessoal e, enfim, no conhecimento mesmo. E quando eu cheguei aqui, eu vi que um pensamento muito limitado sobre o conhecimento vir de mão beijada e não eu ir atrás dele. E quando eu vim para cá, eu tive que acabar desconstruindo isso para me adaptar à didática que aqui residia. Acabou que, passando por experiências com as cultivares, eu tive que começar a pesquisar isso, investigar isso para poder resolver os meus problemas. Por exemplo, é, eu estava plantando hortaliças, salsinha, enfim, e a coloração das folhas acabaram ficando avermelhadas, rochas, enfim, para esses tons mais quentes e eu querendo saber o que estava acontecendo, eu tive que ir pesquisando, pesquisando, até eu descobri que era por falta de nutrientes. E isso acaba, essa autonomia, acaba expandindo mais o nosso leque de possibilidades de conhecimento e talvez até chances de se encontrar dentro daquilo que você mais se identifique e adquirir nessa metodologia que o melhor conhecimento é aquele que nós construímos.

Na fala dos 14 participantes do dispositivo de áudio do primeiro episódio, podemos perceber a formação em curso de potenciais formadores conscientes e ativos em sua emancipação para a transformação da sociedade.

Esse exercício formativo que requer humildade, solidariedade, compartilhamento e amorosidade pode-se fazer no processo de aproximação, participação e convívio com as memórias, crenças e costumes de povos e comunidades tradicionais que praticam constantemente e ativamente suas manifestações culturais como dança, gastronomia, música, arte, ritos e temporalidade. (FARIA & GUIMARÃES, 2021)

As falas dos praticantes demonstram que eles expressam a defesa da existência de ambientes potencialmente fortalecedores do ato educativo rico em outras epistemologias, inferem em proporcionar experiências significativas que atravessem a prática de ações formativas superficiais que induz a uma formação prática superficial, acrítica e fragmentada.

Experimentar as possibilidades pedagógicas de ambientes educativos para a realização da ComVivência Pedagógica a partir dessa perspectiva está no cerne de nossas investigações e, em seus desdobramentos, a consolidação de Princípios Formativos em desenvolvimento. São eles: Reflexão Crítica,

Posturas Conectivas, Indignação Ética, Desestabilização Criativa e Intencionalidade Transformadora. (FARIA & GUIMARÃES, 2021)

O ambiente formativo constituído se declara sintetizado diante da bricolagem de reflexão com imersão, possibilitando efetivar esta escola como um lugar de relações provocativas, incentivada por princípios formativos.

Os praticantes ao se encontrar com o dispositivo pronto, integrado ao perfil de divulgação escolhido por eles, construíram o traçado de meta de estruturar outro episódio com menos participantes e convidaram um egresso do ano de 2022 para participar.

A práxis de ouvir o produto já estabelecido e colocar em reunião como estruturar o próximo episódio foi exaustiva. Diversos encontros calorosos, mas não desalinhados das perspectivas e indumentárias de uma dinâmica formativa com base em diálogos orgânicos.

Olhar esse momento como espaço-tempo para potencializar experiências significativas, na formação do técnico em agropecuária demonstra que a valoração das vivências do indivíduo, de um com o outro e na sociedade.

Ouvir as declarações dos participantes, e perceber que as considerações expostas se integravam como percepções formativas é uma demonstração de início de jornada, onde apenas dois alunos presentes no momento da gravação, não se sentiram à vontade para participar, possibilita entender de maneira mais assertiva os resultados deste trabalho.

Se fizermos uma análise quantitativa simples e muito significativa, chegamos ao resultado de que tivemos 90% dos praticantes como respondentes, nesse caso não é uma desistência de participar, apenas uma dificuldade de entender-se como parte.

A dinâmica de intimidade com a exposição de opiniões em ambientes passíveis de avaliações externas, neste caso o “PodCast”, apresenta de pronto uma reação de distanciamento. Porém, na perspectiva participativa da experimentação de envolver-se na convivência, dinamizar as práticas, se perceber como praticante e fortalecer a autonomia da aprendizagem, todos participaram.

As participações foram voluntárias e integrais no que diz respeito aos momentos de encontros formativos e de construção coletiva de conceitos. O roteiro do produto encontra-se nos Apêndices E e F.

Para avançarmos o debate das questões em relação a formação deste indivíduo que se propõe a materializar as práticas ali refletidas, observamos sinais de apreensão da complexidade das lógicas que circundam aspectos teóricos e metodológicos que envolvem concepções que integram ser humano, natureza e a reintegração do indivíduo ao meio ambiente.

Principalmente em relação a formação de profissionais que irão atuar em uma sociedade que é regida por uma crise que separa, explora e segrega o ator social. Ouvir este dispositivo nos faz acreditar que uma formação nestas condições integrativas poderá contribuir para religar, unir, colaborar e agregar. Caminhar em uma construção de novas relações, mais compreensivas do exercício de uma postura dialógica que valoriza dimensões diversas fundamenta o processo formativo.

Promover um ambiente onde a construção de conceitos se dá na coletividade, solidariedade e respeito aos ciclos envolvidos potencializa a existência do ambiente formativo.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples troca da ideia a serem consumidas. (FREIRE, 1987).

É a valorização das relações nas dimensões comunitárias de pertencimento ao ambiente naturalmente envolvido que fundamenta o processo por meio de vivência a partir de experiências. Nesta caminhada tem sido intrigante perceber o quanto as práticas educativas estratégicas de ComVivências valorizam o exercício de novas relações de construções formadoras.

Nasce assim o segundo episódio deste dispositivo de áudio, radiografado com as narrativas ali desenvolvidas, colocadas e endereçadas ao mundo.

Desta vez já mais experientes na busca por elencar ideias e alternativas, a roda de conversa já possuía secretários e tempo de fala, porém eles destacaram uma dinâmica que me chamou a atenção, urgência de feeling³⁸. Uma situação que descrevem como respeito ao momento de fecundidade de ideias, caso alguém tenha uma ideia que se aplica ao que está sendo falado naquele momento, ele se coloca em posição de urgência com as duas mãos levantadas e logo passam a palavra para esse(a) praticante.

Mauro Guimarães cita que o trabalho coletivo produtivo fomenta a interdisciplinaridade compreendida como processo elaborado e expressivo.

“Valorização do trabalho em equipe não como uma potencialidade do aumento da produtividade do trabalho e neste prisma, é interpretada a interdisciplinaridade”. (GUIMARÃES, 2007).

Este trabalho demonstrou a valorização da apropriação de conceitos integrativos e transformadores de visões reducionistas referenciadas pela perspectiva hegemônica. Valorizar

³⁸ *Feeling* é uma palavra em inglês que em português significa sentimento e procura descrever a sensação física de tocar, a sensação sentida de calor, de afago de parceria e cumplicidade.

a integralidade já presente no processo formativo que não se define apenas em um sentido contemplativo, mas também valorizar o senso crítico.

A escolha das perguntas que seriam a base do segundo episódio foi contemplativa de temas a serem abordados, e nesse momento eles entenderam que deveriam se apresentar rapidamente e depois falar sobre o ambiente educativo/formativo.

Pergunta I

“como você chegou até aqui [o lugar de formação na escola]?”

Pergunta II

“em relação ao ambiente formativo, qual a relação dele, da construção dele e de como esse processo contribuiu para a visão de mundo de cada um, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar”.

As perguntas foram elaboradas e respondidas voluntariamente, mas este segundo episódio se destaca por sua dinâmica mais sintetizada com um número reduzido de participantes para se aproximar mais do modelo proposto. Não que exista uma regra disponibilizada, pois visitamos e revisitamos os sites oficiais da associação brasileira de “PodCasteres”³⁹, e não encontramos uma regulamentação de quantos participantes integrando essa mesa radiofônica classificam como “PodCast”.

A materialização deste dispositivo em uma realidade de acesso a aparelhos eletrônicos e plataformas gratuitas de hospedagem de classes, ditas populares, atende aos movimentos destes estudantes em buscar formas acessíveis de se informar.

Mas como não temos a garantia de que todos os praticantes terão acesso a este perfil de leitura/audição, também deixaremos aqui disponível como anexo a transcrição dos programas.

Quadro 3 – Caminhos para acessar a plataforma de áudio dos depoimentos dos praticantes da pesquisa: Episódio 2

Link para acesso ao episódio 2 do PodCast ComVivências	Código QR para Acessar a plataforma	Código QR para Acessar a plataforma (com logo própria)
 https://on.soundcloud.com/w9z4viFwSnRy412T8		

Fonte: A autora

³⁹ <https://abpod.org/>

Somaremos ainda a este estudo as imagens dos princípios formativos e suas interações predominantemente auto-reflexivas de construção de sentidos. Os praticantes se somaram a uma operação coletiva de produção audiovisual de condução narrativas de suas impressões.

São histórias de vida que se entrelaçam, vamos apresentar aqui alguns trechos transcritos.

Participante 1 - do segundo episódio

Quando você percebe que você está em um ambiente formativo, onde você também pode criar esse ambiente, sendo seu e com outras pessoas que também fazem parte, tipo da sua rotina, eu acho isso muito legal. Exemplo No segundo ano teve um trabalho relacionado à criar o seu próprio projeto, o próprio grupo e tudo mais. Teve um que a gente tinha, eu e mais 3 meninas que é a Maira, Samara e Maria Eduarda, a gente teve a ideia de entrevistar um agricultor daqui de perto, da fazenda ali do Seu Oscar, então, a gente teve essa ideia, a gente foi até lá, a gente entrevistou ele de como que esse cotidiano dele, que era, de plantar, dele, como ele distribuía esse alimento, como eu era ali. A gente, até chegou a visitar também junto do terceiro ano, e isso foi muito legal, porque a gente não só faz o nosso próprio, próprio ambiente. Mas quando a gente também inclui outras pessoas também, isso é muito legal. E depois que você também, você realmente você percebe que você está evoluindo, você está tendo realmente sua própria. Própria evolução dentro de um ambiente formativo, assim eu senti a satisfação de realmente, né, tá nesse ambiente formativo, sendo meu ou não... Então eu acho isso muito legal.

O processo formativo, neste quadro apresentado aqui neste estudo não se refere apenas em uma forma diferenciada de aprendizagem, mas sim uma perspectiva formativa que valoriza a diversidade, o coletivo e outros aspectos culturais respeitados nas diferentes práticas envolvidas.

Quando apenas as particularidades de alguns segmentos da sociedade são levadas em consideração, o processo formativo não contempla a dimensão e os sentidos para que os educadores ambientais tenham um senso crítico e inovador envolvendo questões político-sociais. (FERREIRA & GUIMARÃES, 2017)

Enfim podemos falar de forma assertiva que este estudo vem possibilitando uma clareza crítica em relação aos perfis de dinamização da construção de conhecimentos estruturantes em distintos campos e diferenciadas abordagens. Não queremos esgotar este estudo em uma decrescente de análises, mas sim potencializar mais ações estruturadas que demarcam distintos campos epistêmicos.

Participante 2 - do segundo episódio

É essa parte daquela visita, inclusive da visita em si, cara, foi um ponto até de partida para muita gente né porque, as coisas na maioria das vezes no caso dessa instituição aqui, às vezes as coisas são distantes, né? É, é até as práticas que são do consumo e do da produção. Quando a gente foi visitar Oscar, cara, foi maravilhoso, foi muito legal.

Quando participante coloca a visita em uma propriedade, visualizamos um agroecossistema, pois integra as variáveis da região e muitas características estruturais e funcionais, podemos identificar que esta vista de aula externa que é citada representa uma parte interessante da estratégia metodológica aqui estudada, que são:

- o compartilhamento de diferentes sistemas, estavam em ambiente produtivo vizinho;
- a exploração de microambientes e suas características plurais;
- a produção para consumo local.

Podemos ainda citar que segundo Altieri 2004, esta ação contempla o significado de sustentabilidade que *significa que a atividade econômica deve suprir as necessidades presentes, sem restringir as opções futuras. Em outras palavras, os recursos necessários para o futuro não devem ser esgotados para satisfazer o consumo de hoje.* Uma visita de orientação, investigação e parceria.

3.4 Sobre o processo de relação com o ambiente educativo/formativo e suas molduras

Participante 3 - do segundo episódio

Bem no Quer dizer que o impacto, como foi, que está exposto a tudo isso, a todas essas pessoas e entender e aprender. Entender o que é a agroecologia e aprender como ela funciona e o potencial dela tanto para o imediato que é o que a gente costuma pensar sempre... mas sempre no futuro, as possibilidades que a gente tem. São coisas que para muita gente é muito complexo, para a gente é muito simples, né? Esse período também que eu aprendi que muita coisa assim a gente não tipo, a gente não precisa ficar pensando muito, vai ver tipo, a gente precisa, lógico de um, planejamento, mas a gente precisa também de um pouco de otimismo para pelo menos tentar sabe? Sempre. Com o pé no chão, foi o que eu aprendi aqui. Aí você pode sonhar, mas tem que ter um equilíbrio também, saber o que que é possível. Mas está sempre um olhar longe, né? Sempre olhando o Horizonte, olhando o que é possível fazer com o que a gente tem e o que que a gente pode conquistar com isso.

Repasar esses aprendizados evita a depreciação em diversas esferas, seja dos bens naturais, seja da formação das pessoas e até mesmo buscando integrar a temporalidade formativa e seus tempos aos pares dissolutos identificados.

Participante 3 - do segundo episódio

Repasar até para minhas irmãs e para o meu irmão eu tento passar um pouco disso. Tudo é possível e que existe um limite, mas que tudo é possível até certo ponto.

A formação permanente permite que lancemos mãos de transformar tudo em relação de permanente espaço tempo educativo. Compreendendo o tempo de contribuição pessoal no conceito de formação permanente, o que vemos nestas ações relatadas.

Gaston Pineau destaca que *“a formação como função da evolução humana parece constituída por esta contradição entre o auto e o heteroformação. O que não é uma dialética fácil. Na maioria das vezes, o desenvolvimento de uma provoca o subdesenvolvimento de outra”* e se formarmos as pessoas diante de uma perspectiva dialógica de formação de formadores podemos atingir um número bem maior de aprendentes. Vejamos as próximas transcrições.

Participante 2 - do segundo episódio

Bom essa ideia do que a gente pode utilizar, do que a gente pode tirar proveito de fato, né, as vezes a gente se liga muito nisso, será que o que a gente está fazendo, realmente é a gente vai levar. Eu posso dizer que sim, realmente o que a gente tira, dessa instituição, desse, desse ambiente, é riquíssimo, é incrível.

O participante destaca que o ambiente formativo Multirreferenciado é rico, e quando ressalta que a sua preocupação em levar para a vida as aprendizagens desenvolvidas é atendida, podemos considerar que Roberto Sidnei de Macedo fala de Multireferencialidade. O autor elege o perfil clássico como opositor e no caso da formação, da unidade de ensino que ocorre a pesquisa, temos o enfoque na mudança de estrutura, de ambiente e de metodologias aplicadas.

Os estudos culturais ampliam a concepção de cultura e se aventurando em estudos de objetos culturais híbridos, multirreferencializados e instáveis, numa franca ruptura com os objetos de estudo da antropologia clássica. Defendem a noção de que as incontáveis expressões da produção cultural devem ser analisadas em relação a outras dinâmicas culturais, estruturas sociais e históricas. (MACEDO et al, 2009)

São estas outras dinâmicas culturais que nos remetem a atentar aos paradigmas já constituídos durante a etapa anterior a essa que se deparam estes estudantes. Eles citam em suas falas o quanto foi difícil se adaptar a uma escola tão diferente e tão promissora e agora colocam que essa diferença se torna a parte mais maravilhosa.

Participante 2 - do segundo episódio

Uma das partes que eu mais acho maravilhoso é a parte do que é você repassar este conhecimento, minha família, ela não é muito de cuidar de plantas não, nem de cultivar, só o meu avô. Mas, cara, você vê que tem um interesse, sabe? Porque a curiosidade e a gente, por estar aqui um pouco, compartilhar informações, por passar por isso, a gente consegue responder, cara, não tem sensação melhor do que essa, não? Você puxa, de onde vem isso aqui que estou comendo?

A agroecologia como prática de integração de ações de recuperação engloba infinitas orientações, cuidadosas, buscando não provocar grandes danos na aprendizagem, deixando o acesso a formação livre, tornando a relação da Agroecologia com a ComVivência Pedagógica uma dualidade dialógica de construção do ambiente formativo e as relações desenvolvidas em atos formativos.

Participante 2 – as interações formativas dentro e fora do ambiente educativo.

As vezes nem precisa ser um familiar pode ser uma pergunta de alguém no “hortifrut” durante uma compra. Assim já é algo diferente. É e falar também sobre as questões que o Carlos falou sobre, você fazer o que é o seguinte, você vai fazer o que você quer fazer. Esse é um sonho assim, um exemplo de um projeto, por exemplo. E assim, cara, é dá pra você fazer, poxa, tem essa opção aqui, vamos lá, o que não dá, o que não é viável, não vai impedir o projeto até certo ponto. Então a gente vai fazer. É isso que eu acho mais, mais incrível.

A complexidade de formar pessoas que se encontram ainda em formação instrucional básica, que, muitas vezes, sequer decidiram em qual profissão pretendem se colocar e a diversidade de oportunidades formadoras que esta ComVivência proporciona, nos apresenta uma contextualização de referenciais positivos apoiados na pluralidade. No trecho que se segue podemos analisar esta ligação.

A multirreferencialidade se configura numa epistemologia da pluralidade que, em criticando os sistemas que se querem monorreferenciais, convoca olhares diversos para compreender situações e objetos complexos, através de operações dialógicas e dialéticas. (...) Assume a centralidade da cultura como possibilidade de compreensão das simbolizadas ações e produções humanas em meio a processos políticos configurados por intenções situadas constituídas em interação. (MACEDO et al, 2009)

Participante 1 - do segundo episódio

É porque não vem nenhum comportamento daquela parte da ignorância, não é tipo de você não... ou melhor, você achar que você sabe muito e não passar para outras pessoas eu vou só simplesmente guardar. Isso para você, porque você quer se achar mais do que a pessoa.

Para caracterizar esse perfil dialógico existente atrairmos a situação da formação em curso e por proximidade, pois nos relatos são colocadas formas de transmitir informações a qualquer interessado. Respeitando a diversidade e atendendo a perspectiva da partilha e expertises da busca de trabalhar a formação em um cenário diverso e em permanente dinâmica produtiva e organizacional.

Assim, com a adesão instituída de novas orientações formativas se sentiu a formação se instituindo como estratégia de formações que potencializassem os perfis dos egressos (quando assim se tornares) desta instituição de ensino profissionalizante - agroecológico.

Participante 1 - do segundo episódio

Eu acho interessante muito, essa questão de você realmente repassar. Tipo depois que você falou que o segundo ano que eu tenho uma referência do Segundo ano, é que realmente a gente teve o primeiro contato com agroecologia foi no ano, então assim na minha cabeça só tinha agricultura não tinha outra coisa a não ser a agricultura [...]

A proposta da agroecologia busca auxiliar a superar diversos entraves que podem surgir ou já estarem instituídos, em esferas sociais e/ou produtivas que são constituídas e integram o ambiente de atuação do profissional que se formará neste ambiente de educação regular, básica e profissionalizante.

[...] mas depois que eu percebi que a agroecologia é mais do que você simplesmente plantar, tipo assim, vai muito além de plantar, engloba muita coisa, engloba muita gente, você realmente repassa isso para outras pessoas e você repassa isso para sua família, que é algo realmente muito produtivo e que dá para fazer sem machucar a natureza no seu próprio cultivo. Então assim, eu acho que impactou bastante nessa parte da agroecologia e você praticando isso sem ter um peso na consciência, então eu acho isso muito gratificante para a minha formação.

Um trecho que nos permite afirmar que os praticantes que experimentaram a agroecologia como prática e a ComVivência Pedagógica como metodologia integrada a perspectiva formativa, cocriaram a narrativa das conexões deste ambiente formativo. Lócus que arvoram uma formação horizontalizada, capaz de traçar um processo formativo contínuo de rumo de vida, onde a troca de saberes compõe o processo.

Aqui, no decorrer do texto apresentamos narrativas daqueles praticantes que se colocaram de forma voluntariada para participar de um processo formativo em busca da aprendizagem com base na troca e, que ainda possam dispor da possibilidade de contribuir com a construção de conceitos diversos.

A escola onde o estudo está sendo realizado recebe o nome de Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorf – CEIA-BL⁴⁰ – considerada pela rede estadual de ensino como escola de difícil acesso, com serviço de transporte coletivo público de atendimento insuficiente. E está instalada em uma região de mata, com poucas residências, estrada de terra, não pavimentada e por outro lado, bem provida de fontes de águas naturais.

Mais um motivo para não se furtar da busca por potencializar o espaço formativo. Um espaço ambientalmente rico e naturalmente fecundo. A inclusão de ações estratégicas que

⁴⁰⁴⁰ As informações citadas nessa seção do trabalho encontram-se entre as páginas 3 e 10 de um jornal de circulação impressa, desativado atualmente, chamado Jornal AgroEco Notícias, na edição número 10 – Magé-RJ, agosto/setembro de 2010.

entendemos contribuir para alcançar posições outras, podem fazer com que a escola se torne referência formativa por meio de uma estruturada relação de ComVivência entre todos os integrantes do ambiente, e assim se perceba como espaço integrador (educativo) pedagógico de caráter formal e não formal, na construção de formadores.

E para que a percepção ocorra, precisamos identificar rumos que possam transformar a escola em um espaço que funcione como ferramenta (permanente) de fomento a formação de formadores.

Tivemos ações voluntariadas, que nasceram de dinâmicas coletivas e participativas onde todos os praticantes⁴¹ estabeleceram características que fomentaram espaços de vivências e trocas em uma abordagem mais voltada para os perfis ali envolvidos. Para desenvolver as ações coletivas tivemos a ComVivência pedagógica como estratégia metodológica de posicionamento formativo e de autoformação, os espaços de imersão destes praticantes se estabeleciam a cada dia letivo.

Por se tratar de um ambiente formativo que está objetivado a formar profissionais gestores de dinâmicas produtivas que integram a produção de alimentos e matéria-prima com o uso consciente dos recursos naturais, as informações aqui apresentadas tem a intenção de fortalecer a dinâmica de respostas aos objetivos desta pesquisa. Buscando demonstrar que ambientes formacionais estruturados por meio de uma premissa de relações entre a profissionalização e a responsabilidade socioambiental podem mudar a trajetória de diversos caminhos formativos que podem salvar o planeta.

Durante a trajetória de aplicação e desenvolvimento do processo desta pesquisa podemos observar que A “ComVivência” pedagógica como estratégia metodológica de formação e autoformação multireferencial potencializa o exercício formativo do profissional e do ator social.

O Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff (CEIA-BL)⁴², onde leciono as disciplinas da área técnica desta formação, é uma escola que apesar de apresentar uma falta de integração entre as componentes curriculares, projetos pedagógicos concomitantes e concorrentes e, poucas condições de ofertas de aulas diversificadas, acolhe um corpo discente fecundo, afetuoso e rico em relíquias culturais e formativas pela ancestralidade.

⁴¹ O termo ‘praticantes’, concebido por Certeau (2018), se refere àqueles que vivem e se envolvem dialogicamente com as práticas do cotidiano, neste caso ambiente formativo. O autor ressalta que, os espaços e os tempos de criação coletiva e a ação política emergem como componentes fundamentais no processo de transformação da escola.

⁴² A elucidação da mudança do Colégio Agrícola de Magé-RJ para Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff ocorre de forma legal e tramitada.

O que nos coloca como praticantes de diferentes concepções pedagógicas que acolhem de forma contínua, conceitos diversos de práticas e perfis formativos heterogêneos. Dentre os conceitos acolhidos/trabalhados é possível identificar a agroecologia e a ComVivência Pedagógica, atreladas em uma busca incansável por possibilitar que os atuais alunos da unidade escolar, que realizam essa formação em agropecuária, tenham realmente um viés formativo complexo e integrado. Tramitando a agroecologia em seu cotidiano formativo, integrando na formação do profissional reflexivo discussões que envolvem temas como as questões de uso consciente de recursos naturais, justiça social e outras vertentes formacionais. E utilizando a ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica foi possível identificar um elemento estruturante da integração formativa do técnico em agropecuária com as ações emergenciais de preservação do planeta Terra.

4 CONSONÂNCIAS CONCLUSIVAS: CAMINHOS PARA UMA ALTERIDADE RENOVADORA.

Uma seção que busca trabalhar um texto conclusivo, mas não limitador, e que não possui em sua essência o objetivo de esgotar as possibilidades de uso da estratégia metodológica estudada, e suas potências formativas integradoras. Vamos apresentar como se desenvolveu passos em passos o ambiente formativo estruturado em convivências. Ainda apresentar e relatar como a agroecologia foi vista em viés formador nas nuances da pesquisa e como enriqueceu a análise do ambiente formativo, bem como também tornou nobre o perfil de condução da trajetória formativa, pluralizado. Lembrando que a educação é para todos, uma responsabilidade compartilhada. E ainda podemos inferir no potencial de “virada” do paradigma educativo/escolar convencional ao observar que nos encontros formativos estavam envolvidas intenções e trajetórias diversas que no caminhar da pesquisa elaboraram o esquema formativo que atendia as necessidades ali colocadas e observadas.

Vamos acompanhar a elaboração dos esquemas do ambiente formativo e suas aplicações, bem como os componentes pedagógicos ali envolvidos e o tecer dos princípios formativos da ComVivência Pedagógica. Os esquemas se constituem em observações do surgimento de comportamentos envolvendo os espaços tempos formativos e suas problemáticas de permanecer em formação permanente unindo ações de mudanças comportamentais observadas durante a interação dos praticantes. Não podemos negar que as variáveis existentes e as complexidades identificadas foram extremamente produtivas para disseminar um perfil formativo que entenda que construir um novo sentido para sua permanência no campo fortalece sentidos não apenas do ponto de vista cognitivo, mas também do ponto de vista ético e político.

Enfim aqui na seção que caminharíamos para o fim, apresentamos as consonâncias percebidas do ser e estar no mundo que posicionou de ordem complexa os praticantes. Em diversos momentos e em uma posição de criatividade, os praticantes em acordo com os outros integrantes do grupo, realinhavam-se para solucionar problemas que surgiam. Ainda apresentamos a centralidade do conjunto de valores constituídos neste período formativo. Temos aqui um estudo de relevância que foi desenvolvido em espaço fecundo de contexto pluralizado onde saborear ações educativas de integração de posturas passou a fazer parte do cotidiano formativo, ou por serem reflexivas, ou por possibilitarem conectividades nascidas de ações criativas como respostas de posicionamentos críticos e transformadores.

4.1 A agroecologia como viés formador em potencial, um estruturante das práticas ligadas aos princípios da “ComVivência Pedagógica”

Ao acompanhar toda esta trajetória de observação do uso da “ComVivência Pedagógica” como estratégia metodológica foi possível identificar inúmeras nuances formativas. Muitas destas nuances se baseiam em resultados de experimentação dos princípios como caminhos para o método.

Apresentar a estratégia metodológica em tela como método aplicado em um ambiente formal de educação, tendo como plano tecedor a agroecologia em viés formativo de técnicos em agropecuária, enobrece a possibilidade de acesso. E que acesso?

No ambiente da educação básica é comum ter estabilizado um perfil de condução formativa, e quando identificamos desenvolvimentos “outros” com resultados visíveis e identitários, inclusive em egressos, percebemos que este método pode ser de acesso popularizado.

A dinâmica do plural não se detém em numerosos participantes, mas em diversidade de acesso e modelos não excludentes. Assim, O que seria acessível para todos? Esta é uma questão que intriga, pois estamos (educação básica brasileira) em uma trajetória histórica de tentativa de converter a educação em assunto (ato) de responsabilidade compartilhada, desvinculado da ótica intra-educativa.

No início deste século ocorre um evento ligado a educação que fala do acesso para todos, uma tarefa complexa, aplicável, mas, ainda setORIZADA, onde acessar informações e formações sobre diferentes metodologias ainda é um ato de bravura. Pensando em uma perspectiva de que “acesso para todos” penso ser prudente atentar para que a palavra “todos” não se restrinja apenas a discentes/estudantes, ou que se isso ocorrer, que os docentes também se coloquem como eternos estudantes.

Quando Rosa Maria Torres, apresenta em seu livro o rompimento da visão setorial, alertando para que essa é uma condição para que aumente a probabilidade de acertarmos no êxito formativo do ser, entendo que um dos setores é a docência. Portanto coloco aqui que,

Romper com a visão setorial da área educativa é uma condição para o êxito da educação para todos e isso foi estabelecido na declaração e no Marco de Ação de Jomtien. No entanto, a visão e o funcionamento setorial não foram modificados nem entre os organismos internacionais nem entre os governos e os organismos não governamentais. (TORRES, 2001)

Essa visão e funcionamento setorial que ainda não foram modificados passa também pelo não horizontalizado sistema que atuamos enquanto docentes da educação básica. Neste

livro, lançado no início deste milênio, Rosa Maria Torres destaca que esta educação para todos ainda é uma tarefa por fazer, pois até então tivemos intervenções parciais e superficiais e ficamos no aguardo de transformações substantivas.

Esta linha de centralidade da aprendizagem é colocada no documento de Jomtien, onde a educação para todos implica em deslocar a ordem convencional dos caminhos seguidos hoje, na maioria dos sistemas de ensino e colocar o aluno como centro substancial desta estrutura. No trecho a seguir podemos observar a autora trazendo a atenção para um rompimento histórico.

A concentração na aprendizagem implica partir e dar prioridade ao ponto de vista da demanda do aluno, romper com a tradição educativa que definiu historicamente seu trabalho a partir da oferta e do ponto de vista do ensino e, portanto, dar uma profunda virada no paradigma educativo e escolar convencional. (TORRES, 2001)

O desenho desta pesquisa se estrutura em conduzir observações identificadas em narrativas de experiências formativas. Para o caminhar do estudo aqui apresentado tivemos os praticantes como foco das implicações e por se tratar de uma pesquisa de observação participante, todos os envolvidos estavam em formação.

E é também com base nestas orientações e perspectivas de mudar o convencional que os atores sociais em formação como permanentes aprendentes se colocam em busca de uma alteridade transformadora. E como resposta desta alteridade, buscamos transformar as relações do processo de construção do conhecimento e vamos apresentar aqui, de forma gradual um esquema demonstrativo da elaboração do ambiente educativo/formativo.

A ação inicial, após se apropriar teoricamente dos conceitos que envolvem os princípios da ComVivência Pedagógica foi de estabelecer encontros baseados na pedagogia da escuta. Buscar compreender quais intenções e objetivos dos envolvidos e qual a trajetória arvorada por eles para atingir as metas que antecedem esse objetivo.

Durante esses encontros buscamos apresentar as palavras que integram os princípios da “ComVivência Pedagógica” e construir conceitos para elas com base nos conhecimentos prévios a esta etapa formativa da vida escolar.

Outras ações despertadas nos encontros os movimentos motivadores para a identificação da existência ou não das “palavras” que compõem os princípios da ComVivência conforme foram conceituadas anteriormente em outros encontros. E, a cada descoberta ou identificação, montávamos o esquema do ambiente formativo.

O primeiro esquema apresentava o ambiente formativo conforme visualizado pelos praticantes.

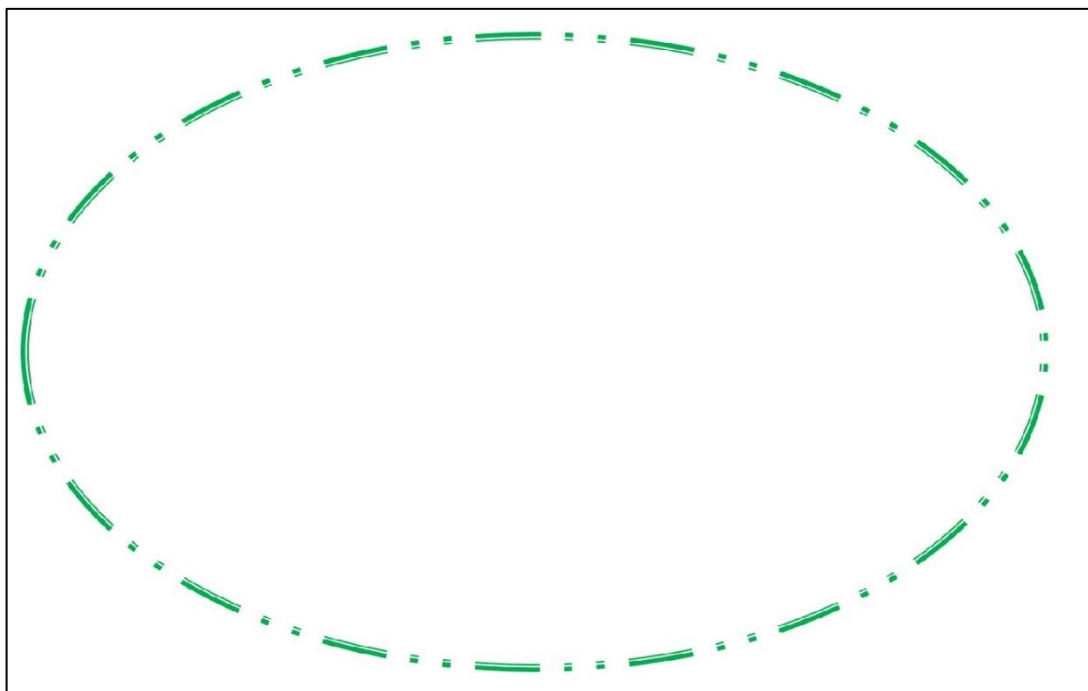


Figura 20 – Esquema do ambiente formativo, espaço geográfico
Fonte: A autora, 2024

Essa etapa de descrição do ambiente foi bem marcante pois quando falamos para representarem o ambiente formativo, apareceram apenas as delimitações “pseudogeográficas” imaginadas e endurecidas. Os praticantes não se reconheciam como parte do ambiente formativo e apesar de já termos identificado algumas palavras que compõem os princípios formativos, eles também não apareciam.

Os próximos encontros formativos estavam objetivados a instrumentalizar esse ambiente apresentado, reflexões foram colocadas e situações analisadas. Lembrando que não eram encontros de estudo sobre a “ComVivência Pedagógica”, eram aulas do itinerário formativo profissionalizante com a sua devida ementa abordada. E a estratégia metodológica aqui apresentada tecia a construção dos conceitos abordados tendo como fio condutor a agroecologia e suas dimensões.

Passaram-se alguns encontros e os estudantes disseram que conseguiam identificar os princípios formativos nos projetos desenvolvidos por eles, mas que não entendiam como poderiam apresentar essa sensação no esquema proposto por eles. Na intenção de promover um aparato visual para esta ação fomos para uma sala de aulas com computadores e buscamos representar esse perfil. Sem sucesso pois os praticantes se sentiam decidindo ou conduzindo as demonstrações. Confesso que percebi um comportamento de incômodo. Logo me dispus a colocar em papel o que eles me apresentassem de intenções e percepções e de maneira dialógica

e praxiológica eu retornaria com o desenho para eles a cada etapa construtiva para revisão e avaliação.

Usei como base um modelo apresentado por Guimarães durante uma imersão formativa da ComVivência Pedagógica no sítio Bem Viver no ano de 2022.

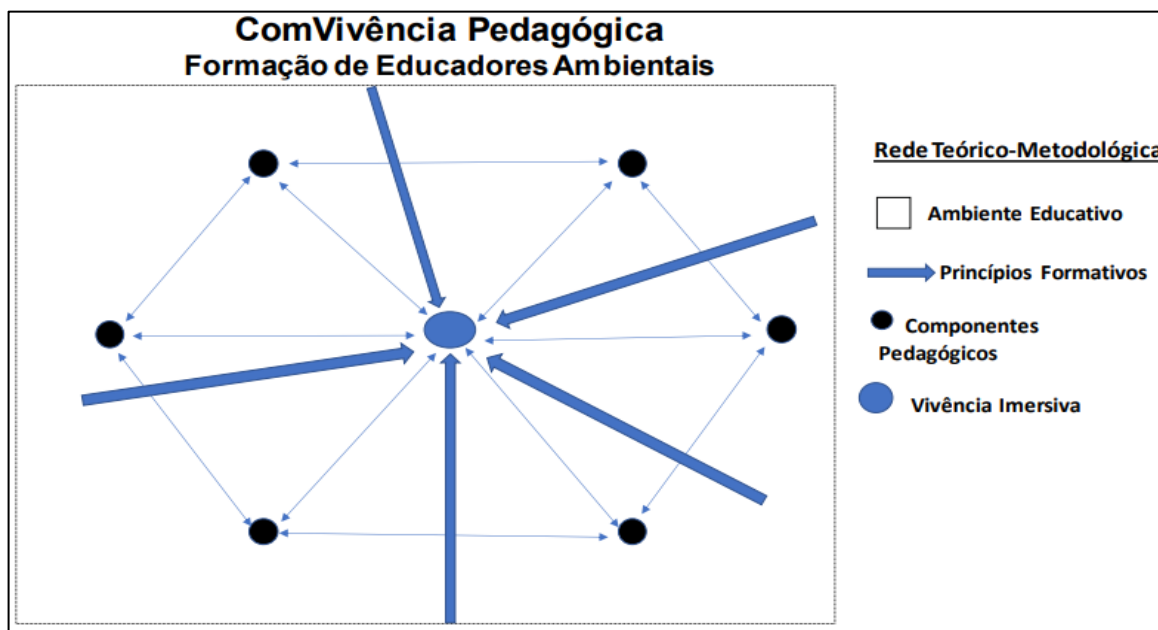


Figura 21 – Esquema do ambiente formativo, formação de educadores ambientais

Fonte: GUIMARÃES, 2022

Na apresentação do esquema Guimarães ainda afirma que,

Objetivo do processo formativo de educação ambiental é a reforma do pensamento/práxis cidadã individual-coletiva. A solução (que preferimos enfrentamento) de problemas ambientais/projetos é uma estratégia formativa. Quanto maior a radicalidade do processo, maior a possibilidade de formação de Seres Mais Ambientais. GUIMARÃES, 2022

Com o reforço da formação de seres mais ambientais, e com base nos esquemas busquei acrescentar de forma gradativa a estruturação do ambiente formativo e suas implicações de princípios. Junto a esta representação de Guimarães 2022 estavam os componentes pedagógicos, que são fatores formativos identificáveis na abordagem da “ComVivência Pedagógica”. São eles:

Componentes Pedagógicos

- • **Acolhimento** - consolidação do coletivo
- • **Resignificação** - des/construção de sentidos
- • **Reelaborando Relações** - abordagens relacionais / com outro-consigo
- • **Práticas Diferenciadas** - exercício solidário / cuidado
- • **Resgate da Essência** - pertencimento / religare-sacralidade
- • **Ruptura Paradigmática** - armadilha paradigmática / ousadia do novo

Componentes estes que foram incorporados no processo desta pesquisa de forma muito orgânica ao ponto que se observava a sua existência prática voluntariada e com propriedade. Assim ficou a etapa seguinte do esquema:

Ambiente Formativo integrados aos **Componentes Pedagógicos** identificados.

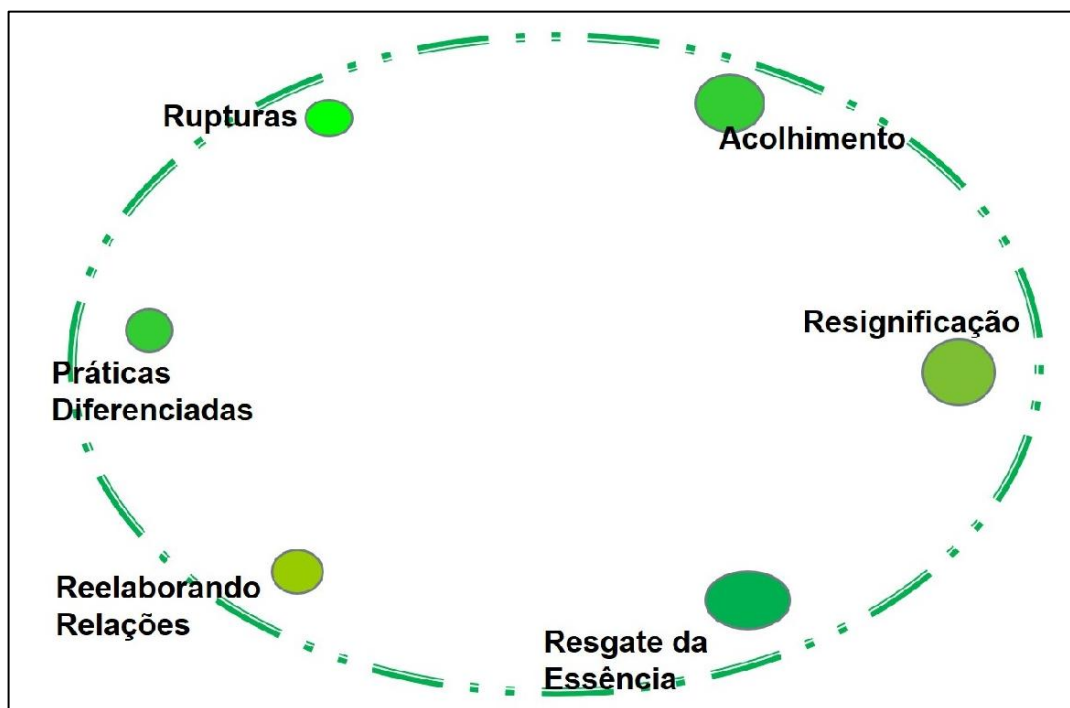


Figura 22 – Esquema do ambiente formativo, componentes pedagógicos

Fonte: A autora, 2024

Uma proposta de possibilitar de forma gradual a ocorrência do caminhar dos processos, e partir do momento em que vimos que os praticantes se sentiram acolhidos e demonstraram querer investir energia em ressignificar os sentidos e reelaborar múltiplas relações. Isso promove práticas diferenciadas possíveis de resgatar essências de pertencimento, o que fortalece a ousadia no novo.

Identificados os *Componentes Pedagógicos* buscamos atentar para a percepção dos princípios como parte das atividades integradas no ambiente formativo. Os princípios formativos muitas vezes se apresentam subjetivados, a identificação pode ocorrer de forma autônoma ou heteroidentificada. Voltamos para a autoformação e heteroformação, nesse caso, por meio da ComVivência e seus sentidos formativos. Apresentamos a seguir como ficou o esquema apenas com os princípios.

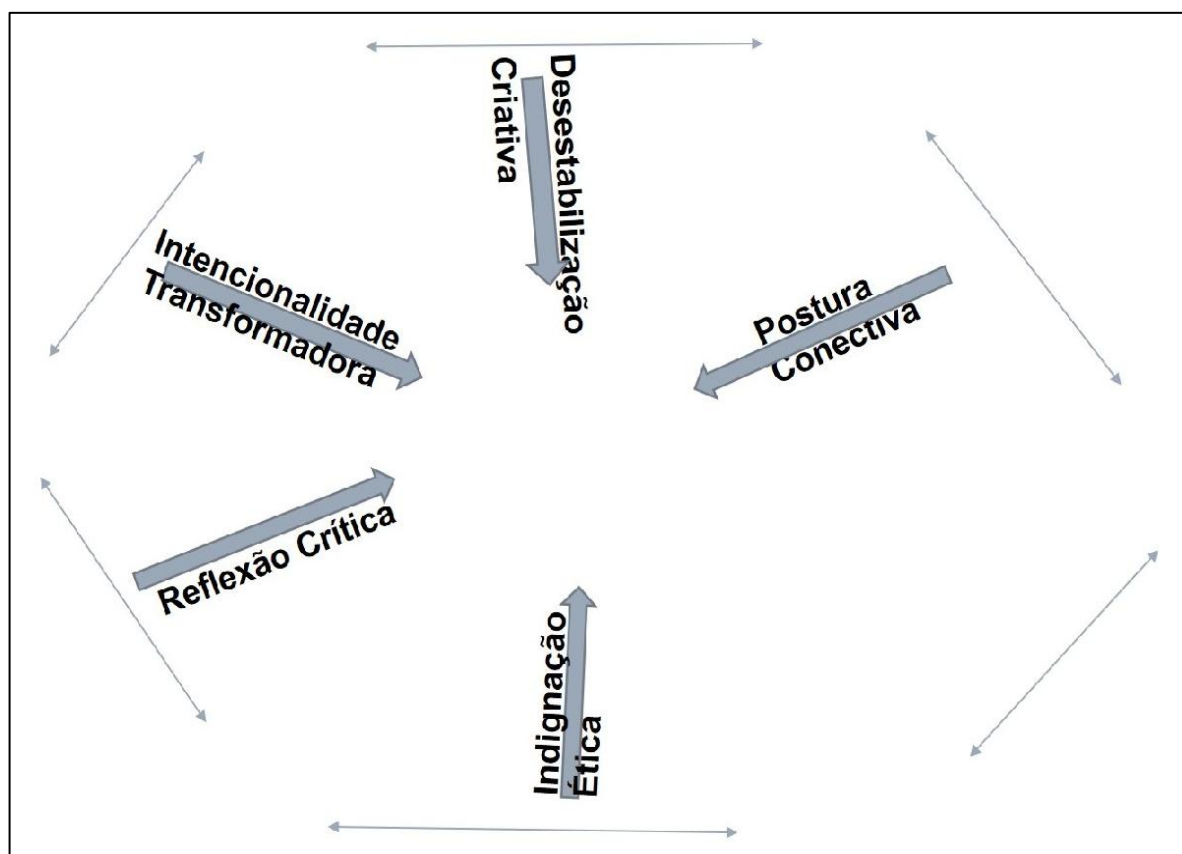


Figura 23 – Esquema do ambiente formativo, princípios formativos

Fonte: A autora, 2024

Ao identificarmos uma postura conectiva dos praticantes, em relação a formação escolhida e os objetivos de vida apresentados nos encontros, observamos intencionalidade formadora vigorando em meio a uma indignação ética nascida em tempos de escolhas e decisões da juventude.

Entrando em uma nova fase de vida esses jovens em iminência de se tornarem profissionais ligados diretamente com as questões ambientais se pegam em uma desestabilização criativa e se colocam em momentos fecundos de reflexão crítica sobre decisões a serem tomadas em relação ao desenvolvimento de seus projetos.

Vejamos como ficou o esquema com a adição dos princípios.

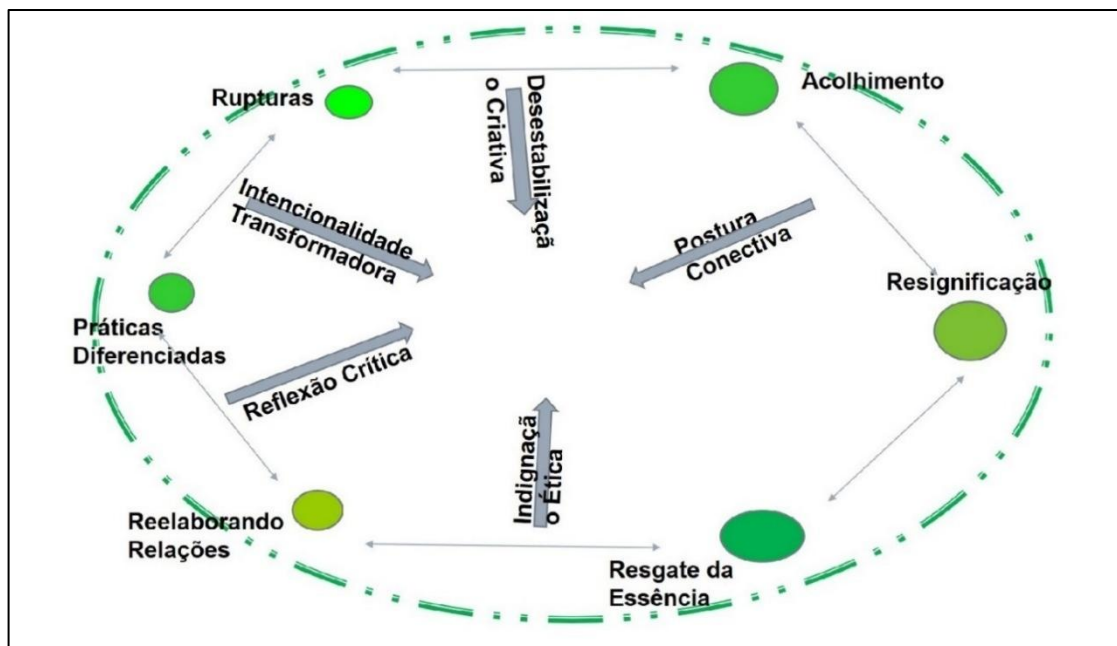


Figura 24 – Esquema do ambiente formativo, integrando os princípios formativos

Fonte: A autora, 2024

Pineau em seus estudos sobre a formação em dois tempos e três movimentos nos apresenta que “o termo *heteroformação*, com frequência vem em primeiro lugar para designar o polo social em contraponto ao polo individual”. Ele continua dizendo que *Hetero* é um prefixo grego que indica o grau mais forte de *Alteridade*⁴³, logo, identificamos que o emprego dos prefixos em ambientes formativos busca fortalecer a existência de diversas causalidades nos espaços formativos.

Na jornada de construção deste esquema buscamos “*Compreender a dialética de emancipação/autonomização – dentro de uma problemática de formação permanente – ocasionando a fabricação dos conceitos auto-, hetero-, ecoformação*”. Identificar a amplitude e a complexidade desta jornada formativa nos alocou em uma proposta apresentada por este autor – Gaston Pineau – em seu livro sobre temporalidades na formação. Ele fala da formação em três movimentos, onde a aplicação destes prefixos se une a palavra *formação*: *autoformação*; *hetero-formação* e *eco-formação*.

A *autoformação* provoca um movimento de personalização do ato formativo, remete a uma ação isolada, mas pode ser um favorecimento ao ato de conceber ações protagonistas.

⁴³ “A alteridade é o reconhecimento de que existem pessoas e culturas singulares e subjetivas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras. Reconhecer a alteridade é o primeiro passo para a formação de uma sociedade justa, equilibrada, democrática e tolerante, onde todas e todos possam expressar-se, desde que respeitem também a alteridade alheia.” <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>

Inerentes a indivíduos de performance identitária a este modo que parece solitário, mas o autor diz que: *Este protagonista não está sozinho em uma ilha. Ele está, com outros, em múltiplas sociedades, maiores ou menores e instituídas* e por isso se encontra em uma situação complexa de formação subjetiva.

A hetero-formação já apresenta uma complexidade peculiar, pois hetero nesse caso se transforma em “co” que oferta um parentesco com a significância do prefixo hetero, que busca uma relação mais próxima com o não homogêneo, diferente, porém próximo. O prefixo “co” já destaca para juntos, como “cooperação” em educação – educação em pares – com auxílio das relações sociais impostas.

A eco-formação é considerado o perfil mais discreto, apesar de dificuldade de identificar essa dimensão formativa, quando descoberto fica restrito a importância para a educação ambiental. Por outro lado, encontramos menções potentes que este perfil formativo se fortaleceu nessa jornada da pesquisa aqui apresentada.

É só sabendo como o meio ambiente nos forma, nos põe em forma, que sabemos como formar um meio ambiente viável, suportável e vital. Pineau 2003 relata ainda que a formação experiencial e formal deve ser alternada. Logo entendo neste estudo que: ao construir um ambiente formativo orgânico, identitário, plural e legítimo temos,

- a responsabilidade da formação da juventude recai, em primeiro lugar, nos pais e nos educadores. Logo está sob um regime de hetero-formação formal que não elimina a influência dos jovens e dos lugares, mas a sobredetermina.
- por legítima que seja esta formação pelos outros, ela se torna alienante se, na idade adulta, o protagonista não assumir a responsabilidade de sua formação, ao mesmo tempo que a de sua vida. Esta vida chamada ativa veria dessa maneira idealmente o regime de auto-formação experiencial colocar os profissionais da formação em seu lugar, ou seja, como apoio, dependendo dos objetivos e necessidades dos protagonistas.
- o fim desta vida ativa vê o avanço na idade e a ascensão da força das usuras fisiológicas e dos contextos materiais. Tomar consciência destas dependências objetivas e naturais é reconhecer a importância da eco-formação que, a rigor, nos faz voltar ao pó. Pineau 2003

Estamos diante de uma unidade de ensino que tem como objetivo integrar a formação técnica profissionalizante e a terminalidade do ciclo da educação básica – o ensino médio – porém o que buscamos chamar a atenção é na condução do perfil do futuro egresso deste movimento formacional.

O estudo aqui apresentado fortalece a condição de que as práticas que serão preconizadas por este profissional que será o gestor responsável pelas dinâmicas de produção de alimentos, nesse caso, livre do uso de insumos químicos e com práticas que diminuem a intensidade de esgotamento dos recursos naturais sejam de alteridade transformadora.

Alcançar a alteridade durante ações de desenvolvimento formativo da escola, que se destaca no grupo de escolas estaduais de formação técnica, que adota um viés de formação do profissional técnico em agropecuária, que preconiza a compreensão da diversidade de sistemas produtivos e fundamenta as escolhas por respeitar o uso dos recursos naturais é um resultado consubstanciado.

Entendemos que este estudo nos apresenta uma prática fundamentada, resultante de olhares múltiplos, ressignificados pelos conceitos realocados, reconstruídos, redimensionados, construídos e fortalecidos. Entendemos que existem caminhos para alcançar, por meio dos potenciais formativos cocriados com a aplicação da estratégia metodológica, uma produção de alimentos alicerçada em ações regeneradoras.

Os preceitos da agroecologia são amplos e plurais, alcançam faces múltiplas e desalinhadas, mas, com diversos aspectos que são inerentes a uma prática fundamentada,

Um olhar multifacetado sobre o conceito de agroecologia como ciência, como prática produtiva, ou práxis sociais e, sobretudo, em construção epistêmica em constante dialética com o mundo contemporâneo, evidencia a sua relevância como modelo contra hegemônico de agricultura que permite a melhoria em todas as dimensões da vida humana e do ambiente. (MARICÁ, SECAPP, COOPERAR, 2023)

Um outro aspecto necessário colocar aqui é que estamos dialogando com a formação de profissionais que em sua demanda laboral se responsabilizam por ambientes de produção de alimentos. E a agroecologia como dinâmica produtiva pode ser a chave para a construção de sistemas agroalimentares que combatam a fome e promovam práticas agrícolas sustentáveis, diz a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), que juntamente com a Sociedade Científica Latino-Americana de Agroecologia (SOCLA), apresentam a agroecologia como uma disciplina que promove práticas sustentáveis na agricultura e resgata alimentos e saberes locais por meio de ações inclusivas.

Assim, a perspectiva contributiva dos futuros egressos desta formação com viés agroecológico, que esta instituição de ensino oferta, se torna ainda mais promissora para a eficiência de uma produção agrícola regeneradora de ambientes, como podemos entender que,

A agroecologia também pode contribuir para a mitigação e adaptação às mudanças climáticas, favorecendo a restauração, diversificação e conservação dos serviços ecossistêmicos e evitando a degradação do solo. A agroecologia, ao promover a variedade de culturas, a sazonalidade e a produção com foco local, também contribui para a presença de polinizadores, que beneficiam 35% das terras agrícolas do mundo e sustentam a produção de 87 das principais culturas alimentares do mundo. (FAO, 2021)

O que estes autores nos apresentam como aporte teórico da apreciação dos resultados desta pesquisa são as perspectivas. Nesse contexto a de permitir que o período formativo destes

profissionais seja impulsionado pela premissa de formar formadores e eternos aprendentes das relações com o ambiente sem esgotar os recursos ali disponíveis.

Em outro contexto a agroecologia além de um termo muito citado atualmente é uma prática de vida, apresentada como alternativa para integração de conceitos ecológicos na prática agropecuária. Ela possui princípios que foram estudados e aplicados.

A agroecologia como ciência busca o domínio dos conhecimentos para chegar a uma produção limpa, tendo como foco a produção e dimensão econômica, sem considerar verdadeiramente as dimensões sociais e culturais. Porém, ainda assim, já propõe uma mudança de paradigma em relação a agricultura convencional. (BRASIL AGROECOLÓGICO, 2023)

Para estes egressos a pesquisa realizada verifica que o uso da estratégia metodológica aumenta a potência de construção de conceitos e estruturação de diálogo baseados na agroecologia por meio da valorização da cultura local e dos intercâmbios formativos com a comunidade do entorno e com os ambientes produtivos.

Ana Primavesi (1920-2020) pesquisadora da agroecologia como prática de vida e responsável por diversos avanços nas pesquisas relacionadas com solo, seus nutrientes e métodos de conservação nos apresenta diversos ensinamentos, por defender que o meio ambiente não é o espaço e que vivemos, mas o espaço do qual vivemos. Segundo ela:

O ser humano depende integralmente da natureza. Dela recebe seus alimentos que lhes fornece os sais minerais e as substâncias com que constrói seu corpo, sua inteligência e sua saúde. Destruindo a natureza ele se auto-destrói. (PRIMAVESI, 2022)

Primavesi também destaca que:

A agricultura ecológica não trabalha somente com as plantas, mas com o sistema inteiro, solo-planta-clima. Trabalha de maneira holístico-sistêmica. Holístico vem da palavra inglesa “*Whole*”, inteiro. Quem trabalha holisticamente maneja ciclos e equilíbrios. Por isso o combate de sintomas cede a prevenção de causas [...] (PRIMAVESI, 1997, p 142)

Diante destas afirmações inerentes às práticas de conservação dos recursos e dos saberes ancestrais, a formação do profissional técnico em agropecuária a égide de uma atuação integrativa e permanente.

O que nos apresenta novamente a agroecologia como viés formador em potencial, pois atrelado a aplicação da ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica para formação de formadores.

Podemos observar que em seus estudos, Primavesi afirma, diversas vezes, que o fracionamento efetuado pela ciência convencional pode até ser inovador, mas não sobrepõe ao

saber natural de montar, e/ou compor os ciclos equilibrados espontaneamente para que funcione. Mais um perfil dialógico percebido.

E nesta perspectiva de formação técnica estruturada em premissas agroecológicas e estratégias metodológicas, que localizamos a escola e sua relevância para a região na qual se localiza. Inserindo o permanente debate agroecológico formativo e local por meio da “ComVivência” como possibilidades de se tornar um ambiente educativo de referência regional e nacional.

A escola que possui uma imensa área de degradação de solos, bem acelerada e, principalmente, sem ações de recuperação, deve se posicionar no aprimoramento de práticas de recuperação de áreas degradadas. A excessiva mecanização e prática da monocultura, continua em ritmo assustador em várias regiões produtoras da localidade em que a escola se encontra, para isso buscou-se nesse trabalho a essência do Enfoque Agroecológico formativo, diverso e estruturado.

E para que esse enfoque ocorra afirmamos que a base metodológica estratégica das práticas da ComVivência Pedagógica, que correspondem à aplicação de conceitos e princípios inerentes a uma estrutura de formação permanente compõem o caminho promissor.

E é por conta desta afirmação que com esta pesquisa buscamos marcar o ambiente formativo como espaço de alteridade transformadora.

Descobrimos esse preceito transformador entrelaçado aos princípios formativos, se encontrando como resposta de uma imersão concisa em ações de reconhecimento do outro com expressões próprias que quando respeitadas dignificam as ações.

O aparecimento mais expressivo de ações de alteridade renovadora, nos lança a uma percepção inerente ao ambiente educativo/formativo que esta pesquisa estabeleceu, o “pertencimento”, dando continuidade aquela gradual dos gráficos de estruturação do ambiente formativo, vamos apresentar aqui a etapa seguinte a identificação deste preceito transformador.

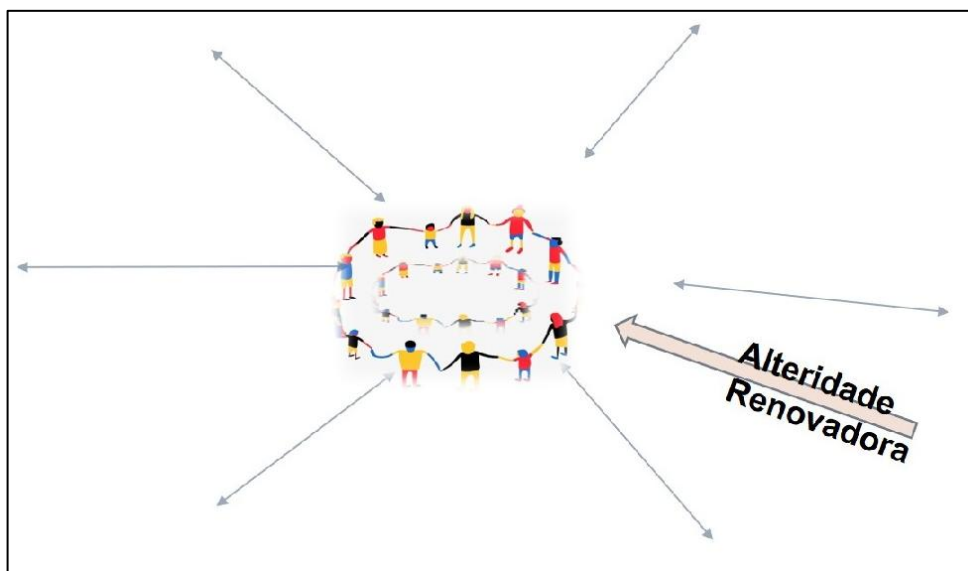


Figura 25 – Esquema do ambiente formativo, integrando a alteridade renovadora

Fonte: A autora, 2024

A alteridade renovadora pode aproximar os pensamentos futuros dos relatos de história de vida como interpretação de uma revolução de decisões. Pois muitos jovens possuem como pensamento adulto o afastamento da vida no campo e quando fortalecemos esse pertencimento, esses integrantes do coletivo podem construir um novo sentido para sua permanência no campo construindo sentido não apenas do ponto de vista cognitivo, mas também do ponto de vista ético e político.

Os novos sentidos gerados na participação deste estudo prometem integrar na educação formal, que nesse caso será levada ao longo da vida incluindo valores, aptidões e decisões para um modo de vida sustentável, desafios ecológicos e sociais.

Uma oportunidade educativa ofertada que pode diminuir o que Caporal e Costabeber 2004, chamam de diferenciação social,

O desenvolvimento dual da produção simples de mercadorias e do modo de produção em suas diferentes expressões engendrou no campo uma enorme diferenciação social, cuja manifestação mais evidente aparece na distância que existe entre uma minoria capitalista muito rica e uma maioria assustadora de agricultores pobres, com e sem terra, resistindo contra as forças que quer levá-los ao êxodo rural. (CAPORAL & COSTABEBER, 2004)

Esse escape dos ambientes produtivos em potencial, tem se propagado ainda nos dias de hoje e é nessa contramão dos acontecimentos que queremos atentar para o redesenho das estratégias metodológicas formativas.

Para esse desenho se estruturar, buscamos métodos que possam caminhar através dos tempos, que sejam mais integradores e orientadores e que ainda acreditem na base da troca de saberes como perfil básico da construção de conceitos, agora com ComVivências.

Na busca por artigos que falem dessa importância de métodos integradores, encontramos diversas publicações de estudantes do curso de especialização em educação no Campo da UFRJ que fala da importância de valorizar esse ambiente de produção não apenas de alimentos, mas também de conhecimentos.

“Sabendo que todo alimento traz em si uma história, conhecer os atores envolvidos no processo produtivo e qual a trajetória daquele alimento até o consumidor final nos torna mais conscientes quanto à importância da agricultura, tanto para quem produz e comercializa os alimentos, como para quem consome”. DIAS E ARAUJO – ORGANIZADO 2022

E essa perspectiva de ComVivência busca ainda recolocar esse perfil de conhecimento de trajetórias como aspectos formativos pulsantes deste estudante em formação profissional.

E esse querer dinamizar os aspectos formativos outros dos estudantes em questão, não se intenciona em momento algum na invisibilidade das bases científicas. Busca sim, apoiar os processos transitórios de agriculturas já existentes no ambiente de vida destes praticantes da pesquisa.

Não podemos negar as variáveis existentes nem as complexidades produtivas, mas disseminar um perfil formativo que entenda que,

(...) Agroecologia corresponde, como afirmamos antes, ao campo de conhecimentos que proporciona as bases científicas para apoiar o processo de transição do modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis, assim como do modelo convencional de desenvolvimento a processos de desenvolvimento rural sustentável. (CAPORAL & COSTABEBER, 2002)

São as preocupações com as variáveis econômicas, sociais e ecológicas que as tecnologias já se mostraram ineficientes, e culminou na criação de um homogêneo desestruturado que pode ser transformado, agora com formação de novas perspectivas de atuação profissional com responsabilidade social, econômica, ambiental e formadora.

Então, é preciso revolucionar as bases teóricas (redimensionando seu papel), rever seu público prioritário e apossar-se de um novo referencial metodológico, mecanismos capazes de abrir caminho para uma extensão rural apta a ocupar o espaço no qual ainda poderá mostrar-se socialmente útil. (CAPORAL & COSTABEBER, 2004).

E é o novo referencial metodológico que afirmamos ser, não só efetivo, mas também potencializador da formação de um profissional reflexivo. E com o caminhar para uma discreta revolução destas bases homogêneas é que apresentamos ações práticas que bricolam formações baseadas no diálogo de saberes e na atenção voltada para práticas culturais já existentes.

4.2 Apresentando as consonâncias dos diversos tempos formativos

Um estudo qualitativo que não se furta a tratar dados, mas os encontra em formatos outros, destacando suas potencialidades de colocar os praticantes como cocriadores validados dos escritos. Uma concordância em busca de harmonia em prol de sanar as dificuldades de compreensão dos sistemas que nos cercam.

Acompanhar a identificação da complexidade afluída durante a aplicação da ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica na formação de profissionais reflexivos do serviço de – técnico em agropecuária – foi uma crescente de aceitação de ideias.

O analisar desta experiência apresentou o potencial estratégico de assertividade do espaço formativo plural, cocriado, inverso, dinâmico e contextualizado. Imersos e conectados com um terreno conceitual, essa pesquisa trilhou diversas ocorrências de movimentos qualitativos, para nos alicerçar nesta trajetória formativa buscamos suportes teóricos que apresentassem a relação da agroecologia com métodos e trajetórias formativas.

Ainda assim buscamos a essencialidade formativa por meio de espaços dialógicos integrados com observações metodológicas alinhados a uma perspectiva interventiva no tratamento de valores socialmente construídos.

Um estudo que deixa refletido em seus resultados, que mesmo sendo os integrantes do coletivo de praticantes de realidades fundadas em ações humanas sistematizadas por bases hegemônicas, com conjunto de valores diversos, as premissas de importância de ações com intencionalidades transformadoras marcada, se tornam prioridade.

Tivemos sim a presença de alguns reguladores das ações, como a necessidade de umas serem totalmente diferentes de outras existentes no mesmo ambiente, o que desestabilizou muitas ações que estavam sendo desenvolvidas. Mas o desenvolvimento da reflexão crítica durante o processo formativo nos levou a uma análise problematizadora resultante de um olhar distanciado do evento.

Sobre os bens e serviços naturais, que sabemos, pertence a todos, percebemos que a indignação ética mobilizou posicionamentos integrativos sobre a preservação dos recursos naturais, muitos apresentaram uma forma dialógica de se colocar durante as rodas de conversas, mas os sentimentos de indignação apareciam e eram envolvidos por uma preocupação ética com a forma de falar e buscar soluções.

Podemos dizer até que fomos surpreendidos por diversos momentos de desestabilização, onde a descoberta de ser refém de padrões pré-estabelecidos agredia afetuosamente. Mas a percepção de ser e estar no mundo posicionou de ordem complexa os praticantes, naquele

momento, em uma posição de criatividade em consonância com os outros integrantes do grupo, para solucionar o problema.

É necessário ainda argumentar sobre a centralidade do conjunto de valores constituídos neste período formativo. Um estudo de relevância, desenvolvido em um contexto fértil para saborear ações educativas de integração de posturas, sejam elas reflexivas, conectivas, criativas, críticas, éticas e transformadoras.

Na dinâmica de experiências vividas por projetos desenvolvidos por esses mesmos atores em formação, encontramos comportamentos de ações contributivas em projetos de outros integrantes do coletivo.

O traçado formativo flutuava entre os princípios apresentando diversas direções “edutransformadora”, marcadas pela provocação de despertar no educador, para tanto, muitos estudantes durante os encontros se mostravam destituídos de padrões já traçados por ações da sociedade hegemônica. A maioria de forma voluntariada se apresentava com modelos de ações diferenciados, outros eram percebidos apenas pelos pares.

Potenciais de criatividade foram descobertos, educadores ambientais em formação apareceram e a desconstrução de diversos padrões já impressos no processo formativo em curso foram reconstruídos. A criatividade humana emerge em diversos processos ali desenvolvidos conduzindo a construções novas de relações talvez não tão novas de nós conosco, com a nossa volta, com o ambiente e toda a retroalimentação deste processo.

Neste caminhar pudemos perceber que uma dinâmica formativa que busca respeitar as diferenças e os desafios que surgem, possibilita uma prática de proximidades do praticante no lócus da pesquisa e da trajetória aprendente.

Durante os encontros formativos e experienciais foram abertos momentos em que os praticantes deste espaço educativo apresentassem suas perspectivas formativas e o foco evolutivo da sua caminhada na construção do conhecimento. Como estas dinâmicas de encontros possibilitaram o estabelecimento de um cenário formador que se monta e remonta em um alinhamento interdisciplinar contextualizado, afirmamos que a estratégia metodológica utilizada foi extremamente efetiva na regência do processo.

A escola quando se dispõe ao objetivo de se identificar como ambiente formativo e se permite inserir em uma pesquisa formativa com a abertura para o desenvolvimento deste método, estabelece uma dinâmica operativa reflexiva em intimidade com práticas que se distanciem dos caminhos de aprisionamento de práticas resistentes.

O objetivo de estruturar e potencializar ações estratégicas na formação dos praticantes, está atrelado ao ambiente escolar e a abertura deste ambiente para uma perspectiva crítica.

Este estudo sinalizou que a abordagem da prática educativa pode ser construída em uma postura reflexiva integrada a fazeres criativos. Considerar a ação e reflexão como práxis está inerente e imbricado no processo que potencializa as relações de ComVivência Pedagógica como caminho estruturado para elaboração de ambientes formativos.

Na busca de uma lógica de sentidos deste trabalho avançamos no debate de proposição do fortalecimento do ambiente escolar como potencializador de ações estratégicas que integre ComVivências e a caminhada formativa da formação de profissionais integrados a uma relação estruturada e referenciada na integração de saberes.

A agroecologia, neste estudo, aparece como viés formacional que alavanca a integração dos que compõem o ambiente formativo transformando a escola em um espaço integrador (educativo), pedagógico que acolhe rituais de formações de caráter formal e não formal, na formação de formadores.

Nesta perspectiva o praticante do ato educativo se identifica com a proposta formativa apresentada por este estudo. Esta identificação é percebida quando nas falas do episódio 1 é possível observar o uso da mesma estratégia metodológica experimentada para repassar a formação obtida. O embarque nas práticas de uma proposta reflexiva se desenha e define quando todos os praticantes do diálogo desenvolvido demonstram potenciais caminhos de construção e reconstrução de práticas e conceitos.

E aqui voltamos a falar da alteridade renovadora uma resistente condição que aparece como resultado de uma imersão orgânica e estruturada por metodologias formativas baseada em princípios formativos identificados. Vejamos como ficaria o esquema de construção do ambiente formativo com a alteridade renovadora como condicionante de afirmação de mudança de comportamentos.

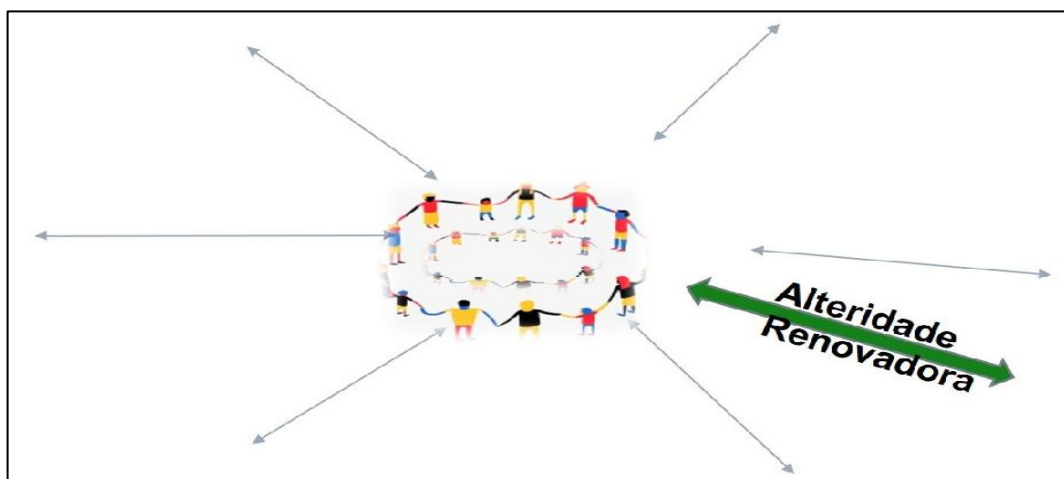


Figura 26 – Esquema do ambiente formativo, a alteridade renovadora como resultado da ComVivência Pedagógica

Fonte: A autora, 2024

E como praticante desta pesquisa que busca horizontalizar as possibilidades, destaco que a auto-formação é inevitável, pois as relações citadas pelos alunos participantes do “Podcast” são contagiantes. Todos transmitem conhecimento, todos recebem estímulos formadores, todos podem criar, todos podem observar, opinar, debater e transformar.

Tudo isso feito por caminhos trilhados de pensamentos autônomos e ricos em processos integrativos. Uma integração reflexiva potencializada pelo método aqui apresentado e praticado, conduz um pensamento prático e reflexivo de "alteridade transformadora", e em momento de decisões na vida destes que praticam uma formação técnica profissionalizante, esta natureza de olhar intimamente as potencialidades dos pares, estimula o posicionamento autônomo. A autonomia aprimorada e identificada durante o processo, fortalece ainda mais a premissa da multireferencialidade.

A escolha de rumos múltiplos e plurais que respeitam as respostas cognitivas envolvidas no caminhar formativo impulsiona a geração de soluções.

Podemos identificar durante as falas todo significado orgânico construído com a experiência deste método. Com a identificação da força que esta perspectiva de formação e auto formação exerce nos praticantes fica delineada que a “ComVivência Pedagógica” como estratégia metodológica forma de maneira significativa e potente o observador participante do ato formativo.

Uma oportunidade formativa profunda e emocionante, pois os conhecimentos prévios apresentados de maneira tímida, sem valores e pouco replicado por entenderem que está distante das ciências e da academia, vem sendo expostos à uma releitura no lócus da pesquisa.

E o resultado surpreende sempre, não só pela assertividade de uma aplicabilidade possível, mas também pelos acréscimos ofertados e recebidos pelos e dos envolvidos. Uma prática importante exercida e reconstruída pela oportunidade que o lócus da pesquisa destaca.

Ao ouvir nas falas que diversos praticantes não gostariam de seguir com a profissão de maneira laboral, mas que a formação através do método trouxe formação para vida, destaca que estamos falando de uma quebra de paradigmas. As trocas de saberes ficam evidentes e estruturadas principalmente quando os relatos são permitidos em um rumo mais autêntico, como as falas expostas no "Podcast " que foram feitas por meio de oportunidades de fazer a sua narrativa, um relato que irá compor um Podcast, não houve uma pergunta fechada para gerar a fala, era um momento de diálogo desenvolvido durante os encontros formativos.

As questões provocativas foram construídas pelos alunos envolvidos e mediada pela pesquisadora, e enquanto autora sinto que preciso deixar aqui a minha inquietude em buscar métodos e métricas que possam ser apreciados e entendidos facilmente quando apresentadas

aos envolvidos na pesquisa, isso de forma orgânica. Por isso diversos perímetros referenciados aqui no trabalho foram os mais simples possíveis, mas sem fugir da seriedade a que se destina esse trabalho.

Os encontros formativos que desenharam o caminhar da pesquisa possibilitaram uma integração de conceitos diversos, o que demonstra ainda mais a pluralidade como referência formativa da juventude.

Durante os encontros formacionais de busca coletiva por caminhos demonstrativos, onde todos pudessem de maneira autônoma falar um pouco de sua trajetória formativa e suas impressões com a formação em exercício, ouvimos as dificuldades apresentadas pelos praticantes e como eles elegeram os caminhos de soluções. Um comportamento identificado após participarem da experiência com a ComVivência Pedagógica como estratégia metodológica, se mostram autônomos com suas escolhas e ações de tomada de decisão.

Os relatos sobre a dificuldade de entender as diferenças de perfis formativos que a metodologia aqui experimentada apresenta e a aplicada na escola de educação básica, aparecem em diversos momentos das narrativas. E sobre essa diferença os praticantes se colocam em uma visão de o perfil formativo que eles experimentaram no ensino fundamental, pode, muitas vezes, impedir o desenvolvimento da autonomia e ainda sugerem a possibilidade de aplicar esta metodologia em outros ambientes de educação básica de todos os níveis. Isso é um resultado positivo de uma experimentação.

Encontrar a tese, estudar suas características e relatar em forma de documento publicável foi e é uma tarefa em permanente desenvolvimento, seja por sua característica orgânica ou pelo caminhar de uma rede teórico metodológica de princípios formativos.

O ambiente educativo pautado em indicadores pedagógicos que ressignificam lugares, práticas e comportamentos pode ser o caminhar para rupturas com ações hegemônicas que desestimulam as práticas diferenciadas. Durante a aplicação das práticas diferenciadas da estratégia metodológica experimentada foi possível observar ações de reelaboração das relações e a busca pelo resgate das essências e valorização da ancestralidade.

A rede teórico metodológica permite que o ambiente formativo/educativo destrave oportunidades conectivas com a adoção de um comportamento integrador que fortalece o olhar profundamente preocupado com o bem viver do ser mais ambiental e sua coletividade.

Uma coletividade que fica aparente, pois a aplicação da estratégia metodológica da ComVivência Pedagógica evidenciou, ao longo da pesquisa, sua potência como caminho formativo e auto-formativo de caráter multirreferencial, capaz de articular teoria e prática em um horizonte emancipatório. Os desdobramentos observados revelam que, ao promover o

encontro entre diferentes saberes e experiências, a ComVivência não apenas amplia o campo de aprendizagem, mas também possibilita a emergência de uma **Alteridade Renovadora** – isto é, a capacidade de reconhecer o outro em sua diferença, ressignificando a própria identidade no exercício de uma pedagogia integradora.

Exemplo marcante desse processo foi a participação ativa dos estudantes no evento **“Diálogos Ambientais: o direito ao meio ambiente equilibrado e suas vertentes”**, realizado na OAB de Magé. Nesse espaço, os discentes assumiram papéis de coordenação e apresentaram contribuições tão significativas que foram convidados a integrar as plenárias do **Conselho Municipal de Meio Ambiente e Saneamento Básico** do Município de Magé. Essa inserção demonstra como a prática formativa, quando ancorada na ComVivência, promove não apenas conhecimento técnico, mas também engajamento político e social.

A seguir expomos duas imagens sobre os eventos, a primeira sobre a chamada pública de divulgação da roda de conversa em comemoração ao dia do meio ambiente. E a segunda sobre a posse do Conselho Municipal de Meio Ambiente, Recursos Naturais e Saneamento Básico – COMASB, que os alunos foram convidados de honra da plenária.



Figura 27 – Chamada pública de divulgação da roda de conversa em comemoração ao dia do meio ambiente.

Fonte: Estudantes participantes do processo formativo.



Figura 28 – Divulgação do evento de posse do Conselho Municipal de Meio Ambiente, Recursos Naturais e Saneamento Básico-Magé/RJ.

Fonte: Equipe de Comunicação do COMASB.

A continuidade desse protagonismo foi reafirmada com o convite para compor a mesa debatedora do evento “**Amazônia de Pé**”, movimento nacional que busca proteger a biodiversidade amazônica e salvaguardar as culturas de seus povos frente à crise climática. Nessa ocasião, os estudantes exerceram o papel de mediadores de saberes, demonstrando capacidade de dialogar com múltiplos atores sociais em um espaço de circulação intergeracional e intercultural.



Figura 29 – Evento em que os discentes compuseram a mesa de troca de saberes.
Fonte: Equipe de comunicação do “Instituto Mirindiba”.



Figura 30 – Momento dialógico que antecedeu o intercâmbio de saberes.
Fonte: Estudantes participantes do processo formativo.

O percurso foi ainda fortalecido pela participação no evento “**Rio de Janeiro no Desafio 100 anos, 100.000 árvores plantadas**”, onde o envolvimento dos discentes ratificou a dimensão prática da educação para a sustentabilidade, aliada a uma consciência crítica sobre os desafios socioambientais contemporâneos.



Figura 31 – Evento em que os discentes compuseram a mesa de troca de saberes.

Fonte: Estudantes participantes do processo formativo.

Com as participações fora dos muros da instituição de ensino, percebemos que a pesquisa reafirma a potência de uma formação multirreferencial, em que múltiplos olhares, saberes e experiências se entrelaçam em um processo de construção coletiva do conhecimento.

A estratégia da **ComVivência Pedagógica** permitiu que os estudantes transitassem entre diferentes dimensões – acadêmica, comunitária, cultural e política – consolidando uma prática educativa que se abre ao diálogo e à reciprocidade. Nessa tessitura de referências, a emergência de uma **alteridade renovadora** não apenas amplia a compreensão dos sujeitos sobre si e sobre o outro, mas também fortalece a capacidade de atuação em contextos complexos, nos quais a escuta sensível, a corresponsabilidade e o compromisso socioambiental se tornam fundamentos para a transformação social.

Em síntese, os resultados alcançados evidenciam que a ComVivência Pedagógica se consolida como estratégia metodológica que **mobiliza práticas emancipatórias, amplia a**

inserção social dos estudantes e ressignifica os processos de formação. Mais do que aprendizagens técnicas, ela promove um exercício de alteridade renovadora, que rompe com práticas hegemônicas e instaura novas possibilidades de construção coletiva do saber, reafirmando a educação como experiência transformadora e comprometida com o bem viver.

No esquema a seguir estão todas as possíveis etapas e ocorrências imersivas e suas potencialidades formadoras.

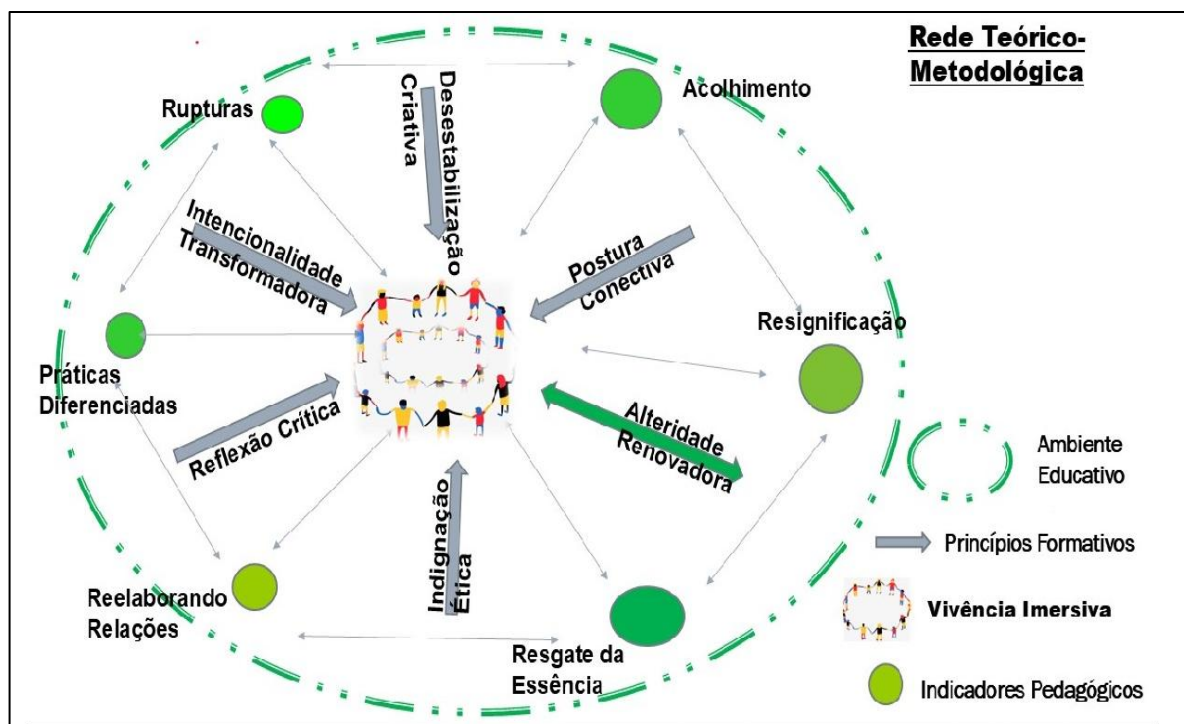


Figura 32 – Esquema completo do ambiente formativo

Fonte: A autora, 2024

Enfim estamos diante de uma metodologia rica em possibilidades e inferindo rumos outros na formação permanente de formadores e aprendentes. O estudo realizado demonstra que a vivência imersiva em ambientes educativos acolhedores promove um aprendizado em redes, com posturas conectivas que envolvem e induzem as reflexões críticas.

Identificamos que uma postura reflexiva possibilita momentos de indignação ao observar as interações existentes segundo suas multiplicidades. A indignação pode estar ligada a uma percepção ética que desestabiliza posicionamentos e abre espaços para criatividade de soluções.

Os indicadores pedagógicos são fundamentais na ciranda formativa, pois elaboram trajetos e resgates por meio de acolhimentos intencionais e não homogêneos. E permite o surgimento de comportamentos autênticos renovados e rompidos com os padrões.

A estratégia metodológica – ComVivência Pedagógica – apresenta intencionalidade transformadora em seu curso de aplicação e experimentação podendo resultar em uma atitude

de Alteridade Renovadora⁴⁴. A busca por uma moldura reestruturada de atitudes em relação aos outros envolvidos nos ambientes frequentados.

Desse modo, a experiência investigativa revela que a ComVivência Pedagógica não se restringe a uma metodologia, mas se configura como um projeto ético-estético de formação humana, que ressignifica práticas educativas e amplia horizontes de transformação social.

Ao articular multirreferências em um movimento contínuo de diálogo, integração e partilha, os estudantes vivenciaram processos que transcendem a sala de aula e se projetam para a vida em comunidade, assumindo papéis de protagonismo e corresponsabilidade. Nesse percurso, a **alteridade renovadora** emergiu como eixo estruturante, permitindo que a diferença fosse reconhecida como riqueza e que o encontro com o outro se convertesse em possibilidade de criação e emancipação.

Com os resultados alcançados, a pesquisa abre novas perspectivas para o aprofundamento dos estudos sobre a **ComVivência Pedagógica** como estratégia metodológica capaz de potencializar práticas formativas emancipatórias. A assertividade dos processos vivenciados indica a necessidade de ampliar o campo investigativo, explorando como a **alteridade renovadora** e a **multirreferencialidade** podem se consolidar como fundamentos de uma pedagogia do encontro, aplicável a outros contextos formativos.

Essa continuidade pode envolver a análise longitudinal do impacto dessas experiências na trajetória profissional dos egressos, bem como o desdobramento da proposta em diferentes cursos técnicos ou em espaços não formais de educação.

Além disso, seria relevante investigar como as práticas de autoformação e co-formação — emergentes neste estudo — podem fortalecer políticas de formação docente que valorizem a escuta, a corresponsabilidade e a produção colaborativa do conhecimento. Assim, a pesquisa não se encerra em si mesma, mas se projeta como semente de novos diálogos, ampliando o horizonte de uma formação comprometida com o bem viver, a sustentabilidade e a dignidade das relações.

A pesquisa, portanto, reafirma que educar é também cultivar vínculos, promover justiça socioambiental e abrir caminhos para o bem viver coletivo.

⁴⁴ O termo “**Alteridade**” está diretamente ligado a ação de percepção/entendimento/aceitação das diferenças. Um comportamento amadurecido sobre desconstruir padrões, não exigir perfis de modelos já estruturados. Já o termo “**Renovadora**” apresenta a ideia de melhoria. Assim, o praticante desta experiência passa ter um comportamento aprimorado na visão não padronizada do meio e em busca de melhorias, de si, do outro, das relações, do ambiente, do convívio... Grifos da autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**– 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2014. 240 p. ISBN : 978-8532605986

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M, C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, MG, v. 6, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL AGROECOLÓGICO. **PNAPO: Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Disponível em: <http://www.agroecologia.gov.br/politica>. Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação de Profissionais da Educação Básica. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Poder Executivo, Ministério da Educação, Brasília, DF, n. 88, p. 5, 10 mai. 2016.

_____, Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Ministério da Educação, Brasília, DF, n. 65, p. 1, 05 abr. 2013.

_____, Ministério da Educação. Portaria do Gabinete do Ministro nº 217, de 16 de abril de 1974. Institui grupo tarefa para implantação da COAGRI e dá outras providências. Brasília, 1974.

_____, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, etapa I – caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio**. MEC/SEB. Brasília, CARRANO, P., DAYRELL, J. (Org.) Curitiba: UFPR/Setor de Educação. 2013. 69 p. ISBN :9788589799829

_____, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio: documento base**. Brasília, DF: BRASIL/MEC/SETEC, dez. 2007. Disponível em <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/280>. Acesso em: 05 jan. 2023.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC. **(Re)significação do Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica: documento final**. Brasília DF, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ensinoagricola_docfinal.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

_____, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 36, de 04 de dezembro de 2001: Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. **Diário Oficial da União**. Seção 1: Ministério da Educação, Brasília, DF, n. 49, P. 11, 13 mar. 2002. ISSN 1676-2339. Disponível em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECEBN362001.pdf?query=105 Acesso em: 05 jan. 2023.

_____, Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Poder Executivo, Ministério da Saúde, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 mai. 2016.

_____. Portaria do Gabinete do Ministro nº 821, de 26 de novembro de 1986. Atribui a Secretaria de Ensino de 2º Grau o exercício das funções da COAGRI. Brasília, 1986.

_____. Resolução CNE/CEB nº 3/2018, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 22 nov. 2018. Seção 1. p 21-24.

BOFF, L. **Civilização Planetária**: desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, 132 p. ISBN:8575420836.

_____. **Habitar a terra**: qual o caminho para a fraternidade universal? Petrópolis: Editora Vozes, 2022. 112 p. ISBN : 9786557133798

_____. **Sustentabilidade**: o que é: o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 200 p. ISBN 978-85-326-4298-1

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. EMATER/RS, Porto Alegre, RS, v.3, n.3, jul./set., p. 70-86, 2002.

_____. **Agroecologia e extensão rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. 3.ed. Brasília, DF: MDA/NEAD, 2007. 166 p.

CEIA-BL. Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff. **Projeto Político-Pedagógico 2019**. Magé, 2019.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2018.

CORTI, P. **Ser aluno**: um olhar sobre a construção social desse ofício. IN: Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte, MG. Editora UFMG, 2014. 339 p. ISBN 978-85-423-0070-3

CRISTO, H. S. BARZANO, M. A. L. **Socialização política e meio ambiente**: considerações sobre o engajamento militante de jovens ambientalistas do Estado da Bahia *Práxis Educativa* (Brasil). 2019, 14(3):1251-1269. ISSN: 1809-4031. Acessado em 22 de março de 2024- Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89461133024>

FAO, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. **FAO oferece um novo curso gratuito sobre agroecologia**. 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1441386>. Acesso em: 09 fev. 2023.

FARIA, J. S.; GUIMARÃES, M. Possibilidades potentes para a formação de educadores ambientais: a “ComVivência Pedagógica”. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG, v. 38, n. 3, p. 138-158, set./dez. 2021. E-ISSN: 1517-1256 -

FERNANDES, E. F. Reforma curricular e pandemia: percursos da BNCC do Ensino Médio em tempos pandêmicos. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**: impactos

da pandemia, v. 7, n.1., p. 119-171, 29 dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5578> Acesso em: 20 mai. 24

FERREIRA, E. S.; GUIMARÃES, M. A formação de educadores ambientais na “convivência pedagógica” com outra epistemologia em tempos de crise de paradigmas. In: IX EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 2017, Juiz de Fora, MG. **Anais [...]** 1ª Ed. Juiz de Fora, UFJF, UFF, FFCLRP-USP, 2017. ISBN:978-85-85367-20-6.

FERREIRA, M, T. Narrativas de Educação Ambiental em Contextos Praticados, Vividos e Constituídos. In: XXIV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação. III Congresso Interamericano de Política e Administração da Educação Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação – Programa de Pós-Graduação (PPGE). 2009, Vitória – ES. Cadernos ANPAE. Niterói-RJ: ANPAE, UFES/CE/PPGE, 2009. v. 1, p.1-8.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUIMARÃES, M. **A Formação de Educadores Ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

_____. **Educação Ambiental: No consenso um embate?** 5ª ed. Campinas: Papirus, 2007. 94 p.

_____. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba-PR, v. 17, n.55., p 1574-1597, out/dez 2017.

_____. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Margens**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 11-22, mai 2016. ISSN 1982-5374. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767/2898>. Acesso em: 06 ago. 2024. doi: <http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v7i9.2767>.

GUIMARÃES, M., FONSECA, L. C., OLIVEIRA, L. M. T.de, SOARES, A. M. D. A Pesquisa na formação do educador ambiental. **REMPEC – Ensino, Saúde e Ambiente**. Niterói-RJ, v. 3, n.3., p 15-26, dez 2010.

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempo de crise. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba-PR, v. 17, n.55., p 1574-1597, out/dez 2017.

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B.; EDER, S. A experiência significativa do ser mais ambiental na “convivência pedagógica” – encontros em Paulo Freire. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 14, n. esp., p. 575-595, 14 dez. 2021.

GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B.; KLEIN, A. L Educação ambiental na “Convivência Pedagógica” do Caminho de Santiago. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 9, n.1., p 1-12, 11 jun. 2020.

MACEDO, R. S. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária: experiências transsingulares com o método em ciências da educação**. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. 168 p.

MACEDO, R. S.; GALEFFI, D; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa:** educação e ciências antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2009. 174 p. ISBN:978-85-232-0636-9.

MAGÉ. **História**. Disponível em <<https://mage.rj.gov.br/historia/>> Acesso em: 23 de jan. 2023.

MARICÁ, P. M. de; SECAPP; COOPERAR. **Relatório técnico – 2020-2022:** manutenção e expansão da unidade de produção agroecológica, localizada no município de Maricá, desenvolvimento de processos de formação, capacitação e trocas de experiências em agroecologia. SILVA, I. de O.; BASTOS, J. D.; SILVA, I. M. R. da; SANTANA, B. dos S.; MAAS, A. C. S; OLIVEIRA, C, E. A de (Org.). São Paulo: Expressão Popular, 2023. 63 p. ISBN 978-65-5891-090-9

MILÊNIO VIP. Jornal Milênio Vip Online. **Histórias de Magé:** Formação Administrativa de Magé. Publicação de 23 de janeiro de 2008. Disponível em <http://www.jornalmileniovip.com.br/noticia/arquivo.php?cod=512> Acesso em: 20 jan. 2023.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª ed., 2013. 392 p. ISBN: 978-8528616415

_____. **Ciência com consciência**. Tradução: Maria D Alexandre; Maria Alice Araripe de Sampaio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 20ª ed., 1994. 350 p. ISBN: 978-8528605792

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 1ª ed., 2005. 120 p. ISBN: 978-8520504079

_____. **O verdadeiro papel da educação**- Edgar Morin. IN: REVISTA VERSO E ARTE, 13 abr. 2022 Via Revista Nova Escola/Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/o-verdadeiro-papel-da-educacao-edgar-morin/> Acesso em: 07 abr. 2024.

NOVAES, W. Eco 92: avanços e interrogações. **Estudos Avançados**, v. 6, n.15., p 79-93, 01 ago. 1992.

PINEAU, G. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006

PINEAU, G. **Temporalidades na formação:** rumo a novos sincronizadores. - Tradução de Lúcia Pereira de Souza – São Paulo. Triom 2003.

PRIMAVESI A. **Agricultura-Regenerativa** Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/2022/08/25/agricultura-regenerativa/> Acesso em: 20 dez. 2022.

_____. **Agroecologia:** ecosfera, tecnosfera e agricultura. São Paulo: Nobel, 1997. 202 p.

_____. **Fundamentos de Agroecologia**. Agricultura orgânica & agricultura familiar (anais) 2001. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/2020/01/17/fundamentos-de-agroecologia/> Acesso em: 01 mai. 2024.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. Resolução SEEDUC, nº 5149 de 03 de novembro de 2014. **Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2014, p. 10.

_____. Secretaria de Estado de Educação. Resolução SEEDUC, nº 5150 de 03 de novembro de 2014. **Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro**, Poder Executivo, Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2014, p. 10.

SANTOS, E. **EAD, palavra proibida**. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, Revista Docência e Cibercultura, agosto de 2020, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 18/07/24

SANTOS, V. S. dos. **"Pandemia"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/pandemia.htm> Acesso em 01 ago. 2024.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura** / Edméa Santos. – Teresina: EDUFPI, 2019. E-book. ISBN: 978-85-509-0541-9

SILVA, I. M. R. da. **A escola agrícola como lugar privilegiado para a formação continuada: construindo um diálogo entre os saberes**. 2020. 152 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro 2020.

SILVA, M. R., OLIVEIRA, R. G. de. **Juventude e ensino médio: sentidos e significados da experiência escolar**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2016. [316]p. : il., tabs. ISBN 978-85-8465-012-5

TORRES, R. M. **Educação para todos: a tarefa por fazer**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. 104 p. ISBN :85-7307-765-4

VIEIRAS, R. R. TRISTÃO, M. **A educação ambiental no cotidiano escolar: problematizando os espaçotempos de formação como processos de criação**. Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 41, núm. 1, janeiro-abril, 2016, pp. 159- 170 - Universidade Federal de Santa Maria - Santa Maria, Brasil

APÊNDICES

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS
E DEMANDAS POPULARES



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA ACADÊMICO CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos ao representante da equipe de gestão do CENTRO DE ENSINO INTEGRADO AGROECOLÓGICO BARÃO DE LANGSDORF, autorização para realização da pesquisa “Processos de formação e auto-formação no ensino técnico em agropecuária: a ComVivência pedagógica como estratégia metodológica orientada pelo Prof^o Mauro Guimarães.

Esta escola está sendo convidada para participar, como ambiente formativo da pesquisa intitulada **“PROCESSOS DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO NO ENSINO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: A “COMVIVÊNCIA” PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.**

A primeira coisa que quero é agradecer a disponibilidade de ouvir sobre a minha pesquisa, me chamo IVOLANDA MAGALI RODRIGUES DA SILVA, estou como pesquisadora responsável pelo caminhar deste trabalho, sou discente do Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc/UFRRJ. E esta pesquisa busca **Estruturar e potencializar ações estratégicas (neste caso, integrando a Agroecologia e a ComVivência Pedagógica), como potencial integrador da racionalidade com a objetividade científica, unidas com a revalorização de saberes “outros” na construção de conceitos e práticas integrativas eficientes.** Neste processo investigador buscaremos propor experiências e vivências em outros referenciais estruturantes do modo de vida da humanidade (espaços formativos), o que pode permitir novas maneiras de se posicionar acerca das múltiplas relações já estabelecidas.

Assim teremos como proposta de rumos:

- Fomentar caminhos para posicionar a escola como referência integrativa de disseminação de saberes (ambiente formacional);
- Fazer com que a escola se perceba como espaço integrador (educativo) pedagógico de caráter formal e não formal, na formação de formadores.
- Identificar rumos que possam transformar a escola em um espaço que funcione como ferramenta (permanente) de fomento a formação de formadores.



Este processo formativo de pesquisa é orientado sob a supervisão do Professor Dr. Mauro Guimarães, do Instituto Multidisciplinar, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

Este perfil de pesquisa integrada ao processo formativo, apresenta como componente a proposta de reforma do pensamento/práxis cidadã individual-coletiva. Coloca como alvo de debates, a solução (que preferimos chamar: enfrentamento) de problemas ambientais/projetos como uma estratégia formativa. Considera que quanto maior a radicalidade do processo, maior a possibilidade de formação de Seres Mais Ambientais. Este processo de formação e autoformação se desenha por estruturas apresentadas durante a trilha formativa que se vincula ao perfil do aprendente, aquele que busca um caminhar de formação integradora e permanente, onde se percebem as necessidades formativas no decorrer do processo.

A contribuição com a pesquisa é livre e sem custos para os participantes, e sobre os dados coletados (depoimentos, fotografias e vídeos), afirmamos que apenas serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da área. Os dados coletados serão utilizados na pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos, Gravações de áudio e Vídeo que podem ser apresentados em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos. A doutoranda Ivolanda Magali Rodrigues da Silva, por meio da assinatura deste documento, será autorizada a utilizar, a divulgar e a publicar, para fins de pesquisa, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permite a terceiros o acesso para fins idênticos, preservado o objetivo principal deste estudo. Todos os participantes poderão obter informações do andamento da pesquisa pelo e-mail: magmelgospel@hotmail.com pelo telefone (21) 994234431, lembramos que em qualquer fase da pesquisa você poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Ivolanda Magali Rodrigues da Silva
Pesquisadora

Mauro Guimarães
Orientador

Representante da instituição de ensino.

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS
E DEMANDAS POPULARES



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“PROCESSOS DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO NO ENSINO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: A “COMVIVÊNCIA” PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.**

A primeira coisa que quero é agradecer a disponibilidade de ouvir sobre a minha pesquisa, me chamo IVOLANDA MAGALI RODRIGUES DA SILVA, estou como pesquisadora responsável pelo caminhar desta pesquisa, sou discente do Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc/UFRRJ. A pesquisa busca **Estruturar e potencializar ações estratégicas (neste caso, integrando a Agroecologia e a ComVivência Pedagógica), como potencial integrador da racionalidade com a objetividade científica, unidas com a revalorização de saberes “outros” na construção de conceitos e práticas integrativas eficientes.** Neste processo investigador buscaremos propor experiências e vivências em outros referenciais estruturantes do modo de vida da humanidade (espaços formativos), o que pode permitir novas maneiras de se posicionar acerca das múltiplas relações já estabelecidas.

Assim teremos como proposta de rumos:

- Fomentar caminhos para posicionar a escola como referência integrativa de disseminação de saberes (ambiente formacional);
- Fazer com que a escola se perceba como espaço integrador (educativo) pedagógico de caráter formal e não formal, na formação de formadores.
- Identificar rumos que possam transformar a escola em um espaço que funcione como ferramenta (permanente) de fomento a formação de formadores.

Este processo formativo de pesquisa é orientado sob a supervisão do Professor Dr. Mauro Guimarães, do Instituto Multidisciplinar, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

Este projeto se justifica por permitir um estudo que busca melhorar o ambiente formativo da escola, os procedimentos de coletar dados serão as rodas de conversas e as possíveis narrativas. Encontros que serão gravados e analisados posteriormente. Caso ocorra situação de desconforto ou percepção de riscos de participação, pode imediatamente sinalizar a desistência de participação na pesquisa.

Os benefícios esperados deste trabalho incluem tornar a escola um ambiente que tenha mais a coletividade como estrutura formativa e experimentar essa forma de aprender com a troca de saberes, todos os saberes.

A contribuição com a pesquisa é livre e sem custos para os participantes, e sobre os dados coletados (depoimentos, fotografias e vídeos), afirmamos que apenas serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da área. Os dados coletados serão utilizados na pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos, Gravações de áudio e Vídeo que podem ser apresentados em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos. A doutoranda Ivolanda Magali Rodrigues da Silva, por meio da assinatura deste documento, será autorizada a utilizar, a divulgar e a publicar, para fins de pesquisa, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permite a terceiros o acesso para fins idênticos, preservado o objetivo principal deste estudo. Todos os participantes poderão obter informações do andamento da pesquisa pelo e-mail: magmelgospel@hotmail.com pelo telefone (21) 994234431, lembramos que em qualquer fase da pesquisa você poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Ivolanda Magali Rodrigues da Silva
Pesquisadora

Mauro Guimarães
Orientador

Nome Legível _____

Documento de Identificação _____

Assinatura: _____

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) (QUANDO MENOR DE IDADE)

O menor _____ aluno do Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorf está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“PROCESSOS DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO NO ENSINO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA: A “COMVIVÊNCIA” PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA.**

A primeira coisa que quero é agradecer a disponibilidade de ouvir/ler sobre a minha pesquisa, me chamo IVOLANDA MAGALI RODRIGUES DA SILVA, estou como pesquisadora responsável pelo caminhar deste trabalho, sou discente do Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGEduc/UFRRJ. A pesquisa busca **Estruturar e potencializar ações estratégicas (neste caso, integrando a Agroecologia e a ComVivência Pedagógica), como potencial integrador da racionalidade com a objetividade científica, unidas com a revalorização de saberes “outros” na construção de conceitos e práticas integrativas eficientes.** Neste processo investigador buscaremos propor experiências e vivências em outros modelos de vida da humanidade (espaços formativos), o que pode permitir novas maneiras de se posicionar.

Este projeto se justifica por permitir um estudo que busca melhorar o ambiente formativo da escola, os procedimentos de coletar dados serão as rodas de conversas e as possíveis narrativas. Encontros que serão gravados e analisados posteriormente. Caso ocorra situação de desconforto ou percepção de riscos de participação, pode imediatamente sinalizar a desistência de participação na pesquisa.

Os benefícios esperados deste trabalho incluem tornar a escola um ambiente que tenha mais a coletividade como estrutura formativa e experimentar essa forma de aprender com a troca de saberes, todos os saberes.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

A contribuição com a pesquisa é livre e sem custos para os participantes, e sobre os dados coletados (depoimentos, fotografias e vídeos), afirmamos que apenas serão utilizados com finalidade de pesquisa, respeitando todos os preceitos da área. Os dados coletados serão utilizados na pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos, Gravações de áudio e Vídeo que podem ser apresentados em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos. A doutoranda Ivolanda Magali Rodrigues da Silva, por meio da assinatura deste documento, será autorizada a utilizar, a divulgar e a publicar, para fins de pesquisa, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permite a terceiros o acesso para fins idênticos, preservado o objetivo principal deste estudo. Todos os participantes poderão obter informações do andamento da pesquisa pelo e-mail: magmeltgospel@hotmail.com pelo telefone (21) 994234431, lembramos que em qualquer fase da pesquisa você poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Eu _____, portador do documento de identidade _____, expedido por _____, autorizo a participação do(a) menor _____, portador do documento de identidade _____, expedido por _____, nas ações da pesquisa aqui neste documento descrita.

Solicita-se que seja anexada a documentação comprobatória do grau de parentesco do responsável.

Ivolanda Magali Rodrigues da Silva
Pesquisadora

Mauro Guimarães
Orientador

Nome Legível _____

Assinatura: _____

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM E VOZ (TAUIV)

Neste termo, eu, _____,
Portador da Cédula de Identidade RG nº _____, Inscrito
no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua
_____, nº _____ Cidade _____,
Estado _____. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em
todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, referentes a pesquisa intitulada
**“PROCESSOS DE FORMAÇÃO E AUTO-FORMAÇÃO NO ENSINO TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA: A “COMVIVÊNCIA” PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA
METODOLÓGICA.**

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: outdoor; busdoor; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); folder de apresentação; revistas e jornais em geral; home page, facebook, instagram e outros do gênero; cartazes; back-light; mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros) com referência a **Estruturar e potencializar ações estratégicas (neste caso, integrando a Agroecologia e a ComVivência Pedagógica), como potencial integrador da racionalidade com a objetividade científica, unidas com a revalorização de saberes “outros” na construção de conceitos e práticas integrativas eficientes.** Neste processo investigador buscaremos propor experiências e vivências em outros referenciais estruturantes do modo de vida da humanidade (espaços formativos), o que pode permitir novas maneiras de se posicionar acerca das múltiplas relações já estabelecidas.

Ivolanda Magali Rodrigues da Silva
Pesquisadora

Mauro Guimarães
Orientador

Nome Legível _____
Assinatura: _____

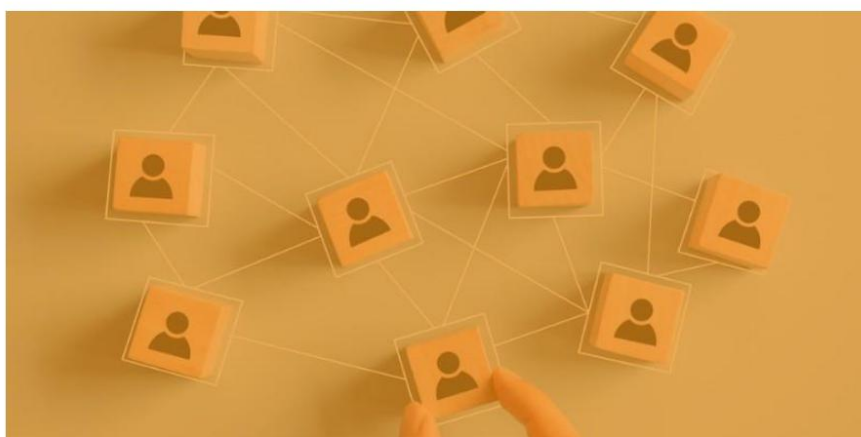
APÊNDICE E

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☐ (021) 3787-3741

“Com Vivência’s”



ROTEIRO

Ficha Técnica

Duração: 30 MIN (aproximadamente)

Quantidade de blocos: 03

Periodicidade: BIMESTRAL

Apresentador (a):

Episódio 1

INÍCIO

VINHETA ABERTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

ABERTURA: Fala de quem apresenta

>>>> CONTINUAR *VINHETA* <<<<

PRIMEIRO BLOCO: *apresentar o que será o podcast (a proposta), sua periodicidade e fazer um breve resumo do que será abordado no primeiro episódio*

Sejam Bem Vindos ao primeiro episódio do Podcast – ComVivência's –

>>>> CONTINUAR *VINHETA* <<<<

Nossa proposta com esses encontros é apresentar experiências de ComVivências e esse primeiro episódio apresenta a dimensão do olhar do praticante do ato educativo em uma experiência de ComVivência Pedagógica como proposta de estratégia metodológica na formação e auto formação multireferencial.

>>>> CONTINUAR *VINHETA* <<<<

SEGUNDO BLOCO: **Uma breve apresentação dos participantes e do tema a ser abordado.*

Teremos a oportunidade de apreciar as falas dos estudantes do Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Iremos perceber que eles embarcam nesta experiência de uma formação reflexiva imersa em uma perspectiva crítica das potencialidades formadoras. Falam de sua impressão inicial com a formação e os impactos gerados por esta Metodologia.

São cursistas da formação técnica em agropecuária que identificam a efetividade das práticas formadoras dirigidas no ambiente educativo como elemento garantidor da proximidade das ações ali mediadas coletivamente das realidades em questão.

TERCEIRO BLOCO: **Apresentação dos participantes e suas colocações.*

QUARTO BLOCO - ENCERRAMENTO: **exemplo** *Bom, eu adorei participar deste momento, esperamos que você também tenha aproveitado ouvindo estas preciosidades. Chegamos ao fim deste episódio e estamos ansiosos para o próximo.

Muito obrigada por ficar conosco até aqui e até a próxima.

CRÉDITOS FINAIS: // O ComVivências é um Podcast interativo que tem como objetivo apresentar experiências de ComVivências e suas Multireferencialidades, vc tem alguma sugestão? Nos conte!!!

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☐ (021) 3787-3741

>>> RODA VINHETA FINAL <<<

FIM _____

Para subir para as plataformas digitais, escrever:

SOBRE: *resumir o que é o Papo Agroecológico*

Resumo de cada episódio: *um resumo de acordo com cada novo episódio*

APÊNDICE F

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

“Com Vivência’s”



ROTEIRO

Ficha Técnica

Duração: 20 MIN (aproximadamente)

Quantidade de blocos: 03

Periodicidade: BIMESTRAL

Apresentador (a): Ivolanda Magali

Episódio 2

INÍCIO

VINHETA ABERTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☎ (021) 3787-3741

ABERTURA: Fala de quem apresenta

>>>> CONTINUAR *VINHETA* <<<<

PRIMEIRO BLOCO: *apresentar o que será o podcast (a proposta), sua periodicidade e fazer um breve resumo do que será abordado no primeiro episódio*

Tema: O ambiente formativo

Sejam Bem Vindos ao segundo episódio do Podcast –
 ComVivência's - >>>> CONTINUAR *VINHETA* <<<<

[Primeira sonora]: abertura do episódio. Aqui é importante fazer uma breve apresentação do que é o programa e de quais assuntos serão abordados no episódio; além disto, _ Estamos de volta com mais um episódio do “PodCast ComVivências”, conosco temos presente três participantes: o Carlos Eduardo, o Rafael e o André Davi, eles terão o momento em que se apresentarão melhor durante nosso bate-papo. Mas, quero dizer que nesta conversa vamos buscar falar um pouco desta experimentação formativa, que é a

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☎ (021) 3787-3741

ComVivência pedagógica como estratégia de condução da construção desse profissional reflexivo.

>>>> CONTINUAR VINHETA <<<<

SEGUNDO BLOCO: **Uma breve apresentação dos participantes e do tema a ser abordado.*

[Segunda sonora] Então é isso, estamos por aqui, Eu Magali Rodrigues; Rafael Santana que se formou no ano de 2023 que é o mesmo ano de formação do André Davi que também está aqui conosco, os dois recém-formados no curso Técnico em Agropecuária na escola estadual que recebe o nome de Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorf e o Carlos Eduardo que se formou no ano de 2022 neste mesmo curso e experimentando esta mesma metodologia formativa.

TERCEIRO BLOCO: **Apresentação dos participantes e suas colocações.*

[Terceira sonora]: “como você chegou até aqui [o lugar de formação na escola]?” Para começarmos nossa conversa sobre essa ComVivência, eu queria saber de vcs como ou onde fica esse lugar de formação que escola representa para vcs, como vcs chegaram

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☎ (021) 3787-3741

até aqui? Quem se prontificou a responder primeiro foi o Carlos Eduardo, ele se formou no ano de 2022, isso indica que a turma dele iniciou o ensino médio no ano da pandemia, sendo a trajetória de formação descrita assim: primeiro ano do ensino médio no ano de 2020 que foi o ano de início da pandemia, segundo ano do ensino médio no ano de 2021 que ainda se caracteriza como período pandêmico e terceiro ano de formação no ano que podemos chamar de pós pandemia, ano de 2022.

QUARTO BLOCO

[Quarta sonora]: Isso aí conhecemos um pouco do Carlos e de sua trajetória perceptiva e agora vamos ouvir o Rafael que se formou recentemente no final do ano de 2023, seu primeiro ano na escola foi o ano de 2021 que ainda era considerado pandêmico

QUINTO BLOCO BLOCO: **Apresentação dos participantes e suas colocações.*

[Quinta sonora]: Ótimo Rafael, pelo que ouvimos temos uma característica bem comum né, ambos não queriam vir para este ambiente formativo, mas depois que conheceram se apaixonaram, muito bom ouvir também como parte da fala narrada de vcs, que a participação da família na escolha da trilha formativa foi importante e agora se percebe que foi fundamental.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

SEXTO BLOCO BLOCO

[Sexta sonora]: Agora que conhecemos um pouco da trajetória de vcs, ficamos curiosos em saber sobre esse ambiente formativo, qual a relação dele, da construção dele e de como esse processo contribuiu para a visão de mundo de cada um, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Quem vai começar a responder essa?

SÉTIMO BLOCO

[Sétima sonora]: a relação do ambiente formativo: como esse processo moldou ou contribuiu para a visão de mundo de cada um, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

OITAVO BLOCO

Agora para finalizar esse nosso papo que está muito bom por sinal, temos mais uma pergunta, percebemos que durante a fala de vcs existe uma demonstração de muita vivência, uma riqueza de informações que agora ficamos curiosos para saber como essa formação por meio de uma metodologia de ComVivências pode ser levada adiante?

[Oitava sonora]: o que de toda esta experiência formativa você é/foi capaz de levar adiante: seja no ambiente escolar, familiar ou em sociedade.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☎ (021) 3787-3741

NONO BLOCO

[Nona sonora]: preparar uma finalização da edição do episódio, por exemplo: “este foi o primeiro de uma série de episódios que contará, a partir da própria fala dos alunos, como o ambiente escolar, cuja formação é horizontal, é capaz de forjar o processo de formação contínua na vida de cada um [aprender é trocar com os outros] Nossa que conversa boa!!! Eu fiquei com vontade de ouvir mais, esse é o segundo episódio de uma série de conversas que pretendemos ter com os que experimentam a metodologia, buscaremos sempre contar com a narrativa dos praticantes que co-criam esse ambiente na busca de uma formação horizontalizada capaz de traçar um processo formativo contínuo de traçado de vida onde a troca de saberes compõe o processo. As partes hachuradas de amarelo indicam a base de onde tirei as falas.

CRÉDITOS FINAIS: // O ComVivências é um Podcast interativo que tem como objetivo apresentar experiências de ComVivências e suas Multireferencialidades, vc tem alguma sugestão? Nos conte!!!

>>> **RODA VINHETA FINAL** <<<

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☎ (021) 3787-3741

FIM_____

Para subir para as plataformas digitais, escrever:

SOBRE: *resumir o que é o Papo Agroecológico*

Resumo de cada episódio: *um resumo de acordo com cada novo episódio*

APÊNDICE G

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Arquivo de áudio transcrito

Compilado da transcrição na íntegra dos áudios do primeiro episódio do podcast ComVivências.

PodCast Convivências.mp3

Olá, sejam muito bem vindos ao nosso primeiro episódio do podcast ComVivências. Nossa proposta com esses encontros é apresentar experiências de convivências, e esse primeiro episódio apresenta a dimensão do olhar do praticante do ato formativo em uma experiência de convivência pedagógica. Nesta perspectiva, a “ComVivência Pedagógica” aparece como uma estratégia metodológica na formação e autoformação multireferencial. Teremos a oportunidade de apreciar essas falas, que são dos estudantes do Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff. São relatos dos que embarcam na experiência de uma formação reflexiva, imersa em uma perspectiva crítica das potencialidades formadoras. Com a palavra os alunos do curso de Técnico em Agropecuária.

Participante 1

Meu nome é André Davi Sousa de Sousa, tenho 18 anos, estou cursando o terceiro ano do ensino médio Técnico em Agropecuária, essa área é. Eu escolhi por Escolha própria, até porque também meus avós, eles têm um passado. Dentro da... em Espírito Santo, dentro da roça. Então eu tomei isso como um incentivo também. Mas chegando aqui, o ponto de vista foi totalmente diferente, porque você está trabalhando com produtos e de alimentos, uma coisa que é realmente muito séria profissionalmente, e eu não sei se eu vou seguir realmente a carreira, mas eu vejo isso como ensinamento e um aprendizado em agricultura, agronegócio, agroecologia que não é para ser misturado, porque são totalmente diferentes. Mas eu vejo isso como um desenvolvimento como

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

pessoa, o meu perfil de como um aluno e um profissional quando eu cheguei no CEIA foi totalmente uma coisa muito... Como posso dizer... extrovertida, ou seja. Quem... seja o meu professor de agricultura ou qualquer que fosse, falasse para fazer tal coisa eu ia lá fazer e fazia assim sem questionar, ou e... tudo mais. Mas ao longo do tempo eu fui me questionando o porquê de estar fazendo aquilo sendo que... o ensinamento tem que vir de você mesmo, você tem que se questionar porque você está fazendo naquilo qual é o objetivo. E isso foi criando um estímulo para aprender mais e mais. E também tem a interação com os meus colegas de classe, que não é tão fácil, mas se torna um certo convívio, porque você vai pegando mania, você vai pegando... tendo o ensinamento de por parte deles, de alguns, de questionamentos, de respostas, de perguntas e isso vai, vai... sendo muito importante como um desenvolvimento como profissional e como aluno também. Até porque o conhecimento não tem que vir só de um profissional, tem que vir de você mesmo, até que até porque se você está numa área onde você tem que trabalhar com... alimentos, tem que trabalhar com alguns produtos, com... Engloba muita coisa... Então é assim, não tem que vir só do profissional, mas tem que vir de si mesmo.

Participante 2

Meu nome é Francisco Hamilton de Oliveira Filho, vim para cá por incentivo da minha mãe, foi mais uma obrigação. Eu cheguei aqui com um ponto de vista completamente diferente. Achei que não iria aprender nada, não iria absorver nada, seria somente um peão, que era só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Mas chegando aqui, a realidade foi outra, eu aprendi, tirei dúvidas, descobri coisas que eu não sabia. Entrei em projetos, realizei projetos e acabou que eu aprendi bastante sobre a área da agricultura, que eu até então achava que não era algo tão... que era algo não tão importante. Achei que era algo mais irrelevante e aprendi bastante com essa área. Não sei se vou seguir nessa área profissionalmente, mas está servindo como aprendizado e pode ser que futuramente eu siga

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

nessa área, eu estou aprendendo também, evoluindo também como pessoa também. É aqui na escola eu descobri que a gente pode escrever e seguir nosso caminho sozinho.

Participante 3

Oi, eu sou Máira Garcia Delfino, tenho 17 anos e estou cursando formação Técnica em Agropecuária aqui no colégio CEIA Barão de Langsdorff, eu vim aqui para esse colégio porque eu já tinha é, digamos que uma conexão, né? Com essa área, só que eu não sabia muito bem em que em específico, né? O que que eu queria? Então eu vim para cá para saber em qual ramo eu iria trabalhar, em qual ramo eu iria me especializar eu entrei aqui na escola, eu entrei com... com um pouco de medo, né, porque eu não sabia se era isso mesmo que eu queria. Mas conforme o curso foi passando, eu fui me encaixando aqui, né? Aqui na escola se tornou praticamente uma segunda casa pra mim, porque tanto que a gente passa a maioria do tempo aqui, né? Com os nossos colegas a gente se tornou uma família e briga bastante, mas a gente se gosta bastante também. E o curso para mim está sendo bem, está clareando muito bem a minha mente né, porque eu consegui me encontrar esse ano com a área que eu quero mesmo me especializar. E o meu foco é conseguir trabalhar na área e ser uma profissional, dentro da área da agricultura. Com a agroecologia do nosso curso eu consegui aprender bastante as relações, né? Os professores aqui eles ensinam bastante pra gente. E o curso, a maneira da gente aprender, né? Diferente do ensino fundamental, porque você tem que seguir o seu próprio caminho, né? Você tem seus próprios... próprios projetos, suas vontades. De início foi difícil, porque a gente não está muito... quer dizer, está meio que distante, né? Do que você quer, então você acaba fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Mas quando você acha o seu foco, eu acho que aí sim você consegue absorver tudo que esse curso pode te proporcionar. Quando eu cheguei aqui na escola, eu tinha um perfil, como eu posso dizer? Eu era muito orgulhosa. Ainda sou, né? Eu era muito difícil de aprender coisas

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

assim, como se não fosse o professor passando outras pessoas. Eu tinha muita dificuldade quando eu cheguei aqui, uma pessoa que ajudou muito a mim, meus colegas, foi a Vitória, não é? A gente entrou com um projeto de tempero, de planta medicinal, então ela passou bastante conhecimento para a gente. E... e ali começou, né? A nossa, nossa interação com os outros alunos, com os professores... É... ano passado com a turma, com os meus colegas, eu consegui passar bastante coisa também e eles passando para mim, através dos projetos, das aulas, tivemos muitas interações nas práticas e hoje em dia eu vejo o fruto. O fruto disso é com o primeiro ano, né, que chegou agora, como nós somos o terceiro ano, às vezes eu penso que eu não sei nada, que eu não consegui absorver bastante coisa durante esses anos que eu estou estudando. Mas quando vai fazer uma prática com o primeiro ano, consegue passar o que você aprendeu e realmente eles aprendem, ah isso é muito gratificante.

Participante 4

Eu sou Ana Clara Pessuti, eu estou cursando o terceiro ano do ensino médio em Técnico em Agropecuária. No começo eu vim para cá para fugir da formação de professores, porque eu queria uma formação técnica, mas não naquela área. Acabou que eu cheguei aqui, eu fui gostando fui pegando o gosto pela coisa e acabou se tornando um hobby. Não sei se eu pretendo seguir a área, isso ainda é uma incógnita para mim é. Mas acabou se tornando algo que me traz paz. A questão de adaptação aqui foi um processo um pouco lento, porque eu... eu vim com um raciocínio um, enfim, algo construído do ensino tradicional, a questão de professor, aluno, sala de aula, quadro, enfim. E quando chegou para cá e com a dinâmica totalmente diferente, foi bem difícil. No começo eu não conseguia entender e eu sentia que eu estava perdendo... muito depois, com o tempo, eu fui reconhecendo o quanto isso podia me ajudar, tanto no desenvolvimento pessoal e, enfim, no conhecimento mesmo. E quando eu cheguei aqui, eu vi que um

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

pensamento muito limitado sobre o conhecimento vir de mão beijada e não eu ir atrás dele. E quando eu vim para cá, eu tive que acabar desconstruindo isso para me adaptar à didática que aqui... aqui residia é... Acabou que, passando por experiências com as cultivares, eu tive que começar a pesquisar isso, investigar isso para poder resolver os meus problemas. Por exemplo, é, eu estava plantando hortaliças, salsinha, enfim, e a coloração das folhas acabaram ficando avermelhadas, rochas, enfim, para esses tons mais quentes e eu querendo saber o que estava acontecendo, eu tive que ir pesquisando, pesquisando, até eu descobri que era por falta de nutrientes. E isso acaba, essa autonomia, acaba expandindo mais o nosso leque de possibilidades de conhecimento e talvez até chances de se encontrar dentro daquilo que você mais se identifique e adquirir nessa metodologia que o melhor conhecimento é aquele que nós construímos.

Participante 5

Meu nome é João Pedro Bezerra e eu vim para cá mais por influência do meu pai, mas também por minha, porque eu sabia que era a formação, que era uma opção de trabalho. Mas também me ajudar na faculdade que eu queria. Eu cheguei aqui no primeiro ano bastante perdido, porque eu não sabia o que fazer, eu sabia do que se tratava, só que eu não sabia realmente o que fazer. Fui me achar só no segundo ano, mas foi durante as aulas de campo, as aulas de dentro da sala que fui formulando que eu tinha que fazer, como que fazer, tanto que eu não... não tinha capacidade para abrir projeto, para plantar alguma coisa, para produzir. E hoje em dia eu sinto que eu já tenho essa capacidade, consigo fazer um projeto direitinho, fazer a planta produzir, certo, identificar problemas nelas e talvez passar para outras pessoas para poder ajudar pessoas que passaram pelo mesmo eu, tanto que alguns colegas mais velhos me ajudaram nessas coisas e eu entendi que independente de apoio de professores ou qualquer um, você tem que buscar seu conhecimento por conta própria.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☐ (021) 3787-3741

Participante 6

Meu nome é João Gabriel Thompson Franco, eu tenho 17 anos, estou fazendo formação em Agropecuária no colégio CEIA Barão de Langsdorff. Vim para cá em 2020, é depois da época da pandemia que minha mãe me mandou para cá. Eu estava tendo muita dificuldade em casa para eu conseguir me desenvolver, para conseguir estudar mesmo, porque foi um momento muito difícil da minha vida nessa época. Então quando eu cheguei aqui, eu peguei só 4 meses de aula, porque foi em agosto e no começo eu não entendia muito bem o que eu estava fazendo aqui. Eu vinha para cá para trabalhar, é essa, é verdade, dentro da minha cabeça, porque eu vinha, capinava um negocinho e ia pra casa, vinha estudava a matemática e ia lá capinava e ia para casa e aí eu não conseguia desenvolver muita coisa. Eu não entendia porque que eu estava fazendo aquilo ali. E quando passou o ano seguinte, quando eu cheguei no segundo ano que eu tive mais tempo de conhecer, é... os meus colegas de classe e as pessoas que os professores eles foram me explicando, eu entendi o porquê que eu estou aqui e para que que isso aqui é feito, entendeu? Desde que eu cheguei para cá, eu consegui ter um desenvolvimento pessoal muito grande e um desenvolvimento de conhecimento mesmo, porque era algo que eu não tinha. E eu acho que quando eu vim para cá, eu aprendi a estudar, que é uma coisa que eu acho que eu tinha dificuldade no começo e conforme eu fui aprendendo a fazer isso por conta própria, porque, para você desenvolver alguma coisa aqui dentro, você que escolhe o que você quer fazer, entendeu? É você que tem que ir atrás. Você não tem uma matéria para você pegar lá e vai ler, não. Você tem que ir atrás do que você quer. Então eu acho que isso me ajudou muito. Desde o sexto ano, as pessoas me perguntam, o que que eu quero ser? O que que eu vou ser na vida? Que que você quer fazer e tal? E eu sempre tive muita dúvida, né? Porque a gente estava numa aula de história, e estava falando sobre Segunda Guerra Mundial e eu achava interessante que assim, pô, vou fazer

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

história. Aí entrava um negócio insuportável, aí depois eu ia pra matemática. Aí eu falava assim, pô plano Cartesiano, maneiro. Depois entrava Bhaskara aí eu não queria mais fazer matemática, entendeu? E depois eu ia para aula de ciências e aí tinha aula sobre célula. Eu falava, pô, maneiro, mas aí depois entrava, é, sei lá, qualquer outra coisa (voz ao fundo – “genética”), é... isso pode ser. E eu odiava, entendeu? Então aí as pessoas, sempre me perguntavam, e eu sempre fui mudando as coisas que eu queria fazer. 1 hora eu queria ser geólogo, outra hora eu queria ser engenheiro, outra hora eu queria estudar advocacia e eu nunca sabia o que eu queria fazer, entendeu? Isso daí desde o sexto ano, hoje, hoje em dia estou no segundo ano do ensino médio e ainda não sei o que eu quero fazer, mas. Assim, conforme... perdão no terceiro ano, foi mal. É que é do segundo ano passado. Eu estou no terceiro ano ainda, não sei o que quero fazer, entendeu? As coisas foram mudando, entendeu? Porque no começo eu tinha a aula de matemática, história, português. Hoje em dia eu tenho aula de Zootecnia, de a práticas. Então, tipo assim, foi uma mudança muito grande na minha vida, porque. É, você começa a entender outras coisas e você começa a pegar gosto por aquilo que você quer. E as pessoas querem que você faça alguma coisa, sei lá, às vezes sua tia quer que você seja professor, e você não quer fazer aquilo. Entendeu? Então. É um caminho muito difícil para escolher o que que você quer ser, entendeu? Como eu entrei na escola, eu posso escolher, eu estou sentindo que eu posso escolher o que eu quero estudar, eu posso escolher as coisas que eu gosto, entendeu? Então eu posso. Às vezes, uma coisa que eu vou fazer, uma pesquisa que eu vou fazer, eu vou pegar gosto por aquilo e eu vou fazer uma coisa que eu realmente quero? E com esse método eu descobri que a inteligência não é o que se tem, é algo que se constrói.

Participante 7

Meu nome é Mateus Teixeira, tenho 18 anos, estou cursando ensino técnico e no começo eu cheguei aqui. Só achava realmente, com

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

aquela ignorância, achando que eu não ia aprender nada aqui eu não ia conseguir absorver nada. Tive um tempo de adaptação de uns um ano e meio para eu poder mudar minhas... minha perspectiva de vida, vivida para poder mudar minha mente. Mudei muitos planos meus, mudei muita coisa que eu achava que eram opiniões concretas e mudei. Tive uma evolução pessoal muito grande. Todos os dias tento adquirir mais e mais conhecimento. No começo do ensino técnico, não tinha muita noção do que fazer aqui. A única noção que eu tinha era de capinar, mas na prática e na teoria, com muita pancada que eu fui tomando muitas recuperações, eu fui adquirindo certo conhecimento, quebrando a ignorância, né? Basicamente que eu tinha no início. Eu aprendi com esse método que você não só desenvolve a natureza, mas você também se desenvolve.

Participante 8

Meu nome é João Henrique. Eu tenho 17 anos, estou cursando o terceiro ano ensino Técnico em Agropecuária. É quando eu cheguei nessa escola, eu tinha uma visão bem diferente do que eu digo, do que eu que eu tenho hoje. Eu vim por uma recomendação da amiga da minha mãe, eu já tinha alguma relação com a... com o plantio, mas coisa básica. E aqui eu tenho tido um aprimoramento do que eu já tinha, eu tenho me desenvolvido pessoalmente, é socialmente, tenho quebrado certas coisas. Até o final desse ano pretendo decidir o que é que eu vou fazer, porque eu não sei ainda se eu vou seguir exatamente essa área ou o que é que eu vou fazer da vida. Quando eu entrei na... na escola, eu tinha noção zero do quanto as minhas atitudes e as atitudes do ser humano como um todo influenciam não só no ambiente, quanto como também na nossa qualidade de vida. E minha mente ela foi abrindo com certos questionamentos, como por exemplo, coisas simples é para onde vai o esgoto da minha casa? É algo que pode ser resolvido. Um simples questionamento que pode ajudar toda uma cidade. É... Melhorar a qualidade do ar, melhorando a qualidade do solo, o que influencia diretamente sobre

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

o que a gente come. Sobre o que a gente é ingere como bebida. Ou seja, são várias coisas que podem influenciar, que eu descobri que com essa visão, com esse método, você pode alcançar tudo o que você desejar com muita determinação, motivação e persistência.

Participante 9

Meu nome é Iris Maria. Eu vim estudar por vontade própria mesmo. Eu morava no Rio e eu me mudei para cá para estudar aqui. Eu gostei muito assim. É até muito estranho para mim pensar assim que há pouco tempo atrás eu não sabia capinar, não sabia fazer nada disso, porque é importante a gente ter os conhecimentos de saber plantar e tudo isso. Mas eu acho capinar, cortar o Mato também é importante para a gente conseguir plantar. A gente tem que fazer isso. Essa escola mudou muito perspectiva assim do do que é que eu vou fazer para o meu futuro? Assim, eu quero continuar nessa área. E está me ajudando muito também a desenvolver a autonomia, ainda estou tendo que desenvolver mais porque. Tenho. Dificuldade com isso, mas me ajuda muito porque. É não é só participar do projeto dos outros. Assim, a gente tem que pensar também, qual que projeto você quer fazer além desse curso ser uma boa oportunidade de se profissionalizar. Eu também gostaria muito de aprender a produzir o meu. Estou aprendendo, no caso, a produzir o meu próprio alimento e continuando falando da convivência e da prática. Isso é muito interessante nessa escola, porque nas outras escolas é só o professor falando e a gente aprende. E talvez, se você quiser conversar com seu amigo, mas nessa você precisa muito conversar com seus com os seus colegas para você aprender as coisas assim. Então a gente aprende não só com o professor, mas também com os nossos colegas de classe e os colegas mais velhos. E você também poder praticar o que você está aprendendo é muito bom, porque muitas vezes você ter só a teoria, você não consegue entender mesmo. Então quando você pratica e você vê, Ah, na teoria é assim, mas eu fiz isto e não está dando certo. Eu preciso entender mais isso aí. Eu queria. Aqui, além de a

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

gente estar ensinando da pessoa, incentivando outra pessoa. Muitas vezes, quando a gente explica o que a gente aprendeu, a gente aprende muita coisa também, então ensinar também é um método muito bom de aprender.

Participante 10

Meu nome é João Pedro Tobias Gomes. Tenho 17 anos, sou da turma do terceiro ano do ensino técnico. Nessa escola eu tive eu. Eu comecei Na Na pandemia, que tive muitas dificuldades porque. Era aula online. Mas conforme o processo foi indo, mas só foi muito devagar, eu pude conhecer muitas pessoas. Pessoas que me ajudaram. Eu não. Eu não pretendo seguir na carreira agrícola, mas eu pretendo em seguir outros planos. Conforme eu fui cursando esses 3 anos até aqui. Eu fui vendo algumas coisas muito importantes, como na alimentação, e também eu fui. Fui me encontrando também com os antigos alunos que. Assim me passaram as experiências como como eram. E foi bem interessante. Quando cheguei aqui na escola, eu tinha algumas dificuldades em aprender tanto na teórica, quanto na prática. Mas como fazer as práticas agrícolas eu consegui aprender melhor, mas na teoria era muito complicado... não tão complicado assim, na verdade. Mas eu tinha, eu tinha muitas. Eu tenho muitas dificuldades assim em aprender alguma coisa que não entra assim na minha mente. Mas quando eu estou fazendo a prática de agrícolas, eu consigo entender o que eu tenho que fazer. Por exemplo, para, para fazer leira, para fazer. É a primeira vez que eu fiz leira ficou torta, torta para caramba, parecia até uma minhoca torta. Mas conforme eu fui, fui aprender, fui, fui aprendendo, eu fui. Eu pude aprender muitas, muita coisa, né? E que agora eu como pelo terceiro ano, eu. Eu. Eu estou, eu estou. Eu ainda estou absorvendo e processando aquilo que vai, que vai levar a minha vida. Eu aprendi de que os momentos que você, que você erra, é um momento que você pode acertar, mas no futuro.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Participante 11

Meu nome é Rafael, Rafael Santana. Eu estou fazendo o terceiro ano do ensino médio Técnico em Agropecuária. A minha maior dificuldade foi sair da pandemia, debilitado. Eu sempre tive dificuldade em estudar. Eu não. Eu não reconheço meu potencial, que todos falam, e eu acho que é importante citar isso porque de certa forma, foi meio que o centro da minha vivência nessa escola. Quando... quando eu entrei na escola, lá no final da pandemia, foram poucos meses de de aprendizado ali, no primeiro ano, e eu me sentia muito perdido. Eu tinha, eu tinha uma. Eu tinha uma quebra de uma quebra de. Expectativa em relação ao ensino médio. Porque o meu ensino médio ter começado assim. Mas aos poucos eu fui construindo, não é, quando chegou o segundo ano eu percebi que a minha oportunidade era essa e eu percebi a oportunidade que a minha família me inseriu. Não é? Foi ainda aqui na escola. O quão importante é a gente perceber a nossa posição em relação ao que a gente faz, né, a gente está o que aprendendo sobre agricultura e o quão importante sobre agricultura o quão, como, como que o onde a gente tá inserido nesse meio. E foi esse o meio que a gente aprendeu eu aprendi, né na escola. É a quebra da perspectiva e aquele quadrado que eu sempre, sempre ouvi falar. E eu nunca. Eu nunca me dei conta, talvez não agora, mas eu pretendo seguir essa área. Porque eu eu meio que me apaixonei um pouco, me apaixonei pelas por essas questões sociais. Pelo que a gente luta, não é? E como é que, como o técnico, ele abriu a minha mente em relação isso não é. A gente começa a nos, a gente vai se adaptando, né? Conhecendo coisas novas, a gente vai evoluindo. Esse sentimento de evolução cria dentro da gente, meio que uma meio que um motivo para a gente continuar aqui. Não existe mais nada tão gratificante quanto você ter o conhecimento na sua mente. Você praticar esse..... esse conhecimento várias e várias vezes. E quando alguém vem, vem sua direção, vem pedindo ajuda, você consegue responder da melhor forma possível, talvez de uma forma que você

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

no começo não está, não tenha entendido direito. Hoje você desenvolveu, explica de uma forma diferente. E essas pessoas novas podem, podem descobrir, redescobrir a si mesmas e passar por esse processo tão comum que todo mundo passa.

Participante 12

Oi, meu nome é Cauan da Conceição Correa, eu tenho 17 anos, estou cursando ensino técnico na escola CEIA Barão de Langsdorff. Eu entrei na escola porque a minha mãe falou que ela se recusava a estudar o ensino geral porque ela não queria que se fosse *****. “Palavras dela”. Eu entrei aqui sem saber a importância dessa área, porque na verdade nunca tinha pensado muito sobre isso, porque para mim era um trabalho, um trabalho de gente que não estuda. Era basicamente essa visão que eu tinha, eu não sabia da importância que isso tinha para as pessoas em geral. E no terceiro ano agora, na verdade, eu comecei a dar bola, porque eu percebi que isso é realmente importante e como e fui vendo, né. A experiência das pessoas como muda a mente das pessoas trabalhando nisso. Eu, quando entrei na escola, foi eu entrei completamente ignorante sobre tudo assim, tipo, para mim, as pessoas não plantavam em qualquer lugar só porque não queriam plantar, não sabia que tinha diferença de solo nem nada disso, tipo, não sabia que tinha solo, que era mais argiloso, mas nem sabia que era por causa disso, pra mim era só ruim, então eu não tinha... Eu não tinha essa... essa noção para mim, tipo, qualquer lugar dava para plantar qualquer coisa, tipo, ah tá calor, é só botar mais água. Para mim era assim. Então, entre aqui eu descobri muita coisa, aprendi muita coisa. E é muito diferente de estudar na escola que eu estudava em todas as escolas que eu estudei. Porque mesmo nas escolas, eu sempre fui uma pessoa que falou muito, que conversou muito com todo mundo. Mas essa foi uma escola onde eu conversei com os professores, não só com os alunos. Tipo, eu tinha uma relação de conversa com todos os professores aqui eu tive alguns mais, outros menos, mas, bem, todo mundo tá careca de saber que

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☐ (021) 3787-3741

é o professor que eu não converso, mas acontece assim. Mas aqui, todo mundo meio que está disposto a ouvir e a conversar. Isso é uma coisa muito diferente. Assim, mesmo os professores que não gostam tanto, ainda assim fazem, sabe? Com menos constância, mais fazem isso é, sei lá, isto foi muito diferente, foi a coisa que mais me impactou aqui estudando.

Participante 13

Oi, meu nome é Samara. Eu tenho 17 anos e estou cursando o terceiro ano do ensino médio Técnico em Agropecuária. Mas aí quando chegou a minha vez de fazer o ensino médio, entrou a pandemia e eu não sabia como estudar. E mais... Aí, como foi para o segundo ano, eu vim, eu vi que era uma boa oportunidade de aprender as coisas. E comecei a estudar mais e achei interessante a área. Eu não sei se eu vou querer seguir com a carreira, porque eu tenho vontade de cursar outra coisa. Mas é uma área interessante, só para aprendizagem mesmo.

Participante 14

Meu nome é Gabriela. Eu tenho 18 anos e estou cursando Barão de Langsdorff. No início, eu não estava nem um pouco interessada em vir para nenhuma escola técnica, só em terminar meu ensino médio. Porém, eu pedi minha mãe que falou para mim escolher entre agricultura ou ser professor? Eu escolhi professor, porém ela, como sempre teimosa, colocou primeiro, botou o primeiro no agrícola e como a escola, era mais perto, caiu aqui. Com o tempo eu fui fazendo amizade com os povo da sala. Portanto, no início eles não gostavam de mim pelos fatos de eu não ter falado com todo mundo. Com eles eu fui criando uma maturidade que eu não tinha. Eu não sabia o valor do que isso tinha e como é difícil ter um emprego como esse e como ninguém se importava. Eu vi que é uma profissão boa.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Participante 15

Meu nome é Francisco Hamilton de Oliveira filho. Eu quando cheguei aqui na escola não tinha noção que fazia bastante coisa erradas por não saber. Até apanhei bastante para parar de chamar plantas invasoras de “matinho”, até conseguir aprender que é plantas invasoras, é... capinar direito eu não sabia, não sabia que existia outras ferramentas como enxadão e para que servia. Então, fui aprendendo e aos poucos fui entrando nos projetos, fui plantando, fui observando como funcionava? Foi observando o crescimento da planta, fui descobrindo coisas sobre o solo, que eu também não sabia como, que possui nitrogénio, fósforo, potássio. E que a deficiência de um desses pode acabar prejudicando a planta de alguma forma e que é possível a gente perceber o que está acontecendo. E acabei que fui descobrindo e fui aprendendo. Fui passando para as pessoas. Como o caso da minha irmã e algumas coisas que a minha família sabe, e que eu não sabia é aqui na escola, eu descobri que a gente pode escrever e seguir nosso caminho sozinho.

Bom. Eu adorei participar deste momento. Esperamos que você também tenha aproveitado ouvindo essas preciosidades. Chegamos ao fim deste episódio e estamos ansiosos para os próximos. Muito obrigada por ficar conosco até aqui e até a próxima.

Todos os participantes:

Somos a 3001!!!

APÊNDICE H

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Arquivo de áudio transcrito

Compilado da transcrição na íntegra dos áudios do segundo episódio do podcast ComVivências.

[PodCast Convivências.mp3](#)

Palestrante 1

Olá, estamos de volta com mais um episódio do podcast convivências, conosco temos presentes 3 participantes, o Carlos Eduardo, o Rafael e o André Davi, mas eles terão um momento em que se apresentarão melhor durante o bate-papo. Mas quero dizer que nesta conversa vamos buscar falar um pouco desta experimentação formativa que é a convivência pedagógica, nesse caso utilizada como estratégia de condução da construção desse profissional reflexivo, o técnico em agropecuária.

Então é isso, estamos por aqui eu, Magali Rodrigues, Rafael Santana, que se formou no ano de 2023, mesmo ano de formação de André Davi, que também está aqui conosco, os 2 recém formados no curso Técnico em Agropecuária na escola estadual que recebe o nome de Centro de Ensino Integrado Agroecológico Barão de Langsdorff e Carlos Eduardo, que se formou no ano de 2022, nesse mesmo curso e experimentando esta mesma metodologia formativa. Para começarmos nossa conversa sobre a convivência eu queria saber de vocês. Como ou onde fica esse lugar de formação que a escola representa? Como vocês chegaram até aqui?

Ah, muito bem. Quem se prontificou a responder primeiro foi o Carlos Eduardo. Carlos Eduardo se formou no ano de 2022. Isso indica para gente que a turma dele iniciou o ensino médio no ano da pandemia, o ano de 2020. Sendo a sua trajetória formativa

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

descrita dessa forma. Primeiro ano do ensino médio no ano de 2020, que foi o ano de início da pandemia, o segundo ano do ensino médio no período considerado ainda pandêmico ano de 2021 e o terceiro ano de formação no ano que podemos chamar de pós pandemia, que foi o ano de 2022. Vamos lá, Carlos, vamos te ouvir agora.

Participante 1

Meu nome é Carlos Eduardo Andrade Rocha e eu iniciei aqui no ano de 2020. É no ano da pandemia. Cheguei a estudar meses mas logo depois veio a “Pandemia” e eu tive que começar no online, tive que começar me adaptar a um novo ensino, uma rotina online. Passou se um tempo a gente voltou para as aulas práticas, tivemos que voltar as aulas em sala de aulas, por exemplo, se lembrar das da sala de aula. E isso foi um período, um período difícil, né? E tipo, tem que sei lá, tem que se adaptar 2 vezes a duas situações diferentes. Mas que... que eu aprendi bastante coisas sim. Vivia a vida toda, tendo que me adaptar entendeu? Que me adaptar por estar sempre também em um lugar diferente, mas que tipo dessa vez eu consegui sentir melhor. Tipo as pessoas no colégio... que o ambiente do colégio... Eu me senti muito bem, sabe? Foi muito melhor do que das outras vezes. Não sei se pelo colégio, se o técnico ou se por ser Agroecológico, mas foi o que eu senti, né? Eu não... tipo no começo.... eu não posso mentir... Eu não queria estudar aqui no curso técnico, eu não queria, não queria vir estudar aqui. Mas passou um tempo, eu comecei a achar interessante ao ponto de que tipo eu poderia aprender muito mais do que na formação regular, pelo menos que são específicas questões técnicas, coisas que me chamaram a atenção e que se não fosse nesse colégio, com essas pessoas, eu não, não, não teria a chance, sabe? É ... também com os professores, né, os diversos tipos de professores. Os alunos também, em fim... toda a escola, cada um

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

com uma mania diferente, cada um com implicância diferente, com jeito diferente de ensinar e de aprender também. Isso me ajudou tipo, a ter uma percepção de como eu deveria reagir, de como eu poderia reagir e de como eu me comunicaria com as pessoas, não é? Nesse no sentido de mudança, acho que era muito fechado assim e chegar no colégio, tipo ter que me adaptar, conhecer pessoas novas. Pessoas muito e diferentes de mim, me ajudou bastante, diria que foi o início de uma Nova Era. Acabando e infância, já entrando na adolescência, um meio caminho para a vida adulta.

Fala de Magali Rodrigues

Isso aí. Conhecemos um pouco do Carlos e de sua trajetória perceptiva. E agora vamos ouvir o Rafael que se formou recentemente, no final do ano de 2023. Seu primeiro ano na escola foi o ano de 2021, que ainda era considerado ano pandêmico. Agora queremos te ouvir, Rafael.

Participante 2

Bom é meu nome é Rafael Santana. Acabei recentemente do ensino médio técnico e eu também sou filho dessa transição turbulenta, né? Na questão da pandemia e ensino online. E bom, eu acho importante destacar essa parte do ensino online e a transição para o nosso Ensino Técnico, né? Da nossa prática. É que foi um período muito complicado, principalmente, acho que eu me vejo um pouco mais egoísta do que os outros eu vou para dentro de mim às vezes, e eu penso que foi difícil, porque a escola ela por um período muito, muito grande de tempo, né? Sempre foi algo um pouco complicado para mim assim, minhas notas sempre foram ruins. Eu sempre tive notas regulares, tinha uma capacidade interessante de aprender, mas acho que a relação entre as pessoas ainda era uma deficiência muito forte na minha vida, na escola, escolar e acadêmica. E depois que houve essa transição, né? Ainda como ansiedade muito grande,

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

não é... o ensino online não funcionou muito bem para mim, mas assim que houve essa transição, já notei uma diferença muito grande, principalmente da questão do nono ano para o primeiro ano. É mais no sentido de que aqui eu teria uma mobilidade um pouquinho maior para talvez fazer amigos. É os planos, os projetos eram grandes. Eu lembro que no começo a Magali apresentava é apresentava conosco, os projetos, as ideias do equipamento que a gente ia precisar utilizar e tudo mais..., eu achava isso muito bacana. E acho que isso me instigou muito a querer conhecer novas pessoas, a desenvolver mais o meu... essa a minha criatividade, que era uma coisa muito presa... Foi um dos maiores benefícios dessa escola aqui foi essa, essa facilidade de entender o lado das pessoas, de... de navegar por essas ideias e por novos projetos. E planos diferentes... você via que você não era o único, não é? Isso é muito bacana. É por isso que eu gostei muito. Eu não vim aqui por querer, né? Foi uma oportunidade que surgiu para mim e acabei... acabou, que minha mãe agarrou para mim, e jogou no meu colo assim. Mas eu sou muito grato a ela por isso, né? Foi... Foi muito... Foi o suficiente, né, eu digo as vezes... eu penso, foi o suficiente? Mas assim acho que o entusiasmo pegou assim né. Quando minha mãe falou sobre a escola... minha mãe ficava entusiasmada falava comigo, e no começo eu não queria não... mas depois esse entusiasmo foi passando pra mim também né. Então eu não queria, mas eu queria depois né? Então, assim, já entrei na escola com uma ansiedade muito grande, com aquela sede de descobrir se era realmente é aquilo tudo, se aqui todos os ambientes fazemos coisas certas.

Fala de Magali Rodrigues

Nossa, que legal, muito bom! E pelo que ouvimos, temos uma característica bem comum, né? Ambos não queriam vir para este ambiente formativo. Mas depois que conheceram se apaixonaram.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Muito bom ouvir também, como parte da fala narrada de vocês, que a participação da família na escolha da trilha formativa foi importante e agora se percebe que foi fundamental. Agora vamos ouvir o André, que é da mesma turma que o Rafael, que ingressou na escola no ano de 2021 e se formou no ano de 2023.

Participante 3

Bom, meu nome é André Davi Souza de Souza tenho 19 anos e ano passado eu terminei o ensino médio junto com meu amigo Rafael. E também somos da mesma família, de estar para ajudar. Então é uma coisa muito boa. Bom, a gente também entrou aqui durante a pandemia, o Carlos... ele tem mais experiência que a gente vamos dizer... Mais experiência pra falar aqui. Eu quis entrar no CEIA no Ensino Técnico porque eu realmente quis, porque eu já tinha um contato mais com esse assunto sobre essa temática do ambiente. Então eu gostava eu já tinha o interesse, sobre conhecer, como que era, como era na prática. E também por conta dos meus avós que eles foram criados, viveram no Espírito Santo, na roça com essa prática. Então achei muito interessante conhecer, mas no começo tipo, durante a pandemia, eu, cheguei aqui, achei que seria uma coisa mais realmente na prática, uma coisa mais dinâmica, uma coisa mais teórica também. Só que durante a pandemia não aconteceu isso porque teve esse vírus que estava matando milhares de pessoas, então a preocupação maior era em proteger a gente, como somos jovens também. Durante o tempo fui vendo que era uma coisa muito realmente muito legal de se conviver, porque ali a gente teria mais um convívio. E ainda mais durante a Pandemia onde a gente estava convivendo mais na escola e também em casa né. Então realmente foi uma coisa muito interessante, ao decorrer do tempo. Só que quando a gente passou para o segundo ano, eu acho que isto já foi um estalo a mais pra gente porque no segundo ano tem mais esse, esse aspecto, esse ponto de vista que a minha

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

turma que era do primeiro ano durante a pandemia é... Estava mais interessada, ela estava mais ligada mesmo no assunto, então... Foi uma coisa mais legal de se ver e estar ali junto com eles e aprendendo mais sobre o nosso ensino e também melhorar a prática.

Fala de Magali Rodrigues

É isso aí. Agora que conhecemos um pouco da trajetória de vocês, ficamos curiosos em saber sobre esse ambiente formativo, qual a relação dele, da construção dele e de como esse processo contribuiu para a visão de mundo de cada um, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Quem começa a responder essa? pode ser você? Então vamos lá, Carlos.

Participante 1

Sobre o ambiente formativo, projetamos anteriormente. Por ter chegado aqui, tipo, tendo que me adaptar e tendo que aprender a lidar com as pessoas de uma forma que eu não aprendi antes, me ajudou bastante ao ponto de que tipo... sempre que eu... que eu conhecia uma pessoa nova, eu era exposto a novas informações ou me ajudava muito no que eu já estava fazendo. Foi assim com a Rafaela, foi assim com Alice, com o Thompson, e foi assim com todo mundo do segundo ano, principalmente do segundo ano. A minha turma, por mais que estivesse entrado junto comigo ali. Tipo, eles já estavam um pouco desanimados, né? Tipo de terem que pegar o início do ensino como uma pandemia e te pegado o restante ficou algo meio desconexo sabe, daí começar a me entrosar mais com o segundo ano do que com minha própria turma. Me ajudou um pouco mais, porque eles eram muitos, muito mais novos que eu e, tipo, estavam muito mais entusiasmados. E eu fiquei tipo, pô, se eles tipo, estão chegando agora tão animados, eu acho que eu posso ajudar um pouco, ele sabe? Tipo, mesmo que eu saiba pouco ou não

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

saiba tanto quanto é a minha fase, o ano que eu estou permite. No caso de eu poderia ter aprendido mais, tipo, eu senti isso, fora o terceiro ano, a série que já estava antes de mim tipo, a Vitória ela me ajudou muito assim nesse processo, de desenvolvimento, tipo, sempre perguntando, tipo, o que eu já sabia e o que eu queria saber, tipo dos projetos que eu tinha e ia me fazendo pensar assim, tipo, o que eu queria era possível e com o segundo ano mesmo quando não possível, eles colocando lenha na fogueira tipo pode ser... pode dar certo? Isso eu acho que pelo menos até o fim do período assim foi muito bom, porque tipo... Eu fiquei sempre nessa gente, mesmo que não dê certo, eu tentei. E se der certo, ótimo. Eu já. Eu já estava querendo fazer isso é, é mais ou menos esse, essa experiência que eu tenho, essa visão que eu tenho do... do... do... ensino em geral, esse período em geral.

Fala de Magali Rodrigues

Agora vamos ouvir o Rafael.

Participante 2

Bom, eu penso como um ambiente bacana. Eu acho que um ambiente bacana, principalmente na minha turma. Eu acho que tinha um entrosamento muito legal, principalmente no começo do aprendizado, né? E a gente era muito entusiasmado assim, a gente inventava muita, muita ideia. Sempre tinha projetos no papel e eu vejo que um dos principais problemas nessa, nesse... nessa parte do entusiasmo, é que com o tempo ele ia indo embora sabe. Indo embora, é. E eu sentia que eu Era Eu. Eu ainda mantinha né, tentava manter ali a ideia, o fervor, o objetivo é, só que, querendo ou não a turma tinha outros objetivos também pensava de forma diferente, até mesmo pela... de onde a gente veio, né? De onde gente estava acostumado. É um exemplo muito claro, não digo que seja um problema, um problema mesmo, mas, a gente tem o ensino

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

integrado e a gente tinha muito tempo na escola, a gente teria metade do nosso dia para trabalhar, outra metade de descansar. E a gente via que existiam alguns alunos que pensavam muito em vestibular, em ENEM por exemplo, né talvez uma faculdade assim que saísse do ensino e eu logo cedo eu via que que isso não cabia mais para a mim, não é?

Palestrante 1

Vamos ouvir o André agora.

Palestrante 2

Quando você percebe que você está em um ambiente formativo, onde você também pode criar esse ambiente, sendo seu e com outras pessoas que também fazem parte da sua rotina, eu acho isso muito legal. Exemplo, no segundo ano teve um trabalho relacionado à criar o seu próprio projeto, o seu próprio grupo e tudo mais. Teve um que a gente tinha, eu e mais 3 meninas, que é a Máira, a Samara e a Maria Eduarda. A gente teve a ideia da gente, entrevistar um agricultor daqui por perto que é da fazenda ali do Seu Oscar, então, a gente teve essa ideia, a gente até foi lá até, a gente entrevistou ele de como que era esse cotidiano dele, que era, de como plantar, como ele distribuía esse alimento, como era ali né. A gente até, nossa turma até chegou a visitar também junto com o terceiro ano, e isso foi muito legal, porque a gente não só faz o nosso próprio, próprio ambiente, mas quando a gente também inclui outras pessoas também, isso é muito legal. E depois que vocês também, você realmente você percebe que, que você está evoluindo, você está tendo realmente sua própria, própria evolução dentro de um ambiente formativo, esse é eu... Eu senti a satisfação de realmente, né, está nesse ambiente formativo, sendo meu ou não. Então eu acho isso muito legal.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
 CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

Participante 2

Essa parte do... daquela visita, né... Inclusive da visita em si cara, foi um encontro até de partida para muita gente nessa porque as coisas de maioria das vezes, dessa instituição aqui, às vezes as coisas são muito distantes, né? É, é até as práticas que são do... do... consumo e da produção, então quando a gente foi visitar O Oscar, cara, foi maravilhoso, foi muito. Legal.

Fala de Magali Rodrigues

Nossa é encantador, o quanto que esse perfil formativo influenciou vocês? Mas é, eu gostaria de colocar aqui outra pergunta. É sobre essa relação com o ambiente formativo, como que se processa, moldou ou contribuiu para a visão de mundo de cada um de vocês? E mais uma vez, né? É tanto dentro quanto fora da escola. Como que foi, como que aconteceu isso?

Participante 1

Bem no quesito impacto de como foi estar exposto a tudo isso? Todas essas pessoas e entender e aprender. Entender o que é a Agroecologia e aprender como elas são e o potencial dela para que, tanto pro imediato, né? Que é o que a gente costuma pensar sempre, mas sempre no futuro tipo, tipo as possibilidade que a gente tem. São coisas que para muita gente é muito complexo, para a gente é muito simples, né? Esse período também que eu aprendi que muita coisa assim a gente não tipo, a gente não precisa ficar pensando muito, vai ver tipo, a gente precisa, lógico de um planejamento, mas a gente precisa também de um pouco de... de... otimismo para... para... o mundo sustentar, sabe? Sempre. Com o pé no chão, não foi o que eu aprendi aqui. Aí você pode sonhar, mas tem que tem um equilíbrio também, saber o que que é possível. Mas está sempre um olhar longe, né? Sempre olhando o horizonte, olhando o que é possível fazer com o que a gente tem e o que que a gente

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
 23851-970
 Seropédica – RJ
 ☐ (021) 3787-3741

pode conquistar com isso. Atuar até para minhas irmãs e para o meu irmão eu tenho. Tudo é possível e que existe um limite, mas que tudo é possível até certo ponto.

Participante 2

Bom. Essa ideia, que seria do que a gente pode utilizar. O que a gente tira de proveito fato, né, porque as vezes a gente se liga muito nisso, será que o que a gente está fazendo, realmente é a gente vai levar, vai tirar proveito. E eu posso dizer que sim, realmente o que a gente tira, pelo menos dessa instituição, desse, ambiente, é riquíssimo, é incrível. Por parte, uma das partes que eu mais acho maravilhoso é a parte do que você repassar esse conhecimento. Minha família, ela não é muito de... de... de... cuidar não de planta de cultivar, só o meu avô, mas você vê que tem um interesse, sabe? Porque a curiosidade e a gente, por estar aqui e por compartilhar informações, que depois a gente passar por isso, a gente consegue responder, cara, não tem sensação melhor do que essa. Você puxa, de onde vem isso aqui que eu estou comendo? As vezes nem precisa ser da família, pode ser um cliente de um sacolão com a curiosidade. Assim já é algo diferente. É e falar também sobre as questões do Carlos falou, sobre isso, fazer o que é o seguinte, você vai fazer o que você quer fazer. Esse é um sonho assim, um exemplo de um projeto, por exemplo. E assim, cara, é dá pra você fazer, poxa, tem essa opção aqui, não dá o que não dá, o que não é viável, não vai impedir o projeto até até certo ponto. Então a gente vai fazer. É isso que eu acho mais, mais incrível.

Palestrante 3

É porque não vem nenhum... daquela parte da ignorância... não é tipo de você não ... você achar que você sabe muito e não passar para, para... outras pessoas, simplesmente guardar para você porque você quer se achar mais do que a outra pessoa. Eu acho

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☐ (021) 3787-3741

interessante muito, essa questão de você realmente repassar. Depois que... sempre falo do segundo ano porque eu tenho uma referência do segundo ano que é meu favorito, porque a nossa professora Magali é realmente... a gente teve o primeiro contato com agroecologia foi no segundo ano, então assim. Na minha cabeça só existia a agricultura não tinha outra coisa a não ser a agricultura, mas depois que eu percebi que a agroecologia é mais do que você simplesmente plantar. Tipo assim, vai muito além de plantar vai assim, você engloba muita coisa, engloba muita gente, você realmente repassa isso para outras pessoas. E você repassa isso para sua família, que é algo realmente muito produtivo e que dá para fazer sem machucar a natureza no seu próprio cultivo. Então assim, eu acho que impactou bastante nessa parte da agroecologia e você praticando isso sem ter um peso na consciência. Então eu acho isso muito gratificante para minha formação.

Fala de Magali Rodrigues

Nossa, é que conversa boa, né? Eu fiquei com vontade de ouvir mais e. Esse é apenas um dos muitos episódios. Que estarão apresentando uma série de conversas que pretendemos ter, como os que experimentaram a metodologia, buscaremos sempre contar com a narrativa dos participantes que cocriam esse ambiente na busca de uma formação horizontalizada, capaz de traçar um processo formativo contínuo de traçado de vida, onde a troca de saberes compõe esse processo.

Queremos agradecer imensamente a você, ouvinte do nosso podcast convivências e convidar já para ouvir os outros episódios que estarão sempre trazendo é narrativas de daqueles praticantes que se colocam de forma voluntariada a participar de um processo formativo que seja aprendizagem com base na troca ou.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.**



Km 47, Antiga Rio-São Paulo
23851-970
Seropédica – RJ
☐ (021) 3787-3741

que possam estar dispostos a contribuir com a gente na construção de conceitos diversos. Muito obrigada. E até a próxima.